

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

**AS FOLIAS DE REIS DE JOÃO PINHEIRO:
PERFORMANCE E IDENTIDADES SERTANEJAS
NO NOROESTE MINEIRO**

Autor: Maria Célia da Silva Gonçalves

Brasília, 2010

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**AS FOLIAS DE REIS DE JOÃO PINHEIRO:
PERFORMANCE E IDENTIDADES SERTANEJAS NO
NOROESTE MINEIRO**

Autor: Maria Célia da Silva Gonçalves

Tese apresentada ao Departamento de
Sociologia da Universidade de
Brasília/UnB como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Doutor.

Brasília, agosto de 2010

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

TESE DE DOUTORADO

**AS FOLIAS DE REIS DE JOÃO PINHEIRO:
PERFORMANCE E IDENTIDADES SERTANEJAS NO
NOROESTE MINEIRO**

Autor: Maria Célia da Silva Gonçalves

Orientador: Doutor João Gabriel L. Cruz Teixeira (UnB)

Banca: Prof. Dr. João Gabriel L. C. Teixeira Presidente- Orinetador SOL/UnB

Profa. Dra. Leticia C. R. Vianna, IPHAN/DF

Profa. Dra. Fernanda Antonia da Fonseca Sobral, SOL/UnB

Profa. Dra. Lourdes Maria Bandeira, SOL-UnB

Profa. Dra. Maria Eloisa Martin, SOL/UnB

AGRADECIMENTOS

No decorrer da produção deste trabalho, foi importantíssima a convivência e o apoio de professores, amigos, foliões e familiares que, direta ou indiretamente, estiveram envolvidos com a construção desta tese. Aproveito este espaço para agradecer e abraçar com palavras a todos.

Primeiramente, agradeço a Deus, que foi luz e coragem em toda a minha trajetória de vida. Força que me fez acreditar que uma menina do interior dos gerais mineiros, **bóia-fria**, plantadora de eucalipto, poderia um dia ser aluna do curso de doutorado de uma das mais renomadas universidades deste país.

Obrigada aos meus pais, José Rodrigues da Silva e Maria Terezinha da Silva, que mesmo sendo analfabetos e trabalhadores rurais nunca me permitiram desistir dos estudos, pois até mesmo quando faltava o essencial para a alimentação, nunca faltavam as moedinhas para comprar os cadernos e os livros. Eles me fizeram acreditar que esse era um sonho possível... Eles me ensinaram que só por meio da educação é possível mudar a vida e mudar de vida! Eles me ensinaram a não desistir nunca e a não me sentir menor! Meu pai me ensinou a não desistir da vida mesmo diante da morte... ele me ensinou a sobreviver até mesmo a uma doença devastadora; nas suas palavras: “*enquanto o coração bate tem esperança de vida!*” E minha mãe, mulher guerreira, me ensinou a lutar pela sobrevivência, a trabalhar de sol a sol, às vezes sob chuva, por que na sua visão o amanhã seria melhor! Vocês são os maiores mestres deste mundo, se metade de minha geração tivesse pais como vocês, as grandes universidades estariam cheias de pesquisadores e não os presídios cheios de delinquentes...

Um agradecimento muito mais que especial é para...

O professor **Dr. João Gabriel Lima Cruz Teixeira**, que me acolheu em um momento muito especial. Quando por circunstâncias de força maior, ou seja, a aposentadoria do orientador designado a princípio pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia, eu havia ficado órfã e perdida. Ele não teve dúvidas, com toda a sua generosidade me acolheu, uma *outsider*, entre os seus orientandos e mais ainda me tornou

membro do grupo de pesquisa TRANSE. A esse grupo devo o amadurecimento intelectual, as leituras pontuais, os debates e as críticas tão pertinentes a tudo que escrevi e produzi ao longo desses anos. Orientou-me com pulso firme como é próprio da sua maneira de ser. Obrigada pela preocupação durante o meu problema de saúde! Obrigada por ensinar-me o verdadeiro sentido de fazer pesquisa! Uma vida seria pouco para agradecer-lhe por tudo! Muito obrigada! Serei eternamente grata a você! Com você aprendi a ser uma pessoa e uma pesquisadora melhor! Mas... não pense que se livrará da professorinha dos gerais mineiros, serei seguidora e leitora atenta de toda a sua produção e continuarei membro do TRANSE! Se não atendi a todas as suas expectativas, posso lhe garantir que me esforcei de maneira sobrehumana para cumprir sempre da melhor maneira as minhas funções e nunca lhe decepcionar, mas sei que em muitos momentos imperaram as limitações pessoais! Perdoe-me por elas. Palavras são poucas, então resumo em apenas uma frase João: **Amo você!**

Com efeito, todos os professores do Departamento de Sociologia merecem a minha admiração e respeito, mas de modo especial gostaria de agradecer àqueles que colaboram diretamente com a minha formação: Prof. Dr. Brasilmar Ferreira Nunes, Prof. Dr. Danilo Nolasco Cortes Marinho, Profa. Dra. Maria Stela Grossi Porto, Prof. Dr. Edson Silva de Farias e, de forma muito especial, a parceria frutífera no meu estágio com o Prof. Dr. Arthur Trindade Maranhão Costa. Não poderia deixar de salientar a competência, seriedade, serenidade e compromisso com os alunos por parte do Prof. Dr. Michelangelo Giotto Santoro Trigueiro, depois de 24 anos de exercício em sala de aula, posso afirmar que aprendi muito com ele sobre o que é ser um professor. Por último, porém não menos importante, agradeço ao Prof. Dr. Pedro Demo, por ter me despertado o gosto pela Sociologia e por ter me aceito como orientanda no início do curso. Obrigada a todos!

Agradeço profundamente às Profa. Dra. Leticia C. R. Vianna e à Profa. Dra. Deis Elucy Siqueira pela contribuição na banca de qualificação do projeto, em muito valeram as suas críticas e sugestões.

Três pessoas tornaram o Departamento de Sociologia um lugar mais agradável e, principalmente, um local de resolução de problemas, são elas Abílio, Evaldo e Márcia. Jamais procurei por eles sem ser atendida, sem ter minhas dúvidas solucionadas e meus problemas resolvidos. Vocês são mais do que especiais! Vocês são amigos! Obrigada pelo

carinho e pelo tratamento respeitoso e eficiente para como os alunos da pós! A vocês a minha gratidão!

Agradeço ao meu amor, amigo e companheiro Hamilton Morais, o qual com carinho e dedicação sempre esteve ao meu lado, acreditando em mim, o que me motivou e auxiliou em diversos momentos desta jornada. É ele o meu porto seguro. Quantas Festas de Reis, quantos giros, quantas jornadas... sempre disposto a virar as noites e sempre com a filmadora e as máquinas fotográficas impecáveis!

Agradeço também ao companheirismo e parceria do casal Giselda e Vandeir, depois de uma amizade de mais de 20 anos existem poucas palavras para serem ditas, mas posso afirmar que os 350 km que separam João Pinheiro de Brasília e as madrugadas se tornaram um passeio agradável quando feito na companhia de vocês. Amigos são irmãos que a vida nos permite escolher e vocês são muito mais que amigos, são meus irmãos!

Minha eterna gratidão a todos os foliões e devotos de Santos Reis de João Pinheiro que sempre me receberam de maneira festiva, permitindo o fazer-se de uma pesquisa mais que colorida, vibrante e viva. Obrigada por me fazer sentir bem-vinda em seus lares, entre os seus familiares! Obrigada pelos biscoitos de polvilho sempre regados pelo cafezinho bem forte e mineiro, pelas horas de entrevistas, de conversas informais, de “causos” e dos detalhes do ritual! Vocês são, na verdade, a razão máxima da existência deste trabalho!

Não poderia deixar de registrar a importância da minha casa há 22 anos, a Faculdade FINOM, especificamente na pessoa de Dr. Willian, exemplo de ética e dedicação à pesquisa, muito obrigada pelo seu incentivo! Obrigada as minhas coordenadoras (Jeane, Sofia, Cláudia, Francine e Inayá) nesta última semana, quando abriram mão de meu trabalho para a conclusão dos últimos detalhes da tese!

Aos meus colegas de trabalho da Faculdade FINOM que sempre estiveram na torcida: César, Vasti, Jane e Magda, suas palavras sempre me confortaram.

Muito obrigados aos meus colegas da Faculdade Cidade de João Pinheiro pela torcida incondicional, principalmente ao Prof. Dr Robson Luiz de França e a secretária Mariane, que tudo fizeram para aliviar a minha carga de trabalho nestes últimos dias.

Agradeço também à minha filha Bárbara e aos seus amigos Paulo Henrique e Dábila que muito me auxiliaram no tratamento dos vídeos e das imagens.

Tenho muito a agradecer a três profissionais da saúde, que foram muito mais que profissionais se tornaram amigos e parceiros constantes: Dr. PabloWndell Vieira, médico

ortopedista que tantas vezes deixou o plantão no hospital e foi me atender, sempre procurando aliviar as dores do meu braço, sempre me acalmando. A fisioterapeuta Níria Cabral que me acompanhou desde o início do problema, me prestando atendimento personalizado, fora de hora, sessões intermináveis, sempre testando um aparelho novo e me incentivando, ainda posso me lembrar de suas palavras: vamos aumentar os exercícios para compensar as horas no computador. Finalmente agradeço a Dr. Paulo Afonso Cruzeiro que de maneira magistral me tirou de uma crise aguda do diabetes. Quando pensei que não seria mais possível, pois não enxergava as teclas do computador, seu profissionalismo e dedicação foi decisivo para a minha recuperação. Sem o trabalho pontual, sua dieta espartana e, principalmente, a amizade de todos vocês eu não teria chegado ao final desta jornada!

Agradeço também a minha irmã Cidinha pelas cobranças: que dia vai terminar isso? Vamos lá! Deixa de enrolação!

Enfim, obrigada a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram e torceram pela existência deste trabalho.

Finalmente, obrigada João Pinheiro, parte do sertão de Guimarães Rosa, que aguarda ansioso a chegada da primeira doutora na cidade... é pesada a responsabilidade desse pioneirismo! Mas vale a torcida e o carinho de toda a cidade! Valeu a minha existência! Parafraseando Pablo Neruda posso dizer: *“confesso que vivi!”*

RESUMO

O presente trabalho, metodologicamente ancorado na Etnografia, objetiva investigar como a Performance Ritual da Folia de Reis registram as memórias ligadas à religiosidade dos foliões do município de João Pinheiro, localizado no Noroeste de Minas Gerais. A Folia de Reis é uma manifestação da religiosidade popular de origem ibérica, que se caracteriza pela combinação de danças, encenações e cantorias representando a viagem dos Reis Magos à Belém para adorar o Deus Menino. A tradição refere-se a conjuntos musicais compostos principalmente por trabalhadores de baixa renda e de origem rural, são instrumentistas, cantores e outros participantes do ritual que vão de casa em casa e fazenda em fazenda, cantando e louvando o nascimento de Cristo, girando tradicionalmente de 24 de dezembro a 6 de janeiro. Antes de qualquer coisa, a Folia de Reis é uma festa coletiva que celebra uma crença popular, como em todas as festas populares os espectadores não a assistem, eles a vivenciam, elas existem para o povo e todos delas participam profundamente. A Folia de Reis anuncia a vida, a alegria, a esperança e a boa nova do nascimento de Jesus. Participar das Foliias de Reis implica sair do cotidiano e viver o contexto da partilha, do encontro por meio do ritual da festa. A performance dos foliões apresenta uma linguagem que faz surgir as mais diversas leituras e interpretações. A festa é um lugar de memória coletiva, no qual a identidade de cada um se constrói/reconstrói intermediada pela arte e pela cultura popular. O corpo do folião é lúdico e também um corpo ritual, sacralizado, que sabe o valor da religiosidade repassada de geração para geração por meio da oralidade. A cada apresentação, esses conhecimentos são reinterpretados, (re) significados e, assim, preservam a memória coletiva e a tradição deste povo.

Palavras Chaves: Folia de Reis; Festa; Performance; Memória; Identidade.

ABSTRACT

The purpose of this study, whose methodology is based on Ethnography, is to investigate how Ritual Performance of Magi Kings Celebration record memories related to religiosity of participants from the town of João Pinheiro, located in the Northeast of Minas Gerais. The Magi Kings Celebration is Iberian-originated popular religiosity manifestation, featured by the combination of dances, staging and chants representing the Magi Kings journey to Bethlehem to worship the Child God. Tradition involves music groups essentially constituted by low-income farm workers, who are the instrument players, singers and other ritual participants, going from house to house, from farm to farm, singing and celebrating Christ's birth; traditionally this takes place from December 24th to January 6th. Above all, Magi Kings Celebration is a collective event, which celebrates a popular belief; as in all popular events, participants are not mere spectators, they experience it, as these celebrations are conceived for the people and everybody has a deep participation. Magi Kings Celebration announces life, joy, hope and the good news of Jesus birth. Participating of Magi Kings Celebrations means leaving daily activities and experiencing share context, through celebration ritual. The performance Participants presents a language allowing several readings and interpretations. Celebration is a collective memory place, where each one's identity is constructed/re-constructed through popular art and culture. Participant's body is entertaining, as well as a ritual and sacred body, which knows the value of religiosity orally passed on from generation to generation. At each presentation, this knowledge is re-interpreted, and a new meaning is attributed, thus preserving this people's collective memory and tradition.

Key Words: Magi Kings Celebration; Celebration; Performance; Memory; Identity

RESUMÉ

L'objectif de cette étude, methodologiquement ancrée sur l'Ethnographie, est de déterminer comment la Performance Rituelle de la Fête des Rois enregistrent les souvenirs liés à la religiosité des participants de la ville de João Pinheiro, localisée dans le Nord-Est de Minas Gerais. La Fête des Rois est une manifestation de la religiosité populaire d'origine ibérique, caractérisée par la combinaison de danses, mises-en-scènes et chants qui représentent le voyage des Rois Mages à Bethlem pour adorer le Dieu Enfant. La tradition concerne des groupes musicaux constitués principalement par des ouvriers agricoles à bas revenus, qui sont les instrumentistes et chanteurs et d'autres participants du rituel, qui vont de maison en maison et de ferme en ferme, en chantant et célébrant la naissance du Christ, traditionnellement entre le 14 décembre et le 6 janvier. Avant tout, la Fête des Rois est une fête collective qui célèbre une croyance populaire et comme dans toutes les fêtes du même genre, les gens ne sont pas de simples spectateurs, ils la vivent, car elle est conçue pour le peuple et tout le monde y participe profondément. La Fête des Rois annonce la vie, l'espoir et la bonne nouvelle de la naissance de Jesus. Participer de la Fête des Rois signifie sortir du quotidien et vivre le contexte du partage, de la rencontre, à travers le rite de la fête. La performance des participants présente un langage permettant de différentes lectures et interprétations. La fête est un lieu de mémoire collective, où l'identité de chacun se construit/reconstruit, par l'intermédiaire de l'art et la culture populaires. Le corps du participant est ludique, ainsi qu'un corps rituel, sacralisé, qui connaît la valeur de la religiosité transmise de génération à génération, par l'oralité. À chaque présentation, ces connaissances ont une nouvelle interprétation, une nouvelle signification, préservant de cette manière, la mémoire collective et la tradition de ce peuple.

Mots Clés : Fête des Rois ; Fête ; Performance ; Mémoire ; Identité.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS OU TABELAS

Figura 1: Presépios da Folias de Reis em João Pinheiro.	59
Figura 2 Localização geográfica do universo de pesquisa.	70
Figura 3: Presidente, vice-presidente e secretário da Associação do Folião de João Pinheiro.....	87
Figura 4 Folião Antônio Furtuoso se apoiando em seu companheiro.	88
Figura 5 Ritual de beijar a bandeira.	89
Figura 6: Terno de Reis do Bairro Água Limpa fazendo o giro pelo bairro.	90
Figura 7: Dona Maria do Sr. Dé agradecendo a Deus e aos Santos Reis o milagre alcançado.	93
Figura 8 Alferes Sr. Sebastião e o capitão Tiãozinho, iniciando o ritual do giro.....	95
Figura 9 :Mulheres durante o Terço na casa de Vicente Fontes.....	96
Figura 10: Igor e o avô Antonio Maria, ao lado o bisavô José Maria.	112
Figura 11: João Gabriel membro da Folia João Timóteo e Ruam Folião do Bairro Papagaio.	113
Figura 12: Tiago, filho do capitão de Folia do Bairro Clube do Cavalo.	114
Figura 13: Mulheres participando dos grupos de Folias de Reis em João Pinheiro.....	148
Figura 14: Sequência de fotos mostrando a festa de Dona Lazara.....	152
Figura 15: Sequencia de fotos na Fazenda da Ilda Machado -	154
Figura 16: Sequencia de fotos na Fazenda da Ilda Machado	155
Figura 17:Rei e Rainha da Festa de Reis da Fazenda Facão	156
Figura 18: Sequência de fotos das cozinhas de 02 festas realizadas na Rurualminas I e II.	160
Figura 19: Dona Almezina e Joana Rosa de Jesus, cozinhando durante a realização do Encontro de Folia de Reis de 2010 em João Pinheiro.	164
Figura 20: Decoração da Festa de Reis na Zona Urbana de João Pinheiro.	167
Figura 21 Dona Tiniha e a neta florista.	168
Figura 22: Dona Maria Ferreira, alferes da Folia Feminina.....	172
Figura 23: José Carroceiro membro Terno de Folia de Reis da Água Limpa.	179
Figura 24: Apresentação da Catira do grupo de Folia de Reis do Bairro Itaipu.....	180
Figura 25: Bastião e Bastiana, palhaços da Folia de Reis da Fazenda Facão.....	184

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

COENG: Comércio e Engenharia Ltda.

COMIG: Companhia Mineradora de Minas Gerais

COPASA: Companhia de Saneamento de Minas Gerais

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEPHA: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

JK: Juscelino Kubitschek (DISTRITO DE JOÃO PINHEIRO)

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CONSTRUÍDO UM REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO PARA PESQUISAR AS PERFORMANCES E MÉMORIAS DOS FOLIÕES PINHEIRENSES	28
1.1 Estudos da Performance.....	30
1.2 A festa em debate nas Ciências Sociais	37
1.3 Contribuições da Teoria da Memória	45
ETNOGRAFANDO AS FOLIAS DE REIS NO MUNICÍPIO DE JOÃO PINHEIRO (MG)	
.....	53
2.1 A origem das Folias de Reis	53
2.2 A Folia de Reis em perspectiva histórica	60
2.3 Breve histórico de João Pinheiro: o contexto local das Folias de Reis	69
2.4 Entrando em campo em João Pinheiro	85
2.5 Religiosidade mediadora das relações sociais	97
PERFIL SOCIAL DOS FOLIÕES PINHEIRENSES	100
3.1 Caracterizando os performers e estabelecendo o seu papel dentro e fora da folia ..	100
3.1.1 Idade dos foliões	103
3.1.1.1 Os idosos nas Folias de Reis de João Pinheiro (MG).....	103
3.1.1.2 As crianças nas Folias de Reis de João Pinheiro (MG).....	109
3.1.2 Renda Familiar dos Foliões Pinheirenses	114
3.2 Quem é o capitão da folia?	126
3.3 O Alferes como portador da Bandeira	128
3.6 A função do palhaço	133
A PRESENÇA FEMININA NAS FOLIAS DE REIS DE JOÃO PINHEIRO (MG).....	138
4.1 Etnografando o giro da folia feminina em João Pinheiro	138
4.2 O lugar da mulher na Folia de Reis: discutindo os papéis sociais.....	145
4.3 Os saberes femininos na realização da festa.....	149
4.3.1 A rainha da Festa de Reis	149
4.3.2 A cozinheira da Festa de Reis.....	158
4.3.3 A arte da Florista	166
4.3.4 A mulher Alferes	171
TRADIÇÕES ORAIS E MEMÓRIA COLETIVA: A RELIGIOSIDADE COMO MEDIADORA DE SABERES E PRÁTICAS DA SOCIABILIDADE DO FOLIÃO	176
5.1 Memória e tradição dentro das Folias de Reis pinheirenses.....	178
5.2 Folia de Reis: uma festa do catolicismo popular	186
5.3 “Os Três Reis vêm pedir esmola para o seu dia festejar”	192
5.3.1 A Saída de Folia	192
5.3.2 O Giro e o pouso da Folia de Reis	193
5.4 A festa de entrega ou arremate da folia	195
VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	198
VII-FONTES ORAIS	207
VIII- REFERÊNCIAS	211

ANEXOS	222
--------------	-----

INTRODUÇÃO

Esta tese investiga os significados da performance dos foliões participantes de grupos de Folia de Reis do município de João Pinheiro-MG. Partindo-se do princípio de que atores e instituições tornam-se visíveis em uma sociedade por intermédio de suas performances, esta investigação ocorre no âmbito de uma espécie de movimento de “revitalização da memória”. Esta “revitalização da memória”, como tema de estudos ou em relação à construção de políticas culturais, aparece novamente marcada por conceitos como identidades, alteridades, cultura, direitos civis e inclusão social, quase sempre inseridos no amplo espectro dos estudos históricos e culturais¹.

Abordar um assunto tão amplo e tão em voga no cenário intelectual transforma-se numa experiência única, tensa, como são tensas as relações entre os desejos e as possibilidades vitais. Nesse sentido, procura-se abordar a performance dos foliões em um diálogo franco com as próprias formas da tensão que o tema suscita: sedução, armadilhas, esquecimento, incômodos.

A memória coletiva é uma das bases da identidade e pode ser traduzida em consciência histórica da própria cultura, não só em termos abstratos, mas também como cultura material:

A memória colectiva não é só chamamento à permanência de conteúdos factuais ou existenciais [...]. Ela está também escrita nos gestos, nos hábitos, e nos costumes dos grupos. Como as tradições orais também as tradições materiais são memória (Connerton, 1999: 45).

Acreditando ser a memória coletiva das tradições materiais estudadas em profundidade, esta pesquisa se volta para a memória coletiva enquanto vetor constituinte da identidade de um grupo específico, no caso dos foliões das Folias de Reis pinheirenses, neste trabalho tratados como patrimônio imaterial do município palco da pesquisa. O artigo

¹ Os Estudos Culturais originaram na Universidade de Birmingham, por volta da década de 1950, quando foi fundado o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos. Entre os nomes de maior destaque estão Richard Hogart, Raymond Williams e E. P. Thompson, seguidos posteriormente por Stuart Hall. Esses autores procuram estudar a cultura não como um espaço simbólico de dominação e reprodução das ideias dominantes, mas fundamentalmente como um lugar de luta entre diversas culturas, vinculadas a determinados estratos da sociedade.

2º da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2003) entende por patrimônio cultural imaterial:

[As] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (Cavalcanti e Londres, 2008: 11-12).

Partindo dessa premissa, as Folias de Reis são práticas e representações do sagrado, dado que “[...] a fé e a religiosidade do povo são elementos centrais dessas manifestações tradicionais e explicam em grande parte sua manutenção, apesar das intensas transformações do contexto histórico que lhes deu origem” (Rios, 2006:69).

No mês de janeiro ano de 2010, o prefeito Municipal de João Pinheiro instituiu o Decreto Nº 532/210², que oficializou as Folias de Santos Reis do município como Patrimônio Cultural; nesse sentido, é importante questionar: “pode a performance, normalmente pensada como ‘intangível’ e ‘efêmera’ ser protegida e resguardada?” (Taylor, 2008:91). A mesma autora responde o questionamento da seguinte forma:

Comunidades, ricas ‘ações’ e tradições nas artes, medicina, agricultura e outros campos que elas transmitem através da prática. Leis de propriedades intelectuais defendem os conhecimentos transmitidos por meios dos livros; então, porque não o conhecimento transmitido por meio dos comportamentos incorporados? [...] dança, música, ritual e práticas sociais, que eu venho considerando como ‘performance’, entendida em seu sentido mais amplo – para produzir e comunicar conhecimento. (Taylor, op. cit.: 91-92)

A escolha do universo de pesquisa voltado para as Folia de Reis no município de João Pinheiro-MG, o qual ainda mantém muitas tradições rurais, está relacionada à falta de estudos ou mesmo de uma documentação sociológico-histórica sobre as suas manifestações performativas e culturais. Percebe-se que a investigação das práticas performativas das Folias de Reis exige, do pesquisador, um esforço de estudo interdisciplinar e a necessidade de uma ética diante das manifestações de um povo, uma vez que “um dos aspectos principais da paisagem religiosa latino-americana na contemporaneidade é, sem dúvida, a pluralidade religiosa” (Siqueira, 2008: 219). E continua a mesma autora:

² Cf. decreto completo no anexo dessa tese.

[...] falar de pluralidade religiosa conduz, necessariamente, ao reconhecimento da continuidade de cultos tradicionais, conhecidos, sobretudo, como religiosidades popular, através dos quais, em boa medida, os indígenas e afro-americanos puderam resistir à imposição do catolicismo colonial, orquestrando manifestações sincréticas e distantes da ortodoxia doutrinal católica. (Siqueira, op.cit.: 219)

Não é possível pensar nas Folias de Reis no município de João Pinheiro apenas como uma manifestação católica. Com o passar dos anos, a mesma foi assumindo essa pluralidade religiosa e elaborando um sincretismo³ das diversas matrizes religiosas e/ou culturais e artistas do povo dessa região, incorporando práticas das matrizes indígenas e africanas. De acordo com Rios (2006:67), a esse propósito, “no culto aos santos católicos, foram ativadas práticas culturais africanas - que deram forma à festa [...].” Embora seja um município essencialmente católico, a religiosidade que aqui se estabeleceu foi dirigida principalmente por leigos. Por esse motivo, permitiu-se que fossem mesclados costumes e tradições das outras matrizes culturais dos povos que habitaram essa região, dando origem a performances muito especiais nas Folias de Reis locais.

Faz-se mister ressaltar a grande paixão da pesquisadora por folguedos, tanto pela sua estrutura dramática em relação ao lúdico existente na cultura popular, quanto pelo seu papel de manutenção/transmissão da memória e da cultura local.

A cidade guarda, até o início do século XXI, características do mundo rural no tocante aos seus costumes e tradições. Nascida numa região de transição dos bandeirantes que, em suas viagens interioranas, buscavam ouro nos estados de Goiás e de Mato Grosso. Durante muito tempo, o município serviu de hospedagem para esses transeuntes, antes que seguissem caminho em direção às novas minas. Característica estas, que valeu ao município o título de “*Sertão*⁴ do Noroeste Mineiro” e seus moradores passaram a serem

³ “[...] o sincretismo é fluido e móvel, não é rígido e nem cristalizado.” (Bastide, 1971:370), ou seja, o sincretismo sempre está em processo de formação e transformação, nunca estará pronto e acabado. Uma prática sincrética sempre estará assimilando elementos de culturas externas e deixando de lado alguns de seus elementos, sempre de acordo com o momento e com os interesses. O “sincretismo religioso afro-brasileiro” é a mistura que se deu entre catolicismo e religiões africanas. Devido a todas essas circunstâncias, as religiões africanas tiveram que ser adaptadas à nova realidade. Roger Bastide (1971) afirma que o constante contato com o catolicismo fez com que os negros conhecessem a história de vida, a função e a posição de cada santo dentro da hagiografia católica. Como o sincretismo é um espaço ambíguo e de disputa, não apenas o negro assimilou a religião do branco para poder cultuar seus deuses em paz, mas também o branco teve seu catolicismo influenciado pela presença das religiões africanas.

⁴ [...] o sertão é visto como representando o “atraso” frete ao “progresso” identificado com a sociedade do litoral, agrícola, urbano e industrial. O sertão tem representado historicamente uma preocupação nacional, se

conhecidos como *sertanejos*⁵. “A ideia de sertão como deserto pode expressar a população rarefeita talvez associada à forma como a região foi apropriada na sua colonização por meio das grandes fazendas de gado[...]”(Ribeiro, 2005:55) Conceito extremamente pertinente quando se pensa em João Pinheiro como seu amplo território, pouca densidade demográfica e pequena malha de rodovias e estradas, favorecendo o isolamento dos diversos distritos do município.

Fundada oficialmente em 1911, a cidade permaneceu isolada do restante de Minas e do Brasil devido à sua localização geográfica e à falta de estradas, fato que se manteve inalterado até a inauguração da rodovia BR 040, que foi efetivada pelo Plano Nacional de Viação, de 1973, momento no qual o município estabeleceu um contato maior com a capital mineira e com o Distrito Federal, adquirindo, assim, ares da modernidade.

Como todas as cidades do interior mineiro, mais pontualmente do sertão do Noroeste de Minas, a sociedade se formou sob os auspícios da religião católica e, ainda hoje, mantém os seus ritos e festas. Durante o ano, são celebradas as festas em homenagem aos santos devocionais, destacando-se, dentre elas, as festas em homenagem aos Santos Reis. Podem ser divididas em duas categorias: as festas de tempo, ou seja, aquelas que ocorrem no período de 24 de dezembro a 06 de janeiro e as festas de votos (temporãs), que são realizadas em qualquer época do ano, em agradecimentos a uma graça (milagre) alcançada.

As Folias de Reis devem ser compreendidas como manifestações do catolicismo popular. A socióloga Maria Isaura P. Queiroz (1968) afirma que existem sete tipos de catolicismo, num conjunto que evidenciaria a diversidade dessa manifestação no Brasil. De acordo com a autora, estes tipos são: catolicismo oficial, cultural, popular, catolicismo misturado com magias e crenças indígenas, catolicismo associado aos cultos africanos; catolicismo reunido ao espiritismo e catolicismo em sincretismo com o espiritismo e cultos africanos.

Entre todas as classificações que Queiroz (1968) formulou, o conceito mais usado é o de *catolicismo rústico*⁶, estabelecido em sociedades rurais dispersas por vastas extensões

configurando numa das categorias mais importantes, tanto no pensamento social como no imaginário brasileiro. (Ribeiro, 2005:55)

⁵ *Sertanejo* é o personagem principal de uma narrativa mítica sobre a conquista da civilização pela nação brasileira. (Suárez, 1998:30)

⁶ Nessa tese também entendido como catolicismo popular.

territoriais, vivendo numa economia de subsistência, com um senso de convivência muito forte. Essa forma de catolicismo se traduziria pela devoção comum a santos padroeiros locais, no qual a capela do santo ocuparia lugar de destaque na comunidade. Um catolicismo que reforçaria a solidariedade desses grupos, muitas vezes canalizando a rebelião quando a opressão foi grande.

As festas de Reis realizadas no município de João Pinheiro mostram uma proposta contemporânea de continuidade de elementos das culturas tradicionalmente rurais e do chamado *catolicismo rústico* e, ao mesmo tempo, apresentam a possibilidade de dialogar com certos aspectos das culturas urbanas.

Nesse sentido, faz-se necessário mostrar que, diferentemente do que os estudos de Queiroz, nos anos 1960 e 1970, profetizavam (de que, pelo processo de urbanização e industrialização, os elementos fundamentais do *catolicismo rústico*⁷, tenderiam a desaparecer, inclusive as festividades, que organizavam os bairros rurais), a Festa de Reis, em João Pinheiro mantém traços de uma forma tradicional de devoção e não está fechada nem vulnerável às transformações que provêm de um mundo urbanizado. Nesse sentido, as histórias são substancialmente recriadas e, muitas vezes, opõem-se às interpretações ortodoxas. Como observou Suzel Reily:

Ao se apropriarem de temas cristãos, os foliões têm sido seletivos, silenciando alguns elementos, enfatizando outros, interpretando o material de modo a integrá-lo em suas experiências de vida como membros das classes populares (Reily, 2002:160)⁸.

No município de João Pinheiro, há 52 grupos⁹ de Folias de Reis, sendo que alguns deles possuem mais de 40 anos de existência. Esses grupos são formados por homens e em alguns casos existem mulheres e crianças, em sua maioria agricultores que deixaram a zona rural na década de 1970, época em que houve, no município, a entrada de grandes empresas multinacionais dedicadas ao reflorestamento. Com a chegada dessas empresas, esses pequenos produtores deixaram suas terras e dirigiram-se para a cidade em busca de novas formas de trabalho. Esse movimento migratório fez surgir os bairros da cidade que

⁷ Maria Isaura P. de Queiroz (1973) define o catolicismo rústico como formas de religiosidade populares católicas baseadas nas festas coletivas, danças, rezas, romarias que se realizam, tradicionalmente, sem interferência direta de padres ou representantes oficiais da Igreja. Esse catolicismo está baseado no culto aos santos, realizado especialmente durante as festas de padroeiro.

⁸ Tradução livre da autora.

⁹ Também denominados ternos de Reis, companhias de Santos Reis.

são atualmente *locus* por excelência das manifestações das Folias de Reis, folguedos que funcionam como espaço de re-elaboração da identidade abalada pela mudança.

De acordo com Stuart Hall (2005), as “crises de identidade” resultam das amplas mudanças provocadas pelas novas estruturas sociais que estimulam uma reestruturação ou mesmo reinvenção da identidade cultural. A transmigração do homem do campo para a cidade não rompeu com os seus valores, tradições, costumes e religiosidades, mas certamente esse processo provoca transformações devido às adaptações necessárias para a manutenção das práticas culturais de outrora.

Em João Pinheiro, esse fator não foi diferente. A cidade, formada em sua maioria por pessoas oriundas do campo, acolheu os foliões e ofereceu-lhes oportunidades de adaptar suas práticas aos novos tempos. Este acolhimento fica explícito na constante atuação das Folias de Reis no município. Enquanto em outras regiões do Brasil a Folia de Reis é um folguedo com data marcada, ocorrendo mais pontualmente de 24 de dezembro a 06 de janeiro, em João Pinheiro a mesma se faz presente durante o ano todo. Um mergulho pontual na pesquisa do universo dessa prática religiosa permitiu à pesquisadora verificar a existência de Festas de Reis na cidade praticamente todos os finais de semana.

Essas Folias exercem importante influência cultural e religiosa na sociedade pinheirense. Elas são responsáveis pelo importante papel de guardiã de um saber muito especial, a invocação dos Santos para as curas e a solução de problemas materiais e espirituais. Não raras vezes é possível ouvir de alguém que “*Santos Reis curou a filha, retirou o filho do mundo dos jogos, da cachaça...*”. Diante desse fato, observa-se que as Folias (re)elaboram identidades, incluem pessoas ignoradas pela sociedade, fazendo com que as práticas performáticas desses atores sociais sejam elaboradas cautelosamente.

A Folia de Reis, bem como a devoção aos Santos Reis, constituem-se como um elemento identificador entre os participantes, porque

Ser folião é partilhar de um sentimento comum, de uma mesma crença, de uma paixão conjunta que é fortalecida pelo rito anualmente repetido. A Folia de Reis é um tempo e espaço para fazer memória de fatos passados, de ensinamentos que estão adormecidos, mas são despertados pela coletividade e atualizados na vida de cada um (Pereira, 2005:109).

Manuel Castells (2002: 22-23) relaciona o conceito de identidade a atores sociais e afirma que ela é “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais)

prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. Assim, os atores sociais são os foliões e, ainda segundo o próprio autor, para eles pode haver identidades múltiplas: “No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição, tanto na autorrepresentação quanto na ação social”. Isso porque a identidade constitui fonte de significado para os próprios autores, por eles originada, e construída por meio de um processo de individualização, ou seja, ela é autoconstruída, pois

ritos, rotinas, rituais e espetáculos são performances da vida individual e coletiva, são a forma sensorial e perceptível pela qual as experiências e expressões se reúnem, são jogos que se fazem com a alteridade, em todos os sentidos, com todos os sentidos, são comunicação (Bião, 1996:15).

Nesse sentido,

As identidades somente assumem tal condição quando e se os atores sociais se internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização [...] Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados. [...] as comunidades, construídas por meio da ação coletiva e preservadas pela memória coletiva, constituem fontes específicas de identidades (Castells, op.cit.: 23).

Diante dessa constatação, nasceram alguns questionamentos importantes sobre a atuação, a performance, a memória e identidade dos foliões de João Pinheiro. Tratam-se de inquietações, tais como: Por que a existência de tantos grupos de Folias de Reis em João Pinheiro? Quem são esses foliões? De onde vieram? Qual a importância das Folias em suas vidas? Participar de uma Folia de Reis cria uma maior visibilidade social? Que tipo de avaliação eles fazem a respeito da “aceitação” ou “valorização” do seu ritual na contemporaneidade? Como os grupos de Folias de Reis e os seus atores são vistos e percebidos pela “ótica” da sociedade em que se inserem e vive-versa? Pertencer a um grupo de Folia de Reis em João Pinheiro é fator de inclusão social? Como é realizada a aprendizagem da arte de foliar? Quais os elementos que fizeram um fenômeno de origem rural ser presente ainda hoje em uma sociedade que assimilou perspectivas de modernização? Com o avanço do processo de modernização e a consequente urbanização, o fenômeno de origem cultural oriundo do simbolismo rural persistirá na consciência da população? Embora as Folias de Reis sejam originadas do mundo rural por que hoje elas fazem parte do cotidiano da cidade de João Pinheiro? Outro fator intrigante é a presença de mulheres nas Folias de Reis da cidade de João Pinheiro. Inclusive com um “terno” formado especificamente por elas. Pergunta-se: Qual o significado da folia para essas

mulheres? A participação dessas mulheres na folia cria identidades? Afirma seu papel na sociedade? Quem são essas mulheres? A qual faixa etária elas pertencem? Qual é a sua ligação com a Igreja Católica?

A pesquisa buscou responder a essas questões, assim como outros possíveis questionamentos que surgiram durante o percurso da redação da tese.

A opção pelo referencial teórico da performance pode ser justificada porque Schechner assim caracteriza o que a performance pode fazer: “entreter; fazer alguma coisa que é bela; marcar ou mudar a identidade; fazer ou estimular uma comunidade; curar; ensinar persuadir ou convencer; lidar com o sagrado e com o demoníaco” (Schechner, 2003:45). Para compreender os simbolismos das Folias de Reis é necessário viver, conviver, participar do universo pesquisado; para tanto, a metodologia utilizada ancorou-se na etnografia. Ao discutir as performances, Turner (1982) ressaltou que essas ocorrem em momentos marcadamente simbólicos e esclareceu o caráter polissêmico e evocativo dos seus símbolos. Olhando nessa direção, o autor considera que

Os símbolos possuem as propriedades de condensação, unificação de referentes díspares e polarização de significado. Um único símbolo, de fato, representa muitas coisas ao mesmo tempo, é multívoco e não unívoco [...] os referentes tendem a aglutinar-se em torno de pólos semânticos opostos. Num pólo, os referentes são feitos a fatos sociais e morais, no outro, a fatos fisiológicos (Turner, 1982: 71)¹⁰.

Percebe-se que os símbolos tendem a se caracterizar pelo seu potencial polissêmico. O trabalho etnográfico consiste justamente, para Turner, no exame da articulação da trama dramática das relações simbólicas performáticas com o jogo das relações sociais na vida cotidiana. Para entender o simbolismo dos gestos, a sociabilidade da festa, o ato de compartilhar, a doação, a aprendizagem feita ao acaso, a dramaticidade do canto, a importância da bandeira, não basta visitar os foliões, é necessário vivenciar de perto a magia da festa e do ritual.

A partir dessas considerações, a presente pesquisa teve por objetivo analisar e compreender as Folias de Reis quanto ao processo de inserção, dinâmica e atualização dessa tradição no contexto da sociedade mineira contemporânea, especificamente no caso de João Pinheiro.

¹⁰ Tradução livre da autora.

O ponto central deste trabalho foi um estudo detalhado das formas de negociações e diálogos e as variações das Folias de Reis com outras práticas culturais, bem como dos seus sujeitos com diferentes tipos de agentes ou interlocutores no contexto mais amplo em que estão inseridos, buscando entender como é constituído o jogo das relações sociais e simbólicas que são estabelecidas por intermédio das negociações e embates advindos da grande desigualdade social da sociedade pinheirense, considerando como acontece esse processo que se mostra de maneira performativa no contexto das manifestações das Folias de Reis dos dias atuais, pois, de acordo com Vianna e Teixeira (2008: 08),

Para a teoria da performance, a idéia de autenticidade está fincada no aqui e agora de cada performance realizada, em condições sociais, econômicas e históricas concretas, conforme a intencionalidade de cada realização. Nesse sentido, pode-se afirmar é que o que é autêntico, desde esse ponto de vista, é aquilo que é real e que se concretiza e materializa num dado momento.

Primordialmente, a performance considera as estruturas culturais e sociais como dinâmicas, sendo um processo que enfatiza o papel dos atores sociais em sua produção:

Essa visão de cultura não nega que as pessoas dentro do mesmo grupo compartilham certos valores, símbolos e preocupações que podem ser caracterizadas como “tradição”, mas o enfoque está na práxis, na interpretação dos atores sociais que estão produzindo cultura a todo o momento (Langdon, 1996: 24).

Portanto, a ênfase recai sobre o ator social como agente consciente, interpretativo e subjetivo. Uma das principais características da performance é a reflexividade, ou seja, durante a sua realização, os participantes refletem sobre si mesmos, sobre o grupo e sobre a sociedade.

A hipótese básica lançada para explicar a existência de tamanha expressão das Folias de Reis no município de João Pinheiro, estado de Minas Gerais, se sustenta sobre indicativos históricos. Por ser um município com proporções territoriais gigantescas, localizado distante dos grandes centros e por permanecer até a década de 1970 sem rodovias e com estradas precárias, tornou-se difícil a penetração da Igreja Católica Oficial. Outro agravante foi a existência de apenas um padre para atender toda a população. A ausência do clero oficial favoreceu o aparecimento do catolicismo popular ou rústico, com as práticas assumidas pelos leigos.

De acordo com Eduardo Hoornaert (1978:118),

O catolicismo propagou-se no Brasil principalmente pelos leigos, pessoas que não eram ligadas à instituição eclesiástica. Os bispos, sacerdotes “do hábito de São Pedro”, monges e frades ficaram as mais das vezes no litoral, nos conventos, seminários, colégios, mosteiros e palácios, só fazendo viagens pelo interior raríssimas vezes. Os portugueses povoadores e desbravadores do sertão, assim como os índios mansos e os africanos escravizados, e mesmo os quilombolas eram os principais propagadores do catolicismo no interior.

Nesse quadro, e nessa perspectiva, compreende-se a função social/religiosa das Folias de Reis no município de João Pinheiro. Outro ponto a nortear a pesquisa foi o pressuposto de que as folias se tornaram em João Pinheiro um espaço de valorização dos saberes, das crenças, dos conhecimentos populares das pessoas que chegaram do meio rural; portanto, elas funcionam como um canal de (re)construção de identidade. Assim sendo, ao reviverem por meio da performance a história epifânica dos Três Reis, os foliões não apenas encenam uma história, mas a revivem/vivem a cada ano se tornando portadores de um poder simbólico, poder esse que os transforma em mediadores do sagrado.

Percebe-se que os significados das performances religiosas não são os mesmos para as pessoas visitadas e para os participantes do rito. Para os foliões, o drama ritual é a materialização da religião. Durante a encenação ritual, os mitos, as histórias e as crenças tornam-se, para o folião, realidades genuínas; eles as concebem como presença e não como representação da visita feita pelos Três Reis Santos ao Menino Deus. Nesse aspecto, a perspectiva religiosa diferencia-se da arte. Diferentemente da arte, a religião não busca afastar-se da realidade, nem tampouco é sua meta produzir, deliberadamente uma aura de ilusão; “paradoxalmente, a religião preocupa-se em criar uma aura de “atualidade real” e as atividades simbólicas da religião como sistema cultural devotam-se a produzir esse sentido de realidade” (Geertz, 1989: 136).

A presente proposta de trabalho buscou avançar na compreensão do tema, reconhecendo a relevância social das Festas de Reis, pelas suas dimensões ritualísticas: verbal, musical, estética, lúdica e performática.

O objeto do estudo proposto exigiu uma abordagem qualitativa. O desafio da pesquisa qualitativa é apreender, sob a ótica daqueles que participam do universo pesquisado, o sentido da experiência vivenciada.

Dentre as estratégias de uma pesquisa qualitativa Monteiro define:

[...] podem ser ditas investigações qualitativas aquelas cujas estratégias de pesquisa privilegiam a compreensão do sentido dos fenômenos sociais para além de sua explicação, em termos de relação causa-efeito. [...] a investigação qualitativa visa compreendê-la em termos do seu processo e da experiência humana vivida que este envolve (Monteiro, 1998:07).

Dentre as abordagens metodológicas na pesquisa qualitativa, a etnometodologia tem suas raízes plantadas na fenomenologia, com marcas do interacionismo simbólico e da sociologia weberiana. Nessa teoria, o senso comum é valorizado para a compreensão do social e o observador procura interpretar aquilo que o sujeito já havia interpretado dentro do seu universo simbólico. É um estudo do significado da “vida diária”. É uma posição metodológica que se opõe aos modos tradicionais de manipular os problemas de ordem social (essência vista “de fora”), colocando que ela se cria na própria interação, sendo uma forma nova de apreender a realidade, sabendo que nenhuma delas consegue apreendê-la totalmente.

Ainda não há um consenso a respeito da sua representação, que por vezes é entendida como uma área especial dentro da sociologia, uma metodologia e uma escola. Provavelmente, a etnografia se constitui um pouco de cada um desses elementos, inserindo-se certamente na tradição do interacionismo simbólico, por meio da qual se busca compreender o mundo pelo olhar dos próprios atores sociais. *A priori*, esta compreensão tem como fim o fornecimento de subsídios para diversas áreas do conhecimento, no intuito de melhorar as condições de vida e promover o desenvolvimento do ser humano.

Esta pesquisa se propôs a trabalhar com os depoimentos de vida dos atores sociais, os foliões que residem no município de João Pinheiro, com informações que traduzem as tradições, as crenças, as manifestações culturais e a fé. O vivido então é permeado pelos sentimentos e sacralizações que comandam a performance dessas pessoas durante a apresentação dos cantos da folia.

De acordo com Malinowski (1978: 18-19),

Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador, suas fontes de informação são indubitavelmente enganosas e complexas, não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e memória de seres humanos.

Partido desse pressuposto, optou-se pela metodologia da etnografia, acrescidas de técnicas da história oral¹¹. Num primeiro momento, foram mapeados alguns foliões da cidade, os mesmos foram contatados pela pesquisadora que explicou as suas intenções de pesquisa, solicitou contribuições e marcou entrevistas posteriores. A partir dessas cinco primeiras entrevistas, formou-se uma verdadeira rede de informantes. Os foliões entrevistados sempre indicavam outros para participar da pesquisa. Os informantes foram acessados pela metodologia "bola-de-neve" (Bernard, 1995), segundo a qual alguns informantes eram previamente identificados e esses, após serem entrevistados, são solicitados a indicar novos possíveis informantes para a pesquisa.

A seleção das pessoas a serem entrevistadas foi feita a partir de critérios que buscaram encontrar grupo de pessoas que tivesse:

- I - Ligação direta por convivência com os grupos estudados: Foliões;
- II - Devotos (que tenham recebido graças);
- III - Ligações secundárias; cozinheiras, floristas etc.

As entrevistas partiram de um esclarecimento prévio ao entrevistado do por quê, para quê e para quem registram-se as memórias. As mesmas, após consentimento, foram gravadas e transcritas. Foram adotados o gravador, a filmadora e o uso de uma ficha de identificação do entrevistado com dados pessoais, data e local da entrevista.

Como condição para a entrevista, buscou-se um perfil da história de vida do entrevistado e, a partir da mesma, traçou-se um paralelo entre a história pessoal e as relações que essas estabelecem com o objeto estudado. As entrevistas foram delimitadas a partir dos interesses da pesquisa.

Em agosto de 2007, a pesquisadora foi convidada a ingressar na Associação dos Foliões de Santos Reis de João Pinheiro. Esse ingresso foi muito frutífero para o percurso da pesquisa de campo, posto que a partir desse momento intensificaram-se os contatos e os

¹¹ “Em vista deste conjunto de procedimentos, pode-se aventurar uma definição de História Oral como um conjunto de procedimentos que vão desde o planejamento do projeto, a definição da colônia [“um grupo amplo que tenha uma ‘comunidade de destino’], a eleição das redes [subdivisões significativas da “colônia”], o estabelecimento de uma pergunta de corte [um dilema comum, importante e explicativo da experiência coletiva, um recurso básico de unidade dos depoimentos, questão que deve estar presente em todas as entrevistas], a elaboração das entrevistas, a feitura dos textos e a devida guarda, a conferência e a devolução do documento à comunidade que o gerou. No caso de caber análises [...] dependerão do término da fase anterior.”(Meihy,1996:54)

convites para participar das festas realizadas pela cidade. Durante o mês de outubro de 2007, foram-se estreitando os laços com os foliões do grupo de Folia de Reis do Bairro Água Limpa, isso permitiu à pesquisadora participar de quatro festas naquele bairro. Naquele mesmo mês, a pesquisadora acompanhou o giro pelo bairro Papagaio e também seguiu o grupo do bairro em sete casas e participando de duas festas na casa de moradores do referido bairro.

No mês de novembro de 2007, quando se intensificaram as festas e os terços¹², a pesquisadora teve contato com outros grupos e participou de várias festas pela cidade e zona rural. O mês de dezembro de 2007 foi inteiramente dedicado às Festas de Reis. No início do mês foi realizado um giro pelo Bairro Água Limpa, onde foram visitadas 14 casas e finalizando em uma festa na casa de um folião. No período de 24/12/2007 a 05/01/08, a pesquisadora acompanhou o grupo de folia do Bairro Papagaio em um giro por um assentamento de reforma agrária, Assentamento do Segredo, localizado a 50 km da cidade, onde foram visitadas 105 residências.

Esse último giro permitiu ver as Foliás de Reis pinheirenses em sua plenitude, compartilhar do pouso, dividir a mesa, participar da oração, caminhar pela zona rural enfrentando chuva e sol, ouvir os “*causos*”, os milagres e as histórias de vida. Enfim, experimentar a fé e o ritual tornou-se uma experiência impar na pesquisa. Pois como afirma Brandão:

Tudo o que se vive, tudo o que se pensa, tudo o que se ensina e aprende, tudo o que vem antes e depois se pesquisa, são eixos, feixes e integrações de processos interativos e sociais. São teias e são tramas de sentidos, sentimentos e saberes por meio dos quais pessoas como nós [...] vivem e pensam a história que criam. (Brandão, 2003:311).

São as falas, os gestos, as impressões, as aparências, que vão construindo as redes de significado das ações nas representações¹³ dos homens, mulheres e das crianças que vão então delimitando os territórios em espaços que se criam e se identificam em lugares e que

¹² Terço é uma denominação dada pelos foliões e devotos para a realização do pagamento de promessa de forma mais simples que a festa. Normalmente a folia canta, reza o rosário e após as orações é servido o jantar.

¹³ Segundo (Goffman,1975:29), Representação é “[...] toda a atividade de um indivíduo que passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência.”

vão se constituindo nas paisagens, nas regiões, nos municípios, nas comunidades, nos grupos plurais que chegam, ficam, partem e fazem o habitar humano.

São as representações que montam os dramas e fazem as tramas do cotidiano de homens e de mulheres com e entre o ambiente no constante viver, reviver e conviver na sociedade. O comportamento humano é um aspecto fundamental para essa pesquisa, o qual pode e deve ser observado.

Isto acontece no contexto social por meio das interações e representações sócio-culturais, denominadas pelos cientistas sociais de memória.

Em abril de 2008, a pesquisadora acompanhou o grupo da Folia Feminina em seu giro pelo Bairro Conferência, onde foram visitadas 11 residências. A finalidade era arrecadar donativos para serem oferecidos no Encontro Anual de Folias de Reis realizado em Paracatu (MG), cidade vizinha a João Pinheiro. Esse encontro foi outra possibilidade de convivência com os foliões. Viajar juntos, estar em outra cidade estreitou ainda mais os laços entre pesquisados e pesquisadora.

Foram realizadas 110 entrevistas individuais e duas entrevistas por meio da técnica de grupo focal¹⁴ (12 foliões em cada grupo). A partir desse momento, a opção de coleta de dados voltou-se para essa técnica, tendo-se em vista o quantitativo elevado de foliões existente no município e o desejo apresentado por eles de participar da pesquisa. Em fevereiro de 2009, foram aplicados questionários a 136 foliões presentes do Encontro Anual de Folia de Reis de João Pinheiro. Esses questionários tinham por objetivo estabelecer um perfil socioeconômico dos depoentes. Os dados foram tabulados e apresentados em forma de gráficos no terceiro capítulo dessa tese.

Durante todo o processo de pesquisa de campo, foram frequentadas 52 festas, dois giros na zona rural, cinco giros na zona urbana, quatro Encontros Anuais de Folia de Reis realizados em João Pinheiro, um encontro realizado na cidade de Paracatu (MG) e um encontro no Distrito Federal. Ao todo, foram realizadas 4.828 fotografias e 124 horas de filmes.

O resultado dessa imersão em campo está assim estruturado: o primeiro capítulo, intitulado *Construindo um referencial teórico metodológico*, consiste numa reflexão

¹⁴ Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio de interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos.

teórica sobre os estudos sociológicos/antropológicos ancorados na noção de performance e drama. Na oportunidade, é evocada a base teórico-conceitual que sustenta o trabalho e busca estabelecer diálogos e conexões com o objeto desta pesquisa.

O capítulo seguinte, *Etnografando a Folia de Reis no município de João Pinheiro (MG)*, tem por objetivo investigar as possíveis origens das Folias de Reis, assim como a sua trajetória histórica até a sua cristalização na sociedade católica brasileira e, em específico, no município de João Pinheiro.

O Terceiro capítulo, *Perfil social dos foliões pinheirenses*, tem por objetivo principal elaborar um perfil social dos foliões de João Pinheiro (MG), buscando responder o seguinte questionamento: quem são os *performers* (foliões) pinheirenses? Qual é a idade desses foliões? De onde vieram essas pessoas? Como vivem? Onde moram? Em que trabalham? Qual o grau de escolaridade? Há quanto tempo estão nas Folias de Reis? Com quem aprenderam a arte de foliar? Objetiva também analisar as Folias de Reis locais sob a perspectiva dos estudos da performance, procurando compreender suas implicações culturais. Saber quem são esses *performers* e como vivem é uma forma de adentrar em seu universo para uma melhor percepção das suas manifestações.

O quarto capítulo, *As mulheres nas Folias de Reis em João Pinheiro*, objetiva investigar a participação das mulheres nos rituais de Folias de Reis realizados no município de João Pinheiro (MG). Procurou-se descrever a participação das mesmas em grupos de folia masculinos, femininos assim como analisar o papel da rainha da festa, cozinheira, florista, enfim de todas que participam direta ou indiretamente do ritual.

No quinto capítulo, intitulado *Tradições orais e memória coletiva: a religiosidade como mediadora de saberes e práticas da sociabilidade do folião*, busca-se compreender a memória coletiva enquanto uma das bases da identidade e que se pode traduzir em consciência histórica da própria cultura de um povo.

Por fim, é importante acrescentar alguns esclarecimentos preliminares. Todas as fotografias aqui apresentadas foram realizadas pela autora, convencionou-se utilizar a fala do nativo em itálico, fazendo uma correção gramatical das palavras, porém mantendo o léxico das frases, como forma de respeito à oralidade do entrevistado.

CAPÍTULO 1

CONSTRUÍNDO UM REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO PARA PESQUISAR AS PERFORMANCES E MÉMORIAS DOS FOLIÕES PINHEIRENSES

Esse capítulo tem por objetivo analisar o referencial teórico metodológico que serviu de sustentação para a pesquisa de campo e para a redação desta tese. O primeiro conceito a ser analisado é o de **performance**, conceito este que, segundo Langdon (1996), emergiu das preocupações com o papel do simbólico na vida humana e com a construção do conceito de cultura consequente dessa visão simbólica, pois, de acordo com a autora, tradicionalmente, a cultura é pensada como normativa e homogênea, como um conjunto de hábitos, valores e normas fixas. De acordo com Langdon (1996), o antropólogo, com frequência, refere-se aos atores sociais como um outro generalizado, representante de sua cultura, e não raras vezes descreve suas atividades como resultado de normas, pensamentos, valores e hábitos em comum. Para a autora, a cultura sempre foi vista como o resultado da aplicação desse modelo abstrato na ação.

Langdon (op.cit.: 24) enfatiza que “nos últimos anos, essa perspectiva vem sendo contestada por outra visão, na qual a cultura é vista como emergente, estando seu enfoque no ator social como agente consciente, interpretativo e subjetivo.” Os estudos da autora foram importantes para evidenciar que essa visão da cultura não nega que as pessoas dentro dos mesmo grupo de Folias de Reis compartilham de certos valores, símbolos e preocupações que podem ser qualificados como “tradição”, porém o enfoque está na práxis e na interpretação dos atores sociais que estão produzindo cultura a todo o momento. Ela ressalta que:

Experiências passadas e tradição fornecem possíveis recursos para indivíduos interpretarem, entenderem e agirem no presente, mas é por meio da interpretação social que a cultura emerge. O homem simbólico é um ator, cuja ação não é motivada só pela razão, mas também pelas experiências passadas, pelos desejos, pela necessidade de expressar e criar, e pela vontade [...]. Criatividade, expressão, inclusive a expressão estética, e possibilidades de transformação tomam importância neste novo estudo da cultura. (Langdon, op.cit.:24)

Partindo dessa nova forma de pensar o conceito de **cultura**¹⁵ na teoria da performance, é possível perceber a pertinência dessa teoria nos estudos das Folias de Reis de João Pinheiro. A preocupação dessa pesquisa não é com o autêntico ou não autêntico da cultura da Folias de Reis, mas sim com a recorrência do uso de rituais, espetáculos ou eventos que “encenam a cultura” (Goffman, 1989), e a partir desse chamar a atenção para a performatividade e a narratividade presentes nesses eventos de contato identitários, especialmente quando é focada aquelas personagens eleitas pelo grupo para realizarem a mediação cultural. Nessa direção, a identidade social, além de uma ferramenta política e de um abrigo virtual carregado de símbolos, passa a ser também uma possível narrativa de si (e do seu grupo) em relação ao outro e, mais especificamente, como uma performance, nos termos de Bauman (1977) e de Briggs (1990), em que os atores ou grupos sociais, na experiência do evento da interação, estão apostando na comunicação de algo a um público que os avalia constantemente, de modo que precisam exibir talento e competência para adquirir legitimidade. Essa identidade performática necessita ser criada e (re)criada por meio da memória: “Nesse contexto, o grupo social e a cultura na qual a pessoa está inserida são limites de força que influencia diretamente a história individual, suporte da memória coletiva ancestral” (Rios, 2006:69).

A segunda categoria a ser discutida é a de **festa** nas Ciências Sociais, pois de acordo com Del Priore (2000), o tempo da festa tem sido celebrado ao longo da história como um tempo de utopias. Expressão teatral de uma organização social, a festa é também fato político, religioso ou simbólico, porque, de acordo com Rios (op.cit.: 66),

Durante a festa, suspendem-se as atividades normais, os afazeres cotidianos, os devotos deixam a lida habitual, a batalha pela sobrevivência, o trabalho voltado para produzir bens que garantem a vida para produzir bens voltados para afirmação de um sentido para a vida. Sentido que perfaz uma religação com o divino [...] Na festa e pela festa cuida-se de separar da azáfama do dia-a-dia o que realmente importa, selecionar o que se deve permanecer e, portanto, ser lembrado, celebrado. Quais os valores mais caros do grupo ou da comunidade? De quem foram aprendidos e para quem são deixados? Cultural e comemorar implica lembrar, afirmar e transmitir. Todas essas operações são atualizadas nas festas, período especial em que os santos derramam suas bênçãos e o sagrado se faz presente na terra.

¹⁵ O conceito de cultura aqui trabalhado é, [...] acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado. (Geertz, 1998: 15).

Finalmente, este capítulo discute, ainda, a importância da **memória** para uma melhor compreensão do conhecimento que é construído e repassado de geração para geração de folião em João Pinheiro, como observa também Sebastião Rios:

há que considerar, entretanto, que a fixação escrita não é regra de transmissão dessas personagens. Como afirmamos vários foliões, ‘a leitura é pouca’. Os cantos que narram essas passagens bíblicas são muitas vezes preservados e transmitidos de avós e pais para filhos e netos, de tios para sobrinhos, em uma tradição oral [...] (Rios, op.cit.:69).

Em João Pinheiro também não é diferente, a maior parte dos foliões aprenderam as músicas por meio da observação, ou seja, ouvindo “os mais velhos” cantarem. Apenas dois grupos entre os pesquisados tinham cadernos contendo as letras de suas músicas; no entanto, esses cadernos não são utilizados em suas performances. São guardados com muito cuidado, uma vez que pertenceram a antigos foliões já falecidos.

1.1 Estudos da Performance

A teoria utilizada como base para a construção desta pesquisa é a tese dos Estudos da Performance. Teixeira (2004:08) alerta que

Performance é um conceito- em- progresso, ou seja, em construção, que assume várias nuances e focos, conforme as circunstâncias, visando ajudar a esclarecer objetos tanto específicos quanto variados, seja em perspectiva histórica ou transcultural. [...] ele se coloca como mecanismo eficiente para pensarmos as interações entre ciência e arte, situando-se, por exemplo, na fronteira entre ciências sociais e as manifestações artísticas num sentido mais lato.

Embora o conceito de Performance seja elástico e em construção, até mesmo pelo seu pequeno tempo de vida no Brasil vem se tornando um conceito extremamente relevante para investigar manifestações culturais que são feitas por artistas do povo, como é o caso da Folias de Reis, dado que

no estudo da performance, os valores e os objetivos da cultura são vistos e percebidos em ação, oferecendo a possibilidade de questionamentos críticos na compreensão de práticas sociais, com os aspectos da vida

cotidiana e até mesmo da complexa rede de movimento social da pós-modernidade. (Guilarduci, 2003: 162-163).

O trabalho com a teoria da performance se justifica por ser ela um campo de estudo que exige interdisciplinaridade. Para estudar uma manifestação artística/religiosa/cultural como a Folia de Reis, fez-se necessária a imersão no domínio de outras ciências sociais, uma vez que “o estudo da performance combina antropologia, artes performáticas e estudos culturais, usando lentes interdisciplinares para examinar um conjunto de atos sociais: rituais, festivais, teatro, dança, esporte e outros eventos ao vivo” (Ligiéro, 2003: 90).

Ao estudar as Folias de Reis pinheirenses, sob a luz da teoria da Performance, é possível perceber que a “performance empresta *insights* valiosos para a formação e identidade permitindo um espaço para entendimento intercultural e, através da performance, os significados centrais, valores e objetivos da cultura são visto em ação” (Ligiéro, 2003: 90). Partindo desse pressuposto, pode-se inferir que a performance é uma forma de comportamento, uma maneira de agir e de pensar sobre as atividades humanas.

Por meio da performance, os grupos de Folia de Reis de João Pinheiro vão criando/(re)criando uma identidade muito peculiar, marcando seu lugar social por meio da teatralidade de suas apresentações. Neste trabalho, a teatralidade¹⁶ é pensada como jogo dos atores que potencializa o universo performático, ocupando primordialmente uma função: a de ser visto, notado e, dessa maneira, eternizado enquanto memória. A Festa de Reis ocupa, nessa situação, uma posição de evidência devido à grande sociabilidade que propõe e oferece ao conjunto da sociedade pinheirense, possibilitando aos envolvidos inúmeros e entrecruzados olhares: “A teatralidade, como elemento da performance do ator, se refere ao seu desempenho na interpretação de uma obra. Portanto, é um modo de realização que não implica na autoria da obra em sua totalidade” (Stelzer, 2007:130). Pensando dessa maneira, o folião é ator (*performer*¹⁷) de um teatro popular, a Folia de

¹⁶ A noção de *teatralidade* é complexa, a despeito de sua aparente simplicidade em constituir-se como um substantivo urdido a partir do adjetivo *teatral*. Em sua acepção comum e mais divulgada, a teatralidade designa algo levemente ostentatório ou arbitrariamente empreendido para gerar um *efeito*. (Mostaço, 2007).

¹⁷ Termo inglês, usado às vezes para marcar a diferença em relação à palavra ator, considerada muito limitada ao intérprete do teatro falado. O *performer*, ao contrário, é também cantor, bailarino, mímico, em suma, tudo que o artista ocidental ou oriental é capaz de realizar (*to performer*) num palco de espetáculo. O performer realiza sempre uma façanha (uma performance) vocal, gestual ou instrumental, por oposição à interpretação e à representação mimética do papel do ator. (Pavis, 2003: 284).

Reis. Ele interpreta uma história tão antiga quanto a Bíblia, mas ao mesmo tempo se renova a cada encenação.

Porém, faz-se necessário responder à seguinte pergunta: o que é Performance? Teixeira (2007: 02) afirma que “para responder a essa pergunta básica e de difícil resposta, se cortejara inicialmente um texto-manifesto de Richard Schechner, publicado em 1973 em que o mesmo procura magistralmente esclarecer as incertezas do campo do conhecimento que ajudou a criar [...]”.

Tentando esclarecer essa questão, Turner também fez a sua reflexão sobre a performance:

Uma peça teatral? Dançarinos dançando? Um concerto musical? O que você vê na TV? Circo e carnaval? Uma entrevista coletiva de um presidente da república? [...] Performance não é mais um termo fácil de se definir: seu conceito e estrutura se expandiram por toda parte. Performance é étnica e intercultural, histórica e atemporal, estética e ritual, sociológica e política. Performance é um modo de comportamento, um tipo de abordagem à experiência humana; performance é o exercício lúdico, esporte, estética, entretenimento popular, teatro experimental e muito mais [...] (Turner, 1982:11).

Devido à abrangência do tema – que pode ser usado para arte, política e cultura, entre outras possibilidades, existem dificuldades para a sua conceituação, como evidenciou Turner (1982). Nessa mesma direção, Teixeira e Gusmão (2000:09) igualmente observaram que “O conceito de performance, tal como os de arte e democracia, é dos mais controversos, possuindo o desacordo com relação à sua essência, embutido em suas próprias definições, o que o torna ainda mais instigante como objeto de investigação”. Ainda de acordo com os referidos autores,

A teoria contemporânea da performance nasceu da consagração da metáfora da teatralidade [...] *theatrum mundi*- desde o campo das diversas ciências sociais até a área das artes cênicas e, destas, para as outras artes. Nesse processo, a teoria da performance influenciou quase todas as outras tentativas de entendimento da condição e atividade humanas, revertendo a quase todos os ramos das ciências humanas: sociologia, antropologia, etnografia, psicologia e linguística (Teixeira e Gusmão, 2000:09).

Diante da abrangência e elasticidade desses conceitos, torna-se necessário investigar a sua origem e história. Segundo Langdon, (2007:07), o conceito de performance surgiu como consequência das preocupações teóricas atuais, “indo além das teorias de antropologia simbólica clássica, desenvolvidas nas décadas de 1960 e 1970,

representadas principalmente pelos estudos e teorias do rito de V. Turner, C. Geertz e Lévi-Strauss.”

A teoria da performance, a partir dos anos 1960, envolve especialmente as manifestações artísticas como um ponto numa linha de continuidade que vai dos ritos/ritualizações animais (priorizando os humanos) até os acontecimentos da vida cotidiana, incluindo as relações familiares e sociais. Contudo, é a sua qualidade de instrumental teórico sugerida por Richard Schechner¹⁸, a ser utilizado nos estudos dos comportamentos artísticos, ritualísticos e cotidianos, que será o ponto de partida estabelecido para a linha de estudo da performance aqui proposto.

Segundo Teixeira e Gusmão (2000:09),

Sociologicamente, o conceito de performance que tem prevalecido é o de Goffmann [...], que explica a performance como toda atividade humana que ocorre durante um período marcado pela presença contínua de um ou mais indivíduos diante de um conjunto particular de observadores e que sobre estes exerçam alguma influência. De acordo com essa definição um sujeito pode estar envolvido em uma performance sem estar ciente disso.

Ainda de acordo com os referidos autores, foi a partir da década de 1970 que os termos “performance” e “arte da performance” passaram a ser utilizados de forma distinta. Performance se tornou o correspondente “à acepção sociológica da performance na vida, no quotidiano, constituindo, assim um dos pilares da teoria da performance” (Teixeira e Gusmão, op.cit.:10). Enquanto o segundo termo passou a designar “exclusivamente a arte experimental produzida naquela década, a qual – embora tenha expressado novas preocupações e tomado novas direções - retirou muito de sua inspiração e método do complexo cadinho experimental da década de 1960” (Teixeira e Gusmão, op.cit.:10).

A partir desse momento, foi possível observar que os interesses contemporâneos nos estudos sobre a performance são resultado “da aplicação, pelos seus estudiosos e participantes, da teoria da performance, na análise e interpretação das diversas manifestações performáticas, inclusive das artes cênicas e principalmente da arte da performance” (Teixeira e Gusmão, op.cit. :10).

De acordo com Ligiéro (2003:03),

¹⁸ Baseados em mais de 25 anos de prática como diretor teatral, escritor e professor da New York University, USA.

Os estudos da performance desenvolvidos no mundo acadêmico, que surgiram nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, a partir da década de sessenta, podem ser considerados hoje um território sem fronteiras, constituindo um rico e complexo universo no qual convivem abordagens históricas, com aquelas de base antropológica e semiológica. A ponte entre artes visuais e performance, estabelecidas no período inicial, expandiu-se para praticamente todos os setores da vida humana, do teatro ao ritual, das celebrações públicas às representações criadas no dia a dia. De acordo com prospectiva, já não apenas o artista visual ou o ator criam a performance, mas também o homem da rua, o vendedor, ou o professor. Isto é, tornaram-se objetos de estudo desses campos as ações, singulares ou coletivas, identificadas como um ‘comportamento expressivo’ que estudiosos contemporâneos, como Richard Shechner, Victor Turner e outros, passaram a definir como performance.

Marvin Carlson (1996) desenvolveu em sua obra introdutória, denominada *Performance – A critical introduction*, uma vasta abordagem sobre o tema, demonstrando as contribuições da sociologia, linguística, antropologia e psicologia, congregando também uma breve discussão da *performance art*, sem deixar de tratar da questão das reivindicações identitárias e da pós-modernidade.

Apesar da elasticidade e da diversidade dos conceitos de performance, Carlson enfatiza como ponto comum o “recorte”, ou a “qualidade distinta” dessas expressões em relação ao fluxo da vida cotidiana:

[...] há um acordo geral de que dentro de qualquer cultura pode ser descoberto um certo tipo de atividade, separada de outras pelo espaço, tempo, atitude, ou todos os três, que pode ser chamado de ou analisado como ‘performance’. Os estudos de folclore têm sido uma das áreas da antropologia e dos estudos culturais que tem contribuído mais significativamente para os conceitos modernos dos estudos da performance, e um dos primeiros antropólogos a utilizar ‘performance’ como um termo crítico central, William H. Jansen, empregou-o para lidar com uma preocupação dos estudos de folclore de 1950s, que é, classificação. Jansen sugeriu um modelo de classificação com a performance e a participação como dois extremos de um spectrum, baseado principalmente no grau de envolvimento da ‘audiência’ do evento (Carlson, 1996:15).

Essa separação foi também lembrada em um famoso texto de Bateson (1972), no qual o autor evidenciou duas características do fenômeno do *play*: “a) que as mensagens ou sinais trocados no *play* são em certo sentido falsos ou não pretendidos; e b) o que foi denotado por esses sinais não é existente” (Bateson, 1972: 183). Deste modo, uma vez que a comunicação verbal humana ocorre em diversos níveis de abstração, o “*play*”, tal como o

“frame” de Goffman (1975), implica em um nível metacomunicativo e pode ser aproximado das noções de ritual, brincadeira, fantasia, arte, magia e religião.

Segundo Monteiro (2003), no campo da antropologia em especial, Victor Turner (1982), por sua vez, liga-se aos Estudos da Performance, percebendo o comportamento do homem como ações performáticas, na medida em que elas são expressivas. Nessa concepção, as ações cotidianas, como as situações sociais, apresentam uma estrutura dramática, induzem e contêm processos reflexivos que geram outras molduras culturais, fazendo com que o sentido de performance abranja mais que uma implicação estruturalista de manifestar “forma”, contendo mais a ideia processual de “levar a completar”, de “realizar”. Turner leva em conta o processo vital que está sendo estudado e que deve estar inerente à observação, investigando a sociedade a partir dos elementos cognitivo, afetivo e volitivo que, intimamente relacionados, permitem sua apreensão enquanto experiência viva. Ainda de acordo com a mesma autora, outro pesquisador da cultura colaborou para o surgimento da teoria presente da Performance ao utilizar a metáfora da teatralidade do mundo, a partir dos seus estudos sobre os jogos sociais absorventes, como influenciador do entendimento das atividades humanas: Geertz (1998).

Ainda de acordo com Monteiro (op.cit.: 14),

No Brasil, Roberto Da Matta [...], estudando as formas de se ritualizar o cotidiano nacional, atenta para o sentido que o mundo do teatro, com sua artificialidade e arbitrariedade, comove e desperta empatias. Ele vê no artificial e no representado “uma reapresentação do meu mundo social”, um cotidiano que se manifesta, deslocando-se e formando novos sentidos, através dos comportamentos e cerimônias festivas.

Seguindo essas vinculações construídas pelos Estudos da Performance entre os distintos campos de conhecimento, pode-se construir uma fundamentação teórica para preparar os gêneros de performance, os comportamentos e atividades performáticas, inserindo-os nesse contexto para esta pesquisa sobre as Folia de Reis em João Pinheiro. Este é o alicerce em que os estudos se apóiam na presente pesquisa, com a finalidade de pesquisar os movimentos, a dança e a dramaticidade desses brincantes, os foliões, buscando articulá-los com o ponto mais amplo do processo histórico e cultural da formação da sociedade brasileira.

Posteriormente, será trabalhado mais especificamente de que maneira o conceito de performance “tem sido usado para entender o cotidiano e as cerimônias comemorativas

dos povos que se desenvolveram a partir da tradição oral, particularmente atentando para o caráter festivo, atravessado de religiosidade, que seus ritos ainda celebram” (Monteiro, 2004: 13).

Seguindo o pensamento de Schechner (2003), existem três postulados extremamente pertinentes para a presente pesquisa, são eles:

- 1º- O conceito de “comportamento restaurado” ou “duplamente exercido”, que caracteriza as ações repetidas, desempenhadas ou ensaiadas, observável na arte, no ritual e no cotidiano.
- 2º- A afinidade entre teatro e ritual, enquanto se estuda a Folia de Reis como um rito religioso dramatizado, montado a cada final de ano.
- 3º- A discussão sobre as funções exercidas pelo performer, o intérprete e o xamã – e sua aplicação ao desempenho do folião da Folia de Reis.

Na perspectiva de Monteiro (2003), o primeiro aspecto destacado acima, sobre o conceito de “comportamento restaurado” ou “duplamente exercido”, Schechner (1985) analisa a capacidade do comportamento humano de se refazer, independentemente dos sistemas sociais, psicológicos e tecnológicos que o originaram. Nesse sentido, seria pertinente observar que os foliões são capazes de reinventar o ritual das folias mesmo não residindo no universo rural. Sob essa análise, tais comportamentos têm vida própria; re-arranjados ou reconstruídos, são como comportamentos recortados do seu contexto global, que fazem novo sentido quando surgem em outra situação. Essa condição é possível porque a "verdade" ou "fonte" que causou aquela conduta pode se perder ou se transformar.

Ainda de acordo com Monteiro (2003:22),

o comportamento restaurado é “comportamento vivo, manejado como um diretor de cinema quando edita tiras de filme”. Como no cinema, os pedaços de fitas feitos em determinado processo de trabalho e enquadrados em certa ordem, podem ser recortados e inseridos em outro momento do filme, sendo percebidos então como formadores de um novo processo. O conceito de “comportamento restaurado” ou “duplamente exercido” indica que, similar aos pedaços de fitas de um filme, o comportamento destaca-se, indo além do processo de significação das coisas, constituindo-se, em sua essência, no "material" mesmo dessas coisas, que contém a capacidade de gerar outros processos significativos. Assim, com tal deslocamento, o mesmo comportamento apresenta-se em novas condições de espaço e tempo – muitas vezes assumindo características de um ritual duradouro em determinada tradição, ou

apresentando-se como um gesto cotidiano característico de qualquer sociedade.

Pensando dessa maneira, as Folias de Reis são estudadas como performances culturais que expressam, por meio de múltiplas linguagens, o imaginário que a população pinheirense tem a respeito de si própria, ou seja, como suas identidades são manifestadas em performance e as performances culturais aqui são entendidas como definiu Singer (1972). Segundo o autor, elas são formas de expressão artística e cultural que obedecem a uma programação prévia da comunidade, como uma sequência determinada de atividades, local próprio para sua ocorrência, horário definido de início e fim, delimitação entre *performers* e público e, principalmente, são expressos por via de meios comunicativos diversos, como narrativas, cantos, dança, artes visuais etc., como caracterizado nos rituais das Folias de Reis de João Pinheiro.

1.2 A festa em debate nas Ciências Sociais

Em se tratando das Ciências Sociais, é impossível escrever sobre festa sem incluir o nome de Émile Durkheim, que em 1912, já a estudava em seu livro *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. O autor assevera que toda festa tem características religiosas, pois aproxima as pessoas resultando em um estado de efervescência causado pelas manifestações apresentadas pelos participantes.

Para o referido autor,

Toda festa mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. Pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital, etc. (Durkheim, 1989:547).

Segundo o sociólogo, é possível observar três características distintas das festas, a saber: 1) a superação das distâncias entre os indivíduos; 2) a produção de estado de efervescência coletiva e 3) a transgressão das normas coletivas.

Estando em grupo, assegura Durkheim (1989), o sujeito desaparece e passa a ser controlado pelo todo, pelo coletivo. Esse coletivo tem como principal função reafirmar as regras do grupo que agora se encontra unido, os indivíduos são reafirmados em sua natureza de seres sociais. Contudo, os laços sociais ora construídos correm o risco de se desfazerem. É necessário então reavivar esses laços, para que a consciência coletiva reanime-se. As festas seriam, então, a força para a não dissolução social. A festa é o momento de sair da vida séria e revigorar o espírito fatigado por aquilo que constrange a vida cotidiana. Na festa, é possível o indivíduo ter acesso a uma vida mais livre e menos tensa.

Para muitos estudiosos da festa, o divertimento é a fuga da monotonia, do trabalho e, a princípio, não há nenhuma utilidade. Porém, a festa pode ter uma função, já que ao fim desta proporciona ao envolvido mais coragem e disposição para enfrentar o cotidiano. De acordo com Del Priore (2000:09),

O tempo da festa tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias. Tempo de fantasias e de liberdades, das ações burlescas e vivazes, a festa se faz no interior de um território lúdico onde se exprimem igualmente as frustrações, revanches e reivindicações dos vários grupos que compõem uma sociedade. Mas o tempo faústico da festa eclipsa também o calendário da rotina e do trabalho dos homens, substituindo por um feixe de funções. Ora ela é suporte para a criatividade de uma comunidade, ora afirma a perenidade das instituições de poder.

É na festa que a energia do coletivo consegue alcançar o seu ponto máximo no momento de exaltação dos participantes. Durkheim observa que a efervescência “muda as condições da atividade psíquica. As energias vitais são superexcitadas, as paixões mais vivas, as sensações mais fortes” (Durkheim, 1989: 603). Mas o que contribui para garantir esse estado de alma? Música, bebidas, comidas específicas, ritos, danças, entre outros componentes que venham a associar-se à realidade festiva. Os indivíduos podem entrar em contato direto com a fonte de energia vital e social, a fim de absorver o necessário para se manterem sem revolta e contrariedade até que surja a próxima festa.

Nesse contexto, Del Priore (Op.cit.:10) afirma que

Expressão teatral de uma organização social, a festa é também fato político, religioso e simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazer e alegria durante a sua realização; eles têm simultaneamente importante função social: permitem às crianças, aos jovens, aos expectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários. Servem ainda de exutórios à violência contida e às paixões, enquanto queima o excesso de energia das comunidades. A alegria da festa ajuda as populações a suportar o trabalho, o perigo e a exploração, mas reafirma, igualmente, laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças.

As festas estão presentes na vida dos seres humanos nos mais diferentes momentos e traduzem, entre outras coisas, sua necessidade de interação e integração social. Nesse sentido, elas se constituem em uma das manifestações coletivas mais antigas da sociedade, inserindo-se nos costumes de vários povos como expressões coletivas que são repassadas de geração a geração ao longo dos séculos. Conforme Itani (2003), não há marcação exata do início das festas. Registros históricos mais antigos associam-nas à celebração de deuses ou a formas de explicar e homenagear a natureza e contam com mais de dez mil anos de existência.

Consoante este raciocínio, Del Priore (2000:13) assegura que

A periodicidade da produção agrícola induziu o homem em determinadas épocas de sementeira e colheita a congregar a comunidade para celebrar, agradecer e pedir proteção. A repetição dos ciclos agrícolas, identificados com a reunião de grupos sociais, acabou por dar à festa uma função comemorativa. As festas nasceram das formas externas, tributadas geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizadas em determinado tempo e locais.

Por meio de suas festas tradicionais, os grupos sociais se aglutinam, inicialmente, para pedir aos deuses proteção e colheitas fartas. Segundo Del Priore (2000), com o advento do cristianismo, tais solenidades receberam nova roupagem, a Igreja transformou vários rituais pagãos em homenagens aos santos, oficializando-os no conjunto do ano eclesiástico e estabelecendo um dia de festa no calendário cristão, como é o caso da Festa de Santos Reis, os quais embora não sejam considerados santos pela Igreja Católica, seu dia foi oficializado em 06 de Janeiro. Sobre o surgimento da festa, Itani (2003) afirma ainda que ela acontecia como uma prática rotineira de comemoração, separando o tempo

do trabalho daquele do lazer. Tal prática se constituía numa forma de apropriação pelas comunidades de seu próprio tempo. Segundo Da Matta (1984: 67),

Vivemos sempre entre esses momentos (trabalho e prazer), como passageiros que estão saindo de um evento rotineiro para a ocorrência fora do comum que, por sua vez, logo pode tornar-se novamente rotineira e fazer parte da paisagem do nosso irreflexivo cotidiano.

As festas, como tradição popular, trazem à tona a coletividade e guardam relação com o sagrado e religioso. Nelas, são reforçadas as afinidades entre ritual e performance comunicativa. Desta forma, por meio de ritos, celebra-se uma solidariedade social transcendental, que configuram os múltiplos sonhos de comunidade integrada pela paz, alegria e a tradição do festar.

Como observou Ferlini (2001:449),

As festas constituem em importante espaço de sociabilidade, com suas alegorias, representações e elaborações dos conflitos, uma espécie de válvula de escape, que torna possível a vida comunitária. Por meio da fantasia, da criação/re-criação livre, as revanches são trabalhadas em espaços lúdicos, as frustrações e reivindicações são expressas. É o momento de desarranjo/rearranjo que equilibra a sociedade e torna possível sua manutenção e reprodução.

As Festas de Reis em João Pinheiro constituem realmente em espaços de sociabilidade, embora os conflitos sejam latentes como toda a vida em sociedade, é possível observar uma (re) elaboração do viver e conviver desses personagens. Na festa institui uma hierarquia definida pela tradição da folia, os cargos e disposições no grupo são ditados pelo capitão, figura importante para a manutenção da ordem e da tradição.

Pensando dessa maneira, DaMatta (1984:81) assegura que

[...] todas as festas – ou ocasiões extraordinárias – recriam ou resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais. Nelas, aquilo que passa despercebido, ou nem mesmo é visto como algo digno de reflexão, estudo ou desprezo no cotidiano, é ressaltado e realçado, alcançando um plano divino.

As Festas de Reis em João Pinheiro constituem-se em *locus* por excelência de observação de um fazer artístico dos foliões, que se perdem durante o ano de trabalho nos seus afazeres cotidianos. Performances que marcam os lugares sociais dos atores

envolvidos. Nessa mesma direção, Itani (2003:7-8) escreveu a respeito dessa concepção sobre as festas e suas implicações:

A festa é um fato social, histórico e político. Ela constitui o momento e o espaço da celebração, da brincadeira, dos jogos, da música e da dança. Celebra a vida e a criação do mundo. Constitui espaço de produção dos discursos e dos significados e, por isso, também dessa criação na qual as comunidades partilham experiências coletivas. Ela representa, igualmente, o momento de experiência prazerosa dessa convivência coletiva. A produção da festividade é, ainda, a composição de momentos do brincar com a experiência ritual da memória coletiva, da vivência com o passado e o presente, com a cerimônia e com as brincadeiras.

As festas, como manifestações culturais, permitem a invenção de uma ordem simbólica que lhe é peculiar e que, muitas vezes, extrapola as normas e relações cotidianas. As festas operam o encantamento das relações sociais, criando vínculos de simpatia- atração a partir de rituais próprios que se revestem da simbolização de um evento, de uma ação, de um objeto e/ou de um indivíduo: “Na roda da festa, como na roda da vida, tudo volta inelutavelmente ao mesmo lugar, os jovens aprendendo com os velhos a perpetuar uma cultura legada pelos últimos” (Del Priore, 2000:10).

Para Sonza (2006), a festa é um momento especial em que são transgredidas as regras da vida cotidiana, as hierarquias são esquecidas e as pessoas ganham expressividade e entusiasmo. Corresponde a um tempo consagrado a uma multiplicidade de atividades coletivas com função expressiva que revela o conflito entre as exigências de uma “vida séria” e a própria natureza humana. Nas festas, mesmo que seja apenas por alguns instantes, as pessoas ficam afastados de sua vida cotidiana para se encontrarem em um mundo “mais livre”, no qual são mais livres e podem usar suas imaginações para atenderem aos seus desejos de liberdade.

Segundo Duvignaud (1983), nas festas existe a capacidade de ativar ocasiões que acendem vários sentidos que não são comuns à vida diária. As festas suprimem diferentes maneiras de regulamentação, pois as aniquilam ao colocar o homem frente a um universo simbólico, pois “a festa instaura e constitui outro mundo, uma outra forma de experienciar a vida social, marcada pelo lúdico, pela exaltação do sentido e das emoções- com um forte acento hedonista e agonístico- e, em grande medida, pelo não social”(Perez, 2002:19).

Duvignaud (1983:69) afirma que,

[...] A festa é tudo isso, quer utilizando provisoriamente os signos coletivos ou as classificações consagradas e, destarte, aproximando-se das cerimônias rituais, quer colocando-se, de passagem, ao serviço de um poder, quer atingindo o transe, o êxtase, quer tornando-se a festa privada dos corpos e das volúpias. Ela destrói ou abole, em sua vigência, as representações, os códigos, as normas por meio dos quais as sociedades se defendem contra a agressão natural. Ela contempla, com estupor e alegria, o acasalamento do deus com o homem, do “Eu” e do “superego”, em uma exaltação na qual todos os sinais aceitos são falsificados, confundidos, destruídos [...].

A festa é, assim, um tempo peculiar em que, de certa maneira, os personagens envolvidos saem da rotina diária e do trabalho. É o momento no qual a pessoa tem a possibilidade de renovar suas energias e fortalecer a identidade do grupo. Sem perder de vista que a “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”(Hall, 2005:13).

Ainda de acordo com Duvignaud (1983), a festa corrobora a competência que todos os grupos humanos têm de se libertarem de si mesmos e de enfrentarem uma diferença radical em relação ao mundo cotidiano. O indivíduo passa a ser dominado pelo coletivo. Conforme Sonza (2006) é nas festas que a energia coletiva atinge o seu ápice, o momento de maior excitação de seus participantes. Ela altera as condutas rotineiras e as sensações se tornam mais intensas, as paixões mais explícitas e as energias vitais mais vivas. Contribuem ainda para o aumento das sensações, elementos presentes em todas as festas: músicas em alto volume, bebidas, comidas específicas, danças, sensualidade etc.

Um dos grandes autores brasileiro, João Guimarães Rosa, em sua obra *Manuelzão e Miguilim* (1984), também evidencia o valor de festas tradicionais folclóricas para o bem estar social e a sustentação das tradições e costumes. É perceptível na narrativa a expectativa geral em torno da proximidade da festa, a sua importância para as pessoas que a origina, a definição dos papéis sociais dos envolvidos (homens e mulheres), assim como a valorização do sagrado:

[...] Mas não bastava. Carecia de sagração, a missa. A festa, uma festa! Por si, ele nunca dera uma festa. Talvez mesmo nunca tivesse apreciado uma festa completa. Manuelzão, em sua vida, nunca tinha parado, não tinha descansado os gênios, seguia um movimento só. Agora, ei, esperava alguma coisa. Por tudo, mesmo sem precisão, ele não saía de cima do cavalo – estava com um machucão no pé – indo e vindo da capela, sol a sol vinte vezes, dez vezes, acompanhado sempre pelo rapazinho Promitivo. Não esbarrava. Não sabia de esforço por metade. Vai agorinha, um exemplo, deixava as mulheres na arrumação e tocava para a

Casa, a ver a chegada de mais povo. Ativo e quieto, Manuelzão ali à porta se entusiasmava, público como uma árvore, em sua definitiva ostentação. Embora dois dias para a véspera ainda faltassem, pessoas de fora já eram em número. Gente de surrão e bordão, figuras de romaria. Alguns, tão estranhos, que antes de apeiar do cavalo invocavam em alta voz o louvor a Cristo Jesus e esperavam de olhos quase fechados o convite para entrar com toda paz e mão irmã na hospitalidade geral [...]” (Rosa, 1984: 82).

Assim como na literatura de Guimarães Rosa acontece no sertão de João Pinheiro, participar de um giro de Folia de Reis na zona rural do município é conquistar um passaporte para adentrar as casas dos sertanejos; é ser recebido com toda a hospitalidade peculiar dos moradores, é ter acesso à uma mesa farta enfim é se tornar membro participativo dos festejos.

Segundo Saraiva e Silva (2002: 24),

os festejos merecem destaque por representarem mudança, por modificarem o espaço e o tempo nas comunidades. Em algumas delas, temos características mais visíveis dessas mudanças, como a construção de novas igrejas e a criação de espaços próprios para o santo padroeiro.

Em João Pinheiro também não é deferente, andando pela zona rural do município é possível observar como as festas religiosas criam uma verdadeira geografia da fé, muitas capelas são erguidas em homenagem a um santo padroeiro, local de encontro para os sertanejos celebrarem sua fé e seus rituais religiosos.

Vale lembrar que essas celebrações não acontecem apenas nas Igrejas e nos espaços do sagrado, pois de acordo com Duvignaud (1983:68),

A rua, os pátios, as praças, tudo serve para o encontro de pessoas fora das suas condições e do papel que desempenham em uma coletividade organizada, constituem os suportes de uma experiência que acentua intensamente as relações emocionais e os contatos afetivos, que multiplica ao infinito as comunicações, e efetua, repentinamente, uma abertura recíproca entre as consciências [...].

Além da questão do espaço, Abreu (1999:38) evidencia a identidade nacional que se constrói/(re)constrói a partir das festas populares:

Do senso comum à produção acadêmica, passando pela literatura, relatos de época e de viajantes estrangeiros, é forte a tendência de se considerar a festa, no Brasil, mais costumeiramente a festa carnavalesca, como o local do encontro, mistura e comunhão entre todas as etnias e classes sociais – base importante do que seria a marca singular e positiva da nacionalidade brasileira. Sem entrar no mérito do sentido ideológico, ou não, desta

recente versão da identidade nacional, as imagens da festa associadas à marca de um povo são constantemente veiculadas e acionadas em diferentes espaços sociais [...]

Segundo Itani (2003:15), a festa deve ser pensada como um fenômeno coletivo porque:

[...] acompanha também as funções das instituições sociais na medida em que marca modalidades da vida cotidiana, como nascimento, casamento etc. Para compreender ao longo da história, é preciso, portanto, ver o seu conteúdo pelo seu significado ou pelo sentido sagrado atribuído pelos povos em diferentes momentos e lugares. Quando se festeja, o conteúdo humano é celebrado por meio da esperança que as comunidades depositam na luta pela liberdade. No conteúdo histórico das festas, pode-se ver o humano do ser em sua criação, em seus costumes, símbolos e suas crenças, pelos seus ritos, seus cantos, suas músicas e danças.

Nessa conjuntura de coletividade, tais eventos pressupõem não só a presença de um grupo, mas também de sua participação; conseqüentemente, a demarcação de um espaço social, a criação/(re)criação de uma identidade. O Brasil tem como marca de sua identidade as festas, principalmente as de caráter religioso. O festar no Brasil vem de longa data, já no período colonial o estado português utilizava-se das festas como forma de manter os colonos sob seu domínio.

Chegando ao Brasil, muitos dos viajantes dos séculos XVIII e XIX ficavam simplesmente perplexos quando, já a partir da porta das primeiras igrejas avistadas, e por todo o percurso das inúmeras procissões que se realizavam constantemente, contemplavam as imensas “alas” compostas por carros alegóricos. Neles, pessoas de todas as raças fantasiadas dos mais diversos personagens, ricamente vestidos e adornados, corporações de ofício e irmandades religiosas, os grupos de dançarinos e músicos, desfilavam, lado a lado, todos juntos. Dessa multidão compacta, sobressaía uma imensa quantidade de cruces, pendões e estandartes, sacudidos e agitados efusivamente ao som do trovejar de ensurdecedores e excessivos fogos de artifício. Nesse sentido, o viajante francês August de Saint-Hilaire, em sua obra *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*, no capítulo referente a Paracatu¹⁹, escreveu:

Grandes somas de dinheiro eram despendidas com as festas da igreja, contratavam-se músicos, construiu-se um pequeno teatro, e os próprios escravos em suas folganças, espalhavam- segundo se

¹⁹ Durante os séculos XVIII e XIX, João Pinheiro fazia parte do município de Paracatu.

conta - ouro em pó sobre a cabeleira de suas melhores dançarinas (Saint-Hilaire, 1975: 148).

Por meio da descrição do viajante, pode-se perceber que a cidade e os habitantes preparavam-se cuidadosa e caprichosamente para que, nos dias de festa, pudessem realizar com primor seu espetáculo e todos os que participassem extraíssem da festa a maior alegria possível, com devoção e entusiasmo quase extático.

De acordo com Gonçalves (2003), o calendário de festas coloniais em Paracatu²⁰ procurava moldar a vida e os interesses das populações à aliança entre Igreja e Estado, interferindo nas formas de sociabilidade e de economia das pessoas. Contudo, ao mesmo tempo em que era imposta, a festa criava, ou não conseguia evitar, brechas que ensejavam a transformação, a resistência, dramatizações públicas de ideais e utopias dos grupos mais diversos.

As festas, no Brasil, em específico em João Pinheiro, desde o período colonial, constituíram importantes mediações entre os homens, as mulheres e a natureza, entre eles e seus deuses, entre povo e Estado com seus representantes. Essa forma de fazer festa ainda é muito comum em toda a região. Para se organizar uma Festa de Reis existe toda uma preocupação com os preparativos, com a saída da Folia, com o giro, com o pouso, com a comida e por fim com a festa em si.

1.3 Contribuições da Teoria da Memória

Mas o que é Memória? As ciências sociais muito têm se esforçado para oferecer uma resposta plausível a essa pergunta. Ecléa Bosi (1998: 39) escreveu: “a memória é um cabedal infinito, do qual só registramos um fragmento”. De acordo com Le Goff, (1990) “[...] A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

A Memória tem mistérios que não se deixam desvendar com facilidade, e sob sua aparente simplicidade oculta uma gama de importantes questões. Viver pressupõe recordar? Como recordar? Quais os mecanismos que nos possibilitam participar, quase que

²⁰ No Período Colonial João Pinheiro fazia parte da Comarca do Paracatu do Príncipe.

por magia, do nosso passado? E, se a recordação é uma coisa tão comum, por que o esquecimento é fenômeno tão frequente? Pensar essas questões nos parece ser tarefa pertinente no fazer do cientista social²¹.

Seria possível tentar responder a esse questionamento sem o auxílio de uma reflexão filosófica? Acredita-se ser uma tarefa complicada sem se pensar na questão da Metafísica. Afinal qual a base da memória? O corpo? O espírito? Onde guardamos nossas lembranças? Não raras vezes, esse questionamento já provocou embate entre espiritualistas e naturalistas, cientistas e metafísicos:

Os antigos gregos consideravam a memória uma identidade sobrenatural ou divina: era a deusa Mnemosyne, mãe das Musas, que protegem as Artes e a História. A deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade. Tinha poder de conferir imortalidade aos mortais, pois quando o artista ou o historiador registram em suas obras a fisionomia, os gestos, os atos, os feitos e as palavras de um humano, este nunca será esquecido e, por isso, tornando-se memorável, não morrerá jamais. Os historiadores antigos colocavam suas obras sob a proteção das Musas, escreviam para que não fossem perdidos os feitos memoráveis dos humanos e para que servissem de exemplo às gerações futuras. Dizia Cícero: “A História é mestra da vida”. A memória é, pois, inseparável do sentimento do tempo ou da percepção/experiência do tempo como algo que escoou ou passa (Chauí, 2001:127).

Deusa? Sim! Sem ela seríamos nós um “eu” pensante, teríamos uma personalidade intelectual e moral? Nossas recordações são inseparáveis de nossa vida pessoal, elas a condicionam e exprimem, tudo a um só tempo. Todo ato de memória é também certa afirmação da pessoa. Não é justo definir a memória como uma função única, nem como uma função simples:

Para o filósofo francês Bergson existem dois tipos de memória: a memória-hábito; e a memória pura ou memória propriamente dita. Segundo ele: A memória-hábito é um automatismo psíquico que adquirimos pela repetição contínua de alguma coisa, como, por exemplo, quando aprendemos alguma coisa de cor. A memória é uma simples fixação mental conseguida à força de repetir a mesma coisa. Aqui, basta iniciar um gesto ou pronunciar uma palavra, para que tudo seja lembrado automaticamente: recito uma lição, repito movimentos de dança, freio o carro ao sinal vermelho, piso na embreagem para mudar a marcha do

²¹ A distinção entre lembrança e recordação aqui é pensada de acordo com Chauí (2000: 130), que afirma que quando lembramos espontaneamente isso é lembrança e quando fazemos um esforço para evocar a lembrança isso é recordação.

carro, risco uma palavra errada que escrevi, giro a chave para a direita ou para a esquerda para abrir uma porta, etc. Todos esses gestos e essas palavras são realizados por nós quase sem pensarmos neles ou até mesmo sem pensarmos neles. O automatismo psíquico se torna um automatismo corporal. A memória pura ou a memória propriamente dita é aquela que não precisa da repetição para conservar uma lembrança. Pelo contrário, é aquela que guarda alguma coisa, fato ou palavra únicos, irrepetíveis e mantidos por nós por seu significado especial afetivo, valorativo ou de conhecimento (Chauí, Op.Cit: 129).

Memória é tudo aquilo do que uma pessoa se lembra como também sua capacidade de lembrar. Como se percebe, anteriormente, na mitologia grega, a memória era uma deusa, Mnemosyne, que, unida a Zeus, gerou as nove musas, divindades responsáveis pela inspiração poética.

Fisicamente, é o processo de aprender, armazenar e recordar uma informação. Memória não é História. A memória trabalha com o vivido, o que está presente no grupo, enquanto a história trabalha e constrói uma representação. Memória não representa um depósito de tudo o que nos aconteceu. A memória é, por excelência, seletiva. A questão da memória e de como essa memória muda a partir das novas experiências de vida dos sujeitos sociais foi intensamente analisada por Ecléa Bosi em *Lembranças de Velhos* que prevalece em sua análise é que “lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado” (Bosi, 1998:17).

Assim, os cientistas sociais procuram trabalhar cautelosamente quando encontram definições que afirmam ser a memória a persistência do passado. Pois a memória consiste apenas numa maneira muito particular de o passado persistir.

Faz-se necessário perceber, portanto, que a relação entre memória e história e suas diferenças tem se colocado como uma questão central no debate da história oral.

Segundo Chauí (2001), do ponto de vista da teoria do conhecimento, a memória possui as seguintes funções:

- retenção de um dado da percepção, da experiência ou de um conhecimento adquirido;
- reconhecimento e produção do dado percebido, experimentado ou conhecido numa imagem, que, ao ser lembrada, permite estabelecer uma relação ou um nexos entre o já conhecido e novos conhecimentos;

- recordação ou reminiscência de alguma coisa como pertencente ao tempo passado e, enquanto tal, diferente ou semelhante a alguma coisa presente;
- capacidade para evocar o passado a partir do tempo presente ou de lembrar o que já não é, por meio do que é atualmente.

Por essas funções, a memória é considerada essencial para a elaboração da experiência e do conhecimento científico, filosófico e técnico. Por esse motivo, Aristóteles escreveu, na *Metafísica*: “É da memória que os homens derivam a experiência, pois as recordações repetidas da mesma coisa produzem o efeito duma única experiência” (Chauí, Op.Cit: 129).

A memória é retenção. É graças à lembrança e à prospecção que o conhecimento filosófico, técnico e científico pode elaborar a experiência e alcançar novos saberes e práticas. Graças à memória, somos capazes de lembrar e recordar. As lembranças podem ser trazidas ao presente tanto espontaneamente, quanto por um trabalho deliberado da consciência pessoal. Lembra-se espontaneamente quando, por exemplo, diante de uma situação presente, vem à lembrança alguma situação passada. Recordar-se quando se faz esforço para lembrar.

Acredita-se aí estar o papel do pesquisador das ciências humanas e sociais. Seria esse o papel de provocador das lembranças dos atores sociais, não raras vezes esquecidos nas produções científicas oficiais, quer seja da História ou da Sociologia, ou até mesmo das ciências da saúde, nas quais a memória tem importância primordial para a realização da anamnese do paciente. A memória é, pois, inseparável do sentimento do tempo ou da percepção/experiência do tempo como algo que escoou ou passa.

A importância da memória não se limitava à poesia e à História, mas também aparecia com muita força e clareza na Medicina dos antigos. Um aforismo, atribuído a Hipócrates, o pai da Medicina, dizia: “A vida é breve, a arte é longa, a ocasião escapa, o empirismo é perigoso e o raciocínio é difícil. É preciso não só fazer o que convém, mas também ser ajudado pelo paciente” (Chauí, Op.Cit: 129).

Qual a ajuda trazida pelo paciente para a arte médica? Sua memória. O médico antigo praticava com o paciente a anamnese, isto é, a reminiscência. Por meio de perguntas, o médico fazia o paciente lembrar-se de todas as circunstâncias que

antecederam o momento em que ficara doente e as circunstâncias em que adoecera, pois essas lembranças auxiliavam o médico a fazer o diagnóstico e a receitar remédios, cirurgias e dietas que correspondiam à necessidade específica da cura do paciente.

Além de imortalizar os mortais e de auxiliar a arte médica, para os antigos a memória ainda possuía outra função. A memória desses sujeitos apresenta histórias de vida marcadas pela construção social. Diante do quadro de modernização da sociedade, enfrentamos a questão da urbanização que, por sua vez, trouxe consigo elementos transformadores na configuração do processo cultural dos povos de comunidades rurais.

Trata-se de narrativas que remetem à “dor da perda”, mas apontam aspectos de uma experiência vivida que a história oficial deixou de contar. São muitas as narrativas que condensam aspectos da memória individual, da memória coletiva e também da memória oficial. A memória popular apresenta a sociedade de uma perspectiva diferenciada. Mas segundo Michel Pollack (1989), ao se privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância das memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à memória oficial, no caso, à memória nacional.

Como bem observou Maria Célia Paoli:

O reconhecimento do direito ao passado está, portanto, ligado intrinsecamente ao significado presente da generalização da cidadania por uma sociedade que evitou até agora fazer emergir o conflito e a criatividade, como critérios para a consciência de um passado comum. Reconhecimento que aceita os riscos da diversidade, da ambiguidade das lembranças e esquecimentos, e mesmo das deformações variadas das demandas unilaterais. Arrisca-se a encontrar as solicitações por uma memória social que venham baseadas em seu valor simbólico, mesmo que sejam locais, pequenas, quase familiares. Não teme restaurar e preservar o patrimônio edificado sem pretender conservar o "antigo" ou fixar o "moderno". Orienta-se pela produção de uma cultura que não repudie sua própria historicidade, mas que possa dar-se conta dela pela participação nos valores simbólicos da cidade, como o sentimento de "fazer parte" de sua feitura múltipla (Paoli, 1992:02).

Em síntese, o estudo dessas memórias dos foliões, devotos e festeiros das Folias de Reis de João Pinheiro torna-se relevante na medida em que se reconhece que as diferentes versões da construção das identidades não se resumem à exclusividade da memória oficial; muito pelo contrário, os habitantes dos bairros das cidades ou da região que foram

atingidos pelas construções de estradas, usinas, mineradoras, ou até mesmo da invasão da expansão das fronteiras agrícolas no processo de modernização brasileira e, na condição de sujeitos históricos, ao longo desses anos vêm (re)elaborando suas memórias, mostrando-se capazes de reinterpretar, enfrentar e negar a noção de história construída pela perspectiva oficial.

Ao (re)visitar a memória dos foliões, torna-se perceptível o quanto as paisagens, os espaços, os “causos”, enfim, as experiências de vida se mantêm presentes entre essa população. A cada fala, a cada gesto dessas pessoas perpetuam-se traços desse passado recente. A explicação oficial não conseguiu calar as vozes desses sujeitos, o que torna a memória resistente e por isso ativa. Desse modo, tais indícios sinalizam que o trabalho com as fontes orais pode possibilitar a retomada de memórias que foram ocultadas, possibilitando ao cientista social uma nova produção voltada para a cultura e a arte popular.

A memória é também fundamental para a (re)construção das identidades e do patrimônio cultural. Para Bosi (2003:15), “Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições e que existe a transmissão de valores de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura”. Destaca as contribuições da memória na construção/reconstrução da cultura e no repasse das tradições.

Memória, identidade, cultura, bens culturais, patrimônios culturais... Dessa forma, os diversos grupos possuem liberdade para organizar a sua vida segundo a sua cultura e visão de mundo. Por isso, precisam ser respeitadas e valorizadas. A Constituição Brasileira, em seu artigo 215 e 216 reza que:

Art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Parágrafo 1º - O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

Parágrafo 2º - Cabe à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dele necessitem.

Parágrafo 3º - A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

Parágrafo 4º - Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos na forma da lei.

Parágrafo 5º - Ficam tombados todos os documentos e sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

A Carta Magna atualiza o conceito de Patrimônio Cultural ao englobar obras arquitetônicas, urbanísticas e artísticas de grande valor material, e também as manifestações de natureza “imaterial”, tais como as festas, tradições, saberes, fazeres, crenças, religiosidade e as diversas formas do fazer humano, sendo essas, importantes na construção/reconstrução das identidades sociais.

Londres (2004: 21) define patrimônio como tudo aquilo que criamos, valorizamos e queremos preservar: constitui-se dos monumentos e obras de arte, mas incluem também festas, músicas, danças, comidas, saberes, fazeres, crenças, folguedos, falares, percebendo as diversas formas de produção humana, seja ela através das mãos, das ações, ideias, crenças, fantasias, sonhos. Nessa perspectiva, tudo aquilo que se produz na cultura, seja de ordem material ou imaterial, constitui o nosso universo patrimonial. A definição do conceito de Patrimônio, tal como o de cultura é polissêmico:

O patrimônio cultural de um povo de um povo compreende as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido a vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças os lugares e os momentos históricos, a cultura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas (Brasil, IPHAN, 2000: 275).

A valorização do Patrimônio Cultural é um fator de grande relevância na reconstrução das identidades culturais. Ele é composto de bens culturais, sendo esses de

natureza material, imaterial e natural. Para o IEPHA²², a importância do patrimônio cultural para as pessoas consiste em:

A cultura e a memória de um povo são os principais elementos de sua de identidade, os responsáveis pelos elos que unem as pessoas em torno de uma noção comum, base para o senso de cidadania. O patrimônio cultural materializa e torna visível esse sentimento evocado pela cultura e pela memória e, assim, permite a construção das identidades coletivas, fortalecendo os elementos das origens comuns, passo decisivo para a continuidade e a sobrevivência de uma comunidade. Além desse aspecto de construção de identidade, a noção de patrimônio cultural diz respeito à herança coletiva que deve ser transmitida às futuras gerações, de forma a relacionar o passado e presente, permitindo a visão do futuro, dentro do conceito de desenvolvimento sustentável.

Refletir sobre o patrimônio cultural e os bens culturais é importante para se perceber quais os elementos, lugares, objetos, tradições, festejos, folguedos, saberes e fazeres contribuem para a construção/reconstrução da identidade cultural de um grupo, de uma cidade, um país. Portanto estudar as Folias de Reis em João Pinheiro é colaborar para a construção/reconstrução da identidade local.

²² O Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG.

CAPÍTULO 2

ETNOGRAFANDO AS FOLIAS DE REIS NO MUNICÍPIO DE JOÃO PINHEIRO (MG)

2.1 A origem das Folias de Reis

O presente capítulo tem por objetivos investigar as possíveis origens das Folias de Reis, assim como a sua trajetória histórica até sua cristalização na sociedade católica brasileira. Parte do seguinte questionamento: como se originaram as Folias de Reis? Onde? Quando? Como foram transplantadas para a cultura brasileira?

Estabelecer uma origem para as Folias de Reis brasileiras não é tarefa fácil, a começar pela dificuldade de conceituação das mesmas, como observou a pesquisadora Yara Moreyra (1983: 136):

O problema da conceituação de Folia vem da aplicação da palavra a situações diversas e, em princípio, até conflitantes. Mas sempre há um fator de unidade que - por mínimo que seja - estabelece um relacionamento entre a manifestação original e suas variantes. E assim, podemos pensar em Folia como um encadeamento que nos levará do renascimento europeu ao carnaval brasileiro.

Muitas culturas e muitos povos possuem o mito da chegada de um Messias, um arauto de um mundo novo. Na cultura ibérica, manifesta-se principalmente no ciclo natalino e nas comemorações da epifania; entretanto, por meio dos estudos de Ferreira (2002) pode-se associar o começo dessa crença anterior à difusão do Cristianismo. De acordo com a referida autora, essa origem pode ser percebida nos cultos e nas festas pagãs.

Para Ferreira (2002), as folias remontam as festas de fundo religioso na antiga capital do Império Romano estavando ligadas aos rituais agrários e aos dos solstícios. Com a aproximação do solstício de inverno comemorava as chamadas *Saturnálias*²³:

²³ As *Saturnálias* eram uma antiga festividade da religião romana dedicada ao templo de Saturno e à mítica Idade de Ouro. Era celebrada todos os 17 de Dezembro. Ao longo dos tempos, foi alargada à semana

festejos em tributo ao Deus Saturno. Estas divindades estavam associadas ao “conhecimento das artes e particularmente da agricultura e do uso da moeda (Kodama, 2009)”, bem como:

[...] era o portador da ciência sagrada. Após os ensinamentos de Saturno, os homens conquistaram a *áurea aetas*, isto é, a Idade do Ouro, passando a viver em *pace e tranquilla operosità, senzaguerre e conflitte sociali*, pois não havia diferenças entre classes sociais. (Ferreira, 2000:123).

Segundo (Kodama, 2009: 102),

Na narrativa do mito de Saturno, o deus permanece com os homens por um período e, posteriormente, desaparece. Com esse desaparecimento, também desapareceu a “Idade do Ouro”. Por isso, as festividades que comemoravam Saturno estão vinculadas às crenças de seu retorno, juntamente com o tempo de prosperidade e paz atrelada ao deus. Seu culto era muito difundido entre os romanos, sua invocação e comemorações festivas aconteciam entre o que são hoje os dias 17 até 23 de dezembro. Compreendia as festividades das *saturnálias* uma parte sagrada que acontecia no interior dos templos e outra profana, em que um banquete coletivo era realizado. Trocavam-se presentes e programavam-se atividades lúdicas com danças e jogos de azar; também as atividades proibidas eram liberadas juntamente com a subversão da ordem social. Outra comemoração vinculada aos romanos que ecoa nas tradições dos ibéricos foram as festividades ao deus Jano: seu nome é associado ao mês de janeiro, deus com duas faces, uma voltada para o passado, a outra para o futuro. Com o passar do tempo, essas festividades foram incorporadas e vinculadas ao solstício de inverno e aos cultos à fertilidade da terra, principalmente as relacionadas à cultura celta.

Para a autora, a crença e difusão dessas festas e comemorações impregnaram-se na cultura romana e adjacências e, mesmo após a expansão do cristianismo, os povos

completa, terminando a 23 de Dezembro. As *Saturnálias* tinham início com grandes banquetes, sacrifícios, às vezes orgias; os participantes tinham o hábito de saudar-se com *Saturnalia*, acompanhado por doações simbólicas. Durante estes festejos vinha subvertida a ordem social: os escravos podiam considerar-se temporariamente homens livres, e como tal podiam comportar-se; vinha eleito, a sorte, um princeps - uma espécie de caricatura da classe nobre - a quem se entregava todo o poder. Na verdade a conotação religiosa da festa prevalecia sobre aquela social e de "classe". O "princeps" vinha geralmente vestido com uma máscara engraçada e com cores chamativas, dentre as quais prevalecia o vermelho (a cor dos deuses), e podia recordar o nosso Papai Noel. Era a personificação de uma divindade do mundo subterrâneo, da identificar às vezes com Saturno, às vezes com Plutão, responsável pelas almas dos defuntos, mas também protetora das campanhas e das colheitas. Em época romana se acreditava que tais divindades, saídas das profundezas do solo, vagassem em cortejo por todo o período invernal, isto é, quando a terra repousava e era inculta por causa das condições atmosféricas. Deviam então ser aplacadas com a oferta de presentes e de festas em sua honra e, além disso, induzidas a retornar ao além, onde teriam favorecido as colheitas da estação estiva. Se tratava, em suma, de uma espécie de longo "desfile de carnaval". Disponível em: (<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Saturn%C3%A1lia>>. Acesso em: 20 jul. 2010.

catequizados mantiveram seus festejos vinculados às crenças locais e profanas em seu calendário, independente das fortes censuras e proibições da nova Igreja. Para ampliar esse controle e proibições, algumas comemorações da liturgia cristã e suas festas foram deslocadas para o período que antecede a quaresma, vinculando-as ao que hoje é denominado de ciclo natalino ou epifania. (Kodama, 2009)

No entanto faz-se mister evidenciar que, nos primeiros tempos do cristianismo, não havia um calendário organizado previamente para as comemorações dos eventos bíblicos como o nascimento de Jesus, a visita dos três Reis Magos ao filho de Deus; elas aconteciam em diferentes épocas. “Foi o Papa Julio I, em 367 d.C. quem unificou o calendário cristão e fixou a data de 25 de dezembro para a festa do nascimento de Cristo e o dia 6 de janeiro para celebração e adoração dos Reis Magos. Essas datas estão muito próximas das comemorações vinculadas aos cultos pagãos que permaneceram na Europa, reminiscências das festas de solstícios, das comemorações *januais*²⁴ e das *saturnálias* e, independente do controle, a Igreja cristã incorporou em seu calendário festas que remetiam ao passado e às tradições dos povos europeus e asiáticos”(Kodama, op.cit.:103).

Ainda de acordo com a mesma autora, foi no período que ocorreu

a estruturação, consolidação e interpretação da doutrina cristã, de forma mais acentuada no medievo, que muitas crenças pagãs e a visão mística do povo se entrelaçaram, se incorporaram e adentraram em textos bíblicos, fazendo surgir uma prática conhecida como catolicismo profano, que confrontou o catolicismo romanizado²⁵ atrelado aos dogmas de Roma. Aparecia, desta forma, um “hibridismo”²⁶ religioso que permanece até a atualidade (Kodama, op.cit.:103).

²⁴ Festas celebradas em honra de Jano, em Roma, no dia 1 de janeiro.

²⁵ O processo de romanização tinha como meta restaurar o prestígio da Igreja Católica e a ortodoxia dos fiéis e formar um clero zeloso e exemplar, por meio do qual as crenças e as práticas religiosas se moldassem à fé católica apostólica e romana, e principalmente substituir o catolicismo popular.

²⁶ O termo Hibridismo neste texto é usado a partir dos pressupostos emitidos por Garcia Canclini “[...] entendendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam *de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridações, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras. Também presente nas considerações de Peter Burke “[...] o termo ‘hibridismo’ aparece com frequência em estudos pós-coloniais, na obra de Edward Said, por exemplo. “[...] todas as culturas estão envolvidas entre si]” escreve Said a respeito de nossa situação atual, “nenhuma delas é única e pura, todas são híbridas, heterogêneas. Embora ele trate o termo com mais ambivalência, ou melhor, enfatiza sua ambivalência, a idéia de hibridismo também é central na obra de Homi Bhabha” (Burke, 2003).*

Esses eventos sinalizam para o surgimento das muitas crenças e práticas encontradas nas festas natalinas ou janeiras²⁷, como a troca de presentes, as ceias e almoços próprios desse período, assim como o costume de pedir “Ano Bom” em muitas localidades no dia primeiro do ano. Nas Folias de Reis, a tradição de pedir aos Santos Reis proteção para as colheitas e prosperidade, e a de se preparar e iniciar as festividades do reisado a partir do dia 25 de Dezembro e encerrá-las até o dia 6 de Janeiro remonta a essas festividades do passado pagão²⁸ europeu.

Segundo (Kodama, op.cit.:104),

a Igreja, desde seus primórdios, principalmente no período Medieval, utilizou o teatro e a encenação dos episódios bíblicos como forma de catequização. Portanto, os autos da natividade com a presença dos Reis Magos já figuravam nessa prática. Originariamente apresentados em latim, paulatinamente passaram a ser apresentados nas línguas nativas, como forma de intensificar a catequização. Do mesmo modo, deixaram de ser representadas somente as narrativas com os personagens da natividade e ampliaram a dramaturgia com a presença dos pastores, da estrela, o anúncio aos Reis pelo anjo, a viagem de ida e volta dos Reis, a fuga de Herodes, a oferta dos presentes. Enfim, o texto bíblico podia ser representado completo, desde as profecias do Antigo Testamento até os relatos da natividade do Novo Testamento, como: Isaías IX, 6 e 7; Isaías XI 1-10; Miquéias V, 1-5 (Antigo Testamento) e Lucas I, 26-38; Lucas I, 39-45; Lucas II, 1-20 e Mateus II, 1-12 (Novo Testamento). Nos textos bíblicos, os Reis podem ser encontrados como sendo Magos, como aparece em Mateus. Também a oferta dos presentes pode estar associada ao verso do Salmo 71 (10 — “[...] os reis da Arábia e de Sabá lhe trarão presentes 11 — E adorá-lo-ão todos os reis da terra”). Nesse contexto dos

²⁷ Em Portugal cantam-se as Janeiras, a 6 de Janeiro, no Dia de Reis e, no mesmo dia, cantam-se em Espanha os *Villancicos*, geralmente acompanhados por pandeiretas e castanholas. As Janeiras ou cantar as Janeiras é uma tradição em Portugal que consiste na reunião de grupos que se passeiam pelas ruas no início do ano, cantando de porta em porta e desejando às pessoas um feliz ano novo. Ocorrem em Janeiro, o primeiro mês do ano. Este mês era o mês do deus Jano, o deus das portas e da entrada. Era o porteiro dos Céus e por isso muito importante para os romanos que esperavam a sua protecção. Era-lhe pedido que afastasse das casas os espíritos maus, sendo especialmente invocado no mês de Janeiro. Era tradição que os romanos se saudassem em sua honra no começar de um novo ano e daí derivam as Janeiras. A tradição geral e mais acentuada, é que grupos de amigos ou vizinhos se juntem, com ou sem instrumentos (no caso de os haver são mais comuns os folclóricos: pandeireta, bombo, flauta, viola, etc.). Depois do grupo feito, e de distribuídas as letras e os instrumentos, vão cantar de porta em porta pela vizinhança. Terminada a canção numa casa, espera-se que os donos tragam as janeiras (castanhas, nozes, maçãs, chouriço, morcela, etc. Por comodidade, é hoje costume dar-se chocolates e dinheiro, embora não seja essa a tradição). No fim da caminhada, o grupo reúne-se e divide o resultado, ou então, comem todos juntos aquilo que receberam. As músicas utilizadas são por norma já conhecidas, embora a letra seja diferente em cada terra. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Janeiras>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

²⁸ O termo pagão, ou festas pagãs, é atribuído, na antiguidade, ao sentimento religioso de se oferecer dádivas aos deuses como súplica para se obter ou agradecer suas benesses. Ainda, ato de purificar um local sagrado (expição). Após a introdução do cristianismo, pagãos eram considerados todos aqueles que tinham práticas religiosas não vinculadas ao catolicismo romano ou os não batizados.

textos bíblicos, foram incorporados tipos e figuras pertencentes ao povo e fatos do cotidiano das aldeias, bem como os grandes personagens e acontecimentos da história.

Países como França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Itália, Espanha e Portugal, entre outros, festejam os Reis Magos. Em alguns desses países, principalmente os ibéricos, a Festa de Reis possui maior importância do que o próprio Natal; é no dia seis, que os presentes são trocados, visitas aos parentes realizadas, fartos banquetes preparados e, nas igrejas, suntuosas celebrações realizadas. Essas festividades, em Portugal, também estão vinculadas ao Mito do Sebastianismo.

Surgido no século XVI em Portugal, o mito de D. Sebastião está associado à volta de uma época farta, próspera e de paz entre todos. Duas comemorações festivas populares associam-se à crença desse mito messiânico: a Folia do Divino (ou Festa do Divino) e a Folia de Reis (ou Festa de Reis). Ambas as folias incorporam características do “espírito do sebastianismo”, e são, ainda, praticadas em Portugal. Nelas estão presentes crenças na fartura, proteção para as colheitas e para as famílias, a chegada de uma espiritualidade positiva – um pacto com o sagrado é elaborado – o compartilhar um banquete com o outro, a subversão de uma ordem de poder onde é coroado um membro do povo, e, assim, se faz renascer a certeza de que as solicitações serão atendidas e que um mundo melhor será desencadeado. Esse imaginário derivado do Sebastianismo fica extremamente presente nas Festas de Reis de João Pinheiro, nas quais a preocupação com a fartura se torna imperativa na realização dos festejos. Outro indicador desse mito é a realização de inúmeras Festas de Reis no dia 20 de Janeiro (Dia de São Sebastião). Para Oliveira Martins, na sua *História de Portugal*, o sebastianismo é relacionado aos momentos de crise: “[...] o Sebastianismo é uma prova póstuma da nacionalidade. Na hora das agonias derradeiras, os soluços violentos do povo traziam aos lábios a voz íntima, e proferiam de um modo eloquente e altissonante o pensamento natural orgânico” (Oliveira Martins, 1951:373).

Antero de Figueiredo, no seu livro *D. Sebastião: rei de Portugal* ressalta essa ideia da relação entre os momentos de crise e a esperança messiânica:

O “sebastianismo” é um estado de sentimento saudoso de alguém que puramente viveu e procedeu no ideal de pátria. “O messianismo” é uma disposição de espírito obcecadamente confiante na acção poderosa de um ser eleito que, surgindo, tudo organize e salve. Sempre o “sebastianismo” e o “messianismo” aparecerão nas horas depressivas e desesperadas deste pequenino Portugal [...] (Figueiredo, 1925: 442).

O sebastianismo é, sem dúvida, uma forma ou manifestação do fenômeno messiânico. Nele, percebe-se a presença de forte sentimento coletivo, capaz de esmagar ou superar a tragédia da vida, os sofrimentos e as injustiças, e de opor a isso a esperança de uma vida melhor, plena de felicidade, riqueza e paz social. O mito do Sebastianismo pode explicar a característica messiânica das Folias de Reis brasileiras e, em específico, as de João Pinheiro, que acreditam ter recebido de Deus a função de evangelizar, de resolver os problemas de saúde e demais mazelas dos devotos.

Pode-se então afirmar que as origens dionisíaca, janual, saturnal e sebastianista são revividas no Espírito Consolador do Divino Espírito Santo e dos Três Reis. Os Reis Magos são considerados os primeiros santos do cristianismo e a sua santificação é atribuída ao encontro com o Divino (Menino Deus). Foram santificados pela esperança, pelo contato com a renovação, embora nunca tenham sido aceitos como santos oficiais na Igreja Católica, essa santificação contradiz a pregação da Igreja romanizada, que atribui a salvação e a redenção dos pecados ao sangue derramado por Cristo em sua crucificação, assim como ao martírio e morte dos Santos.

A devoção aos Reis segue o imaginário popular desde o início da expansão do pensamento cristão, sempre acoplada à redenção pela vida. Portanto, ao longo dos tempos, as celebrações populares que comemoravam a vida através das festas pagãs foram incorporadas à liturgia da Igreja romanizada. O ciclo natalino possibilitou a transferência das festas de tradições populares para a liturgia oficial.

Desse modo, o presépio acaba sendo uma encenação dos fatos bíblicos através da disposição visual de seus personagens. A montagem e desmontagem dos personagens desencadeiam em muitas comunidades um momento de agregação e muitos rituais são mantidos. A origem do presépio é atribuída a São Francisco de Assis (1181/82 – 1226).



Figura 1: Presépios da Folias de Reis em João Pinheiro.

Fonte: Fotos feitas pela pesquisadora em janeiro e fevereiro de 2010

Em muitas comunidades onde o presépio é armado, mantém-se um ritual de só colocar o menino Jesus no presépio no dia 25 de dezembro e todas as figuras são dispostas indo para a cena do nascimento. Após o dia primeiro, os Reis Magos são colocados próximos à cena do nascimento. E, em janeiro, os Reis são colocados na gruta e o presépio é desarmado nos dias subsequentes.

Essas tradições possuem variações nas comunidades, mas todas as crenças atribuem o dia 6 de Janeiro ao dia de se fazer “simpatias” para obtenção de bens materiais, para proteção da casa e das lavouras. Dentre estas, duas práticas são comuns: a de se escrever o nome dos reis num papel branco e colocar nas portas da residência, pedindo proteção e prosperidade e a de se chupar três grãos de romãs ao meio dia, pedindo aos Três Reis – Baltazar, Gaspar e Melchior – fartura e dinheiro durante o ano. As sementes devem ser guardadas dentro das carteiras durante todo o ano, sendo trocadas no ano seguinte por outras. No imaginário popular, esse gesto garante que não faltará dinheiro na carteira que contiver as sementes.

2.2 A Folia de Reis em perspectiva histórica

Muitos estudiosos da cultura se esforçam para entender o porquê do culto aos Reis Magos²⁹, assim como é grande o esforço também para explicar o quanto essa devoção cresceu e se desenvolveu em torno de um pequeno relato de um dos quatro evangelistas, São Mateus. Em poucos versículos, o apóstolo contou a saga dos misteriosos personagens:

Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, e perguntaram: Onde está o recém-nascido rei dos Judeus? Pois viemos prestar-lhe homenagem. Quando ouviu isso, o rei Herodes ficou perturbado e, com ele, toda Jerusalém. Tendo reunido todos os sacerdotes-chefes e mestres da lei, perguntava a eles onde o Cristo deveria nascer. Em Belém de Judá, responderam eles, pois assim foi escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menos importante dentre as sedes distritais de Judá, porque é de ti que sairá o chefe que guiará Israel, meu povo. Então, Herodes chamou os magos para uma reunião secreta, e investigou o tempo exato do aparecimento da estrela. Mandou-os, então, a Belém, recomendando: Ide. Informai-vos cuidadosamente acerca do menino, e comunicai-me tão logo o encontrardes, para que eu também vá prestar-lhe homenagem. Depois que o rei assim lhes ordenou, partiram. E sucedeu que a estrela – que tinham visto no Oriente – os precedia, até que foi parar sobre o lugar onde se achava o menino. Quando viram a estrela, sentiram uma grandíssima alegria. Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe e prostrados, lhe prestaram homenagem. A seguir, abrindo seus cofres, ofereceram-lhe de presente ouro, incenso e mirra. Avisados por Deus em sonho, para que não voltassem para junto de Herodes, regressaram a seu país por outro caminho (Mateus 2,1- 12).

Instigantemente, os pesquisadores tentam responder como, com tão poucas informações, pôde-se criar um culto devocional de tamanhas proporções e de tão complexos ritos? Nenhum outro evangelista ocupou-se em escrever sobre os Santos Reis. Atitude que pode ser explicável quando se recordam que o evangelho de Mateus tem por preferência de público os judeus (Mears, 1997). Portanto, a narrativa da visita dos Três Reis³⁰ é apenas um pressuposto para o cumprimento da profecia descrita no Salmo 72: 10-11: “Paguem-lhe tributo os reis de Tárzis e das ilhas; os reis de Sabá e de Seba ofereçam-lhe dons. Todos os reis se prostrem perante ele; todas as nações o sirvam”, com isso provaria para o povo judeu que Jesus Cristo era o salvador esperado que as profecias relatavam. Os demais evangelhos foram escritos com o objetivo de converter outros povos considerados “gentios”, não existindo, portanto, a necessidade de reafirmar o cumprimento de uma profecia dos judeus.

²⁹ Três Reis Santos, ou ainda Santos Reis.

³⁰ Nomeados por Mateus apenas de Magos do Oriente.

O que estranha e encanta os estudiosos da cultura é o fato de essa narrativa, que não encontra eco e nem respaldo em qualquer outro evangelho, acabou por criar o imaginário popular, uma das mais profusas venerações católicas. O fato de a Bíblia não narrar a trajetória dos Três Reis não foi o suficiente para sufocar o seu culto, pois a oralidade e os escritos dos evangelhos apócrifos cuidaram da instituição da adoração aos Santos Reis. Como explica Preguinho, padre e capitão de folia em João Pinheiro:

Justamente esta idéia de que Santos Reis não são santos é que não tem uma formulação, porque de onde veio Santos Reis? Na verdade na cultura judaica os Magos eram gente detestada, na verdade eles eram cientistas populares com algum estudo, muito mais que os judeus. Quer dizer os judeus olhavam tudo a partir da Bíblia da lei da Torá, o que não estivesse na lei não poderia existir e os Magos ele começaram a estudar o planeta, as estrelas, então era gente fora do judaísmo, gente que não estava ingressado lá dentro. Ora se eles não eles eram considerados nem pelos judeus, depois mais tarde nem pelos cristãos, porém foram eles que notaram, então foi uma grande crise no judaísmo quando eles começaram a estudar os astros que viu que tinha uma estrela diferente e eles foram em busca da estrela. Qual o fundamento daquela estrela? E aí coincidiu que foi o nascimento de Jesus né? Então como a Folia de Reis, segue a luz da estrela né? Então ela também se dá fora, fora do contexto judaico. E justamente foi na Ásia Menor que surgiu e a história da folia que é uma coisa espalhada não só no Brasil, mas é no mundo inteiro ela se deu com os ciganos, o povo cigano que começou então a contar a história do nascimento de Jesus, tanto é verdade que se você olhar a bandeira de Santos Reis e a roupa de um cigano é a mesma coisa são as fitas e... né?³¹

A origem mítica da Folia de Reis e dos Reis Magos apareceu em praticamente todas as entrevistas gravadas em João Pinheiro. Muitos foliões conhecem a história bíblica do nascimento de Jesus que circula na oralidade, a qual é repassada, por meio desta, de pai para filho. Embora sem referências geográficas, o capitão da Folia do Café do Amigo, João Rodrigues de Paiva, relata a sua versão para explicar a existência dos Reis Magos e a origem das Folias de Reis:

O Três Reis é o seguinte, naquela época, eles eram pastoreiros das ovelhas do pai eterno, mas eles nunca foram batizados, eles nunca dependeram do batizado, eles tinha aquele pensamento que um dia ia vir um governador do mundo. Eles pensavam, porque cada um deles é dum estado, um num estado, outro noutro, outro noutro, eles pensavam que lá um dia ia vir um governador do mundo, e eles ficava naquela pensando

³¹ Geraldo Martins da Mota, Padre Preguinho, 44 anos de idade, padre e capitão de folia em João Pinheiro. Entrevista gravada em 10/03/2009.

pastoreando as ovelhas que era os carneirinhos, para você ver o carneirinho. Aquilo é o bichinho melhor de mexer com ele. Mas quando veio o nascimento eles foram avisados, eles estavam dormindo, o anjo do Divino Espírito Santo veio e avisou a eles. Falou Jesus nasceu em Belém! E eles não sabiam um do outro, e cada um deles saiu do estado, saíram cada um pegou o seu caminho montado no seu camelo e viajaram e numa encruzilhada eles encontram os três. Aí eles foram saber um do outro qual era o sentido deles, que eles estavam fazendo aí eles falou nós vamos a lapinha adorar a Jesus Menino que nasceu. Então vamos, juntou os três. Ai eles viajaram, foi viajando , olhando a Estrela da Guia. Quando eles chegaram numa cidade a Estrela da Guia apagou aí eles ficou pasmado, parado, eles seguiram e foram parar no palácio do Rei Herodes. Quando eles chegaram no palácio do Rei Herodes. Herodes bateu o olho neles assim, falou mas o que vocês está fazendo? Ai eles falou nós vamos adorar o Rei dos Judeus. Ai o Rei Herodes pasmou, né? Então você vai e volta e passa por aqui e me comunica que eu também quero ir adorar Quanto eles foi saindo a Estrela da Guia iluminou para eles, na frente o anjo veio e avisou, ele falou não volta pelo caminho. Tanto que a Folia não pode voltar pela mesma estrada. Aí eles seguiram foi viajando até que chegou na lapinha. Quando eles chegou na Lapinha, Jesus estava debaixo de uma lapa de pedra, em cima de uma caminha de capim , eles chegou³².

O narrador Senhor João Paiva continua explicando a origem mitológica das Falias da Reis por meio da atitude dos Três Magos:

Aí o Rei Belchior, é aquele preto, chegou foi lá, fez a adoração dele, voltou. Gaspar foi e fez a dele e voltou, Baltazar foi fez e voltou. Ai eles eram rei, né tinham muito dinheiro. Aí eles falou com a mãe dele a Vigem Maria, ofereceu ele riqueza, o Menino agradeceu e disse: Eu amo a pobreza. Aí eles perguntou a mãe dele, a Virgem Maria, como eles iam fazer para seguir o menino? Aí ela falou ó vocês pegam a riqueza que você tem e dá tudo para quem precisa. Aí nós vai arrumar, nos vai sair na folia, vai pedindo as esmolas assim como ele fizeram. Naquele momento eles mandaram gente esparramar a riqueza deles tudo com que precisava. Logo São José já foi cuidar, fez os instrumentos, pintou a bandeira arrumou tudo. Tanto que quem pôs a mão em Jesus primeiro de tudo foi os Três Reis, nem a mãe Dele não pôs a mão Nele enquanto o Três Reis não pôs. Quando estava tudo prontinho, o Rei Belchior pegou Ele e veio , pegou e entregou ao Gaspar, O Gaspar pegou e passou para o Baltazar. Baltazar pegou e entregou nos braços da mãe Dele. Na hora que eles entregaram, aí eles saíram cantando a folia e pedindo a esmola, saíram cantando e pedindo a esmola. Por exemplo, eles passavam aqui e cantava aqui...aqui eles já falavam com o Vicente você passa a mão nas ferramentas e vai embora, vai fazer a igreja. Eles saíram e deixou a colocação da igreja prontinha, para fazer a igreja, sabe? Eles andaram do dia vinte cinco até o dia cinco de Janeiro. Quando, nos dias que eles chegaram a igreja já estava pronta. Agora você pensa tudo feita de

³² João Rodrigues de Paiva, 74 anos de idade, aposentado. Entrevista gravada em 12/12/2007.

*ferramenta, fez tudo! Aí eles fizeram a festa, chegou entregou o giro da folia, aí eles foram marcar, combinar o dia da festa de coroação dele, né?*³³

Tudo indica que os Três Reis são originários da antiga Pérsia, pois os sacerdotes persas eram chamados de magos. Porém, a palavra oriente, naquela época, poderia significar tanto a Arábia, como a Mesopotâmia, a Babilônia ou a Pérsia. A tradição oral posterior ainda levantou a hipótese de que viessem da Grécia (Europa), da Índia (Ásia) e do Egito (África), representando os três continentes conhecidos.

Nem mesmo sobre o número dos reis existe um consenso, tudo leva a crer que eram três, devido ao número de presentes dados: ouro, incenso e mirra. Para os Padres da Igreja, simbolizavam a realeza (o ouro), a divindade (o incenso) e a paixão (a mirra) de Cristo. Quanto aos nomes, chegou-nos como sendo Gaspar, Melchior (ou Belchior) e Baltazar (ou Baltasar).

Guérios (1994) afirma que esses nomes só começaram a aparecer a partir do século VIII. As histórias orais dizem que os magos foram depois batizados por Tomé. O mesmo autor faz referência à etimologia dos supostos nomes dos magos: Gaspar, persa: Kandswar: "tesoureiro"?; Baltazar, assírio-babil, "o deus Baal" projeta (shar) o rei (usur); e Melquior, hebr. Malkiur: "meu (i) rei (malk) é luz (ur)".

A pesquisadora Ana Cristina de Almeida Sonza, em sua dissertação de mestrado, que investigou a presença dos velhos nas folias de Patos de Minas, afirma que:

No que diz respeito ao nome de cada um dos Três Reis Magos, eles representam virtudes cristãs. "Gaspar" significa "aquele que vai inspecionar" e em suas vestes há um manto de cor amarela, por ter ofertado ouro ao Menino Jesus. Já "Melquior", ou "Belquior", significa "meu Rei é Luz" e em suas vestes há um manto de cor verde ou roxa, o qual simbolizava a esperança, a fé e simplicidade, pois ofertou incenso ao Menino Jesus, o que caracterizava Jesus como verdadeiro Deus. Por fim, "Baltazar" que representa "Deus manifesta o Rei", tem em suas vestes um manto vermelho. Ofereceu mirra ao Menino Jesus para simbolizar seu reconhecimento como verdadeiro homem. (Sonza, 2006: 54).

Ainda em relação ao significado dos nomes dos Três Reis Magos, Bezerra (2006:22) explica que

³³ Idem.

Gaspar, riquíssimo, doou ouro e veste manto amarelo. Baltazar ofereceu incenso, sinal que gostava de ser incensado, adulado; usa manto vermelho, símbolo psicológico do homem orgulhoso e vaidoso. Melquior, o humilde, usa o símbolo da humanidade de Jesus, ofereceu mirra; usa manto roxo, e às vezes verde, simbolizando a esperança do povo por salvação.

A história do culto aos Santos Reis parece acompanhar a própria história do cristianismo. Muitos estudos teológicos fazem menções a desenhos dos Reis Magos ainda nas cavernas, local utilizado pelos primeiros cristãos para se esconderem das perseguições religiosas.

Durante o período conhecido como Idade Média,

Os padres insistiam em ilustrar alguns momentos da vida de Cristo melhor que por imagens e por isso proporcionavam aos fiéis autênticos quadros vivos. Por exemplo, a Adoração dos Magos no dia da Epifania. Nas catedrais, esse ritual da Epifania passou a revestir-se de um fausto muito especial desde que os cônegos começaram a celebrá-lo em forma de jogo cênico. Nesse dia, três cônegos envergavam uma daumática branca, o primeiro, encarnada, o segundo, e negra, o terceiro, cada um empunhava uma palma e tinha uma coroa dourada na cabeça. Eram seguidos pelos ajudantes que apresentavam oferendas em taças (Heers,1987:42).

A partir desse relato, podem-se observar os vestígios da origem festiva da Folia de Reis, ainda na Idade Média, época em que se utilizava uma vasta representação teatral para a encenação dos fatos relatados no contexto bíblico. Como observou Brandão (1985: 141-142):

dentro das igrejas medievais festejos do Ciclo de Natal foram solenes e demorados. Um teatro cristão ao mesmo tempo litúrgico e catequético nasceu no interior dos templos e, no século XI, possuía já um lugar e uma estrutura claramente definidos dentro das cerimônias propriamente litúrgicas. Solenes ofícios das grandes missas natalinas misturavam anjos, pequenos pastores e personagens da Sagrada Família em piedosas e alegres encenações dos acontecimentos da noite do Natal. Com base no Evangelho de Lucas um primeiro drama, o *Officium Pastorum*, foi criado e colocado junto ao Introito da Missa de Natal.

Isso se deve ao fato de grande parte dos fiéis serem analfabetos. Ainda de acordo com Heers (1987:42), esse ritual foi sendo modificado e, em 1250, já acontecia assim:

Um ritual mais tardio explica que se vestem três rapazes à moda das gentes da Pérsia, com fatos adequados, um dos quais deve enegrecer a

cara e as mãos, pois representa o boi mouro. Os magos percorrem a nave inferior precedidos por uma espécie de enorme candelabro, param várias vezes juntos da capela, até o altar de Nossa Senhora. Sobem depois, com o diácono e seus ajudantes ao púlpito para aí cantarem o Evangelho

Não constitui objetivo deste trabalho investigar a história dos Três Reis, o que importa aqui é compreender porque mesmo com pouca referência na Bíblia Sagrada, eles constituíram, e ainda constituem nos dias atuais, uma significativa manifestação de fé e arte popular.

De acordo com Moreyra (1983), os grupos de Folias de Reis são formados por cantores e instrumentistas que, na época do Natal, saem em peregrinação devota por boa parte do interior do Brasil. O ritual é complexo e guarda ligações (muitas vezes tênues) com a tradição europeia de Reis e com o teatro, música e dança herdados da cultura portuguesa:

Pelo seu caráter deambulatório e precatório atribuiu-se as origens da Folia a costumes medievais: mestres, estudantes, boêmios, mendigando e se divertindo percorreram por três séculos, do XII ao XIV, toda a Europa. Em outra versão, os ciganos são apontados como possíveis raízes dessa prática cultural, não só pelo seu nomadismo, mas também pelos instrumentos, estandartes, fitas e flores coloridas que os caracterizam. França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Itália, Espanha e Portugal, entre outros, festejavam os três Reis Magos na época de Natal. O Presépio e os Autos Natalinos já eram conhecidos desde o século XIV em Portugal, mas as primeiras notícias da Folia, tal como a conhecemos hoje, remontam ao século XVI (Machado, 1988: 213-214).

Provavelmente, o culto aos Reis Magos está presente no Brasil desde o início de sua colonização. Uma prova desta presença é o fato de que o Forte dos Reis Magos, em Natal (RN), ter sido fundado em 06 de janeiro de 1598, marcando a introdução do culto aos Santos Reis ainda no século XVI. Sobre a construção do Forte, Câmara Cascudo escreveu:

D. Francisco de Souza, o sétimo Governador Geral do Brasil, (1591-1602), decidiu a expulsão dos franceses e a construção de um Forte, com a cidade que se ergueria, marcando o avanço português no norte. [...] Construído o Forte. Pacificado o indígena. Fundava-se a cidade tal qual mandara dom Francisco de Souza (Cascudo, 1984: 22-27).

Certamente, a catequização dos índios pelos jesuítas alcançava melhores resultados quando estes utilizavam os recursos da imagem para explicar aos índios o nascimento do Menino Deus. A utilização do presépio era mais didática e melhor compreensível e no

presépio está implícita a figura dos Reis Magos. Nessa direção, observou Sebastião Rios (2006: 67):

A folia, como a música e o drama, foi usada pelos jesuítas para a catequese. Os padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta usavam as folias e outras danças nas procissões e nos autos, muitos escritos na língua geral. Com a consolidação da colonização, os rituais usados na catequese do índio disseminaram-se entre colonos portugueses, negros escravos e mestiços de toda sorte e foram incorporados às festas dos padroeiros.

Com o nome de Folia, existe no Brasil um grande número de grupos devocionais dos santos católicos: São Sebastião, São Benedito, São José, Divino Espírito Santo e Santos Reis. Em Portugal, segundo Câmara Cascudo (1998), folia era uma dança rápida ao som do pandeiro ou adufe. As folias brasileiras têm suas origens nas matrizes ibéricas, mas com o passar do tempo foram se modificando e, na atualidade, possuem características próprias.

Sobre a origem das Foliás de Reis no Brasil e sua herança portuguesa, Padre Preguinho explicou que

E no Brasil, como o cigano está no mundo inteiro, em toda a parte, o cigano não tem pátria definitiva e nem lugar, todo lugar é lugar deles, espalhou pela Europa toda e a folia chegou para nós vinda de Portugal, portanto o toque da Folia de Reis é o carimbó, é a música portuguesa, olha aquele cantor popular português, o Roberto Leal? Roberto Leal, você olha as músicas de Roberto Leal e bota um toque de folia que dá quase na mesma, então nós viemos por esta tradição, então nós seguimos uma tradição que está fora, não é abarcada nem pelo judaísmo e depois nem pelo cristianismo. Agora, você vai e acha que nem um padre ou bispo hoje tem coragem de ficar afirmando que Santos Reis não é santo, embora saiba que pela tradição, pela, não é oficial ele é Santo, Por isto tem muita capela e comunidades erguidas em nome dos Santos Reis e não são proibidos, paróquias, eu conheço Paróquias Santos Reis, Montes Claros por exemplo, Paróquia Santos Reis, Comunidade Santos Reis e, há um silêncio. Há um silêncio porque você não vai contra o povo, como o Padrinho Padre Cícero que agora Bento XVI está querendo recuperar, está querendo oficializar, mas já está oficializado pelo povo né? Então esta história também aconteceu com a questão da Folia de Reis e Santos Reis, várias capelas que eu celebro hoje está em nome de Santos Reis.³⁴

³⁴ Geraldo Martins da Mota, Padre Preguinho, 44 anos de idade, padre e capitão de folia em João Pinheiro. Entrevista gravada em 10/03/2009.

O fato de ser membro da Igreja Católica não impede o Padre Preguinho de perceber, atualmente, um movimento inverso ao da romanização da Igreja. Enquanto naquele momento a Igreja queria extirpar os santos populares e os cultos dos leigos, hoje o clero oficial não só aceita como procura trazer para dentro da Igreja essas práticas religiosas, em específico o caso deste estudo: as Folias de Reis. Durante a pesquisa de campo, ficou constatada a existência de três padres que são também foliões.

Câmara Cascudo (1998: 402). define Folia como:

[...] um grupo de homens, usando símbolos devocionais, acompanhando com cantos o ciclo [...] festejando-lhe às vésperas e participando do dia votivo [...] não tem em Portugal o aspecto precatório da folia brasileira, mineira e paulista [...] é uma espécie de confraria, meio sagrada, meio profana, instituída para implorar a proteção divina contra pragas malinas que às vezes infestam os campos [...] Há o rei, o pajem, o alferes, dois mordomos e seis fidalgos.

Nesta definição, é possível observar a presença dos símbolos do sagrado e do profano e, principalmente, a existência de uma re-significação da folia vinda de Portugal. Não é possível pensar em uma tradição cultural de Folia de Reis em João Pinheiro, Minas Gerais, tal qual existia em Portugal, nem mesmo iguais as de outras partes do Brasil. Os grupos de foliões do município guardam muitas especificidades que apontam para influências das culturas africanas da época da escravidão, como a performance dos palhaços, o uso de instrumentos de percussão, muita cor e alegria no ritual:

Tudo é simbolicamente usado para retratar a história seguida pela fé cristã: objetos, personagens, campos, roupas e cores [...] acreditando no caráter religioso atribuído popularmente aos três Reis Magos, protetores das famílias, das criações, das lavouras e dos bens terrestres (Tirapeli, 2003: 40).

O contato com a folia sempre causa alguma emoção e as impressões são várias, as lembranças vêm à tona; para conhecê-la de fato, só sentindo-a o mais próximo possível. De longe, só se pode perceber um cortejo de homens comuns, com seus ornamentos e instrumentos num coral de vozes, numa sequência cadenciada, levando fitas coloridas, atadas à bandeira e aos instrumentos, com toalhas envoltas no pescoço parecendo mais uma festa à fantasia de homens ruralistas.

Um contato direto desfaz essas impressões. Uma oração musicada canta o enredo de uma velha História, que a cada ano se renova na caminhada, nas visitas de casa em casa, nos novos encontros que, às vezes, só acontecem naquela época, as paradas para as refeições, entremeados de “causos” de brincadeiras, de músicas, às vezes marcadas de saudades de algum amigo que se foi, deixando uma lacuna entre os que aqui ficaram, tempo esse que termina no ponto alto da festa, quando já se prepara para um novo começo.

Essa é uma maneira diferente de encarar os tempos quando se comemora a alegria do nascimento de Jesus, a presença brilhante de uma estrela que, com certeza, iluminará as ações humanas, fazendo de cada dia que finda, um recomeço. E é na esperança desta misericórdia divina, que os foliões versam essa busca por dias melhores, durante a cantoria, em sua trajetória.

O grupo de cantadores e instrumentistas que compõem uma Folia de Reis é variado de região para região ou de um grupo para outro. De modo geral, as folias pinheirenses são compostas por³⁵:

Bandeira ou Alferes – Carrega a bandeira com a imagem dos Reis Magos e recebe também os donativos oferecidos pelos moradores das casas visitadas. É função de grande responsabilidade, já que a bandeira constitui objeto sagrado da folia. Ela representa os Três Reis e, por isso, deve sempre ir à frente do grupo.

Embaixador – Também designado pelo nome de Mestre, Capitão, Gerente ou Chefe – é quem puxa as cantorias e lidera o grupo. O embaixador deve conhecer as tradições e as músicas de Folias de Reis. Existem ocasiões que exigem do embaixador esses conhecimentos. No caso da folia de quatro vozes, a embaixada é feita em dueto com um ajudante do guia. Para ser considerado um bom guia deve-se somar às habilidades musicais a capacidade de liderança e conhecimento do fundamento da folia, o que muitas vezes se dá pela transmissão oral. Os versos podem ser fixos – ou da tabela³⁶ – ou ainda criados na hora.

Contra-mestre – Faz a segunda voz, acompanhando a do embaixador.

³⁵ As definições aqui apresentadas foram retiradas do CD *Folia de Reis: Tradição e Fé*. Viola Brasileira Show. VBS, 2006.

³⁶ Tabela é a letra das músicas cantadas pelos foliões, em alguns casos elas são escritas em cadernos guardados cuidadosamente e repassados de geração para geração, mas uma exigência comum é que o capitão ou embaixador tenha memorizado as letras da tabela de sua folia e em momentos específicos saiba improvisar e criar novas letras.

Palhaço – Também conhecido por Bastião, Mascarado, Mateus, Morongo, Marengo, Pastorinho, Malungo. Eles usam sempre as máscaras, vestidos com roupas coloridas³⁷ e segurando em suas mãos a espada (confeccionada em madeira). Há muitas histórias que explicam o surgimento desse personagem. A mais comum é a que eram espias de Herodes que seguiram os Magos para encontrar o Menino Jesus e matá-lo. Ao encontrarem o Menino acabaram se convertendo. Com receio de serem mortos por Herodes, vestiram uma máscara e viajaram com os Santos Reis. Iam à frente, fazendo graça e palhaçadas para que Herodes não desconfiasse que eles eram soldados. É o Bastião quem recolhe as ofertas, anuncia a chegada da bandeira nas casas, pergunta se o dono da casa aceita a visita, descobre as ofertas escondidas, “quebra os atrapalhos” – gestos ou cerimoniais tradicionais feitos por quem conhece a tradição com o intuito de testar os conhecimentos do grupo de folia ou mesmo segurá-la por mais tempo na sua presença. Um exemplo é o cruzeiro de rosas, confeccionado no chão, em frente à porta de entrada. O grupo de folia não pode entrar no local sem que o Bastião pronuncie alguns versos “secretos” para quebrar aquele encanto. Se o Bastião não souber os versos, cabe ao embaixador essa tarefa.

Apontador de prendas – É a pessoa responsável por anotar todas as ofertas recebidas em um caderno.

Resposta ou couro - Repete um ou mais dos versos cantados pelo embaixador. Pode ser de seis vozes ou de doze vozes. Vários de seus integrantes também são instrumentistas. A função de cada um dos foliões será discutida detalhadamente no terceiro capítulo.

2.3 Breve histórico de João Pinheiro: o contexto local das Folias de Reis

João Pinheiro é o maior município em extensão territorial do Estado de Minas Gerais; de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são 10.717 quilômetros quadrados e uma população de 43.229 habitantes (IBGE, 2007). O município

³⁷ No caso das folias de João Pinheiro existe uma preferência pelos vestidos de chita e a máscara feita de couro artesanalmente pelo próprio palhaço.

insere-se na microrregião do Vale do Rio Paracatu³⁸, localizada na mesorregião Noroeste³⁹ do Estado, distante 330 quilômetros de Brasília e 400 quilômetros de Belo Horizonte. O município se dedica fundamentalmente à agropecuária sendo, atualmente, pautada nos agronegócios (ver figura 02).



Figura 2 Localização geográfica do universo de pesquisa.

De acordo com os estudos de Oliveira Mello, a pecuária e o garimpo foram os motivos que influenciaram o povoamento da região da cidade de João Pinheiro: “Nas margens da vereda da Extrema e nas proximidades do Capão da Água Limpa, formaram nos fins do século XVIII, os bandeirantes, depois os tropeiros que buscavam a capitania de Goiás, o primeiro pouso do homem branco nessas paragens.” (Oliveira Mello, 2005: 338).

³⁸ A microrregião do Vale do Rio Paracatu é uma das microrregiões do estado brasileiro de Minas Gerais pertencente à mesorregião Noroeste de Minas. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 210.480 habitantes e está dividida em dez municípios. Possui uma área total de 34.997,251 km².

³⁹ A mesorregião do Noroeste de Minas é uma das doze mesorregiões do estado brasileiro de Minas Gerais. É formada pela união de dezenove municípios agrupados em duas microrregiões.

Sabe-se que essa região pertencia eclesiasticamente ao Bispado de Pernambuco, conforme relata o referido pesquisador:

No princípio do século XIX já se registra a existência de um pequeno arraial denominado Sant'Ana do Alegre, elevado a freguesia por consulta de 25 de agosto de 1813 e resolução de 10 de setembro de 1814 de Dom Frei Antônio de São José Bastos, Bispo de Pernambuco. Trata-se da terceira e última paróquia criada pela diocese de Paracatu de Olinda no território da atual Diocese de Paracatu. (Oliveira Mello, Op.cit., 339)

De acordo com relatos do autor acima citado, no início do século XIX já existia um povoado nessas paragens onde atualmente é a cidade de João Pinheiro. O viajante Pohl, nos seus escritos intitulado *Viagem ao interior do Brasil*, realizada em 1818, afirma que “O lugar conta 30 pequenas cabanas e uma igrejinha em ruína, com teto esburacado. O altar dessa Igreja é feito com tábuas pintadas e nem sequer tem castiçais, as velas são espetadas em pontas de pregos” (Pohl, 1982:108). Ainda de acordo com o referido autor, em 1818 já residia um padre na localidade de Santana do Alegre: “O sacerdote que me conhecia de Paracatu, deu-me para hospedagem, o melhor casebre do lugar” (Pohl, op.cit., 108).

Oliveira Mello registra que a paróquia foi suprimida em data desconhecida:

Sabe-se que em 08 de abril de 1858, foi recriada para ser incorporada à de Paracatu, através da Lei 1713, de 05 de outubro de 1870, quando também foi desmembrado do município de Patos e incorporado ao de Paracatu. A lei Nº 1993 elevou o arraial à vila. Na mesma ocasião é recriada a Paróquia. (Oliveira Mello, op. Cit., p.340)

As informações históricas desse período são poucas. Sabe-se que a lei nº 1993 de 13 de novembro de 1873 toma as seguintes medidas:

Eleva à categoria de vila o Arraial dos Alegres e suprime a freguesia de Sant'Anna da Caatinga. Diz essa lei em seu Artigo 2º: “*Fica suprimida a freguesia de Sant'Anna da Caatinga, e seu território incorporado à freguesia dos Alegres*”, sendo estes incorporados a Paracatu. (Silva, 2007, p.53)

No final do século XIX já havia uma vila, Juiz de Paz, a Igreja Matriz, em cujo largo foi se estruturando o centro da movimentação; porém, o isolamento da região, a falta de estradas e as muitas barreiras naturais constituíam-se em um fator que dificultava o

desenvolvimento do interior do país. Neste contexto, Santana da Caatinga, hoje um dos distritos de João Pinheiro, cuja existência data do século XVIII, localizada no encontro de dois importantes rios da região (Rio Paracatu e Rio Caatinga) foi sumamente importante no desenvolvimento local, pois o transporte fluvial foi fundamental para a entrada e saída de mercadorias. O investimento no comércio em Santana da Caatinga foi significativo, tornando-se no início do século XX o principal ponto de abastecimento de João Pinheiro, sendo principalmente o porto de embarque e desembarque de pessoas e cargas destinadas a Pirapora ou vindas de lá. Com a construção da Estrada de Ferro Central do Brasil até essa cidade, localizada às margens do Rio São Francisco, os produtos adquiridos na capital mineira eram transportados por essa via férrea até a cidade e distribuídos via transporte fluvial para as comunidades ribeirinhas, entre elas, Santana da Caatinga. Quando descarregadas no porto, essas mercadorias eram distribuídas na região por intermédio de carros de boi, meios utilizados para se atingir João Pinheiro.

De acordo com a memória coletiva dos idosos entrevistados para esse pequeno histórico, bem como das histórias contadas oralmente pelos moradores mais antigos de João Pinheiro, esta região, anteriormente conhecida por Santana do Alegre, deve seu nome a Sant'Anna, divindade de devoção dos moradores e padroeira da cidade, e Alegre, a um boi bravo, curraleiro, de nome Alegre que vivia nas cercanias do lugar e ao anoitecer ia para o Arraial e ficava a mugir horas a fio. Essa é a história contada pelas pessoas mais velhas da região que guardam, em suas lembranças, as reminiscências desse passado.

Santana do Alegre foi elevada à categoria de Município em 30 de agosto de 1911, pela lei nº 556, no artigo 7º, (VII), cujo teor dispõe sobre a divisão administrativa do Estado e contém outras disposições. Com a emancipação, Santana do Alegre mudou a denominação para João Pinheiro, em homenagem ao mineiro chamado João Pinheiro, que havia sido presidente do estado e que, segundo as memórias dos moradores antigos, contribuiu muito para o desenvolvimento da cidade antes da emancipação. João Pinheiro foi um dos políticos brasileiros de maior expressão no início do século XX, deixando um legado de ideias e obras que marcaram de forma significativa o início do regime republicano no Brasil. João Pinheiro, composto dos distritos de Santa Anna dos Alegres, Caatinga, Canna Brava e Veredas. Com essa emancipação político-administrativa, englobou uma área grande de terras, constituindo-se no maior município em extensão territorial de Minas Gerais.

Em 1925, a renda da Câmara era de 21.000 Réis. Sua composição: Presidente: Genésio José Ribeiro; Vereadores: Joaquim Firmínio de Figueiredo, José de Freitas Silveira, Armindo de Campos Valadares, José Nunes de Oliveira e José P. da Silveira Villela. O Delegado de Polícia era o Sr. José Lopes Cançado (Zeca Lopes).

Ainda tomando a memória coletiva dos entrevistados, os principais fazendeiros desta época eram: Hermógenes Gonçalves da Silveira, Sebastião Alves de Mendonça, José Lopes Cançado, Joaquim Firmínio de Figueiredo, José de Freitas Silveira, Alcides Pereira da Silveira, Josino José da Silveira, José Pereira da Silva Villela, Adhemar Gonçalves da Silveira, *Brazil Land Packing e Cia.*, Apparício Saraiva de Mello etc.

Por meio da Lei Estadual nº 893 de 10 de setembro de 1925, foi concedido à vila de João Pinheiro foro de cidade e sede de Município, com formação administrativa. Crescia a importância da cidade no contexto local. O primeiro prefeito de João Pinheiro a assumir o cargo foi Genésio José Ribeiro, em 02 de janeiro de 1931.

Conforme os documentos dos engenheiros na década de 1950, a densidade demográfica era uma das mais baixas da região não chegava a 01 habitante por Km. Organizar o município administrativamente e politicamente consistia em um desafio a ser suplantado. A Câmara Municipal foi extinta em 1931 e o ex-presidente da Câmara passou para o prefeito o saldo em dinheiro do exercício de 1931. De acordo com documentos que contam essa trajetória histórica, podem-se observar os desafios de se administrar um município localizado no interior do estado, com ampla extensão territorial e poucos recursos disponíveis. Essa realidade é percebida na Ata da primeira Sessão do Conselho Consultivo Municipal de João Pinheiro, na primeira quinzena do mês de abril de 1931, quando o prefeito que exercia o cargo de presidente do Conselho Consultivo deveria prestar conta ao Conselho das tomadas de decisões de seu governo, bem como enviar relatórios trimestrais dirigidos ao “Exmo. Senhor Secretário do Interior de Belo Horizonte, a fim de consultar e emitir sua opinião sobre o mesmo” (Spagnuolo, 1999: 79). Esses relatórios⁴⁰ tinham como objetivo dar ao governo informações sobre acontecimentos nos diferentes municípios do Estado. Assim consta no primeiro relatório enviado pelo prefeito Genésio Ribeiro em 11 de abril de 1931:

⁴⁰ Estes relatórios eram enviados ao Secretário do Interior e Assistência Política, com sede em Belo Horizonte em conformidade com o que dispõe o artigo treze, nº IX, do Decreto nº vinte mil, trezentos e quarenta e oito de 20 de agosto de 1931, do governo da República de acordo com “*Os preceitos legais estatuídos pelo código de interventores e decreto estadual nº 9.847 de 1931* (Idem, p.91- 106)”.

Na qualidade de prefeito deste município, venho apresentar a vossa excelência o relatório dos negócios municipais, referentes aos três primeiros meses de minha gestão. Ao assumir o cargo em dois de janeiro do corrente ano, encontrei a administração completamente desorganizada, nenhum empregado se conservava no posto. Tinham-se exonerado há mais de um mês e as vagas ainda não haviam sido preenchidas [...] os serviços públicos estavam em completo abandono, cobertas de matagais e gravemente danificadas pelas enxurradas, o cemitério da cidade servindo de pastos para os animais por haver caído parte do muro que o cerca e finalmente a canalização da água que reclamava urgentes reparos.

Pode-se perceber, por este relatório, a precariedade em que se encontrava a cidade de João Pinheiro no início da década de 1930 do século XX, sendo que a preocupação com a questão do abastecimento da água apresenta-se praticamente em quase todos os relatórios de Genésio Ribeiro ao Secretário do Interior. Segundo esse relatório, as principais medidas tomadas pelo prefeito no primeiro trimestre de sua administração foram a limpeza e o conserto das ruas da cidade, da estrada de automóveis do Rio da Prata, construção de mata-burros e limpeza no cemitério.

A cidade surgiu próximo ao capão da Água Limpa e, no decorrer do tempo, foi “descendo” para a parte baixa, local que ficou conhecido como Alegre Novo. Neste cenário, o abastecimento de água constituía-se em um dos grandes desafios para os moradores locais. A canalização da água foi realizada em 1907, mas eram poucas as casas que dispunham dessa água encanada. O Sr. José Benevides⁴¹ relata: “*Os canos eram finos, a canalização foi feita por João Cordeiro. Meu pai, o Benevides, quando era solteiro, trabalhou na canalização dela, quando eles a colocaram na primeira vez*”. Na década de 1930 do século XX, é possível perceber pelas Atas de Reunião da Câmara que a maior preocupação dos governantes constituía-se ainda no abastecimento da água. Foi no governo do Prefeito Genésio Ribeiro que foi realizada novamente a canalização da água, substituindo os canos antigos. Genésio Ribeiro em seu relatório apresentado ao doutor Secretário do Interior e ao Departamento das Municipalidades, descrito na Ata da Sessão Ordinária da Prefeitura de João Pinheiro, descreve em seu relatório:

Desde que assumi a direção dos negócios municipais, venho empregando os meios de melhorar o serviço de abastecimento d’água da cidade. Não medindo sacrifício foram paulatinamente destruídos os

⁴¹ José Benevides tem 96 anos de idade é aposentado e adora expor as sua lembrança do início da cidade. Entrevista concedida à pesquisadora em 07/12/2009.

obstáculos encontrados e consegui inaugurar o serviço no dia 20 de agosto de 1934. Apesar da grande crise que atravessamos, água foi distribuída abundantemente aos habitantes da cidade que nenhuma queixa ou reclamação apresentam. (Spagnoulo, op. cit., p.106).

Segundo relatos dos moradores, a água que abastecia a maior parte da população vinha da Água Limpa e era distribuída através dos chafarizes dispostos em três lugares da cidade, onde a população se servia para atender às suas necessidades básicas. De acordo como o entrevistado Sr. José Benevides:

Tinha três chafarizes onde o povo pobre buscava água para atender às suas necessidades. As mulheres levantavam de madrugada para ir buscar água na cabeça, nas latas e nas cabaças. Tinha um chafariz defronte da cadeia, um na Picada e o outro no Largo da Matriz. Era difícil!

Percebe-se pelos relatos do narrador as dificuldades encontradas pelos moradores da cidade para acesso à água, motivo pelo qual, Genésio Ribeiro definiu a solução desse problema como o maior desafio de seu governo. Nesse sentido, relata Sr. José Benevides:

O Genésio Ribeiro quando foi prefeito nos anos trinta, foi para Belo Horizonte comprar os canos de ferro, canos grossos. Em Belo Horizonte ele comprou os canos e trouxe para Pirapora no Trem de Ferro “Central do Brasil e de Pirapora veio para Caatinga nos vapores que navegavam no Rio até a Ponte Alta”. O Vapor foi que trouxe esses canos até na Caatinga e de lá para cá, foram trazidos de carro de boi. O tempo gasto para transportar esses canos foi três meses sem parar, pois o meio de transporte só trazia dezesseis canos de cada vez. Era muito pesado e era muito cano. Ele abasteceu João Pinheiro de água⁴².

À medida que a cidade foi crescendo, o abastecimento de água foi ficando insuficiente, sendo que esta questão foi resolvida na década de 70 quando, no governo do Prefeito João Batista Franco, foi instalada a COPASA, ficando esta responsável pelo abastecimento, distribuição e tratamento da água para a cidade que nesse período já possuía um número muito maior de habitantes.

A falta de estradas tanto no interior do município, quanto na ligação deste com os outros, foi uma das grandes dificuldades encontradas pelos governantes e moradores da região. O Sr. José Benevides ressalta que José Romero foi o primeiro prefeito a comprar uma patola para o município, visando minimizar as dificuldades em relação à precariedade

⁴² José Benevides tem 96 anos de idade é aposentado e adora expor as sua lembrança do início da cidade. Entrevista concedida à pesquisadora em 07/12/2009.

das estradas e ao escoamento da produção. Ele ressalta que

A cidade não é servida por estradas de ferro. A estação mais próxima fica a cerca de 216 Km. O campo de pouso existente é pequeno e só serve para aviões teco-teco, de maneira que o único meio de transporte efetivo é o rodoviário. Assim, as estradas não são boas. Há uma linha de ônibus para Patos de Minas que funciona com regularidade. Segundo se propala a rodovia que ligará a nova capital aos grandes centros do país deverá passar dentro do município. Se isto ocorrer, representará, sem dúvida, uma nova era para a região. Na cidade funciona uma agencia postal do D.C.T.⁴³

Pode-se perceber as dificuldades encontradas no que se refere ao desenvolvimento do município, ao isolamento dos grandes centros e às dificuldades de locomoção. Essas dificuldades compreendiam a falta de infraestrutura, de escolas e de hospitais favorecendo assim o florescimento das religiosidades populares como alternativas. Como é possível observar no depoimento de dona Maria Joaquina dos Santos:

Menina! Isso aqui era um sertão! Não tinha nada! Não tinha luz, não tinha água encanada, aqui no bairro Papagaio, era só mato e não tinha água encanada, por isso se chama Papagaio. É que papagaio não bebe água (Risos). Mas, não tinha escola, não tinha estrada, e o pior não tinha hospital. Quando alguém ficava doente só pegando mesmo com Santos Reis, abaixo de Deus era ele que valia o povo de João Pinheiro. Agora você pensa, quando alguém ficava doente tinha que levar para Patos de Minas e não tinha estradas, se estivesse chovendo, então acabou! A jardineira não passava mesmo! Eram 3 dias de cavalo, morria mesmo, então o povo pegou a rezar para Santos Reis, quando alguém ficava doente. As casas eram tudo no escuro, você conhece lamparina de querosene? Todo mundo aqui usava as tais lamparinas. Era uma dificuldade⁴⁴.

A eletrificação constituiu-se também em um desafio para os administradores do município. A primeira usina de João Pinheiro foi construída no Ribeirão dos Órfãos, próximo à cidade, porém segundo os moradores antigos, era uma luz fraca e insuficiente para a implantação de fábricas. Posteriormente, construiu-se outra usina, desta vez, na Cachoeira do Garimpo que também foi insuficiente para atender às demandas locais com o

⁴³ José Benevides tem 96 anos de idade é aposentado e adora expor as sua lembrança do início da cidade. Entrevista concedida à pesquisadora em 07/12/2009.

⁴⁴ Maria Joaquina dos Santos, 92 anos de idade, dona de casa aposentada. Entrevista gravada em 22/12/2010.

crescimento da cidade, principalmente a partir de 60 com a construção da BR – 040 cortando o município e ligando-o às capitais do estado e do Brasil.

Assim relata Dona Iolanda Romero, filha do José Romero, prefeito que administrava o município nesse período (1955-1959):

Meu pai recorreu a Juscelino no Rio de Janeiro à época, que soube da construção da rodovia que ligava Belo Horizonte a Brasília, e como prefeito solicitou a passagem da mesma por dentro do município, pois a mesma de acordo com o trajeto antigo passaria por outro destino, via Patos de Minas. Assim foi concretizada a solicitação do prefeito José Romero por ocasião da construção de Brasília, passando a rodovia a cortar o município. Em comemoração a esta conquista foi oferecida ao Juscelino em João Pinheiro pelo prefeito José Romero um churrasco de agradecimento. O evento contou com a presença do presidente da República e do deputado Antonio Candido Gonçalves Ulhoa, conhecido como Dr. Candinho, que era médico e amigo de papai. Foi uma festa, teve banda de música e muitos convidados. Ele foi recebido na prefeitura, depois foi oferecido um almoço lá em casa com salgados, bebidas e a seguir um churrasco. Foi um grande evento naquela cidadezinha da época, a pracinha ficou lotada. Todo mundo queria ver o presidente da República.⁴⁵

A visita do presidente na época foi um marco na história de João Pinheiro, porém a contribuição maior para a cidade foram os benefícios proporcionados para a região pela construção da BR 040.

A educação consistia também em uma preocupação, pois na pequena cidade de João Pinheiro havia somente uma escola. A construção do Grupo Escolar Presidente Olegário constituiu a realização de um sonho dos pinheirenses. Sua arquitetura moderna e estrutura ampla edificada na Praça, “Uma das mais salientes a cidade” (Spagnoulo, op. cit., p.98) significava um grande avanço diante do grupo escolar até então utilizado. A obra já havia sido iniciada em 1932 e em 1934 o grupo foi inaugurado, permanecendo até hoje como uma das escolas-referência. Em 1947 ocorreu a implantação da segunda escola do município, no distrito de Santa Luzia da Serra, porém esses educandários ofereciam somente até a quarta série. Nesse contexto, a criação do Colégio Frei Dionísio e do Ginásio Deputado Quintino Vargas, que atendiam até a oitava série e, posteriormente os cursos de segundo grau e profissionalizantes, consistiram em uma grande conquista. Muitas outras escolas foram criadas na segunda metade do século XX, sendo essas da rede pública e

⁴⁵Iolanda Romero. Arquiteta, 57 anos de idade, filha do Ex- prefeito José Carlos Romero. Entrevista concedida à pesquisadora em 05/12/2009.

também da rede particular. Uma das grandes conquistas para a região foi a implantação da Faculdade Cidade de João Pinheiro (2002), oferecendo diversos cursos, contribuindo de maneira significativa para a educação e formação profissional dos pinheirenses.

A organização do espaço geográfico da cidade de João Pinheiro passou por algumas transformações, principalmente a partir da segunda metade do século XX, após a construção da BR 040. Segundo o Sr. José Benevides:

A cidade era muito diferente da cidade de hoje. Poucos moradores, ruas tranquilas, poucos estabelecimentos comerciais. As ruas eram tortas, a não ser, a praça, que era o Largo da Matriz. A Rua João Albano era torta. Na porta da cadeia tinha outra rua que era a Rua da Palha, ali onde hoje é o Posto Alberico. Lá na Rua da Palha tinha algumas mulheres que eram prostitutas. A Rua do Sobrado e ali que descia, tinha a Rua dos Padres, a Rua Frei Carmelo, Cheia de voltas, mais tinha. Tinha a Rua Capitão Speridião dali de onde é o Serve Bem Para Baixo. Tinha a rua da Água Limpa. Tinha a caixa d'água dela para baixo. Naquele tempo tinha o juiz de Paz e o juiz municipal o Manoel Luiz exercia estes dois cargos. Era um cargo que era eleito. Manoel Luiz foi nomeado como juiz Municipal pelo Juiz de Direito de Paracatu. A cidade acabava ali de onde é hoje o Banco do Brasil e o Juca Cordeiro morava lá. Até lá tinha as casas de telha e mais acima, tinha umas casas de palha. O João Pinheiro era dali para baixo. A Dona Roxa tinha a casa do Correio. Antes do Genésio já tinha Correio. Tinha a loja do Caetano Rocha que era uma grande loja. Tinha tecido chapéu, querosene, sal. Tinha de tudo, sortida. Era uma loja de secos e molhados.⁴⁶

Podem-se observar essas transformações do espaço urbano a partir da análise da característica das ruas. Conforme documento disponível no Arquivo Público de João Pinheiro⁴⁷, em “1952 existiam somente 24 logradouros públicos, dos quais nenhum era arborizado ou pavimentado. Dos 339 prédios 132 eram iluminados e 102 ligados à rede pública de água.”. Com relação à estrutura da cidade, Dona Iolanda Romero relata que:

Eu lembro que meu pai era prefeito e eu era louca para que ele construísse praças [...] mas ele só queria construir estradas, pontes, canalização, chovia muito o pessoal não tinha como transitar. Eu me lembro das casas antigas... Do grupo escolar... No largo tinha a Igreja que era o mais importante. Tinha a casa do Dozinho, da Dona Genita, da

⁴⁶ José Benevides tem 96 anos de idade é aposentado e adora expor as sua lembrança do início da cidade. Entrevista concedida à pesquisadora em 07/12/2009.

⁴⁷ Este documento consiste em um projeto de abastecimento de água para João Pinheiro, sendo os estudos realizados pelos engenheiros Domingos Lavigne de Lemos e Nestor Araújo Costa os quais foram contratados para fazer estudo sobre João Pinheiro no ano de 1957. Esse projeto faz parte do acervo documental do Arquivo Público da Cidade de João Pinheiro.

Lurdinha do Olavo, tinha o chalé nosso, a casa do tio Delfim, a casa dos padres, da Tininha, da tia Vanda e do Jarbas. Tinha o Bar Santa Cruz onde o Tio Morais vendia picolé (o pai da Zuleika) tinha a casa da minha bisavó que era da Matilinha, tinha a casa da Zulmira, do tio João Valadares, tinha a casa do José de Freitas, tinha a Casa do Sinval. Tinha o cinema, que nós adorávamos ir. Tinha a casa dos engenheiros da COENG⁴⁸. Lá em cima tinha casa do João Leite.⁴⁹

A partir da década de 1960, ocorreram maiores transformações nesse espaço geográfico urbano. O Sr. João Batista Franco⁵⁰, que foi prefeito na cidade por dois mandatos nessa época, relata estas transformações:

Essa Praça Coronel Hermógenes era chamada de Largo, porque realmente era apenas grama. Não tinha nem esgoto, num tinha um passeio... Eram casas... Alguns calçadões. Na frente das casas havia bancos para conversar a boca da noite, fato que era costume aqui na época. Então nós criamos um plano de urbanização para melhorar a situação das ruas. Havia muitas casas impedindo o seguimento de várias ruas. Nós tivemos a oportunidade de indenizar várias pessoas, comprar aqueles imóveis e fazer seguimento das ruas, pra dar uma aparência melhor... Uma urbanização melhor. Então abrimos várias ruas. Urbanizamos essa praça. Tivemos a preocupação de dar ao município, principalmente a sede, residência para os poderes, porque os Poderes não tinham residência própria. Pagava-se aluguel aqui para tudo. Para prefeitura, para o Fórum... Fizemos algumas outras construções na época. Organizamos e fizemos a urbanização de João Pinheiro.⁵¹

Segundo o relatório⁵² dos engenheiros Domingos Lavigne de Lemos e Nestor Araújo Costa, em 1940 a população urbana e rural do município era 12.213 habitantes que correspondia à densidade demográfica de 0,84 habitantes por Km².

Além da urbanização, a saúde também passou por grandes transformações, investindo na medicina preventiva importante para a saúde da população em geral. Neste sentido, a preocupação com a infraestrutura, água tratada, estabelecimento de Postos de

⁴⁸ Comércio e Engenharia, Ltda. Companhia responsável pela construção da BR 040.

⁴⁹ Iolanda Romero. Arquiteta, 57 anos de idade, filha do Ex- prefeito José Carlos Romero. Entrevista concedida à pesquisadora em 05/12/2009.

⁵⁰ João Batista Franco, advogado foi prefeito de Pinheiro por dois mandatos. Entrevista concedida à pesquisadora em 01/12/2009.

⁵¹ João Batista Franco. Entrevista concedida à pesquisadora em 01/12/2009.

⁵² Documento disponível no Arquivo Público Municipal de João Pinheiro.

Saúde e o estímulo à vinda de médicos foram importantes para o desenvolvimento da cidade. Relata o Sr. João Batista:

Contamos com o setor de saúde então na área preventiva. Primeiro nós não tínhamos água tratada, então, conseguimos com muita luta, trazer a COPASA⁵³, para tratar dessa parte e também fez parte da urbanização, porque começou a fazer serviço de esgoto também. Então a parte de saneamento básico não ficou somente na parte da água, mas passamos a tratar de esgoto porque todo ele corria a céu aberto. Com isso, houve uma prevenção muito grande, principalmente contra verminoses, pois era muito comum em crianças aqui⁵⁴.

Judicialmente, João Pinheiro estava subordinado à Comarca de Paracatu. O Termo Judiciário, instalado em 1928, ficou anexo ao de Paracatu, constituindo-se em uma das grandes conquistas para a cidade, apesar de ligada a outra comarca.

A Comarca de João Pinheiro foi criada de acordo com os termos do art. 25 das Disposições Constitucionais transitórias do Estado de Minas Gerais, por meio da sua Carta Magna de 14-07-1947, sendo instalada em 15 de novembro de 1948. O primeiro Fórum de João Pinheiro foi instalado no Casarão onde atualmente está localizada a Casa da Cultura, permanecendo no mesmo até a década de 1970, quando foi construído o novo Fórum. O primeiro juiz de João Pinheiro foi Dr. José Vieira Rabelo e primeiro Promotor de Justiça o Dr. Roberto Prates.

Na década de 1970, construiu-se uma nova Igreja em outra parte do antigo Largo da Matriz, hoje conhecida como Praça Coronel Hermógenes, em estilo moderno, que passou a sediar as cerimônias religiosas.

Em 1982, foram criados os distritos de Olhos D'água do Oeste, Santa Luzia da Serra e Luizlândia do Oeste, popularmente conhecido como JK. Em 1991, foi criado o distrito de Brasilândia, separando-se politicamente do Distrito de Santana da Caatinga, cujo território foi emancipado em 1995, tornando-se o município de Brasilândia de Minas. Pode-se observar como esta divisão consta no Diagnóstico Municipal de João Pinheiro. Além da sede, o município conta com sete distritos – Caatinga, Canabrava, Luizlândia do Oeste, Olhos D'água, Santa Luzia, São Sebastião e Veredas –, além de oito vilas – Almas, Malhada Bonita, Olaria, Parque das Andorinhas, Riachinho do Gado Bravo, Riacho do

⁵³ Companhia de Saneamento de Minas Gerais.

⁵⁴ João Batista Franco, advogado foi prefeito de Pinheiro por dois mandatos. Entrevista concedida à pesquisadora em 01/12/2009.

Campo, Tauá e Vereda Malhada. Havia também diversos núcleos de pequenos e médios produtores rurais e assentamentos. A formação judiciária do Município de João Pinheiro ocorreu em 1928, tendo o mesmo ficado anexo à Comarca de Paracatu.

O ideal desenvolvimentista de JK e a implantação da nova Capital Federal no Centro-Oeste do território brasileiro, visando à integração da capital federal ao restante do país, através de novos eixos rodoviários, levava em consideração a necessidade de interiorização das atividades, sonho antigo de muitos brasileiros, foi sumamente importante para o desenvolvimento de muitas regiões, entre elas, o noroeste do Estado mineiro, que passava até então por um relativo isolamento geográfico.

A construção de Brasília e da BR 040 ligando o Rio de Janeiro à Brasília trouxe resultados imediatos, os quais contribuíram inevitavelmente para rescindir o referido isolamento. A construção dessa rodovia que liga João Pinheiro às duas capitais (Belo Horizonte e Brasília) foi sumamente importante, possibilitando o escoamento da produção. Possibilitou o crescimento da cidade às margens da rodovia, o qual permitia atender aos viajantes que transitavam por ela. Como evidência desse fato, pode-se citar o ciclo do carvão e do algodão, grandes responsáveis para a economia do município entre as décadas de 1960 e 1980. No início dos anos 1960, houve no município um grande investimento nas lavouras algodoeiras cuja produção era levada principalmente para as fábricas de tecido da cidade de Curvelo. Vale ressaltar a importância das carvoarias para o aumento da população e renda do município, bem como a implantação de empresas de reflorestamento. No entanto, a pecuária sempre foi uma das principais fontes de renda de João Pinheiro. O ex-prefeito, Sr. João Batista Franco, fala dessa rodovia como um divisor de águas na história da cidade. Segundo ele, há uma cidade antes e outra depois da construção da BR.

Essa região foi beneficiada também com a construção da barragem feita no Rio São Francisco, conhecida como usina Hidrelétrica de Três Marias, em 1958, a qual possibilitou o desenvolvimento econômico de toda a região noroeste. A partir da produção de energia elétrica, foi possível desenvolver indústrias, melhorando a qualidade de vida dos moradores da região, os quais possuíam entre suas principais dificuldades, a insuficiência da produção de eletricidade. A implantação da rodovia BR 040 e da construção e consolidação de Brasília como pólo regional importante trouxe um forte fluxo migratório em direção à região.

Destaca-se a atividade pecuária, com predominância do gado de corte, criado de forma extensiva. Verifica-se também a ocorrência da pecuária leiteira, cuja produção tem parte destinada ao mercado regional e outra para laticínios, sendo hoje um dos itens mais importantes na economia do município.

Além da atividade agrícola, na microrregião e, sobretudo em João Pinheiro, se apresentam grandes extensões de reflorestamento, voltados para a produção de carvão vegetal utilizado na siderurgia. Verificam-se também na microrregião ocorrências minerais e vários projetos para sua exploração, elaborados a partir de estudos geológicos realizados pela Companhia Mineradora de Minas Gerais – COMIG.

João Pinheiro também se destaca com relação às indústrias de confecções e também do agronegócio. Várias destilarias, entre elas WD, Destilaria Rio do Cachimbo, G. S. Lavouras de Sojas, assentamentos e vários núcleos de reforma agrária.

No campo do esporte, havia um campo de futebol chamado Manoel Luiz. Percebendo a necessidade da construção de um outro estádio na cidade, o prefeito João Batista Franco adquiriu o terreno e fez a terraplanagem para a construção do mesmo. Logo após, o prefeito José Carlos Romero, conhecido como Zé Pinico, fez o alambrado. Hoje, o estádio conhecido popularmente como Pinicão e o Ginásio Poliesportivo, inaugurado em 1988, no governo de João Batista Franco, constituem-se como os principais centros esportivos da cidade. Muitas quadras esportivas foram construídas em todos os bairros da cidade e nos distritos do município.

No campo cultural, pode-se dizer que entre as maiores manifestações culturais destacam-se as festividades religiosas. A festa em devoção à Nossa Senhora do Rosário está presente na memória coletiva como uma das grandes festas do município até a década de 1960, sendo esta manifestação retomada no ano de 2005. As Folias de Reis, objeto desta tese, representam uma manifestação presente no cotidiano dos pinheirenses como uma tradição secular repassada pelos mais velhos, sendo que os entrevistados não sabem falar da origem dessa festividade religiosa. Há grupos no município que possuem mais de quarenta anos, sendo a liderança do terno repassada entre foliões do grupo João Pinheiro possui 52 ternos de Folia de Reis catalogados pela pesquisadora (vide tabela abaixo). Muitas outras manifestações culturais estão presentes no cotidiano dos pinheirenses, entre eles, festividades religiosas, festa do peão, festas de exposição, churrascando etc.

Tabela 01 – Grupos de Folias de Reis de João Pinheiro

	FOLIA	CAPITÃO
1	Folia da Ruralminas I	Cearense
2	Folia da Terra Azul	Gerson Batista
3	Folia do Mandacaru	Lucas
4	Folia do Barreiro do Cedro	Dílson Vaz
5	Folia do Capão escuro	Virgílio Vaz
6	Folia do Clube do Cavalo	José Geraldo
7	Folia da Cana Brava	Geraldo
8	Folia da Bucaina	Clarindo
9	Folia da Fazenda Buriti	Geraldo Gromove
10	Folia do Bairro Alvorada	Cido da Folia
11	Folia da Fazenda Tapera	Elizeu Pereira
12	Folia da Chapada	Chico da Viola
13	Folia da Taquara	Paulo Lino Pacheco
14	Folia do Ribeirão dos órfãos	João Luiz
15	Folia da Taboca	Manuel Braga
16	Folia da Santa Cruz II	Alair Maciel
17	Folia do Pontal	Paulo Sérgio
18	Folia Feminina	Edileuza Gonçalves
19	Folia do Papagaio	Manuel Braga (Prego)
20	Folia do João Timóteo	Timóteo e Belchior
21	Folia da Água Limpa	Sebastião
22	Folia do Rio das Almas	Luiz Paulo
23	Folia de Veredas	Adalton Ramos e Tião Piau
24	Folia de Nova Esperança	Antônio das Graças
25	Folia do Riacho Fundo	Vicente Velozo
26	Folia do Facão	Geraldo Alves e Uilton
27	Folia dos Olhos D'Água	Osvaldo
28	Folia do Tauá	Joaquim
30	Folia do Bairro Itaipú	José Vaz
31	Folia da Dionízia	Dionízia
32	Folia do Café do Amigo	João Rodrigues de Paiva
33	Folia de Santos Reis da Ruaralminas II	Eustáquio
34	Folia da Ruralminas II	Antonio Moreira
35	Folia da Fruta Dantas	José Adão
36	Folia da Malhadinha	Vantuir Alves Ferreira
37	Folia do Andrequicé	Padre Preguinho e Gaspar Braga
38	Folia de Malhada	José de Souza
39	Folia de Santa Luzia	Euzébio
40	Folia de São Lourenço	Pedro Paulo
41	Folia da Veredinha	Antonio Paulo
42	Folia da Olaria	Pedro Antonio
43	Folia da Fazenda São Geraldo	Joaquim
44	Folia de Reis do JK	Pedro Vaz
45	Folia de Reis Flor de Minas Lago	Cesar Costa

46	Folia de Reis Nova Esperança	Joaquim Sousa
47	Folia de São Sebastião	João Pedro
48	Folia de Reis da Fazenda Espírito Santo	Geraldo
49	Folia da Fazenda Santa Luzia	Pedro Sousa
50	Folia de Reis do Cais	Nelson
51	Folia de Reis do Bairro Primavera	Antônio Geraldo
52	Folia de Reis do Bairro Mangabeira	José Silva

Fonte: Pesquisa direta 2007-2010.

Embora seja um município essencialmente católico, a religiosidade que ali se estabeleceu foi dirigida principalmente por leigos. Por esse motivo, permitia-se que fossem mesclados costumes e tradições de outras matrizes culturais dos povos que habitaram essa região, dando origem a performances muito especiais nas Folias de Reis locais. Sobre a entrada do ritual da Folia de Reis no município de João Pinheiro e o papel que a Igreja Católica exerceu sobre ela, Padre Preguinho atribui à expressão das Folias de Reis no município à atuação do clero oficial da Igreja local.

Olha a expressão aqui sempre foi muito viva em João Pinheiro. Por quê? Porque João Pinheiro foi uma região ou evangelizada ou catequizada pelos padres holandeses, na sua grande maioria e esses padres eles tinham uma dificuldade muito grande de entender a religiosidade popular. Os padres que vieram para cá, eles vieram com aquela euforia do catecismo holandês que era o mais moderno do mundo, o que era a gente chamava de padres iconoclastas, ou seja, tinham uma visão teológica bem próxima da visão protestante, tanto é verdade a história da venda da Igreja de Nossa Senhora Santana. É uma história assim, porque tirando a Igreja de certo modo você tirava o tapete das tradições populares, o que estava baseado nos santos, então como eles não gostavam e eles tinham uma visão o seguinte, não era só a parte intelectual da Igreja não, mas era uma parte intelectual do Brasil e do mundo, achavam que quando o pessoal se tornava instruído essas tradições acabariam. Tanto é verdade que, eu ouvi isto com as Folias de Reis e com as tradições africanas. O arcebispo de Belo Horizonte, na época do Cabral, mandou destruir mais ou menos cinqüenta igrejas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, porque era onde os leigos iriam dançar. Dores do Indaiá, Estrela do Indaiá, Luz, então e aqui não menos, então além da igreja ser contra, ela não incentivava, mas aí houve um grande corte e o pessoal da tradição popular tem muito respeito pelo sacerdote, pelo ministro de Deus, ou seja pela padre.⁵⁵

⁵⁵ Geraldo Martins da Mota, Padre Preguinho, 44 anos de idade, padre e capitão de folia em João Pinheiro. Entrevista gravada em 10/03/2009.

2.4 Entrando em campo em João Pinheiro

A pesquisa de campo que deu origem a esta tese começou há mais de cinco anos atrás, quando da necessidade de conhecer o universo de pesquisa para a elaboração do projeto de pesquisa, que naquele momento foi submetido ao Departamento de História da Universidade de Brasília.

No ano de 2006, a pesquisadora frequentou três festas, se fez presente no Encontro Anual das Folias do Município de João Pinheiro, além de fazer algumas entrevistas com foliões do município e de outros municípios do Noroeste Mineiro.

A entrada em campo em João Pinheiro aconteceu por meio do contato com o então presidente da Associação do Folião de Reis de João Pinheiro, o Senhor José Geraldo do Couto. A pesquisadora procurou o referido folião e explicou as intenções de produzir uma tese de doutorado com as Folias de Reis de João Pinheiro, ele demonstrou grande contentamento e imediatamente se ofereceu para ajudá-la. A partir desse momento a entrada em campo foi uma constante na vida da pesquisadora. De imediato o folião a convidou para participar do próximo encontro da Associação que aconteceria no dia 07/10/2007. A pesquisadora se fez presente; nessa reunião foi discutida a realização do Encontro Anual de Folia de Reis. Em pauta estava a busca do local assim como a necessidade de angariar fundos para a realização do evento. A reunião iniciou com um canto invocando o Divino Espírito Santo. Alguns foliões tinham os olhos voltados para os céus, braços erguidos demonstrando muita fé, todos cantavam fervorosamente:

*A nós descei, divina luz!
A nós descei, divina luz!
Em nossas almas acendei
O amor, o amor de Jesus! (bis)*

*Vinde, Santo Espírito
E do céu mandai
luminoso raio! (bis)*

*Vinde, Pai dos pobres,
Doador dos dons,
Luz dos corações! (bis)*

*Grande defensor,
Em nós habitai
e nos confortai! (bis)*

*Na fadiga pouco,
no ardor brandura
e na dor ternura! (bis)*

Terminada a música inicial, foram realizadas várias orações e o presidente Sr. José Geraldo fez a leitura da seguinte passagem da Bíblia:

Naqueles tempos apareceu um decreto de César Augusto, ordenando o recenseamento de toda a terra. Este recenseamento foi feito antes do governo de Quirino, na Síria. Todos iam se alistar-e, cada um na sua cidade. Também José subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à Cidade de Davi, chamada Belém, porque era da casa e família de Davi, para se alistar com a sua esposa Maria, que estava grávida. Estando eles ali, completaram-se os dias dela. E deu à luz seu filho primogênito, e, envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio; porque não havia lugar para eles na hospedaria. Havia nos arredores uns pastores, que vigiavam e guardavam seu rebanho nos campos durante as vigílias da noite. Um anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor refulgiu ao redor deles, e tiveram grande temor. O anjo disse-lhes: Não temais, eis que vos anuncio uma boa nova que será alegria para todo o povo: hoje vos nasceu na Cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo Senhor. Isto vos servirá de sinal: achareis um recém-nascido envolto em faixas e posto numa manjedoura. (Lucas, 2: 1-12)

Por horas seguidas, os foliões se puseram a refletir sobre a passagem bíblica. O Sr. Antônio Congo, folião e benzedor enfatizou a necessidade de serem verdadeiros, uma vez que são mensageiros do Menino Deus. Comentaram sobre a necessidade de o folião ser humilde, caridoso, seguir o exemplo de Cristo. Em todos os momentos se fazia referência ao papel de Maria. Reforçaram a necessidade de testemunharem a fé através da evangelização feita por meio das folhas.



Figura 3: Presidente, vice-presidente e secretário da Associação do Folião de João Pinheiro.

Fonte: Gonçalves, 2007

Terminadas as reflexões, a secretária fez a leitura da ata da reunião anterior, que foi prontamente aprovada por todos os foliões. Foi apresentado o caixa da Associação, que na data contava com um saldo de R\$ 404,20, e a coleta do dia rendeu R\$ 16,00. Percebia-se naquele momento que a grande preocupação de todos envolvidos era a ausência de um lugar para fazer a “Entrega Anual”, ou seja, o encontro de vários grupos de Folia de Reis. Um visitante chamado José Maria, presidente da Associação de São Vicente de Paula, instituição mantenedora de dois abrigos na cidade, explicou que o Abrigo de São José, localizado no Bairro Papagaio e lugar costumeiro dos encontros, passaria por uma reforma por estar ameaçando cair; mas colocou à disposição o salão do Abrigo de Santana para a realização da festa.

Nessa reunião, foi repassada para o Sr. Astolfo Moreira, presidente da ONG chamada ALFA⁵⁶, reprodução xerográfica das atas de eleição e posse da diretoria, uma vez que a referida ONG se comprometeu a auxiliar na construção da sede da Associação.

O presidente da Associação havia convidado dois grupos de folias para se apresentarem naquele dia, segundo ele,

Esses grupos vieram trazer as bênçãos de Santos Reis, para a senhora professora⁵⁷ e dizer que estamos muito felizes com a sua presença em nosso meio. Queremos até te convidar para fazer parte de nossa Associação, pois alguém estudada como a senhora gostar de coisa de gente humilde não é comum, só Santos Reis pra te iluminar!⁵⁸

Os grupos que se apresentaram nesse dia foram: Folia do Clube do Cavalo, cujo capitão é o próprio presidente da Associação e a Folia do Bairro Água Limpa que estava sob o comando do Sr. Sebastião. A pesquisadora não pôde deixar de observar a dificuldade de deslocamento do dono da Folia de Água Limpa, o Sr. Francisco Furtuoso conhecido como Chico Cabrito. Ele havia passado por um acidente cardiovascular e ficou com sérias sequelas, para cantar ele precisava se apoiar em seu companheiro (vide foto abaixo).



Figura 4 Folião Antônio Furtuoso se apoiando em seu companheiro. Fonte: Gonçalves, 2007

⁵⁶ Associação de Apoio a Agricultura Familiar :ALFA.

⁵⁷ Referindo-se à presença da pesquisadora à reunião da Associação.

⁵⁸ Fala do Sr. José Geraldo do Couto no dia 07/10/2007, durante a apresentação da pesquisadora ao grupo de foliões presentes à reunião mensal.

O sol queimava e eles haviam atravessado grande parte da cidade para aquela apresentação. Era impossível para um pesquisador não se envolver e não se sensibilizar com atitudes tão desprendidas daqueles que seriam os seus informantes. Nascia nesse momento uma relação muito profícua entre entrevistados e entrevistadora.

O grupo de folia da Água Limpa convidou a pesquisadora para um Terço⁵⁹ a ser realizado na casa de uma moradora do bairro no dia 12/10/2007. Por volta das nove horas do dia marcado, o grupo se reuniu na casa do Sr. Chico Furtuoso, foram feitas as orações, saudações aos Santos Reis, invocação ao Divino Espírito Santo pedindo proteção para a realização do giro⁶⁰. Foi servida uma farofa de carne moída e pinga aos presentes. O capitão Sebastião agradeceu a presença da pesquisadora e recomendou aos foliões que se comportassem, pois havia uma convidada entre o grupo.

Foi feito o ritual de beijar a bandeira, o Alferes ficou na porta segurando-a e todos os foliões depois de beijá-la passavam por baixo. Perguntados pelos significados de seus gestos, o capitão Sebastião explicou: *não sei bem porque, eu aprendi assim, quando o capitão era o seu Chico ele já fazia todos os foliões beijarem a bandeira, eu aprendi com ele. Santos Reis exigem muito respeito, né?*⁶¹



Figura 5 Ritual de beijar a bandeira. **Fonte:** Fonte: Gonçalves, 2007

⁵⁹ Terço é a denominação dada pelos foliões para uma festa fora de época, não tão bem elaborada quanto a festa realizada no dia de Santos Reis, normalmente com um número menor de participantes.

⁶⁰ Giro é o nome dado ao percurso percorrido pelo terno de folia em busca de “esmolos” para Santos Reis.

⁶¹ Explicação dada à pesquisadora pelo capitão Sr. Sebastião, conhecido como Tiãozinho no dia 12/10/2007.

Depois de um pequeno giro pelo Bairro Água Limpa, o terno de folia se aproximou da casa onde seria realizado o terço, a família o aguardava na porta. O Alferes sempre na frente conduzindo a bandeira, seguido pelo capitão e demais foliões. Ao longo do percurso, cantando pelas casas dos moradores do bairro, o grupo foi acrescido de muitas crianças e alguns adultos, que passaram a fazer parte da procissão pela rua. (ver fotos)



Figura 6: Terno de Reis do Bairro Água Limpa fazendo o giro pelo bairro.

Fonte: Gonçalves, 2007

O grupo parou em frente ao portão e o capitão cantou os seguintes versos, sendo prontamente seguido pelos demais membros da folia:

*Escutais o que eu vou dizer
São três parte do oriente
A chegada dos Três Reis
I
É Belchior e Baltazar
Com Gaspar em companhia*

*Pedindo suas esmolas
Para festejar seu dia*

2

*Os Três Reis foi os primeiro
Que lá foram em Belém
Visitar o Deus menino
Que nasceu para nosso bem*

3

*Os três Reis quando andaram
Do Oriente para Belém
Andava pedindo esmola
E dando esmola também*

4

*Os Três Reis quando andam
Nas três noite, e nos 3 dias
Visitaram o Menino Deus
Filho da Virgem Maria*

5

*Os Três Reis foram os primeiro
Que pelo o mundo andaram
Procurando o Deus Menino
Nunca mais encontraram*

6

*Nas três
Noite que andaram
Foi as noites de luar
Procurando a Jesus Cristo
Sem nunca o encontrar*

7

*Foram encontraram em Roma
Resistido no altar em
Cálice de ouro na mão
Missa nova cantar*

8

*Deus vos Salve casa Santa
O onde Deus fez a morada
A onde mora o cálice bento
E a hóstia consagrada*

9

*Chegando em casa de Roma
Achando os portão fechado
Encontrou a Jesus Cristo
Em cama de palha deitado*

10

*Os Três Reis foi os primeiro
Que a Deus foi visitar
Guiado por uma Estrela
Em Belém foram acharem*

11

*Os Três Reis chegou primeiro
Das parte dos oriente
Visitar o Menino Deus
Filho da Virgem onipotente*

12

*Os Três Reis foram os primeiro
Que pelo o mundo andou
Eles ficaram contente
Quando a Jesus encontrou*

13

*Enquanto não encontram
O nosso dono
Cantamos Noite e Dia
Esta cantiga Sagrada*

14

*Os três foram cavalheiro
Das partes dos oriente
Visitaram o Menino Deus
O Filho da Virgem onipotente*

15

*Os Três Reis foi cavalheiro
Das partes da Fidalguia
Visitaram o Menino Deus
Filho da Virgem Maira*

16

*Os Três Reis foi Cavalheiros
Fazendo seus compromisso
Foram lá em Belém
Visitar a Jesus Cristo*

17

*Saia de casa de Roma
Tomaram seus jumentos
E foram para Belém
Adorar o Menino Deus*

18

*O menino sendo de ouro
Como Deus universal
Em começo como o Divino
Eu começo com metal*

O terço foi realizado na casa de Dona Maria do Sr. Dé, uma casa humilde localizada no Bairro Água Limpa. Dona Maria acolheu os foliões que adentraram ao portão e colocaram a bandeira sobre um altar que foi preparado por ela. Diante desse altar, foi rezado o terço, muito pedidos de milagres foram feitos para Santos Reis, a cada ministério rezado, Dona Maria agradecia a Deus e aos Santos Reis o fato de seu filho *ter largado da cachaça*. Ao final do terço, ela agradeceu a presença e convidou a todos para o almoço, fez questão de reforçar o convite para o ano seguinte afirmando que,

Enquanto eu tiver vida eu vou rezar o terço para Santos Reis e vocês são sempre convidados pra me ajudar a agradecer a Deus o milagre de recuperação de meu filho, abaixo de Deus foi milagre de Santos Reis e

*da Nossa Senhora Aparecida e a moça, a professora eu quero ela sempre aqui, pois ela vem na casa de gente pobre, faz conta de todos, ela também tem fé no Santos Reis.*⁶²



Figura 7: Dona Maria do Sr. Dé agradecendo a Deus e aos Santos Reis o milagre alcançado.

Fonte: Gonçalves, 2007

A pesquisadora saiu desse terço com um compromisso firmado com o Folião Vicente Fontes, o de acompanhar o grupo da folia da Água Limpa no giro que fariam nos finais de semana de outubro e novembro com a finalidade da realização de um terço em sua residência no primeiro Domingo de dezembro. Mais tarde durante uma entrevista gravada, o folião explicou que o terço foi um compromisso que ele fizera com seu sogro no leito de morte, o qual ele não deixaria de cumprir, nas suas palavras:

Meu sogro era um dos foliões mais antigo de João Pinheiro, Vicente Flores, aí quando ele adoeceu, sabe? Já com setenta e cinco anos, aí

⁶² Esse foi o último terço na casa de Dona Maria, pois ela faleceu vítima de uma Acidente Cardiovascular dois meses depois.

*parece que Deus e Santos Reis contou ele que ele já estava na hora de partir para outra vida. Aí quando estava faltando três dias para ele morrer ele mando me chamar lá, eu estava aqui em casa, ele mandou me chamar lá, quando eu cheguei lá, ele chorando olhou pra mim e falou: Vicente, dos meus filhos, dos meus genros tudo, o único que eu sei que pode seguir assim como o voto da folia é você. Você é uma pessoa que gosta da folia e tudo. Meus primos gosta, mas parece que você é a pessoa mais indicada. Aí passou para mim a bandeira, a caixa, o pandeiro e o violão. Aí nós cumpre este voto todo ano. Aí nós faz o giro e tira uma renda, aí nós passa para a conferência e dá o almoço aqui para os foliões.*⁶³

A fala do folião é carregada de simbolismo e de religiosidade, sendo esta o motor gerador da manifestação das Folias de Reis em João Pinheiro. Todos os entrevistados, quando indagados se tinham muita fé em Santos Reis, responderam que o motivo de participar da folia, ou como folião ou como devoto, é a fé. E normalmente a fé em Santos Reis vem de longa duração, passado de pais para filhos com uma continuidade que vai além de uma vida, como é o caso de Vicente Fontes que recebeu a incumbência de seu sogro de realizar o terço em sua casa após o momento que ele se fosse. Essa tarefa é realmente levada muito a sério. A pesquisadora teve a oportunidade de participar dessa festa nos anos 2007, 2008 e 2009. Mesmo desempregado, ou ganhando muito pouco, Vicente Fontes explica que é possível a realização da festa porque *Já vai fazer nove anos, esse ano. Aí nós até agradecer os foliões que nos ajuda, as pessoas, os vizinhos e toda comunidade porque só Deus mesmo e eles para ajudar nós, para dar conta de cumprir este voto*⁶⁴.

Durante todos os finais de semanas seguintes, o grupo saiu em peregrinação pelo bairro acompanhado pela pesquisadora, num total foram visitadas 82 casas e angariado *esmolos* que foram doadas para o Abrigo de Santana, mantido pela Associação de São Vicente de Paula. Pode-se perceber que o grupo não tem uma estrutura fechada, existe mobilidade entre os foliões, se alguém não aparece, outro ocupa o lugar, o importante é a folia sair; essa mobilidade acontece até entre foliões de grupos diferentes. Em João Pinheiro é muito comum um folião afirmar que está *dando uma mão ao capitão tal*.

Esse giro foi muito importante para conhecer os foliões, marcar entrevistas, pedir explicações sobre o ritual. Afinal foi um grande laboratório da pesquisa. Por esse contato, inúmeros outros com grupos de folias foram sendo traçados, e também foi possível mapear

⁶³ Vicente do Santos Fontes, 42 anos servente de pedreiro, desempregado na data da entrevista. Entrevista realizada no dia 06/12/2008.

⁶⁴ Idem.

os capitães de folias da cidade e do município. Na verdade os foliões passaram a funcionar como verdadeiros auxiliares de pesquisa, localizando outros grupos, informando de algum *folião mais antigo, do compadre que também quer ajudar a senhora, professora*. Dessa maneira, foi-se constituindo a rede de informantes.

No dia 05/12/2007, o grupo se reuniu na casa do Alferes, o Sr. Sebastião Pereira da Silva, para dar início ao ritual da entrega. Foram feitas as orações costumeiras, todos os foliões beijaram a bandeira e grupo saiu em procissão pelas ruas. Cantou em apenas quatro casas até chegar à casa de Vicente Fontes, onde seria feita a entrega.



Figura 8 Alferes Sr. Sebastião e o capitão Tiãozinho, iniciando o ritual do giro.

Fonte: Gonçalves, 2007

Pelas ruas, é possível perceber o entrelaçar do Sagrado e do Profano. É comum um grupo de folião rezar fervorosamente, enquanto outro grupo vai passando pelos bares do bairro e bebendo. Nas Folias de Reis pinheirenses, não há a dicotomia entre o Sagrado e Profano, eles estão presentes em todos os momentos.

Na casa de Vicente Fontes, havia um pequeno grupo de mulheres, lideradas pela sua esposa, preparando o almoço. Tradicionalmente, esse é o papel reservado às mulheres nas Folias de Reis em Minas Gerais, embora nos últimos anos estejam surgindo grupos femininos e também aumentando a participação das mulheres nos grupos tradicionais; ainda se mantém, no entanto, a predominância do folião homem. A comida é sempre preparada com abundância, pois se acredita que os Santos Reis gostam da fartura.



Figura 9 :Mulheres durante o Terço na casa de Vicente Fontes.

Fonte: Gonçalves, 2007

O almoço é sempre um espaço de confraternização, os foliões são os primeiros a se servirem, seguidos pelos demais presentes. Em muitas festas, é comum uma mesa apenas para os foliões, não foi o caso da casa do Vicente Fontes. É possível observar a presença dos moradores do bairro, de familiares de outros bairros, da zona rural e de até outras cidades.

2.5 Religiosidade mediadora das relações sociais

O Universo das Folias de Reis de João Pinheiro não é constituído apenas de festas e harmonia, mas como em todas as esferas da vida social, possui disputas e conflitos. Durante os quatro anos de pesquisa, foi possível perceber disputas entre os foliões e entre os grupos de folia. Disputa pelo maior reconhecimento da sociedade, que seja pela beleza da cantoria ou pela doação feita durante o Encontro Anual de Folia de Reis. Golovaty (2005: 167) afirma que “o folião valoriza muito os seus saberes sobre a Folia, e como este conhecimento é transmitido pela oralidade, torna evidente que aquele que mais sabe tem maior experiência nela, e assim ocupa uma função de capitão ou embaixador”.

Fato que se evidencia na entrevista de Senhor João Rodrigues de Paiva, capitão da Folia do Café do Amigo,

Quando foi na época de eu ir embora para São Paulo pra gravar o meu pai não deixou, ganhei para gravar dois discos dados, tanto que eu não canto nem uma música de meu tempo[...]Jeu não canto essas músicas. Eu canto só música, composição minha mesma, aí meu pai não deixou. Naquela época pai falava acabou, né? Aí eu perdi o tempo, não perdi porque eu aprendi, né? Graças a Deus eu aprendi, faço entrevista na rádio é que eu fui palhaço de circo também. Por isto é que eu sou meio atentado, né? É eu trabalhei no circo, é que eu tenho o apelido do circo, eu tenho dois apelidos. Eu tenho apelido de Beija-flor e canarinho. Beija-Flor porque eu trabalhei no circo chamado Beija-Flor, um circo da Bahia é o circo mais bonito que já foi, o único circo que já pingou dentro de João Pinheiro foi este circo. Mas nunca pingou, porque hoje não tem o circo mais, hoje tem essas rodas gigantes que vem. Agora de canarinho porque eu tirei em primeiro lugar para tocar e cantar. É difícil um capitão para saber como eu! Menina eu tenho uma memória de elefante. Sei todas as letras das músicas, sei os desafios e ainda sei muitas orações fortes. Bom já tem umas 2 horas que eu estou aqui te dando essa entrevista e para te contar tudo que eu sei eu gasto mais umas 2 horas. Você espera? Eu não sou como esse povo novo, não eu sei das coisas. Por isso o povo aqui gosta muito de mim. Quando eu canto todo mundo quer ouvir. Se eu não fosse importante, uma professora, assim do seu gabarito, todo mundo gava, não vinha aqui me entrevistar.⁶⁵

A função do capitão em João Pinheiro funciona como um elemento gerador de identidade social. Significa que esse folião conhece as letras de todas as cantorias e,

⁶⁵ João Rodrigues de Paiva. 77anos de idade, aposentado. Entrevista concedida à pesquisadora em 12/10/2007.

principalmente, que ele é respeitado e admirado pelos demais membros do grupo. Para ser capitão é preciso adquirir o respeito não só dos membros, mas também da comunidade. Durante a pesquisa, foi possível observar a presença de outras práticas culturais, como é o caso do Senhor João Paiva que além de folião foi também palhaço de circo, muito outros foliões são benzedores, raizeiros e dançadores de catira.

Para justificar o motivo de não ter seguido a carreira de cantor sertanejo, o Sr. João continua suas explicações

Agora eu, meu pai não deixou eu seguir a carreira, um dia o córrego lá na Cancela estava cheio, que eu fiz eu peguei aqueles documentos, aquela papelada e joguei tudo dentro da enchente. Joguei tudo dentro da enchente, porque eu fiquei apaixonado, o meu dom era de ser, eu artista, mas eu queria seguir carreira cantando, meu primo canta, outra que nós somos de geração de cantador mesmo, então eu queria estar fazendo show também, mas meu pai infelizmente não deixou, andei fazendo uns shows escondido. A gente muitas das vezes, o povo tem um dizer e é mais do que certo, tem mal que vem para bem, as vezes que eu andei fazendo show eu tomei tiro em cima do palanque. Na folia não tem isto.⁶⁶

Participar do rito da Folia de Reis para o Sr. João Paiva e para muitos dos capitães entrevistados é a oportunidade de marcar espaço na sociedade pinheirense. É a oportunidade de ser visto, ouvido e admirado pela população local, como muito bem escreveu (Da Matta, 1984:31):

O rito dá asas ao plano social e inventa, talvez, sua mais profunda realidade. É o instrumento que permite cavar mais fundo esse lugar ideal de que falamos anteriormente: região entre o estímulo material que pressiona a uma resposta humana que diferencia e liberta.

E o Sr João Paiva continua falando da importância de sua atuação nas folias, na manutenção das obras de caridade de João Pinheiro, especificamente da manutenção do Abrigo de Santana e da construção e ampliação da Associação do Folião de João Pinheiro:

Lembro, eu apresentei! Quantos anos têm isto? Não estou lembrando! Tem bem anos. Olha este asilo aqui, aquilo ali quase tudo a gente participou, a minha folia mesmo, que tem uns oito anos atrás entregava lá a renda era de dois mil. Aquele prédio, aquilo ali foi tudo renda das folias. Tem mais de vinte anos que as folia começou a se apresentar lar. Mas não é toda folia não! Tem folia que não traz nenhuma doação! Gasta tudo! A minha não sempre ajudou, por isso ela é muito

⁶⁶ Idem.

*importante! A renda da nossa folia vai tudo para o dispensário. Agora nós estamos pelejando para construí aquilo associação, nos tá querendo arrumar aquilo ali bem arrumadinho, mas aquilo vai demorar, porque o dinheiro está difícil. Dinheiro está difícil, a renda é pouca, mas devagarzinho vai, Deus e os Três Reis Santos, a gente sai lá na frente. A fé é que se Deus quiser, nós que por aquilo quais do tipo de um seminário. Ali é dos Três Reis. Ali já doou o chão e aquilo ali é dos Três Reis. Foi doado no nome dos Três Reis. Tem gente que fala, João aquilo ali nunca vai terminado conforme a gente, vocês queira terminar, hoje faz uma coisa, amanhã quer fazer outra. Vai fazendo, dando para a gente ir entregando, tem a festa, a entrega. Faz uma mesada de comida, como daqui, lá para aquelas parede a fora, meu menino mesmo ajuda.*⁶⁷

E os conflitos marcaram várias passagens da pesquisa de campo. Fica evidente o descontentamento do grupo de Folia do Bairro Papagaio, quando no giro pelo Assentamento do Segredo o capitão Prego dá uma bronca generalizada em seus foliões:

*quer parar com essa bebedeira, já ta virando cachorrada! Na casa do Senhor João tinha folião dormindo e babando em vez de cantar! Santos Reis não gostam deste exagero, sem falar que eu estou morrendo de vergonha da professora Célia⁶⁸, ela vai pensar que eu sou um capitão relaxado que deixo vocês nessa algazarra! É para parar!*⁶⁹

Outro momento de conflito explícito é a acusação que um capitão faz a outro: *O [...] gosta muito, até muita gente falava dele, negócio de donativos. Ele até repartia, ou se não, repartia mal repartido, eu sempre falo assim para os capitães, vamos ser honestos, Santos Reis tá vendo tudo⁷⁰*. Observa-se que a sociedade pensa sobre um capitão é muito importante para ele. O maior conflito observado foi, sem sombra de dúvidas, reservado às eleições para a Associação do Folião de Santos Reis de João Pinheiro. O cargo de presidente da referida Associação é eletivo com um mandato de dois anos, provocando verdadeiras batalhas para o preenchimento do mesmo.

⁶⁷ João Rodrigues de Paiva. 77anos de idade, aposentado. Entrevista concedida à pesquisadora em 12/10/2007.

⁶⁸ Referência feita à pesquisadora.

⁶⁹ Bronca dada pelo capitão Prego no grupo de foliões do Bairro Papagaio no dia 29/12/2007, durante o giro pelo Assentamento do Segredo.

⁷⁰ Identidade resguardada por questões éticas.

CAPÍTULO 3

PERFIL SOCIAL DOS FOLIÕES PINHEIRENSES

3.1 Caracterizando os *performers* e estabelecendo o seu papel dentro e fora da folia

Esse capítulo tem por objetivo principal elaborar um perfil social dos foliões de João Pinheiro (MG), buscando responder o seguinte questionamento: quem são os *performers* (foliões) pinheirenses? Qual é a idade desses foliões? De onde vieram essas pessoas? Como vivem? Onde moram? Em que trabalham? Qual o grau de escolaridade? Há quanto tempo estão nas Foliias de Reis? Com quem aprenderam a arte de foliar? Objetiva também analisar as Foliias de Reis locais sob a perspectiva dos estudos da performance, pois se faz mister entender suas implicações culturais. Saber quem são esses *performers*⁷¹ e como vivem é uma forma de adentrar em seu universo para uma melhor percepção de suas manifestações.

Com a finalidade de traçar um perfil social dos *performers* nos dias 21 e 22 de fevereiro de 2009, durante o Encontro Anual de Folia de Reis em João Pinheiro, foi aplicado um questionário estruturado contendo nove perguntas. Os foliões eram escolhidos de forma aleatória, assim que os grupos chegavam à Associação e faziam a entrega dos donativos arrecadados durante o giro; nesse momento, eram abordados pela pesquisadora, que explicava o motivo do questionário.

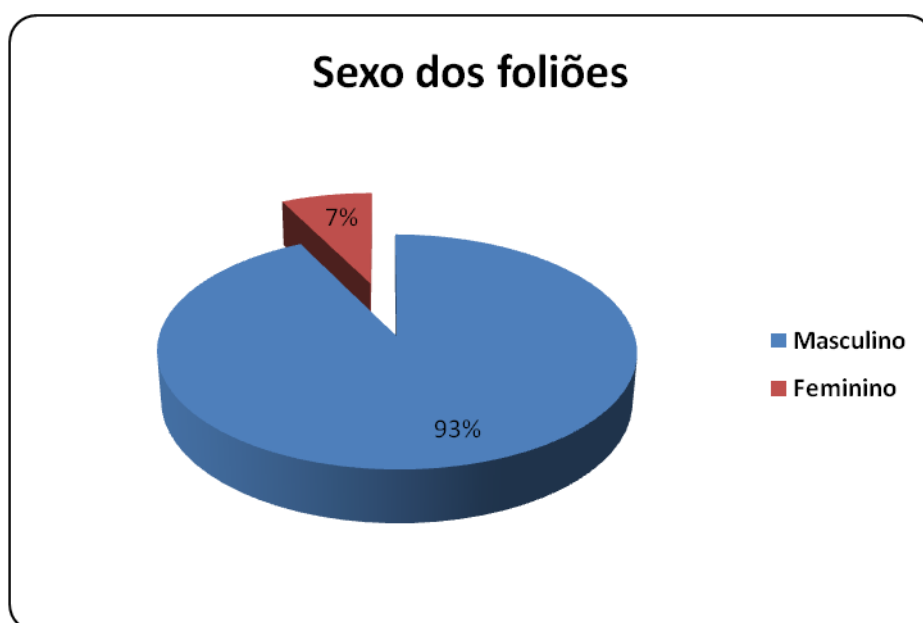
Em um primeiro momento foi pensado em coletar uma amostra de apenas 10 %, dos foliões, por volta de 45 a 50 dos foliões que se apresentariam no 29º Encontro de Folia de Reis de João Pinheiro, sendo que esse evento contou com aproximadamente 450 participantes. Porém, quando um folião era abordado para o preenchimento do questionário, logo se formava um grupo de outros foliões que queria saber de que se tratava e imediatamente manifestava o seu desejo de participar da pesquisa. O total de 136

⁷¹ Nessa tese o conceito de *performer* é o elaborado por Schechner (2003:25) “ Na arte, o *performer* é aquele que atua num show, num espetáculo de teatro, dança música. Na vida cotidiana performar é ser exibido ao extremo, sublinhando uma ação para aqueles que a assistem.”

foliões presentes no encontro anual promovido pela Associação dos Foliões de Santos Reis de João Pinheiro responderam ao questionário. A amostra só não foi maior em função de a pesquisadora estar preocupada em fazer o registro de fotografias e filmagens da performance de cada grupo de folia. Outro ponto que merece ser destacado é o fato de o questionário não conter espaço para identificação do folião; no entanto, um grande número demonstrou interesse de ver registrado o seu nome.

A primeira pergunta do questionário tinha como finalidade descobrir o sexo dos foliões.

Gráfico 01- Sexo dos Foliões



Fonte: Questionário aplicado aos foliões de João Pinheiro nos dias 20 e 21 de fevereiro de 2009.

João Pinheiro segue a tradição das Foliás de Reis de Minas Gerais, Goiás e São Paulo, sendo as folias compostas majoritariamente por homens, diferente do constatado na Bahia por Mendes (2001:08):

Nos grupos de Ternos de Reis que atualmente apresentam seus espetáculos na noite de Reis (5 de Janeiro) diante do presépio armado no interior da igreja da Lapinha e na festa do Senhor do Bonfim, na semana seguinte, todos os *performers* são do sexo feminino. No ritual de louvação ao nascimento de Jesus os pastores, que no episódio bíblico acompanharam os Três Reis Magos até Jerusalém, são representados por pastoras ou floristas.

A Folia de Reis em João Pinheiro é uma manifestação majoritariamente, embora não seja unicamente, masculina. Condição também observada por Moreyra (1983: 144): “A Folia de Reis consiste, basicamente, em um grupo de pessoas (**homens**, cantores e instrumentistas) que realiza uma peregrinação religiosa por ocasião da festa de Reis”. Dos entrevistados, 93% pertenciam ao sexo masculino e 7% ao sexo feminino, lembrando que no encontro de 2009 se apresentaram 30 grupos de Folias, sendo 29 compostos por foliões masculinos e apenas um feminino. Mesmo o grupo que se autodeclara *Folia Feminina*⁷² tem em sua composição membros do sexo masculino.

Qual o papel dos gêneros dentro das Folias e Reis? No município de João Pinheiro é comum pensar em folias como manifestações masculinas, “coisa de homem”; no entanto, no Encontro Anual dos Foliões a apresentação do grupo feminino é esperada e assistida com muita curiosidade e entusiasmo. Mesmo nos grupos que são constituídos majoritariamente de homens, as mulheres participantes sempre relatam terem um tratamento respeitoso por parte dos membros masculinos, assim como do público em geral.

Como relata a foliã Didi⁷³:

Os homens respeitam muito o grupo de folia feminina. Como você pode ver nós temos homens no grupo. Mas eles respeitam direitinho, ninguém aqui teima com a capitã Edileusa. Todo mundo escuta muito a Adelaide também, porque ela está sempre nas coisas da Igreja, ela se preocupa muito em organizar o grupo, quem falta, quem vem para os ensaios, onde o grupo vai se apresentar. Você pode ver, nós temos folião bem novo como o Pedro do violão e todo mundo é obediente. Acho que o fato do nosso grupo ser a folia feminina até ajuda. Você já viu no encontro da Associação como na hora de nossa apresentação o salão enche? Acho que folia feminina é diferente e todo mundo que ver a gente cantar. Portanto acho que ser mulher na Folia de Reis é muito bom!

Pelo depoimento da entrevistada, é possível perceber a presença da mulher nessa prática religiosa/cultural, como também é possível visualizar que a população presente no Encontro Anual respeita e valoriza o saber feminino. O papel das mulheres nas Folias de

O grupo feminino é composto dos seguintes membros: ⁷² Capitã: Edileuza Gonçalves Resposta: Zeleide. 2ª Voz: Eni 3ª Voz: Adelaide 4ª Voz: Geralda 5ª Voz: Nazira 6ª Voz: Didi Sanfona: Eduardo e Sandó Caixeiro: Luiz-Violeiro: Pedro- Pandeiro: Antônio Braz -Cavaquinho: Durval -Triângulo: Dionízio-Alferes: Elen Cássia.

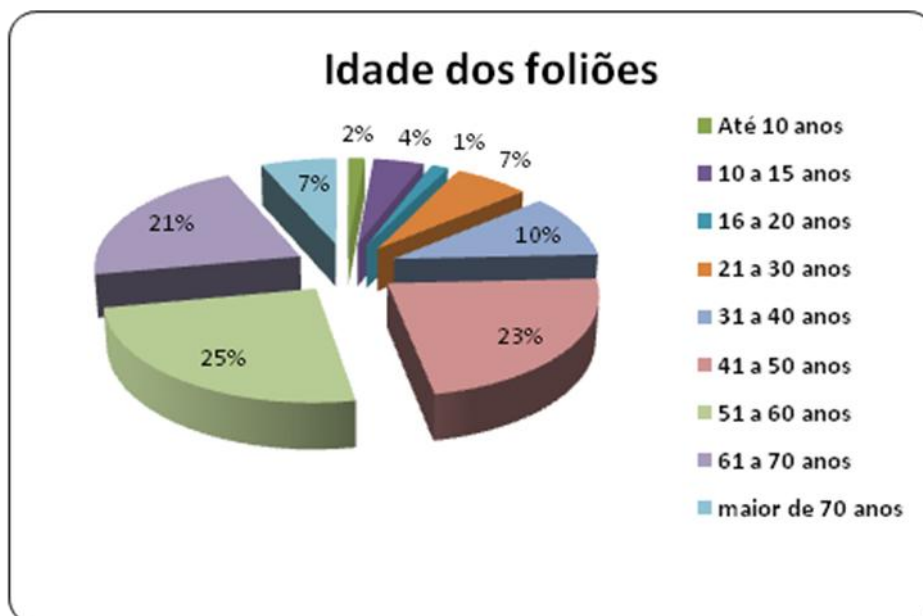
⁷³ Didi tem 52 anos de idade, é costureira e participa da Folia de Reis há mais de 30 anos. Entrevista gravada em 12/10/2007.

Reis de João Pinheiro será melhor trabalhado no quarto capítulo dessa tese, o qual é dedicado ao papel das mulheres nas Folias de Reis.

3.1.2 Idade dos foliões

A segunda pergunta do questionário visava investigar a idade do folião pinheirense, como o objetivo de traçar um perfil social dos mesmos, investigando, assim a qual faixa etária eles pertenceriam.

Gráfico 02: Idade dos foliões



Fonte: Questionário aplicado aos foliões de João Pinheiro nos dias 20 e 21 de fevereiro de 2009.

3.1.2.1 Os idosos nas Folias de Reis de João Pinheiro (MG)

O maior quantitativo dos foliões pinheirenses está entre os 51 e 60 anos de idade, correspondendo a 25% dos entrevistados, seguido de 21% dos foliões com idade entre 61 e 70 anos; 7% dos foliões ultrapassaram os 70 anos de idade. Esses três intervalos de idade,

todos acima do 50 anos, somam 53% dos participantes, evidenciando uma tendência já analisada em diversas dissertações e teses sobre as Folias de Reis como manifestações que tendem a manter muitos idosos como participantes. A tendência à existência de foliões já ingressando na terceira idade pode ser explicada devido à manutenção da tradição, ou até mesmo pela facilidade que os idosos têm de acompanhar os giros das folias, em função de serem aposentados. No caso de João Pinheiro, os dados apontam que 15% dos foliões são aposentados. O compromisso com o trabalho acaba dificultando a participação efetiva do folião que ainda precisa comparecer ao serviço todos os dias.

De acordo com Sonza (2006), no Brasil, como é de tendência mundial, a população idosa vem crescendo e esse crescimento tem revelado duas questões: por um lado, o idoso⁷⁴ torna-se uma “categoria social”, ou seja, embora sempre tenham existido problemas sociais e políticos associados à questão do idoso, esses problemas poucas vezes foram objetos de análises acadêmicas mais sistemáticas. Por outro lado, o crescimento de estudos e análises sobre o papel social do idoso tem revelado as inúmeras situações de discriminação, humilhação, descaso e opressão a que eles estão constantemente expostos.

Em função desse crescimento demográfico dos idosos no Brasil, assim como o número de trabalhos realizados sobre essa temática e as difíceis situações que esse grupo social enfrenta cotidianamente, exigem-se muito mais estudos e análises dos diversos campos do conhecimento sobre a questão. Embora não seja esse o objetivo desse trabalho, não poderia ser negligenciando o papel do idoso nas Folias de Reis em João Pinheiro. Nelas é possível perceber, por parte dos idosos, o exercício de um papel social qualitativamente distinto das situações de descaso, humilhação e preconceito, aos quais eles inúmeras vezes são subjugados na sociedade em que estão inseridos.

A Folia de Reis passa a funcionar como um centro importante irradiador de um conhecimento popular e de uma tradição muito valorizada em João Pinheiro. Segundo Sonza (2006), para o idoso, participar dessa festa é vivenciar uma situação muito significativa em sua comunidade, fazendo parte da manutenção e reprodução de uma tradição secular no Brasil. É deixar de ser o “velho” e se tornar o “folião”, tornando-se assim uma categoria social que lhe proporciona o exercício de um papel de respeito, admiração e de cidadania singular.

⁷⁴ A Organização Mundial da Saúde - OMS - define a população idosa como aquela a partir dos 60 anos de idade, mas faz uma distinção quanto ao local de residência dos idosos. Este limite é válido para os países em desenvolvimento, subindo para 65 anos de idade quando se trata de países desenvolvidos. (IBGE, 2002)

Sobre a luta dos idosos para ocupar um lugar na sociedade, e serem reconhecidos, escreveu Chauí (1998:18):

[...]em nossa sociedade ser velho é lutar para continuar sendo homem [...] é sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si somente o outro. E este outro é um opressor.

Conforme afirma a autora acima, ser velho é deixar de ser produtivo, quando se pensa em termos de capitais, para continuar sendo homem tem que se travar uma verdadeira luta pelo reconhecimento social. Como explica o IBGE (2002): “nas sociedades ocidentais é comum associar o envelhecimento à saída da vida produtiva pela via da aposentadoria. São considerados velhos aqueles que alcançam 60 anos de idade”.

Sentindo-se velho e doente, o Sr. Sebastião Pereira da Silva, alferes da Folia do Bairro Água Limpa faz uma comparação da sua atuação na folia quando era jovem e agora, aos 60 anos de idade:

De primeiro se saia de quarta pra quinta, aí rodava direto, é dia e noite, não parava não. Saia andava a noite inteira, descansava um tiquinho e almoçava, direto, direto, podia estar chovendo, estar estiado, dum jeitinho só, não parava não. Todo mundo embrulhado com capa, embrulhava os instrumentos, mas que não parava, não parava não. Era até chegar o dia de entregar, num parava igual hoje não. Não sei se é porque o povo de primeiro é mais sadio que o povo de hoje. Hoje o povo quase tudo doente, os foliões tudo já de idade, né? Eu penso que é isto, eu mesmo sou um deles, não vou falar os outros não, eu sou o principal, estou no alferes e não agüento, começa a doer as pernas. Não sei se é falta de fé ou saúde, uma das coisas acontece.⁷⁵

De acordo com Bosi (1997:77), “a sociedade industrial é maléfica para a velhice” porque tradicionalmente a velhice está associada aos desgastes físicos ou mentais, às doenças, às disfunções e às incapacidades físicas e/ou psicológicas, as quais descaracterizam o espaço social dos idosos. Porque “Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor” (Bosi, op. cit.: 77). Fato que pode ser observado no relato do entrevistado acima. Ele justifica a queda da qualidade na sua atuação na folia aos

⁷⁵ Entrevista realizada em 21/12/2008. O Sr. Sebastião é aposentado por problemas e saúde, é portador do mal de Chagas, era lavrador morava na zona rural de João Pinheiro, depois da aposentadoria mudou-se para a cidade (Bairro Água Limpa) e hoje trabalha em casa como barbeiro.

problemas advindos da idade. Embora em outros momentos da entrevista ele demonstrasse grande orgulho de ser folião, neste momento ele deixa claro que o peso da idade acaba por prejudicar a sua performance na folia.

Por outro lado, o idoso da Folia de Reis é um guardião dos conhecimentos da arte de foliar. As letras das músicas, os rituais, a religiosidade sempre são repassados por eles, aos novos foliões. Praticamente todas as folias do município de João Pinheiro possuem idosos entre os seus membros, uma vez que 28% dos foliões locais estão acima de 60 anos de idade. Esses artistas populares precisam ser mais bem valorizados na sociedade como alerta Bosi (1977), para a necessidade de lutar pelos idosos, pois eles são a fonte de onde brota toda a essência de nossa cultura. Eles representam o ponto de ligação entre o passado e o presente. Eles são os guardiões do passado, porém foram desarmados, pois “A sociedade rejeita o velho e não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra” (Bosi, op. cit.: 77).

Partindo desse princípio, é possível entender o porquê de grande parte das tradições praticadas antigamente não perdurarem até os dias atuais. Isto se explica pelo fato de as sociedades capitalistas não atribuírem aos idosos a devida importância que merecem. As lembranças recuperadas desses idosos, pelo intermédio da volta ao seu passado, são de extrema importância, pois a mediação do estudo da memória dos idosos possibilita saber a que “[...] eles já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas, eles viveram quadros de referência familiar e cultural, igualmente reconhecíveis” (Bosi, 1997: 60). Talvez essa seja a explicação para a existência de 52 grupos de Folias de Reis em João Pinheiro, uma grande atuação dos idosos nessa prática religiosa/cultural. Pode-se dizer então que, por meio da lembrança desses idosos, será possível conhecer fatos ocorridos em outras épocas na sociedade pinheirense, recuperando parte de nossa cultura para as gerações atuais.

Bosi (1997) afirma que, apesar dos idosos serem guardiões do passado, são as pessoas do presente que devem lutar por eles, pois os mesmos foram desarmados, demonstrando a cruel realidade que os nossos idosos estão vivendo nos dias atuais. Realidade essa que exclui o idoso do meio social e o priva de sua principal função, que é lembrar e aconselhar as gerações atuais e futuras. Neste sentido, a exclusão dos idosos do meio social os leva a uma posição desfavorável, pois os mesmos enfrentam inúmeras dificuldades de sobrevivência dentro da nossa sociedade capitalista. A autora é categórica

ao afirmar que as lembranças desses idosos são de suma importância para as sociedades nas quais eles estão inseridos. Portanto, uma das formas de analisar a importância dos idosos na sociedade pode ser feita por meio dos valores culturais e de manutenção e reprodução das tradições.

Como escreveu Sonza (2006): pelas lembranças de experiências passadas, por várias gerações, o idoso pode exercer um precioso papel no resgate, conservação e reprodução de tradições, uma vez que a memória constitui uma maneira de preservação e retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda, nos quais a história e a memória, numa inter-relação dinâmica, são suportes das identidades individuais e coletivas. Fundamental na formação da identidade, seja individual, seja coletiva, a memória se torna indispensável na construção da sociedade, pois coopera eficazmente para a definição de ações e comportamentos no presente e no futuro. Portanto, as lembranças mantêm um vínculo entre a história e a comunidade. Esse fato contribui para despertar, em todos os envolvidos com o processo de convivência social, um sentimento de pertencer a um lugar em um determinado tempo. Essa percepção pode fortalecer o comprometimento do indivíduo com a sociedade e o interesse pela preservação de suas manifestações culturais.

Esse conjunto de ações e comportamentos evidencia o que normalmente é conhecido como herança social ou cultura. Sua riqueza e seu conteúdo são repassados pelos tempos por grupos de indivíduos que formam as diferentes sociedades. Assim, a cultura de qualquer sociedade manifesta-se na organização de ideias, emoções condicionadas e formas de comportamento habitual que seus componentes adquiriram por instrução ou pela repetição de atos que todos, em maior ou menor grau, participam, cada um com sua contribuição (Sonza, 2006).

Pensando dessa maneira, é possível perceber que, por ocasião da Folia de Reis, um conjunto de ações, comportamentos, ritos e papéis se entrelaçam como elementos característicos da cultura local, que vêm se preservando ao longo dos anos. O papel social do idoso, nesse contexto, se reveste de importância fundamental no que tange à sua valorização na comunidade, o que resulta na melhoria de sua autoestima. Nas Festas de Reis de João Pinheiro, os idosos se sentem personagens importantes, donos de uma memória valiosa para a realização do ritual. Como é possível perceber no depoimento do Sr. João José Vaz, conhecido com Crioulo Batista:

*A folia pra mim é um momento de alegria, é hora de agradecer a Deus e Santo Reis pelas graças que recebo, os dias que eu passo foliando, é os dia mais cheio de recompensa que eu tenho, e tudo que eu dou pra ajudar na festa de Santo Reis é bem recompensado, nunca me fez falta. Todo ano aqui a folia passa aqui em casa eu rezo um terço, não é promessa não, é devoção! E eu também ajudo na festa, e quero continuar, enquanto vida eu tiver. Toda vida eu gostei de foliar, meu pai era folião na Folia do Facão, por isso eu desde menino interessei por folia. Quando comecei a foliar era diferente de hoje, os foliões andavam a pé ou a cavalo, e era mais devoto os dias de folia ninguém parava pra trabalhar todo mundo fazia o serviços antes, e aqueles dia, era por conta do Santo, o que facilito hoje é maneira de andar, mais tem hora que eu acho que falta devoção. Então nós mais velhos temos que ensinar a devoção para o povo de hoje. Esse é o papel do velho na folia. Se não fôssemos nós, os mais velhos, os novos não iam saber como fazer a cantoria, o que pode e que não pode. Eu mesmo ensino isso para o povo daqui.*⁷⁶

Outro entrevistado idoso, o Sr. Severino Xavier, também demonstra ser guardião de conhecimentos valiosos para a história local. Ancorado em suas lembranças ele relata sobre a sua atuação nas folias, as funções ocupadas na mesma e evidencia que hoje, como idoso, sua participação na folia está mudando, mesmo assim ele não deixará de participar:

*Quando eu comecei na folia com meu pai eu ainda era menino, comecei batendo pandeiro. O pandeiro era feito aqui mesmo, com coro de bicho do mato, antigamente os instrumento era feito por aqui mesmo, meu pai contava, que o tinha um tal Mané Lazaro fazedor e batedor de caixa e viola. Nós saía com a folia e andava o giro todo sem volta em casa, todo mundo a pé. Onde jantava fazia o ponto de parada ali todo mundo ia dormir, dormia tudo acumulado, era um respeito danado pelo que o capitão falava, ninguém teimava e no outro dia saía dali para casa do almoço, e batia até de madrugada, tinha dia que virava a noite, continuava cantando até encontrar uma casa que desse pra dormi todo mundo reunido; **Ah, era uma dificuldade danada, tinha que atravessa córrego cheio, atoleiro, mais ninguém redava pé, tava todo ali, junto. Agora ta tudo diferente, folião só anda de carro, ah é uma beleza nesse ponto, toda noite tem que voltar para dormir em casa, tem folião aqui vai num dia, num vai no outro, falta compromisso com o “Santo”, uns têm que trabalhar, outros, nada pensa que a folia é uma farra. Eu já fui alferes, panderista, guarda-mor, caixeiro, mais agora vou cedendo meu lugar pra outro, mais continuo ajudando na festa, enquanto Deus deixar, mais pra mim a folia é força da religião do lugar.**⁷⁷ (Grifos da autora)*

⁷⁶ João José Vaz, 76 anos de idade, folião em Canoeiros. Entrevista concedida à pesquisadora em 05/01/2006.

⁷⁷ Severino Xavier, 72 anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 05/01/2006.

Na fala do Sr. Severino fica evidente a importância do idoso quando relata os modos de vida, a arte de fazer os instrumentos, as dificuldades encontradas no giro. Ele demonstra encarar algumas das mudanças de forma positiva. Uma delas é a possibilidade que os foliões tem hoje de poder voltar para dormirem em suas casas. Outra mudança bem vinda para o Sr. Severino é a utilização do carro o que eliminou as dificuldades enfrentadas pelo grupo diante da natureza, como atravessar córregos, rios e atoleiros.

3.1.2.2 As crianças nas Folias de Reis de João Pinheiro (MG)

Embora não seja uma presença tão expressiva quanto a dos idosos. As crianças também se fazem presentes nas Folias de Reis de João Pinheiro. É muito comum o menino acompanhar o avô para foliar. Entre os foliões entrevistados apenas 2% tinha menos de 10 anos de idade e 4% de 10 a 15 anos. Essas crianças e os adolescentes ocupam os mais diversos lugares nas Folias de Reis. Podem ser caixeiros, pandeireiros, violeiro e até alferes.

Em toda literatura consultada muito pouco foi encontrado sobre as crianças na Folia de Reis. Embora Delgado; Müller (2005: 351) afirmem que “o campo da sociologia da infância tem ocupado um espaço significativo no cenário internacional, por propor o importante desafio teórico-metodológico de considerar as crianças atores sociais plenos”. No Brasil, é possível perceber a ausência de pesquisa que considere as crianças como atores sociais e agentes de sua própria história, principalmente no que tange à cultura popular⁷⁸. Para as referidas autoras, falar das crianças como atores sociais é algo decorrente de um debate acerca dos conceitos de socialização no campo da sociologia. E continuam as autoras:

⁷⁸ “Cultura popular” está longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas e especialmente pela Antropologia Social, disciplina que tem dedicado particular atenção ao estudo da “cultura”. São muitos os seus significados e bastante heterogêneos e variáveis os eventos que essa expressão recobre.(Arantes, 1981:07). Porém, nesta tese, ela é pensada como escreveu Peter Burke (1999:21) “a cultura é um sistema de significados, atitudes e valores compartilhados, e as formas simbólicas nas quais eles se expressam ou incorporam.”

[...] a perspectiva sociológica deve considerar não só as adaptações e internalizações dos processos de socialização, mas também os processos de apropriação, reinvenção e reprodução realizados pelas crianças. Essa visão de socialização considera a importância do coletivo: como as crianças negociam, compartilham e criam culturas com os adultos e com seus pares. Isso significa negar o conceito de criança como receptáculo passivo das doutrinas dos adultos (Delgado; Müller, op.cit.: 351).

Portanto, as crianças, nesta tese, são pensadas como agentes sociais, que têm vontade, sonhos, anseios, medos, dificuldades de aprendizagem das letras da folia, mas que principalmente têm voz própria e expressam seus sentimentos sobre a arte de foliar, que aprenderam os passos do ritual da folia e a ter fé como os demais foliões, na maioria das vezes, pais e avós. Como é o caso do pequeno folião Higor Felipe Vieira Borges, hoje com sete anos de idade, membro da Folia da Taquara, neto do folião Antônio Maria dos Santos e bisneto de José Maria dos Santos⁷⁹, também membros da referida folia. Igor explica:

Eu sei tocar caixa, eu aprendi com meu avô. Foi ele que me ensinou! Eu gosto muito da Festa se Santos Reis. Sabe? Eu gosto de cantar, gosto de andar com os foliões, gosto muito da comida. Quando eu era pequeno eu tinha medo do palhaço, mas agora que eu cresci, eu não tenho mais. Eu sei que é um folião. Ele usa máscara para enganar a Herodes. Eu falo para todos os meninos, não precisa ter medo. Ele só faz graça. Ele quer proteger o Menino Jesus⁸⁰.

Quando perguntado pela pesquisadora onde ele aprendeu sobre a função do palhaço, ele respondeu: *uai! Como o meu avô Antônio e como o meu avô Zezé*; referindo-se também ao seu bisavô. Três gerações que se encontram nas Folias de João Pinheiro. O pequeno folião Igor nasceu em uma família onde o conhecimento do ritual de foliar é passado de pai para filhos e a aprendizagem começa ainda criança, como explicou o seu avô Sr. Antônio Maria dos Santos:

Olha eu comecei a Folia eu devia ter uns dez, doze anos, eu comecei a acompanhar as folias com meus tios, já tocava cavaquinho, daí pra cá nunca falho nenhuma folia. [...] São quase sessenta anos de Folia. Eu tinha um tio, casado com uma tia minha, que era capitão de folia, que foi o melhor capitão que teve, era ele quem ensinava nós. Aí eu ficava tomando conta das coisas em casa, e girava com eles a cavalo, naquele

⁷⁹ O folião José Maria dos Santos faleceu quinze dias após gravar essa entrevista.

⁸⁰ Igor Felipe Vieira Borges, 07 anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 24/02/2008.

*tempo pra andar na roça, era tudo de cavalo, primeiro de a pé e depois de cavalo, aí eu ia.*⁸¹

O ápice da transmissão dos saberes rituais dos grupos de folia de João Pinheiro, está na maneira de ouvir, gesticular, criar, tocar, dançar, cantar e louvar, ou seja, está presente no pulsar do ritual: “São estas as ações que mentalizam as relações de trocas, parentesco e se inserem em um processo dinâmico de transformação e re-interpretação dos saberes performáticos” (Kimo, 2005:708).

Segundo Arroyo (2000: 16), as várias culturas musicais orais valorizam o fazer musical como sendo “auditivo, visual e tátil”. Desta forma, “não há quem especificamente ensine”. Pensando dessa maneira, é possível observar que não há especificamente definido, nos grupos de Folias de Reis locais, um representante com a função de ensinar a prática musical. O procedimento de ensino e aprendizagem é realizado de forma coletiva, as festas e os ensaios são momentos em que se aprende e se ensina no grupo, por meio desse intercâmbio um folião que veio de outra cidade ou distrito pode ensinar ao grupo novas músicas e letras, assim como ele aprende muito da performance da folia na qual está se inserindo.

O fato de existirem mestres ou foliões mais experientes, que são responsáveis pela transmissão do conhecimento do ritual da folia para os membros novos do grupo, com o qual o aprendizado se multiplica em uma prática mais abrangente, sinaliza para a complexidade de seus papéis dentro do grupo.

Sobre essa função de ensinar as crianças e os adolescentes nas Folias de Reis, Brandão observou que:

Sem deixar de lado inteiramente os seus compromissos seculares de trabalho e de participação em outros setores da vida social, um camponês, um pedreiro ou a mulher de um lavrador volante absorvem, quase sempre ‘desde menino’, os conhecimentos para o exercício de um tipo específico de trabalho religioso. Às vezes, durante anos, o noviço popular foi ajudante de dança, de instrumento, de canto ou de reza de algum ‘mestre’ com quem aprendeu, na ativa, o começo da meada dos gestos e das falas, assim como os fundamentos da crença que pela vida afora ele deverá repetir e sobre o que ele poderá inovar sem quebrar a tradição, até consolidar um estilo, a sua marca pessoal de especialista acreditado (Brandão, 1986: 157).

⁸¹ Antônio Maria dos Santos, 67 anos de idade, membro da Folia da Taquara. Entrevista concedida à pesquisadora em 24/02/2008.

Embora nas folias pesquisadas não exista nos grupos um membro que seja oficialmente responsável pela função de educador especificamente musical, é possível verificar que alguns foliões ocupam lugar relevante nesse processo, como é o caso do papel ocupado pelo capitão da folia e pelos praticantes mais velhos, no processo de transmissão do saber performático. É atribuída a esses detentores do saber popular, a missão de preparar e estimular a sensibilidade dos futuros praticantes do sagrado aos fundamentos significativos do sistema religioso: “Esses mestres devem estar atentos às transformações operadas na sensibilidade estético-musical dos futuros noviços. Caso contrário, o ciclo de reposições pode se romper, ocasionando o fim da tradição” (Kimo, 2005:09).



Figura 10: Igor e o avô Antonio Maria, ao lado o bisavô José Maria.

Fonte: Gonçalves, 2008



Figura 11: João Gabriel membro da Folia João Timóteo e Ruam Folião do Bairro Papagaio.

Fonte: Gonçalves, 2008

A existência de crianças na Foliás de Reis de João Pinheiro é um indicativo do aprendizado por meio da observação. Os filhos dos foliões locais, desde pequeninhos, encantam-se e participam das práticas das folias. Na perspectiva de Amorim (2007), esse fazer se confunde com a própria realidade do seu dia a dia, no qual brincam, imitam personagens, dançam, recitam versos, divertem-se “como se fossem os próprios foliões”, principalmente o personagem do palhaço. As crianças sempre estabelecem contato, durante a brincadeira, com os signos produzidos pela cultura à qual pertencem.

Dessa forma, acontece a transmissão cultural, pois a atividade de brincar da criança é estruturada conforme os sistemas de significado cultural do grupo a que ela pertence. Porém, ao mesmo tempo,

essa atividade é reorganizada de acordo com o sentido particular por ela atribuído às suas ações em interação com os membros mais próximos do seu convívio. Nesse processo, tanto os significados coletivos quanto os sentidos pessoais convivem continuamente (Amorim, 2007: 54).

Exemplo disso é o pequeno Tiago, filho do capitão de Folia do Bairro Clube do Cavalo, José Geraldo Couto, que com apenas dois anos de idade brinca de alferes, segurando a bandeira.



Figura 12: Tiago, filho do capitão de Folia do Bairro Clube do Cavalo.

Fonte: Gonçalves, 2007

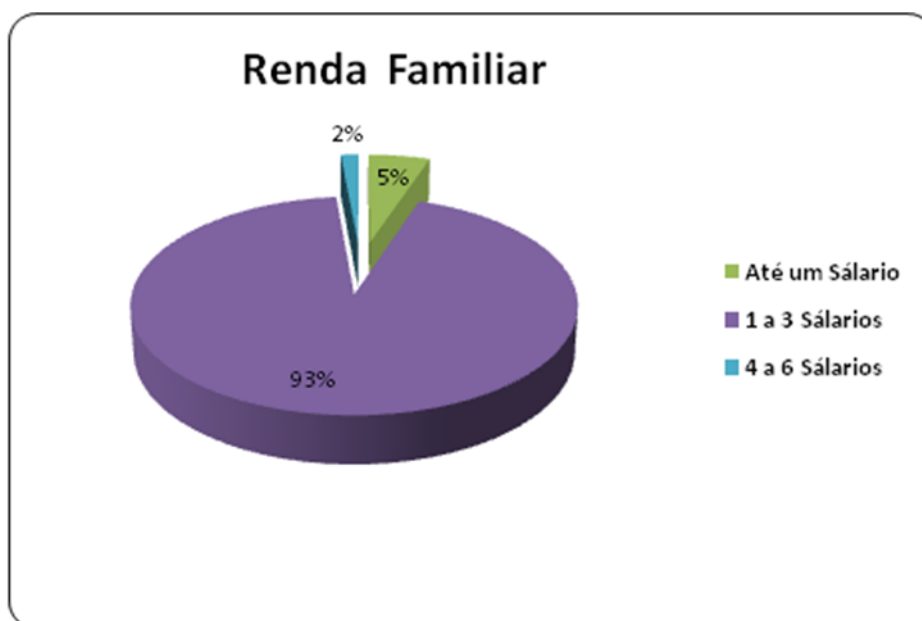
3.1.2 Renda Familiar dos Foliões Pinheirenses

A comida da Festa de Reis é sempre servida em enormes panelas fumegantes. Durante os quatro anos de pesquisa de campo, esse foi um elemento, um fato recorrente em todas as festas, terços e saída de folia. Sempre era possível observar a preocupação dos festeiros e do capitão da folia com a “fartura”. É muito comum ouvir desses personagens que a comida deve sobrar, que os Santos Reis gostam de fartura, evidenciando-se assim que o excedente é um fator para determinar o sucesso de qualquer Festa de Reis. A falta dos alimentos ou a sua escassez são condições inaceitáveis. E para que esse medo não se transforme em realidade são empreendidos esforços de todos envolvidos na organização do trabalho. Portanto, a Festa de Reis em João Pinheiro pode ser também concebida como um

“rito de passagem” (Van Gennep, 1978), marcando a transição da escassez das vidas dos personagens envolvidos para a condição da fartura do evento.

Para entender melhor essa escassez da vida dos foliões, o questionário aplicado incluía uma pergunta que objetivava verificar a renda familiar dessas pessoas.

Gráfico 03: Renda familiar



Fonte: Questionário aplicado aos foliões de João Pinheiro nos dias 20 e 21 de fevereiro de 2009.

Como é possível visualizar no gráfico acima, 93% dos foliões entrevistados em João Pinheiro possuem uma renda familiar de até três salários mínimos. E 5% deles têm uma renda familiar abaixo de um salário mínimo, caracterizando-se, assim, um percentual de 98% de foliões de baixa renda. Fator que foi constatado também pela pesquisadora Sara Passabom Amorim em sua pesquisa sobre as Folias de Reis no Rio de Janeiro. Ela afirma que

A maioria que participa dessa prática é constituída por pessoas de baixa renda. Entretanto, para elas a Folia é um tópico importante em sua realidade. A rotina diária dessas pessoas é interrompida na época da jornada da Folia, representando momentos intensos e prazerosos. Verifica-se que assim como em todo Brasil, aqui também a cultura popular é vivida e praticada pelos mais pobres e oprimidos, que são, predominantemente, mestiços e negros. Dessa forma, as pessoas se doam

e se satisfazem nos movimentos performáticos no grupo aos quais pertencem e com os quais se identificam. Momentos esses de grande importância atribuídos a uma dinâmica indiscutível, em que todos, desejosos de bem-estar, dedicam-se, tentando superar as mazelas da vida – mesmo por alguns instantes –, no espaço ao qual pertencem. (Amorim, 2007: 67).

Condição social essa também encontrada em Goiânia por Ikeda (1994: 78): os foliões são basicamente das baixas classes econômicas, exercendo profissões como pedreiro, vigia, ajudante de serviços gerais, faxineiro, feirante; tendo um ou outro de melhor condição profissional (eletrotécnico, funcionário público com certa graduação, agente de polícia, pequeno comerciante). No caso das mulheres, que são comuns nas folias de migrantes baianos, a maioria dedica-se aos trabalhos domésticos. Em geral, há nos grupos o problema de compatibilização entre o trabalho e a participação nas folias, já que são vários dias de jornada. Alguns foliões conseguem soluções como pedido prévio de férias na época das jornadas ou a simples falta ao trabalho, enquanto outros têm participação na folia em determinados dias ou horas, que intercalam com o trabalho profissional. Tudo no sentido de "cumprir a devoção". Enquanto alguns grupos conseguem a participação permanente de todos os seus membros, outros recorrem à substituição de alguns de seus componentes no decorrer das jornadas em função de problemas com o trabalho. Os líderes são sempre fixos, dificilmente ocorrendo substituição.

Com uma renda familiar baixa, os momentos de lazer se tornam muito raros; portanto, participar das folias é ampliar esse parco lazer. Muitas vezes, as Festas de Reis se constituem nos únicos momentos de lazer desses foliões que trabalham em serviços pesados. Portanto, o ato de participar da folia recebe uma carga de cuidado muito grande. Para a folia é dedicado tempo de preparo, de reuniões e de apresentação, tempo este que, em grande parte, é despendido de forma prazerosa e com muito orgulho. Como salienta o capitão Prego⁸²:

Como você está com nós tem nove dias, você está vendo, nós dormiu em qualquer lugar, nós andamos uns 80 a 100 km esses dias, etê! Você é forte professora, pensei que você não ia aguentar caminhar desse tanto, dormindo em qualquer lugar, comendo o que a gente tá comendo, olha só os seus pés está tudo sujo, mas você tá aí forte, sempre sorrindo e

⁸² Prego é gari, trabalha na Prefeitura Municipal de João Pinheiro. Na entrevista ele se refere à participação da pesquisadora no giro que a Folia do Bairro Papagaio fez entre os dias 25 de Dezembro de 2007 a 05 de Janeiro de 2008, no qual ela teve a oportunidade de acompanhar o grupo de folia que cantou em 105 casas do Assentamento Segredo. Sendo esse um assentamento de reforma agrária, a população local valoriza e espera a Festa de Reis como uma data muito especial no calendário. Entrevista gravada em 04/01/2008.

acompanhando Santos Reis, tem que ser assim! Na folia não pode ter frescura, tem que ter dedicação, uma família chama, a folia tem cantar, sempre com muito prazer e alegria, a folia é minha vida, você vê eu estou sempre rindo. Na folia eu me divirto, sabe a gente tem pouca diversão, quem é pobre não sobra dinheiro, então a folia é um divertimento, além da fé.

Sobre a presença dos pobres nas Foliás de Reis, a historiadora Maria Clara Machado escreveu:

Crer numa ordem superior pode, muitas vezes, não significar apenas aceitação, sublimação ou alienação do real vivido. A fé no imponderável pode tanto revelar uma forma de sobreviver à exploração, à espoliação, quanto pode ser uma tática de recusa à ordem estabelecida, às estratégias impostas. A graça que se obtém pela fé pode significar no imaginário popular apenas uma maneira encontrada pelo Criador para amparar a criatura em suas aflições terrenas, como pode, também, ser um estratagema, quem sabe inconsciente, dos dominados, numa tentativa de inverter as regras do jogo. Em outras palavras, se concretamente não é possível inverter a lógica do poder, a religião é o espaço em que, “às vezes”, é possível reparar por meio da graça alcançada as injustiças sofridas por toda uma vida. E se a graça tem o significado de protesto contra a ordem estabelecida, deve ser registrado como tal, mesmo que se constitua numa benção simbólica. (Machado, 1988:177)

Durante a pesquisa de campo, foi possível à pesquisadora observar que participar da Folia de Reis, em muitos casos, é sinônimo de criar estratégias de alternativas às condições sociais. Uma vez que muitos dos foliões são pessoas de baixa renda, o saber foliar lhe traz uma maior visibilidade na sociedade, fazendo com que ele passe a ser convidado para cantar nas festas de Reis. Remetendo às diferentes maneiras de construir identidades proposta por Castells (2002).

De Certeau (1994: 79-85) afirma que

[...] mil maneiras de **jogar, desfazer o jogo do outro**, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e representações estabelecidas, tem que ‘fazer com’. Nesses estratagemas de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras do espaço opressor. [...] Uma formalidade das práticas cotidianas vem à tona nessas histórias, que invertem frequentemente as relações de força e como as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória num espaço maravilhoso utópico. Este espaço protege as armas do fraco contra a realidade da ordem estabelecida, oculta-as também às categorias sociais que ‘fazem história’, pois a dominam. E onde a historiografia narra no passado as estratégias

de poderes instituídos, essas histórias ‘maravilhosas’ oferecem a seu público (ao bom entendedor um cumprimento) um possível de táticas disponíveis no futuro.

Para Marilena Chauí, a presença das classes pobres na religiosidade popular é uma forma de amenização desta ordem social, pois

O milagre, pedra de toque das religiões populares e de estonteante simplicidade para a alma religiosa é, **de jure**, inaceitável pelas teologias e apenas de fato por elas tolerado, pois rompe a ordem predestinada do mundo por um esforço de imaginação. Arrimo da religião popular, o milagre é verdadeira profanação para as religiões purificadas ou internalizadas - naquelas, Deus é vontade; nestas, razão, primeiro passo na dessacralização do real. O milagre, ao mesmo em que reafirma a onipotência da divindade a quem se apela, manifesta uma relação estritamente pessoal entre o poder supremo e o suplicante - único momento em que se tem certeza de que o grito abafado, explodiu e foi ouvido (Chauí, op. cit.: 79).

Com pouco dinheiro, sem planos de saúde aos quais possam recorrer nos momentos da doença, torna-se fácil entender porque as classes mais pobres assimilam a religiosidade popular. Esse é o caso da maior parte dos participantes e dos devotos de Santos Reis em João Pinheiro. A busca do milagre muitas vezes está ligado à saúde do devoto, como explica Dona Marlene:

*Eu estava contando a senhora da minha fé, que abaixo de Deus fiz o tratamento do meu filho e fui valida. Graças a Deus. Ainda falei com o meu menino: ó meu filho enquanto nós tivermos vida com as graças de Deus Santos Reis é nossa guia, abaixo de Deus a salvação de você foi a fé nossa e o milagre dele. Ele te guiou um tratamento. O médico falou que a hora que ele inteirasse 7 anos primeiro e a situação estava meio avançada para esperar 7 anos, igual eu contei para a senhora aquela hora. Como tem Deus e o milagre dos Santos Reis, ele iluminou para mim o tratamento.*⁸³

Dona Marlene ainda relata as dificuldades financeiras, já que os filhos eram pequenos, ela não podia trabalhar e seu marido trabalhava como lavrador em uma fazenda, ganhando apenas parte da produção, sem um salário mínimo fixo. Segundo a entrevistada, o dinheiro recebido pelo marido não era o bastante nem para a alimentação da família, portanto inviabilizava o tratamento do filho que deveria ser feito na cidade de Patos de

⁸³ Marlene Pereira da Silva, 53 anos, trabalha como gari na Prefeitura Municipal de João Pinheiro. É esposa do Alferes da Folia do Bairro Água Limpa. Entrevista concedida à pesquisadora em 21/12/2008.

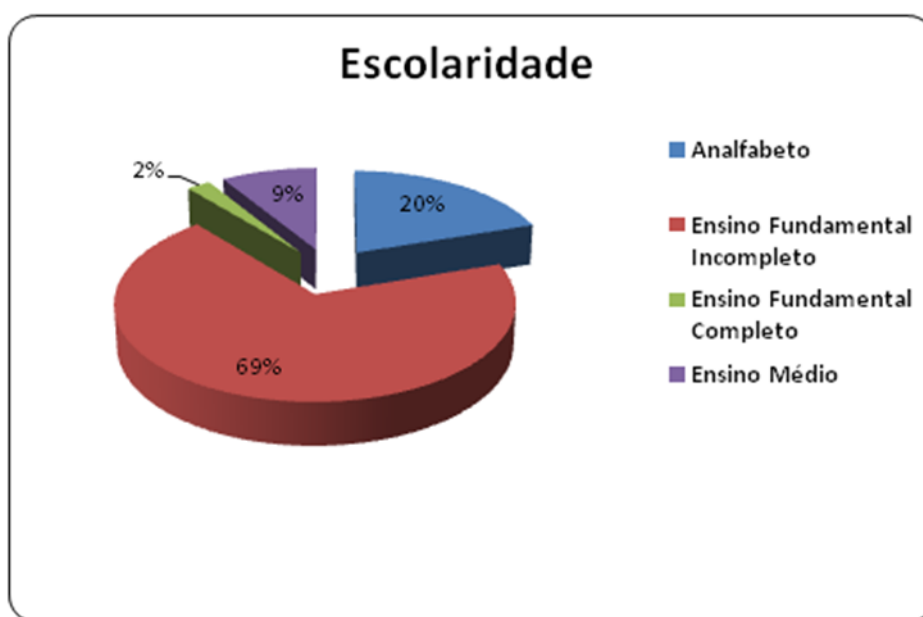
Minas. Na perspectiva da entrevistada, o tratamento só foi possível graças a um milagre de Santos Reis. Fato também enfatizado pelo seu marido,

Tem o caso do menino meu, nós temos muita fé em Santos Reis por isso, ele adoeceu era pequetito, arrumou uma hérnia e chorava ela descia pro saquinho. Aí nós morávamos na roça, morava na roça antigamente, nós éramos mais bobo, até hoje nós não é ativo, mas em vista do que a gente era, o povo falava tem que esperar tomar idade para poder operar. A Marlene falou: Santo Reis vai mandar um jeito. Aí saiu uma prima lá em casa, ela viu aqui e ficou doida, ela morava em Patos. Ela falou, nossa Senhora não pode deixar esse menino assim, ela ficou dois dias com nós lá em casa e voltou para Patos. Nós já tínhamos pedido Santos Reis que encaminhava um tratamento para ele. Ela foi embora para Patos, no outro dia, ela chegou lá pra buscar ele. Ele foi chegando no hospital e operando, foi tudo encaminhado, hoje ele tá um homem casado. Isto para nós é uma benção e uma graça. Nós ficamos lá oito dias, graça a Deus foi tudo bem. Agora eu acompanho, você sabe a gente que é alferes que já viu a benção em nossa casa. Seu eu for contar as bênçãos todas para você eu não dou conta não, porque eu esqueço. Muitas graças boas de Santos Reis na vida minha e da mulher e na vida da minha mãe⁸⁴.

As precárias condições de vida e saúde fazem com que o sertanejo de João Pinheiro recorra à invocação divina, à medicina alternativa, à utilização da fauna e da flora de região, como forma de amenizar os sofrimentos causados por doenças. A escassez do dinheiro fez com que a religiosidade popular, no caso a fé em Santos Reis, passasse a fazer parte da vida de Dona Marlene e do senhor Sebastião Pereira, que hoje devotos incondicionais dos Santos.

⁸⁴ Sebastião Pereira da Silva, 60 anos, lavrador aposentado. Entrevista realizada em 21/12/2008.

Gráfico 04: Escolaridade dos foliões



Fonte: Questionário aplicado aos foliões de João Pinheiro nos dias 20 e 21 de fevereiro de 2009.

Pode-se observar que o folião pinheirense tem baixa escolaridade, pois 69 % dos foliões entrevistados declararam ter apenas o ensino fundamental incompleto; muitos afirmaram ter frequentado apenas a primeira série escolar e 20% dos foliões se declararam analfabetos. Apenas 9% dos foliões entrevistados concluíram o ensino médio. Entre os entrevistados ninguém tem curso superior, apenas um iniciou o curso de Letras, mas por dificuldades financeiras teve que abandonar.

Esse gráfico vem corroborar o anterior: o Brasil é um país onde as classes menos abastadas são também menos escolarizadas. Isso pode ser explicado pela necessidade de ingressar prematuramente no mercado de trabalho, por não existir uma conscientização da família no que tange ao valor da escolarização, mas também não se pode esquecer a origem

rural de grande parte dos foliões pinheirenses. Como é possível constatar nas falas de diversos entrevistados:

Eu não estudei quase nada, não. Naquele tempo não tinha esse negócio de escola na roça não. Quem tinha dinheiro pagava o professor. Meu pai não tinha não! E nós vivíamos na roça, a meninada toda, plantando, capinando, colhendo, ajudando o pai. O negócio era assim⁸⁵.

Eu estudei até a primeira série, depois eu fui para o mato trabalhar com meu pai, a gente era pobre se não trabalhasse todo mundo passava muito aperto.⁸⁶

Eu tive que deixar a escola ainda menina, fui trabalhar na casa dos outros, para ganhar um dinheirinho e ajudar os meus pais. Naquela época o povo não dava valor à escola como dá hoje, não! Então na roça, viche Maria! A escola era só pra ensinar a gente a ler e assinar o nome, a fazer umas contas e só! Que quisessem estudar mais tinha que vir para João Pinheiro, pois nem em Cana Brava não tinha ginásio. Então como eu te contei eu parei de estudar e fui trabalhar. Não falo que foi ruim não! Trabalhando nas casas dos outros eu aprendi muita coisa. Eu aprendi a lavar passar, engomar a roupa. Aprendi a cozinhar menina eu sou uma doceira de mão cheia. Eu sei que não é a mesma coisa da escola, mas me valeu e ainda me vale muito isso que eu aprendi⁸⁷.

Sabe professora, eu não sei ler não! Naquele tempo os pais da gente não tinham essa preocupação de levar a gente para a escola não, eu aprendi as letras das músicas tudo aqui na minha cabeça⁸⁸.

Na ausência da educação formal, entra em cena a educação popular, o ingresso nas tradições culturais, com seus meios – a exemplo da tradições orais, como demonstra os relatos da entrevista acima.

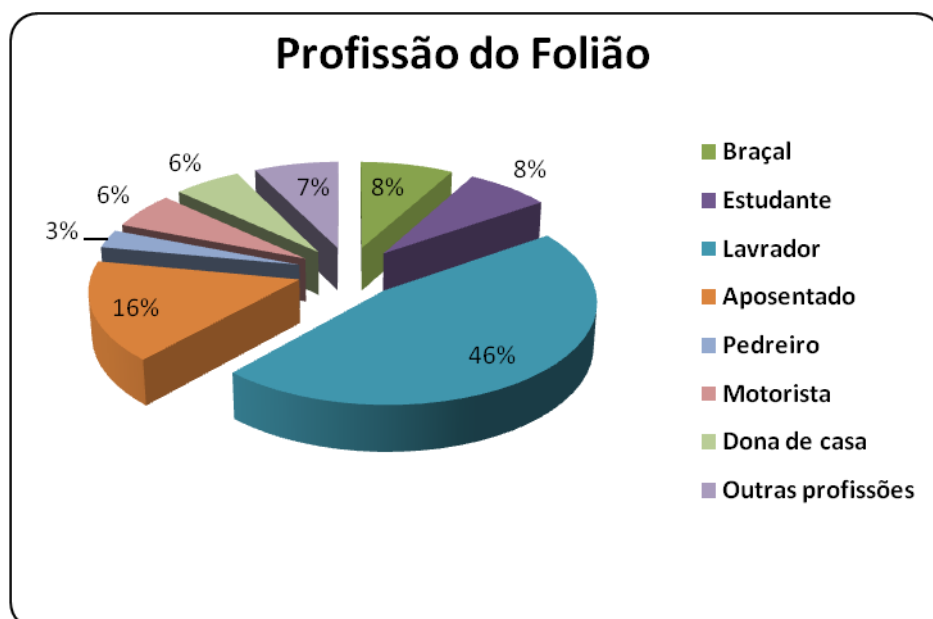
⁸⁵ Sebastião Pereira da Silva, 60 anos, lavrador aposentado. Entrevista realizada em 21/12/2008.

⁸⁶ João Antônio da Silva, 63 anos, lavrador aposentado. Entrevista realizada em 23/12/2008.

⁸⁷ Marlene Pereira da Silva, 53 anos, trabalha como gari na Prefeitura Municipal de João Pinheiro. Entrevista concedida à pesquisadora em 21/12/2008.

⁸⁸ Joaquim Pereira dos Santos, 70 anos lavrador aposentado. Entrevista concedida à pesquisadora em 21/12/2008.

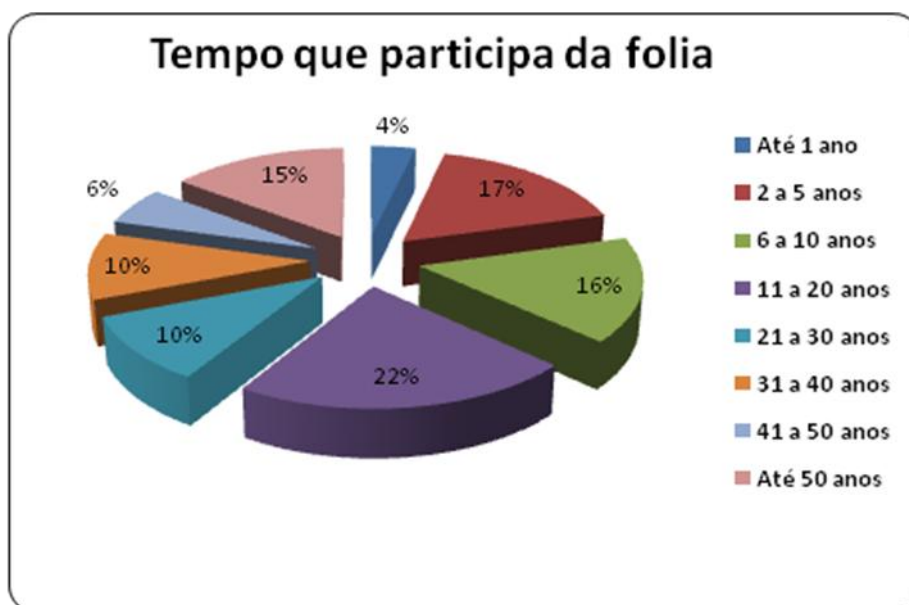
Gráfico 05: Profissão dos foliões



Fonte: Questionário aplicado aos foliões de João Pinheiro nos dias 20 e 21 de fevereiro de 2009

Os dados deste gráfico confirmam uma das hipóteses iniciais deste trabalho, a de que os foliões pinheirenses têm origem rural. Os foliões são em grande parte (46%) lavradores. Os estudantes totalizam 8% dos entrevistados, isso pode ser explicado em função do número de crianças na composição dos grupos de folias locais. A presença das crianças na Folia de Reis permite a existência de um aprendizado informal da arte de foliar. Além disso, 16% dos foliões são aposentados e o restante do percentual distribuído nas demais profissões.

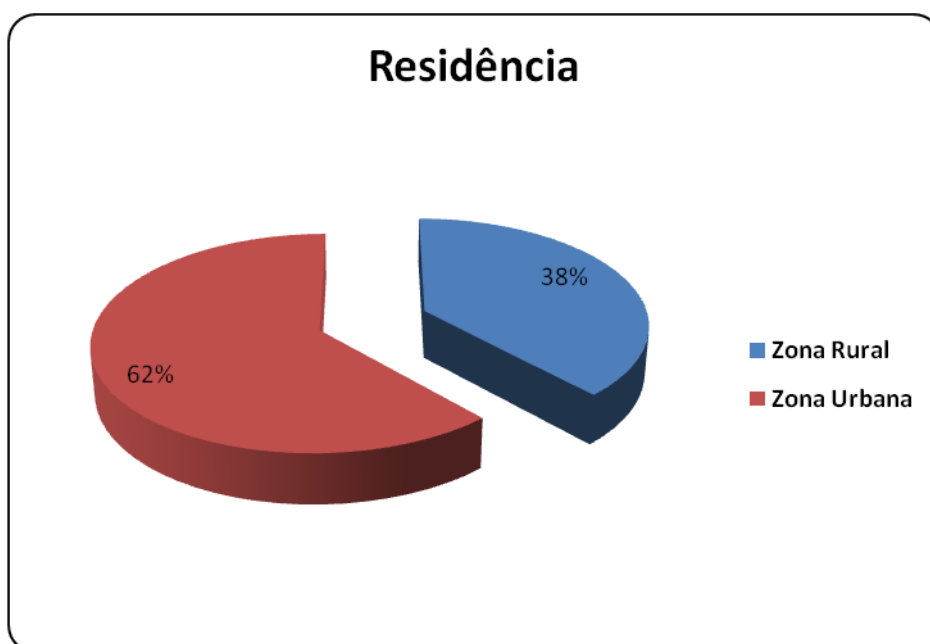
Gráfico 06: Tempo que participa da Folia de Reis.



Fonte: Questionário aplicado aos foliões de João Pinheiro nos dias 20 e 21 de fevereiro de 2009

Ser Folião de Reis em João Pinheiro indica um aprendizado e uma permanência no grupo de longa duração. Como é possível observar no gráfico acima, 22% dos entrevistados pertencem a um grupo de folia por um tempo que vai de 11 a 20 anos, 12% dos entrevistados pertencem a uma folia por até 30 anos e outros 15% declaram estar em um grupo de folia há mais de 50 anos.

Gráfico 07: Local de residência do folião de João Pinheiro



Fonte: Questionário aplicado aos foliões de João Pinheiro nos dias 20 e 21 de fevereiro de 2009

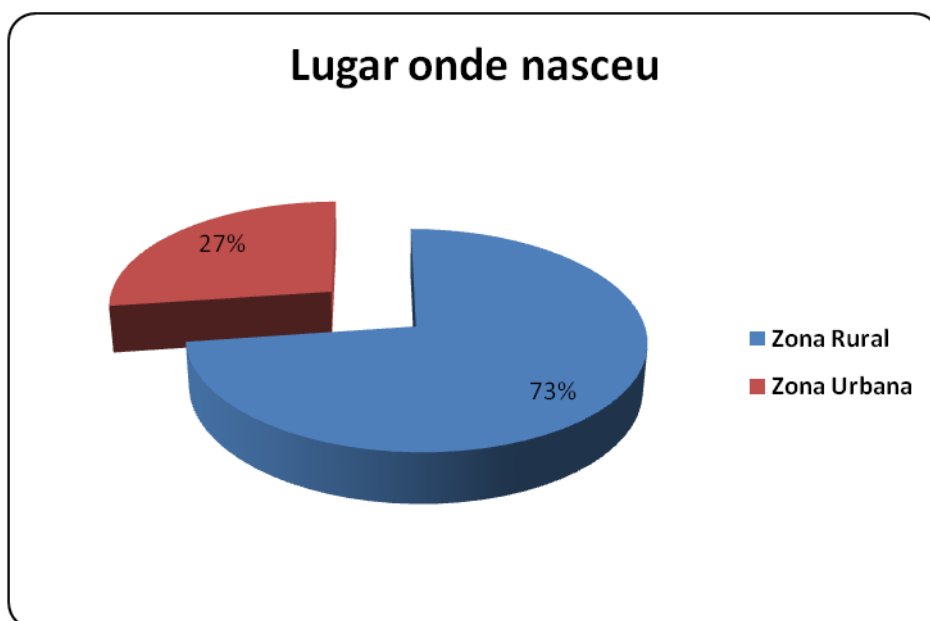
Com relação à residência dos foliões, é possível observar que 62% dos foliões entrevistados residem na zona urbana da cidade e apenas 38% vivem na zona rural, contrastando com a origem rural dos foliões. Como se pode observar no gráfico abaixo, 73% dos foliões entrevistados nasceu na zona rural e, posteriormente, mudaram-se para a zona urbana do município. As Festas de Reis em João Pinheiro podem ser classificadas como festas *semiurbanas*, por serem realizadas por pessoas de origem rural, mas que atualmente residem na zona urbana. Essa mudança está aliada ao êxodo rural vivenciado no Brasil e intensificado a partir da década de 1970. Os habitantes do município de João Pinheiro também não ficaram fora desse contexto de transformação. Como os gráficos indicam, boa parte dos foliões residem em sítios, pequenas fazendas ou chácaras. Com a chegada das grandes empresas de reflorestamento no município, houve concentração das terras nas mãos das mesmas, favorecendo assim a migração do campo para a cidade.

Outro fator que explica essa migração é a questão da promessa de prosperidade das cidades aliada à vida de dificuldades na roça, como a falta de trabalho, uma vez que as famílias foram crescendo e a terra ficando pequena e pouco produtiva devido ao

esgotamento do solo; a falta de escolas para as crianças, de atendimento à saúde etc., interferiram nas motivações que levaram as pessoas a se mudarem para a cidade. Mas a mudança geográfica não impediu a continuidade da folia. Esta continuou por vários anos fazendo o giro entre a cidade e a roça (Santos Silva, 2006).

João Pinheiro, ainda hoje, é uma cidade que preserva muito das tradições rurais, principalmente em sua economia, que ainda é voltada para a agricultura e pecuária. Isso explica porque mesmo morando e girando na cidade, as folias preservam muito do ritual do mundo rural. O fato de a Festa de Reis se realizar nas cidades não lhe tira as características peculiares da zona rural; as folias continuam sendo bem recebidas pelos moradores da cidade, que procuram manter a essência do ritual.

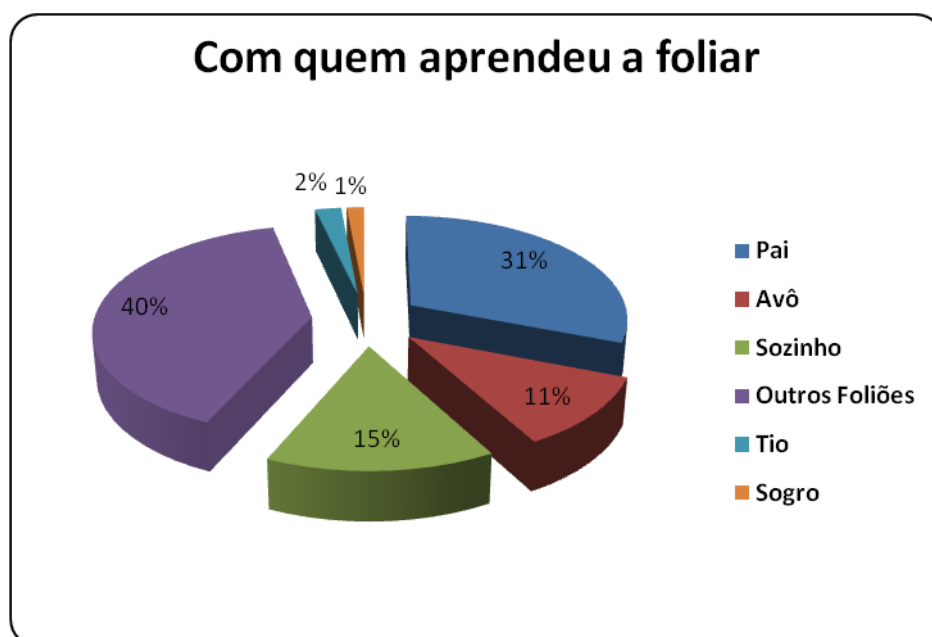
Gráfico 08: Lugar onde nasceu o folião pinheirense.



Fonte: Questionário aplicado aos foliões de João Pinheiro nos dias 20 e 21 de fevereiro de 2009

Outra pergunta visava mapear o processo de aprendizado do folião pinheirense, na tentativa de descobrir como se dá o processo de aprendizado da arte de foliar no município. Foi perguntado a eles com quem aprenderam a foliar. Como se pode visualizar no gráfico abaixo 60% dos entrevistados aprendeu a arte de foliar com algum membro da família.

Gráfico 09: Com quem aprendeu a foliar.



Fonte: Questionário aplicado aos foliões de João Pinheiro nos dias 20 e 21 de fevereiro de 2009

3.2 Quem é o capitão da folia?

Ao capitão⁸⁹, principal responsável pela organização do grupo de folia, cabe a função de manter a coesão dos membros. É o personagem mais respeitável da folia. Dele depende quase tudo, desde o estabelecimento da direção e horário, até os adereços, compra, conserto dos instrumentos. A ele cabe coordenar, preparar e executar as cantorias da folia. Uma das suas mais importantes ocupações é improvisar os versos a serem cantados. Os demais membros da folia têm para com ele uma atitude de respeito e carinho, pois foram por ele iniciados na folia.

⁸⁹ Em outras regiões também conhecido como mestre ou embaixador, em João Pinheiro é designado de **Capitão**.

Sobre o papel do capitão na Folia de Reis, José Geraldo⁹⁰ enfatiza que *capitão é quem lidera! Significa líder, os foliões significam os soldados de Santos Reis e o capitão é o comandante, por isto é que os mais velhos valorizam muito o capitão.*

Outro folião, Vicente de Paula Rodrigues de Paiva⁹¹, falando do pai enquanto capitão ressalta que *ele era bravo, não gosta que a gente bebe, né? Até hoje. A gente gosta de beber um vinhozinho para limpar a garganta, né? (Risos...) E a gente vai seguindo a tradição, folia pra mim é o princípio do mundo, desde o princípio do mundo existe a folia, igual ao pai falou, desde quando Jesus nasceu.* As palavras do entrevistado evidenciam o papel de líder do capitão e, principalmente, a sua função de organização do grupo. Ser respeitado pela sociedade depende dessa liderança. Como nas folias o entrecruzar do sagrado e do profano faz parte do ritual, cabe ao capitão estabelecer a linha tênue entre o permitido e o não permitido. Entre a bebida como parte do ritual e a bebedeira, enfim entre a ordem e desordem, situação destacada também na fala do folião José Correa Prado⁹²:

O capitão é o dirigente, ele canta na frente. O capitão é muito respeitado pelos membros, que se não respeitar estão muito errados. Para se chegar ao posto de capitão é necessário estudar as letras, precisa ter boa vontade, ele tem que decorar os versos. Para ser capitão de verdade, os versos têm que ser decorados. Na hora de você cantar na casa, ele não pode olhar no papel. Não pode ser como os versos de baiano, inventados na hora, tem que estar na memória. Quando você vê o pessoal cantando, agradecendo o rádio está errado, tem que cantar é a rama.

O depoimento do narrador remete ao ritual do povo Ndembu descrito por Victor Turner na obra *Floresta dos Símbolos*. Na obra, o autor afirma que

o ritual Ndembu, como qualquer ritual, tende a afirmar os valores unificadores da congregação efetiva mais ampla. O curandeiro-advinho cura ou julga com referência à crença e valores coletivamente compartilhados que transcendem as leis e costumes da sociedade secular cotidiana. Assim, a própria fraqueza e vulnerabilidade de Muchona no cotidiano da aldeia se transformavam em virtudes no que concerne à manutenção da sociedade total. (Turner, 2005: 196).

⁹⁰ José Geraldo tem 35 anos e é capitão do grupo de folia do Bairro Clube do Cavalo. Entrevista gravada em 10/10/2007.

⁹¹ Vicente de Paula Rodrigues de Paiva, 46 anos trabalhador rural é filho de João Rodrigues de Paiva, 76 anos, também trabalhador rural aposentado. Entrevistas gravadas em 15/11/2007.

⁹² José Correa Prado é barbeiro tem 59 anos de idade e participa das folias há mais de 40 anos. Entrevista gravada em 14/08/2009.

Ser capitão é participar de um ritual, é promover uma ordem que transcende os costumes da sociedade é afirmar os valores da fé, é sair do anonimato é ser reconhecido e admirado na sociedade. Percebe-se, assim que existe no ritual da folia um aspecto de inversão da ordem social, na qual o capitão está inserido. Investido do posto na folia ele deixa de ser o “Sr. José Gari” e passa a ser o “Sr. José Capitão de Folia”.

3.3 O Alferes como portador da Bandeira

Esse personagem é conhecido no Sul de Minas Gerais como bandereiro. Segundo Porto (1982: 19), “a sua função consiste em carregar respeitosamente a Bandeira, apresentando-a ao chefe da casa onde a folia acaba de chegar, e receber os donativos oferecidos pela família”. Ele é o responsável pela bandeira de Santos Reis durante toda a folia até a sua entrega final. É da a sua casa que sai a procissão da folia para o giro. Em João Pinheiro, quando o giro é feito por vários dias é na casa do alferes que fica guardado a bandeira e os instrumentos musicais: “O Alferes vai à frente da folia e carrega a bandeira que contém a imagem dos Três Reis Magos” (Silva, 1989: 59).

Sobre a posição do alferes na Folia de Reis, o Sr. Sebastião Pereira da Silva afirma que

O alferes é o responsável por avisar, ele que está como o retrato da imagem dos Três Santos, é como o alferes, folião nenhum não pode passar na frente dele. Ele é o responsável por tudo, ele vai na frente. As esmolas que o santo ganha são passadas tudo nas mãos do alferes. Das minhas mãos é que passa para eles⁹³.

E ele continua explicando a sua atuação como alferes da Folia do Bairro Água Limpa,

Eu pergunto a ele se ele aceita os Três Reis Magos. Tem gente que não aceita nós agradecemos eles e saímos satisfeitos. Tem gente que não aceita muito deles é evangélico, nós já fomos em muitos que não aceita evangélico, nós agradecemos eles, e vai em muitas casas que não é evangélico e não quer, outras falas como aconteceu com nós, chega lá a mulher fala, ah estou apertada estou lavando uma roupa aqui, você

⁹³ Sebastião Pereira da Silva, 60 anos, lavrador aposentado. Alferes da Folia do Bairro Água Limpa. Entrevista realizada em 21/12/2008.

*podia deixar para outro dia ou depois voltar cá. Nós agradecemos e saímos, mais não volta não naquele lugar não porque não pode **arrupiar a batida**⁹⁴ mais nós agradece ela também.*

A pesquisadora acompanhou repetidas vezes o grupo de folia do Bairro Água Limpa em seus giros pelos bairros e pôde observar a atuação do Sr. Sebastião, sempre muito sério, sempre a frente do terno, carregando a bandeira e evitando as brincadeiras que porventura surgissem durante o percurso, perguntando aos moradores se eles aceitavam a visita de Santos Reis.

O primeiro giro que a pesquisadora acompanhou esse grupo de Folia de Reis aconteceu no dia 01/12/2007. Tendo sido convidada no dia 24/11/2007, durante a reunião mensal da Associação do Folião de Santos Reis de João Pinheiro, ficou marcado encontrar o folião Vicente de Paula Rodrigues de Paiva em sua residência. Ele conduziu a pesquisadora até a casa da saída da folia e fez as devidas apresentações ao grupo. Era a casa do folião Vicente Flores, que disse ter uma profunda fé em Santos Reis e em função disso, realiza todos os anos um terço dedicado aos santos no primeiro Domingo de Dezembro.

O Alferes do grupo, Sr. Sebastião explicou à pesquisadora todo o ritual da saída de folia,

Agora nós vamos fazer as orações, todos os foliões vão beijar a bandeira. E como você está chegando agora, vou te explicar tudo. O alferes fica na porta da sala segurando a bandeira e depois do terço, todo folião e os seguidores de Santos Reis tem que se abaixarem e passar por baixo da bandeira, com os instrumentos⁹⁵.

Nos rituais da saída da folia sempre existe a reza do terço diante do altar, o almoço dos foliões, as falas e as cantorias de saída da companhia. Na maioria das vezes, a reza do terço é a pedido do dono da casa, sendo que, os foliões consideram-na como uma das obrigações da “Folia” e nunca se negam a fazê-la. Além do terço são rezados vários Pai Nossos e Ave-Marias, solicitados pelos presentes, que podem ser os foliões, dono da casa

⁹⁴ Expressão utilizada pelos foliões do Bairro Água Limpa para explicar que a folia não pode voltar pelo mesmo caminho percorrido, “não pode andar sobre os rastos”.

⁹⁵ Sebastião Pereira da Silva, 60 anos, lavrador aposentado. Alferes da Folia do Bairro Água Limpa. Entrevista realizada em 21/12/2008.

ou devotos, orações sempre acompanhados de pedidos a Santos Reis. Nesse dia o Grupo de Folia da Água Limpa cantou a seguinte música de “Saída”:

*1- Vinte e cinco de Dezembro
É dia de alegria
Que nasceu menino Deus
Filho da virgem Maria.*

*2- Vinte e cinco de Dezembro
Que nasceu o poderoso
Nasceu da Virgem Maria
E São José tão milagroso.*

*3- Imperador e Imperatriz
Filho de Deus verdadeiro
O alferes mandou pedir
Que vem trazer nossa bandeira.*

*4- E vêm os filhos de Deus
Trazendo nossa divindade
E encontra os seus apóstolos
Todos eles ajoelhados.*

*5- São José e Santa Maria
E o Menino Jesus
Beija o Menino Deus
Fazendo o sinal da Santa Cruz.*

*6- Fazendo o sinal da Cruz
Menino Nosso Senhor
Esperamos a nossa esperança
Que no mundo Deus deixou.*

Nesse momento, o grupo fez uma pequena parada e o dono da casa acompanhado de sua esposa trouxe a bandeira e entregou ao alferes que a colocou sobre um altar com velas acesas. E o grupo continuou a cantoria, primeiro o capitão, seguido sucessivamente pelos foliões:

*7- Glória ao pai, e glória ao filho
E Espírito Santo... Amém
Na hora de Deus começa
Vamos começar também.*

*8- Quando sai uma Folia
Acompanhamos as imagens
Acompanhamos as três pessoas
Da Santíssima Trindade.*

9- *A Folia de Santos Reis*
É de grande fundamento
É a visita do menino Deus
Logo depois do nascimento.

10- *Ouvi um anúncio no mundo*
Que nasceu um Deus fiel
Quem veio dar o manifesto
Foi o anjo São Gabriel.

11- *O Galo Ariota*
Foi a ave merecida
Foi o primeiro a dar o sinal
Que Jesus tinha nascido.

12- *Também disse aos três ministros*
Hora vamos visitar
Que nasceu o nosso salvador
Precisamos adora.

13- *Os Três Reis quando chegaram*
Viva o nosso salvador
Nossa Senhora disse: Amém!
E São José abençoou.

14- *Os Três Reis logo disseram*
Que queriam dar também
Incenso, ouro e mirra
Na lapinha de Belém

15- *Os Três Reis logo disseram*
Vamos dar muita riqueza
Meu senhor eu vos agradeço
Eu amo é a pobreza.

16- *Os Três Reis tinham dinheiro*
Mas não eram batizados
O que nós devemos fazer
Para ser santificado.

17- *Para ser santificado*
Anda de noite fora de hora
Visitando os moradores
E pedindo suas esmolas.

18- *Depois de ser santificado*
O que viemos alcançar
Primeiro pedir a esmola
Para seu dia festejar

19- *Nossa Senhora recitou*
Com grande satisfação

*Recitou para os Três Reis
No mundo ser folião.*

*20- São José abençoou
Caixa, pandeiro e viola
Quem cantar a Monarquia
Cantam os anjos na glória.*

*21- Eles saíram com a Folia
Visitando os quarteirões
E vem pedindo a sua esmola
Cumprindo a sua missão.*

*22- No Alto do monte santo
Ouvi uma caixa tocar
Rei Melchior e Baltazar
E a folia do Gaspar.*

*23- A folia é coisa santa
Ela não é brincadeira
As folias que representam
A religião verdadeira.*

*24- Despedir do menino Deus
Até para o outro ano
O Alferes vai saindo
E os foliões acompanhando.⁹⁶*

*25- Vamos meus irmãos devotos
Acompanhar o nosso guia
Procurar o menino Deus
Filho da Virgem Maria.*

*26- O alferes vai saído
E adeus até outro dia
Agora vamos acompanhar
A nossa estrela guia⁹⁷.*

Conforme Brandão (2004: 350), “a missão da Folia de Reis é cumprir uma jornada”. Neste momento específico, a jornada foi realizada em apenas em duas ruas do Bairro Água Limpa. O Sr. Sebastião explicou: *vamos andar pouco, pois aqui todo mundo quer a visita de Santos Reis*. Em cada casa visitada, o grupo cantou apenas três versos da mesma letra transcrita acima. As horas foram passando e os foliões não demonstravam cansaço. Entre uma casa e outra, eles aproveitavam para performar as “cantigas de violas”,

⁹⁶ Nesse momento o Sr. Sebastião toma a bandeira e se direciona para a porta, o capitão da folia cantando e tocando a sua viola é o primeiro a segui-lo. Logo a frente se abaixa e passa por de baixo da bandeira.

⁹⁷ Transcrição literal da música cantada pelo grupo de Folia de Reis do Bairro Água Limpa.

músicas religiosas e os “desafios”. Em específico, nesse grupo de folia, o Capitão Sebastião e o folião Naro Reis têm várias músicas compostas em louvor a Maria. E enquanto o alferes fazia o contato com o próximo morador, eles aproveitavam para cantar as suas composições.

Nesse giro, foram visitadas 14 casas em uma noite, quando foi possível verificar o entrelaçar do **sagrado** e do **profano**, como em todas as outras Festas de Reis frequentadas pela pesquisadora. Era comum um folião ir servindo cachaça para os membros do grupo. Um folião que se encontrava em completo estado de embriaguez, era o primeiro a se posicionar frente à bandeira para a cantoria. Durante a procissão pela rua, alguns foliões entravam em bares para completar o seu consumo de álcool. Atitude não aprovada pelo capitão e pelo alferes que algumas vezes repreendia o grupo pelo excesso de bebida.

Como a presença dos foliões nesse dia foi grande, isso possibilitou ao capitão fazer substituições durante a madrugada. Foliões que disseram estar cansados foram substituídos por outros que acompanhavam o grupo. Um folião que exagerou na bebida e acabou por dormir durante a cantoria em uma casa, também foi substituído. E assim, o grupo seguiu seu giro até as 4h 30 minutos da manhã.

Outra exceção no ritual pode ser observada quando se trata de uma casa de outro folião. A folia canta outra música diferenciada. Em todas as casas visitadas o alferes entregava a bandeira para o dono da casa, que a passava por todos os cômodos como forma de invocar as bênçãos de Santos Reis. No final da cantoria, o dono da casa retornava a bandeira para o alferes, que deveria ser primeiro a sair da casa, seguido pelos demais membros da folia e os acompanhantes.

3.6 A função do palhaço

Figura emblemática e controversa no ritual das Folias de Reis de João Pinheiro é o palhaço. Brandão (2004: 248) afirma que “o palhaço é um personagem da folia”. Ele acompanha a jornada companhia e é um dos seus membros. Sempre vestido com roupas coloridas e mascarado, sendo esse um componente responsável pelo lúdico das folias. Embora seja muito valorizado pela população local, apenas 15 dos 52 grupos de Folia de Reis contam com a presença do palhaço. Qual o papel desse personagem na folia? O que

ele representa? Várias são as explicações sobre esse personagem, quer seja na literatura existente ou nas respostas dos entrevistados. Não existe um consenso sobre sua atuação, como enfatiza a pesquisadora Maria Claro Machado:

A figura mais controvertida da Folia de Reis é a do palhaço. Fruto da imaginação popular, a existência do palhaço conhece interpretações diferenciadas. Para uns, ele tem parte com o diabo, fazia parte do exército de Herodes como soldado e durante o caminho foi convertido pelos anjos, passando então a fazer parte da comitiva dos Reis Magos. Para outros, o palhaço foi um arranjo dos céus para despistar os soldados de Herodes. De qualquer forma, esta figura, indesejada em muitas folias, porque assusta as crianças ou porque intrometida desrespeitando as normas, simboliza o deboche, a alegria e a diversão expressas por meio das pilhérias que emite em tom jocoso. (Machado, 2003: 219).

O Senhor Rafael Porto, capitão de Folia de Reis enfatiza o papel lúdico do palhaço no ritual, ele deixa claro que a Folia de Reis é uma festa e, como tal, precisa de quem faça a diversão dos presentes. Para ele:

*A Bíblia deve ter um problema com o palhaço, porque o palhaço não pode chegar ao presépio. O palhaço foi que ajudou a trair Jesus. Então ele não é bem aceito, em qualquer repartição. Se ele chegar num altar e tiver um presépio ele não pode presenciar, ele sai. Ele não pode ficar ali. Eu não sei por que tem isso com o palhaço, porque tem gente que vê problema ele chegar no presépio. Mas você vê a visita dos Três Reis na Lapa de Belém, não tinha palhaço. Ele é uma parte que faz uma diversão. O palhaço na folia ele quase que domina os foliões, ele chega, ele pede as coisas, ele rouba. **Folia de Reis é festa. O palhaço é para fazer brincadeira, ele faz muita brincadeira.**⁹⁸ (Grifo da autora)*

O Sr. João Rodrigues Paiva tem uma visão diferenciada do entrevistado anterior. Enquanto o Sr. Rafael Porto afirmou que os palhaços nunca acompanharam os Três Reis Magos à Belém, O Sr. João afirma que eles foram os primeiros a visitar o Menino Deus. No entanto, os dois entrevistados concordam sobre a necessidade de o palhaço esconder o rosto e jamais revelar a sua identidade durante o ritual. Por meio das brincadeiras, inclusive brincadeiras corporais, assustam as pessoas, divertem-nas e as distraem, impedindo que os perseguidores encontrassem o salvador: “Interessante notar, já na própria narrativa, o caráter performático do palhaço que, através do disfarce, procura não revelar a sua verdadeira identidade” (Amorim, 2007: 76).

⁹⁸ Rafael Porto, 73 anos de idade. Capitão de folia. Entrevista concedida a pesquisadora em 27/09/2008.

Sobre o fato de nem todas as folias de João Pinheiro possuir entre os seus membros palhaços, Sr. João explica:

Os palhaços velhos foram morrendo e os novos não têm influencia com isto, né? E que o palhaço é o pastorinho, o palhaço tem que ser sabido. Nossa Senhora, o palhaço para entrar numa farda e pôr a máscara ali na cara, e pôr uma coroa na cabeça precisa saber mais que o capitão. Ele tem que ser sabido, porque ele é o palhaço, é os três pastorinhos quem visitou Jesus primeiro, foi os três pastorinhos. Eles chegaram olhou ele lá na caminha, virou caladinhos e foi embora, então é os palhaços. Por isto é três palhaços, é os três pastorinhos de Oliveira. Foi os três pastorinhos quem fez a visita primeiro, então eles andam na frente e o Rei Herodes não gosta. Pela regra o palhaço não pode deixar ninguém ver o rosto dele. Ele chega aqui, nós vamos cantar na casa de vocês, se tiver uma pessoa aqui, ele tem que chegar aqui como o rosto tampado, se ele quiser tomar um copo d'água, ele sai lá para fora, um dos foliões leva lá e ele dá as costas para o povo e toma⁹⁹.

Padre Preguinho, que também é capitão de folia, atribui à origem do palhaço a elementos da cultura cigana. Porque, segundo ele, os magos eram da tradição cigana, embora em seu depoimento ele não ofereça elementos que caracterizem essa ligação. Para ele, a grande contribuição do palhaço foi distrair Herodes para que o Menino Deus passasse. Na sua concepção, isso explica o caráter lúdico da performance do palhaço. Inclusive, na sua concepção, para que alguém se torne palhaço é necessário que *o critério é o folguedo, a pessoa tem que ser alegre, ter coragem de brincar, eu diria uma pessoa divertida. Todos os palhaços eles têm essa característica.*

Sobre as origens do palhaço, ele assim se expressou:

O palhaço é da cultura dos ciganos é a mesma coisa do circo, só que o palhaço, ele tem uma função muito importante na folia, porque os Magos, quando chegaram em Herodes ele pediu, olha vocês vão lá ver o menino, depois voltam para me avisar que eu também quero ir adorar. Como existia uma mentalidade de não aceitar outro rei, na verdade toda indagação de Herodes era para matar, inclusive depois até houve uma lei para matar toda criança macha que nascesse dentro de dois anos. Então os Magos, eles eram da tradição cigana sabiam fazer muita acrobacias e descobriram que Herodes gostava disto, então vestiu de palhaço e foi fazer, enquanto na volta fez acrobacia os Reis passaram e não foram indagados, né? Por que ou eles contavam, ou eles morriam se contassem o menino morria. Então o palhaço significa, o seu significado na folia é a proteção do Menino, por isto é que o palhaço anda junto com a bandeira, aí toda pessoa que vê na rua ele faz graça para descontrair,

⁹⁹ João Rodrigues de Paiva, 74 anos de idade. Capitão da Folia do Café do Amigo. Entrevista realizada em 12/10/2007.

*pro Menino passar. Então até hoje as folias que tem um palhaço tem essa mesma perspectiva*¹⁰⁰.

Outro folião, Vicente de Paula Rodrigues de Paiva também falou da função do palhaço no ritual. Para ele esse personagem tem a função de guardar a bandeira, símbolo sagrado da Folia de Reis:

*O palhaço é o sistema assim, para ser mais sincero ele é assim... é o guarda dos Três Reis, da bandeira, do Menino Deus, né? O palhaço, a distância de ele ficar da bandeira é de três metros, ele não pode ficar mais longe da bandeira, ele tem que sempre atento. Ele não pode sentar quando chega em uma casa, ele tem que ficar sempre em pé. Ele não pode entrar se o dono da casa não chamar. Os meninos têm medo do palhaço. O palhaço tem um mistério tão grande, que se seu marido for folião e ele vestir a farda, ele chega na sua casa, pede você para cantar, você chama ele para dentro, eles cantam e você não sabe se é ele. Não conhece mesmo! Eu já vesti né? Uma vez eu vesti e cheguei no meu sogro, minha mulher estava lá, meus meninos estava lá também ninguém me conheceu. Cheguei, entrei e pedi para cantar, o povo cantou e ninguém me conheceu. Ninguém conhece o palhaço!*¹⁰¹

José Geraldo Bras da Silva, capitão da Folia do Clube do Cavalo igualmente enfatiza a importância da atuação do palhaço para promover a alegria da festa.

*O palhaço ele significa, é um dos magos também, um dos reis. Até tem folia que veste até três palhaços pra representa os três reis magos, né? Porque o palhaço ele tem que estar vestido pra ele chegar ali na porta e fala: o patrão. E fala uns versos, ele vai à frente da bandeira, e também para dar alegria, dançar catira. Aí o povo dá tanto ali, um real, dá um dote pra ele dançar, aí ele dança e canta verso, e ali vai. O Palhaço é para fazer alegria.*¹⁰²

Durante as realizações dos Encontros de Folias de Reis que acontecem anualmente em João Pinheiro, o momento das performances dos palhaços é sempre muito alegre e descontraído, atraindo a atenção do público. Normalmente, os palhaços das folias

¹⁰⁰ Geraldo Martins da Mota, Padre Preguinho, 44 anos de idade. Padre e Capitão de folia em João Pinheiro. Entrevista gravada em 10/03/2009.

¹⁰¹ Vicente de Paula Rodrigues de Paiva, lavrador, 44 anos de idade. Folião do grupo do Bairro Água Limpa. Entrevista gravada em 12/10/2007.

¹⁰² José Geraldo Brás da Silva, 33 anos de idade. Capitão da Folia do Clube do Cavalo. Entrevista gravada em 12/10/2007.

pinheirenses dançam o *lundu* e cantam a *chula*. Em troca, eles pedem pequenas quantias em dinheiro, atraindo a atenção principalmente da criança. Muito interessante a atuação dos palhaços da Folia da Fazenda Facão, que incluem em sua performance a distribuição de balas para as crianças presentes. Atualmente, os palhaços têm a função de divertir o público, como ficou evidenciado em todas as entrevistas. Dançando ou cantando os versos, sarcásticos e engraçados, evidenciam habilidades e a capacidade de improvisar as suas chulas, causando riso no público presente. Monteiro (2004) afirma que em um momento da chula¹⁰³ do palhaço, há um tipo de comportamento ritual que espelha justamente um sentimento oposto e coloca o palhaço na posição privilegiada de receber donativos e agradados.

É o momento, considerado muito especial, das ofertas, do dinheiro para o palhaço, que lhe é jogado enquanto ele dança e recita, instigando-o a criar um jogo interativo com a assistência. Este é o momento de agradecer o palhaço, de provar sua generosidade. O dinheiro é dele, mas também pode ser transformado em uma oferta à bandeira da companhia da Folia de Reis, se ele quiser.

João Oliveira Silva, palhaço há mais de 15 anos relata que:

Geralmente ser palhaço para mim significa tudo, ser mensageiro. Eu tenho várias mensagens. Essa mensagem veio da minha cabeça. Quer ouvir uma? Quando eu olho um cruzeiro, vejo um rosto entristecido, é Jesus Cristo em sofrimento quando foi perseguido. Um bando de Soldados aos pés daquela cruz. Jesus foi arrastado. Nossa Senhora Chorando abraçou aquela cruz e pediu clemência aos soldados para que não crucificasse! Mesmo assim crucificaram a Jesus que é Rei dos Reis e só nos ensina com carinho. Ele morreu para salvar o mundo por isso tem a coroa de espinho.¹⁰⁴

Percebe-se na fala do entrevistado que ele se sente importante em ser o palhaço, um mensageiro dos Santos Reis anunciando a boa nova da chegada do Menino Deus. Ele também evidencia um saber especial, a capacidade de fazer mensagens em forma de oração.

¹⁰³ A chula conta uma estória impossível, absurda, que provoca o riso e a gargalhada exatamente por este motivo.

¹⁰⁴ João Oliveira Silva, vigilante noturno, 52 anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 15/02/2010.

CAPÍTULO 4

A PRESENÇA FEMININA NAS FOLIAS DE REIS DE JOÃO PINHEIRO (MG)

4.1 Etnografando o giro da folia feminina em João Pinheiro

O presente capítulo objetiva investigar a participação das mulheres nos rituais de Falias de Reis realizados no município de João Pinheiro (MG). Procurou-se descrever a participação das mesmas em grupos de folia masculinos e femininos, assim como analisar o papel da rainha da festa, da cozinheira, da florista; enfim, de todas que participam direta ou indiretamente do ritual.

O contato inicial da pesquisadora como o grupo feminino aconteceu na primeira reunião da Associação dos Foliões de Santos Reis de João Pinheiro, frequentada pela pesquisadora no dia 07/10/2007. Nesse momento, ela conheceu o folião Sr. Dionísio e sua esposa Adelaide, que são membros da folia feminina, os quais se tornaram parceiros constantes no processo de pesquisa, telefonando para avisar os possíveis giros, terços e festas. O grupo é composto majoritariamente por mulheres, embora entre seus membros seja possível encontrar várias figuras masculinas, os quais não veem o menor problema que o grupo seja chamado de “Folia Feminina”. Também foi possível mapear a existência de outro grupo feminino, hoje desativado, a Folia de Dona Dionísia, que, em entrevista realizada em 13/05/2009, justificou a sua pouca atuação devido a um problema de saúde que enfrentou e, segundo a foliã, esse estado dificultou a articulação dos membros e a realização dos giros nos últimos tempos.

De início, pareceu ser um fato singular de João Pinheiro a existência de grupos de folias exclusivamente femininos, mas à medida que a pesquisa de campo avançou foi possível constatar a existência de um grupo feminino na cidade de Vazante, município

também localizado no Noroeste Mineiro. Em nenhuma outra literatura, quer seja em livros publicados, teses ou dissertações foi encontrado registro de grupos femininos nos estados de Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro ou Espírito Santo, exceção feita ao estado da Bahia, onde a literatura registra as Folias de Reis como manifestação cultural/religiosa de meninas.

A Folia Feminina de João Pinheiro é um grupo composto por oito mulheres e seis homens. As mulheres são, em sua maioria, donas de casas e costureiras que atualmente trabalham para as confecções locais tendo, portanto, compromisso com uma carga horária de oito horas por dia de trabalho. Os homens do grupo “são um pouco mais livres”, como eles mesmos se definem: dois barbeiros, um estudante, um aposentado e dois trabalhadores rurais. Para se adaptar à jornada de trabalho e aos afazeres de dona de casa foi criada uma nova forma de fazer o giro. A folia feminina se reúne normalmente no final do mês de janeiro e início de fevereiro de cada ano, período que antecede o Encontro Anual de Folia de Reis em João Pinheiro, para fazer o giro pela cidade. Normalmente, o giro é realizado nos finais de semanas, privilegiando o sábado e o domingo à tarde. Diferente dos grupos masculinos locais, que giram por quase toda noite, o grupo feminino se dispersa ao escurecer e, quando indagadas sobre o motivo de não girarem à noite, elas explicam que é a hora de preparar o jantar, de cuidar das crianças, enfim de retornarem aos seus papéis de mães e de donas de casa.

Outra diferença significativa na atuação do grupo feminino é o espaço onde é realizado. Enquanto os grupos masculinos se ocupam mais das áreas periféricas da cidade, os bairros mais pobres, o grupo da folia feminina gira, não exclusivamente, mas preferencialmente, pelo centro da cidade, embora boa parte do grupo resida nos bairros. Mas como Dona Adelaide¹⁰⁵ mora no centro da cidade e é em sua casa que ficam guardados os instrumentos do grupo, é de lá que parte o giro. O que também poderia ser explicado pelo papel de liderança da mesma no grupo, pois é ela quem decide as casas que serão visitadas e quais ruas serão percorridas pela procissão.

Por dois anos seguidos, a pesquisadora teve a oportunidade de acompanhar esse giro da folia feminina, assim como um giro do grupo no Assentamento da Formiga¹⁰⁶. O giro no referido assentamento foi para pagar uma promessa da irmã da foliã Dona Adelaide. Na ocasião, ela disse ter passado por sérios problemas de saúde e ter recorrido

¹⁰⁵ Membro da Folia Feminina, responsável pelo armazenamento dos instrumentos do grupo.

¹⁰⁶ Assentamento de reforma agrária no município de João Pinheiro, localizado a 30 km da cidade.

aos Santos Reis e, como foi atendida, estava pagando a promessa. Esse giro aconteceu no dia 09/09/2008; o grupo de folia chegou ao assentamento por volta das nove horas da manhã em um veículo alugado para o transporte. Foram feitas as primeiras orações do dia pedindo a benção a Deus, a Nossa Senhora Aparecida e aos Santos Reis, muitos foguetes foram estourados e uma farta mesa de biscoitos foi servida. Tudo com sabores das receitas tradicionais¹⁰⁷ de Minas Gerais, pão de queijo, broa de fubá, bolo de fubá, biscoito de polvilho, e leite caramelizado, além de vários tipos de chás. Nesse momento, foi possível perceber uma diferença nas folias masculinas, pois quando da saída da folia é sempre servida cachaça. O grupo feminino de João Pinheiro não bebe álcool, pelo menos durante o giro. Esse grupo apresenta uma profunda ligação com a Igreja Católica, praticamente todos os seus membros participam de outros movimentos oficiais da Igreja, como Encontro de Casais com Cristo, Pastoral da Esperança e Conferências de São Vicente de Paula¹⁰⁸.

Depois das orações, das invocações ao Espírito Santo e aos Santos Reis, o grupo se pôs a caminho pelas quadras do assentamento. A festeira havia estabelecido um roteiro prévio das casas que receberiam a visita do grupo. Foi necessário fazer um mapeamento com antecedência, uma vez que no assentamento existem 54 famílias, não sendo possível ir a todas as casas. Outro fator a ser observado é que seis famílias do assentamento são evangélicas e não se interessam por receber o grupo.

O giro pelo assentamento foi feito pelo grupo dos 14 foliões, acrescido da festeira, de algumas outras moradoras locais, da pesquisadora e de muitas crianças. Como é de costume, a Alferes Dona Maria, com 63 anos de idade, é quem vai à frente e faz o primeiro contato com o dono da casa. Ela explica que se trata de uma Companhia de Santos Reis e que estão pagando uma promessa, pede permissão para entrarem na casa. Os moradores então convidam o grupo a adentrar em seus lares, onde é feita a cantoria. A capitã Edileusa

¹⁰⁷ A chamada cozinha tradicional ou “típica” mineira foi forjada nos séculos XVIII e XIX, em dois momentos distintos: o da escassez, no auge da mineração do ouro, e o da fartura, na ruralização da economia regional. [...] Destaca-se neste momento um estilo da cozinha mineira, baseado na predominância do milho sobre a mandioca. Desde o milho verde, cozido ou assado, ou feito como mingau, até o fubá-angu, mingau, bolo, cobu etc. – o milho estava presente em todas as refeições. Os relatos dos viajantes do século XIX também apontaram a predominância da farinha de milho em relação à de mandioca. Além disso, o milho era a principal fonte de alimentação para animais criados em quintais, como porcos e galinhas e para os muare das tropas (Abdala, 2006: 119-121).

¹⁰⁸ Associação responsável pela manutenção do Abrigo de Santana, entidade que recebe parte das doações dos bens arrecadados nos giros pelas Folias de Reis.

explica que irá cantar apenas alguns versos da primeira parte da folia. Depois da esmola¹⁰⁹, mais alguns versos de agradecimento, justificando que o giro será feito em apenas um dia e que são muitas casas a serem visitadas.

A chegada da folia nas casas é motivo de muita alegria para as famílias, sempre é oferecido aos foliões café e, em algumas casas, biscoitos. Esse ritual faz parte da peregrinação das Falias de Reis pelo município de João Pinheiro. A chegada da folia em uma casa implica em ofertar algo para se comer e beber e dar a esmola para os Santos Reis. Nesse giro pelo Assentamento da Formiga, 24 casas foram visitadas, foram doados muitos produtos da zona rural, como galinhas, porcos, ovos, feijão e pouco dinheiro, que posteriormente foram doados no Encontro Anual. Todos os anos a Folia de Reis feminina é uma das folias que efetua uma das maiores doações no Encontro Anual dos Foliões.

As doações em muito divergem daquelas do perímetro urbano. Em outro giro realizado no mês de Novembro de 2008, o qual a Folia Feminina fez pelo centro da cidade de João Pinheiro, acompanhada pela pesquisadora, foram visitadas 12 residências e foi possível observar que no centro da cidade as doações são em sua maioria em dinheiro, pequenas quantias, como R\$5,00 ou R\$10,00, sendo doados também produtos como caixa de sabão em pó, sabonete e outros produtos de limpeza. Também se diferencia a maneira como as famílias recebem a Folia de Reis. Na zona rural, era percebida a alegria e a importância da visita para as famílias visitadas, fato que nem sempre se repete na zona urbana. Outra diferença que se faz notar é que nas 12 casas visitadas na cidade, apenas uma ofereceu um cafezinho para os foliões, enquanto na zona rural todas ofereceram café, biscoito e até almoço para o grupo.

A diferença nas doações para as folias entre a zona rural e a zona urbana pode ser explicada pelas condições de acesso aos produtos. Enquanto na zona rural é mais fácil o morador ter em casa produtos como feijão, arroz, frangos, porcos, na zona urbana ele tem mais acesso aos produtos industrializados e a pequenas quantias em dinheiro. Quanto à forma de receber os foliões, na zona rural ainda se preserva muito da tradição, como oferecer alimentos, pouso¹¹⁰, atitudes próprias do *sertanejo* de João Pinheiro.

¹⁰⁹ Os foliões de João Pinheiro denominam de **esmola** todos os donativos recebidos durante o giro. Esses donativos podem ser produtos, animais ou dinheiro. Em alguns casos esses produtos são destinados a auxiliar na realização da festa, em outros são doados para instituições de caridade.

¹¹⁰ Normalmente na zona rural a folia gira por muitos dias, portanto o grupo necessita de um lugar para o **pouso**. Em alguns casos é feito o contato com o morador previamente e agendado o pouso, mas na maior

Os giros da zona rural em tudo se caracterizam como uma cultura *sertaneja*. Há uma grande preocupação com os foliões. A sociabilidade se evidencia na preocupação dos moradores em se reunirem para conseguir o quantitativo de colchões e cobertores, pratos e panelas para a realização dos pousos.

O giro na cidade sempre finaliza com a dispersão do grupo, enquanto o giro pelo Assentamento da Formiga, realizado pela folia feminina, terminou com terço rezado pelos foliões, acompanhado pelos moradores, seguido por muitos fogos e viva a Santos Reis! O terço foi “tirado” pelo folião Dionízio, ele fez o agradecimento a Deus e aos Santos Reis pelo milagre recebido pela festeira,

*Augustíssima imperatriz do céu e da terra que estais na presença. Eu voz ofereço este terço como as demais orações que rezamos para mais vos agradecer pelo milagre alcançado pela dona da casa e nossa rainha. Em compromisso de uma devoção que voz pede, vos pedimos com grande necessidade corporal e espiritual são pontifício mal encomendado pelas almas do purgatório que por elas têm de servir e glorificar na eterna glória por todos os séculos dos séculos. Amém!*¹¹¹

Os presentes se reuniram na porta da sala, onde se encontrava um presépio com as imagens do Menino Deus, Nossa Senhora e os Três Reis. Nesse momento, houve um grande silêncio na casa da festa, foi possível perceber pessoas de olhos fechados, como se estivessem se comunicando com o mundo sagrado. A cozinha parou e os cozinheiros também participaram da oração. O terço seguiu lentamente, não havia pressa. Dionízio rezou os mistérios¹¹² e, em seguida, os presentes rezaram um Pai Nosso e 10 Ave-Marias. O texto da oração foi performado¹¹³ com uma entonação de voz especial, o rezador e demais membros tinham uma postura ereta do corpo como se estivessem participando de um espetáculo.

parte das vezes o grupo chega sem avisar. Como eles mesmos falam “de surpresa”. Cabe ao morador providenciar cama e comida para os membros da folia.

¹¹¹ Transcrição literal da oração realizada pelo Folião Dionízio no Assentamento da Formiga, pela Folia Feminina no dia 09/09/2008.

¹¹² Os *mistérios* são formados basicamente por um Pai-Nosso e 10 Ave-Marias. Cada mistério recorda uma passagem importante da história da salvação, segundo a doutrina *católica*, e cada terço é constituído por cinco mistérios.

¹¹³ [...] ato concreto de (re)criação, expressão e comunicação – *performance*, ação fugaz, autêntica porque única, não obstante ter referências em matrizes e sistemas simbólicos definidos que são, naquele ato, reproduzidos ou questionados. (Vianna; Teixeira, 2008: 124).

Posteriormente, o folião Dionízio explicou à pesquisadora que a oração de agradecimento tem que ser feita com os “Mistérios Jubilosos”:

No primeiro mistério contemplamos com a Estrela do Oriente apareceu aos Reis Magos e lhes serviu de guia no caminho a Belém, ao encontro do Menino Jesus. Pai Nosso [...] Ave Maria [...] 10 vezes.

No segundo mistério contemplamos com a Estrela perdeu o seu brilho ao chegar em Jerusalém, e os Reis Magos, confusos, procuraram informações no Palácio de Herodes. Pai Nosso [...] Ave Maria [...] 10 vezes.

No terceiro ministério contemplamos como a Estrela ressurgiu após os Três Reis Magos terem passados por Jerusalém, e seguia diante deles, até que chegando parou sobre o lugar onde estava o menino. Pai Nosso [...] Ave Maria [...] 10 vezes.

No quarto mistério contemplamos com os Reis Magos entraram na Casa onde estava O menino com sua Mãe postando, adorando e abrindo os seus tesouros oferecendo como presente: ouro, incenso e Mirra. Pai Nosso [...] Ave Maria [...] 10 vezes.

No quinto ministério contemplamos como os Reis Magos foram avisados por divinas revelações, para que não voltassem a Herodes, seguiram para a sua terra por outro caminho. Pai Nosso [...] Ave Maria [...] 10 vezes¹¹⁴.

As festividades foram encerradas com um farto jantar, momento em que foi servido tutu de feijão, frango caipira, macarrão e almôndegas de carne, bem ao estilo das Festas de Reis em João Pinheiro. Nessa festa, como de costume não faltou a bebida alcoólica, muito apreciada pelos convidados. Observa-se especificamente no caso da folia feminina que nenhum de seus membros fez uso da mesma.

Após esse jantar, houve o “bendito da mesa”, cantando da seguinte forma:

*Bendito louvado seja
O Santíssimo Sacramento
Deus lhe pague a bela mesa
Deus lhe de Contentamento
1
O Santíssimo Sacramento
Da puríssima Conceição
Deus lhe pague a bela mesa
Dada de bom Coração*

¹¹⁴ Transcrição literal da oração realizada no Assentamento da Formiga, pela Folia Feminina no dia 09/09/2008.

2

*Da puríssima Conceição
E também a Virgem Maria
Deus lhe pague a bela mesa
Dada com muita Alegria*

3

*Senhora Nossa concebida
Sem pecado original
Deus lhe pague a bela mesa
Deus lhe veja ou Altar*

4

*Indo do primeiro instante
Se eu sei a menino Jesus
Deus lhe pague os seus agrados
La nos pés da Santa Cruz*

5

*Pai, Filho, Espírito Santo
Menino Deus de Belém
Digam todos que viva
Para todos crerem! Amem¹¹⁵*

Logo em seguida, as pessoas que rezavam passaram então a dançar forró, promovendo o entrecruzar do **profano** e do **sagrado**¹¹⁶. Como também observou Brandão em seus estudos sobre as Folias de Reis:

Acabada a “reza”, vem a “festa”. O “bendito da mesa” marca a conclusão dos momentos solenes e religiosos da cerimônia. Na mesma sala onde foi levada a bandeira e rezado o terço, foliões e convidados podem se dividir em mesas de “jogo de truco” ou, o que é mais comum, podem se organizar como um grupo de cantadores e dançadores de catira (Brandão, 1985: 177).

Exatamente assim aconteceu no Assentamento da Formiga, depois das orações o forró tomou lugar na sala até as três horas da manhã. Os foliões cantaram desafios¹¹⁷ e músicas caipiras; ou, como eles dizem, “modas de violas”.

¹¹⁵ Transcrição literal do Bendito de Mesa, realizado no Assentamento da Formiga, pela Folia Feminina no dia 09/09/2008.

¹¹⁶ [...] o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. Esses modos de ser no Mundo não interessam unicamente à história das religiões ou à sociologia, não constituem apenas o objeto de estudos históricos, sociológicos, etnológicos. Em última instância, os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo, mas também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana. (Eliade, 1992: 13-14)

¹¹⁷ Narrativa cantada pelos foliões, de tons dramáticos e final hilariante.

4.2 O lugar da mulher na Folia de Reis: discutindo os papéis sociais

De acordo com Peter Berger e Thomas Luckmann (1985), em seu trabalho clássico da sociologia do conhecimento, a realidade é socialmente construída. Na experiência da vida cotidiana, o ser humano partilha sua existência com os demais à sua volta, num processo de interações sociais (e, portanto, de interações comunicativas mediadas pela linguagem) que são fundamental para a produção de sentidos e de autossentidos. A socialização ocorre por meio da dialética interiorização- exteriorização:

A formação da consciência do outro generalizado marca uma fase decisiva na socialização. Implica a interiorização da sociedade enquanto tal e da realidade objetiva nela estabelecida e, ao mesmo tempo, o estabelecimento subjetivo de uma identidade contínua e coerente. A sociedade, a identidade e a realidade cristalizam subjetivamente no mesmo processo de interiorização. (Berger e Luckmann, 1985: 179).

Seguindo essa linha de pensamento, é possível afirmar que as atuações das mulheres nas Folias de Reis decorrem dos papéis sociais estabelecidos e construídos socialmente na vida cotidiana. Quando se pensa o espaço feminino na Folia de Reis é necessário pensar a questão do gênero, que não é simplesmente o fato de ser, biologicamente, homem ou mulher, mas que é produto de uma construção social. De acordo com Gebara (2000), gênero é uma maneira de ser no mundo e, nessa maneira de ser, entra a forma como as pessoas são percebidas e condicionadas. Isto é, inclui o jeito delas agirem e o modo como elas se portam no mundo fruto de uma teia complexa de relações culturais.

Ao se pensar na existência do conceito de gênero, deve-se pensar a existência de um processo dinâmico em sua formação. Porque gênero deve ser visto como elemento constitutivo das relações sociais, baseadas em diferenças percebidas entre os sexos e como sendo um modo básico de significar relações de poder (Scott, 1990).

Os estudos de gênero buscaram evidenciar que as referências culturais são sexualmente produzidas por meio de símbolos, jogos de significação e relações de poder, de parentesco, econômico e políticas: “As relações de gênero são uma construção cultural e social e como tal representam um processo contínuo e descontínuo de produção de lugares e poderes do homem e da mulher em cada cultura e sociedade” (Oliveira, 1999: 70).

Ou, ainda, como informa Mattos (2000: 17): “os estudos de gênero procuram mostrar que as referências culturais são produzidas por símbolos, jogos de significação, cruzamento de conceitos e relações de poder, conceitos normativos, relações de parentesco, econômicas e políticas”; portanto, ser mulher ou homem nas Folias de Reis de João Pinheiro. Esse lugar não resulta apenas das condições físicas e biológicas, mas também das condições sociais e culturais do papel atribuído a cada ator social na região.

Dessa maneira, parafraseando Guacira Louro (2003), a discussão sobre gênero tem por objetivo combater as relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar caminhos para a transformação dos paradigmas estabelecidos em torno da relação homens/mulheres na sociedade, o que possibilita repensar e discutir essas participações sociais seja no espaço da Festa de Reis, seja nas relações afetivas, ou estabelecendo novas relações entre a subjetividade do outro e a nossa, respeitando as semelhanças e diferenças, mas acima de tudo propondo-se ao diálogo com essas diferenças.

Fontoura (1997), ao pesquisar a Folia de Reis de Uberaba, enfatiza que as pessoas que dão sustentação à festa fazem parte da *Folia Invisível*. São elas que trabalham na cozinha, na decoração das casas, fazendas ou sítios, dos arcos e altares. De acordo com a autora, nessa *Folia Invisível* a grande maioria é de mulheres. São pessoas responsáveis pela organização, preparação, mas não aparecem nos lugares públicos da festa.

Pessoa (1999), ao estudar a Folia de Reis das Lages, no estado de Goiás, discute os papéis feminino e masculino, fazendo uma relação dos mesmos com os espaços ocupados dentro da casa e nos espaços públicos. Ainda de acordo com o autor, a folia acontece num espaço eminentemente masculino (salas, estradas, roçados, pastagens) que não são permitidos às mulheres. Por isso, nenhuma das funções fixas é (ou era, no seu universo de pesquisa) ocupada por mulheres e o referido autor chega a definir a Folia de Reis como um grupo itinerante de homens devotos.

Daniel Bitter (2008: 75) também relata a separação entre os papéis masculino e feminino nas Folias de Reis do Rio de Janeiro:

Ao longo do dia, muitas tarefas têm de ser realizadas e são divididas entre homens e mulheres. Aos homens cabe transportar todas as coisas necessárias. É sua tarefa também cuidar do espaço físico da festa, o que envolve limpeza, checagem de instalações elétricas e hidráulicas, instalação da cozinha, arrumação das mesas e cadeiras etc. Muitas tarefas

são coletivas, mas nem sempre se dão de forma harmoniosa. Às mulheres cabe coordenar os trabalhos da cozinha, como lavar, cortar e preparar os alimentos, como também servir os pratos de comida e lavar a louça, trabalho intenso e levado a cabo por cinco pessoas. São elas também que cuidam das *fardas* dos *foliões*, chapéus, toalhas e outros apetrechos.

Essa divisão de serviços é pautada na construção social de gênero comum na região de João Pinheiro. Assenta-se na ideia de que há “serviço de homem” e “serviço de mulher”, cabendo às mulheres a cozinha e a organização da festa, embora timidamente comecem aparecer exceções à regra. Durante a pesquisa, foi possível encontrar essa inversão de papéis: homens na cozinha e mulheres na folia. Em um estudo clássico sobre as Folias de Reis, Porto (1982: 50) afirma que

de modo geral, não se admite a presença de mulher numa folia. Abrem-se exceções para o caso de promessas, quando, então, a mulher é admitida como acompanhante, sem direito a cantar, nem tocar instrumento.

O mesmo autor justifica a ausência das mulheres nas Folias de Reis porque

Os Reis Magos não trouxeram consigo suas esposas; se os foliões levassem mulher na folia, estariam deturpando o sentido da representação; também, diz outros, nenhuma mulher visitou o presépio de Jesus; admitir mulher entre os foliões, como participante, seria desviar o sentido da dramatização (Porto, Op. Cit.: 54).

No entanto, apesar de a grande maioria dos participantes da folia constituída por homens, percebe-se que esta realidade está sofrendo mudanças nos últimos tempos (pelo menos no município palco desta pesquisa). Isso se evidencia nas apresentações dos grupos de folias que participam do Encontro Anual dos Foliões, que têm acontecido na Associação dos Foliões de Santos Reis de João Pinheiro. Nessas apresentações, registra-se cada vez mais a presença da mulher. Em algumas delas, as mulheres cantam, tocam instrumentos e carregam a bandeira, sendo maior a atuação da mulher como alferes, ou seja, a porta bandeira da folia (veja fotos).



Figura 13: Mulheres participando dos grupos de Folias de Reis em João Pinheiro.
FONTE: Gonçalves, 2010.

Nas Folias de Reis de João Pinheiro, percebe-se que há também uma inclusão das mulheres. A bandeira tem como portadora ou alferes uma mulher que passou a fazer parte dos grupos e acompanha todo o giro da folia apesar de não estar cumprindo promessa. Uma mulher é também condecorada como festeira e recebe a coroa na noite da entrega da folia, tornando-se a Rainha da festa. Em alguns grupos, como é o caso da Folia do João Timóteo “a re-quinta” (um tom alto e fino que finaliza os versos) é também performedo por uma mulher. Algumas mulheres tocam instrumentos como o pandeiro e o reco-reco. Durante o processo da pesquisa não foi encontrada mulher alguma tocando viola, violão ou acordeons.

Sobre a participação feminina na Folia de Reis, Padre Preguinho observou que:

Nós estamos vendo agora que tem folia feminina, tem mulher cantando junto dos homens, quer dizer a folia não é coisa do passado e ela entende isto. É coisa do presente e até mais do que outras coisas. Está acolhendo mulheres como capitã, mulher como ajudante, coisa que não podia, no passado não podia, de hoje é normal, então a folia está entendendo uma dinâmica muito mais forte do que a própria Igreja que ainda restringe

*aos homens a sua oficialidade, na folia tem mulher capitã, tem mulher que está lá no meio dos homens. Então isto para mim é um avanço muito grande, é sinal de que a folia no fundo ela está entendendo essa mensagem de passar e outra que folia ela é boa porque ela é festa de povão, mas ela é festa de família, não tem penetra em folia, é o grupo, né?*¹¹⁸

No entanto, estar na folia e desempenhar nela um papel pode significar uma forma de inclusão das mulheres, porém isto não as isenta da responsabilidade de um papel que foi gestado socialmente e tradicionalmente para elas. Algumas das mulheres que acompanham o giro, participam de uma parte da jornada porque na outra parte do dia devem cuidar da organização da casa e cumprir a responsabilidade delegada a elas que é a de nutrir a família e cuidar dos filhos. Pois, “programar a alimentação, dividi-la, guardá-la para que sirva a toda a família é uma responsabilidade e uma angústia próprias às mulheres” (Gebara, 2000: 50). Segundo a autora, o mal não está no tipo de trabalho que é executado, mas na imposição e determinação de um papel que se torna um destino ou que é tido mais conforme a “natureza” da mulher.

4.3 Os saberes femininos na realização da festa

4.3.1 A rainha da Festa de Reis

Juntamente com o Rei, a Rainha é uma figura extremamente importante na festa e responsável pela sua continuidade, organização e provimento. Eles são também responsáveis pelo preparo da festa e, principalmente, pelos recursos financeiros gastos. Em algumas das 56 festas frequentadas pela pesquisadora, não havia a presença do Rei e da Rainha, o que indicava desinteresse de outras pessoas da comunidade em realizar a festa do ano seguinte. A Folia de Reis é um ritual carregado de simbolismo e ser Rainha é um papel extremamente importante na realização da festa. Normalmente, as mulheres em João Pinheiro adquirem esse *status* transitoriamente, por um ano, por meio de uma promessa a Santos Reis.

¹¹⁸ Geraldo Martins da Mota, Padre Preguinho. Entrevista concedida a pesquisadora em 10/03/2009.

A promessa é feita para a obtenção de uma graça. No caso desta pesquisa, os narradores ouvidos sempre indicavam problemas de saúde, como o motivo gerador da promessa e, conseqüentemente, da festa. Esse foi o caso de Lázara Eustáquia Landi, 59 anos de idade, costureira, que realizou uma Festa de Reis no dia 26/05/2009. Durante o preparo da festa, ela relatou à pesquisadora a seguinte história:

Descobri uma pequena mancha em meu corpo. Procurei o Dr. Geraldinho que me deixou muito assustada dizendo que aquilo era característica de câncer, tirando um pequeno pedaço e mandando para biopse. Eu fiquei um pouco preocupada, mas não pensei que era tão sério. Então quando chegou o exame foi uma tristeza danada, meus filhos ficaram muito tristes, afinal eles tinham acabado de perder o pai. Ai então eu pensei, não é de ser nada. Santos Reis vai me curar. E logo em seguida eu fiz a promessa que se eu ficasse curada eu faria uma grande festa para Santos Reis. Ai, então os médicos de João Pinheiro me encaminharam para Belo Horizonte para fazer outros exames e começar aqueles tratamentos com quimioterapia. Sabe? Eu fui muito tranquila, já sabia que não ia precisar desses tratamentos. Meu filho já estava mais confiante, ele acredita muito em Santos Reis. Ele falava mãe não vai dar nada, a senhora vai ver. Em Belo Horizonte foi feita uma nova biopse. A minha filha foi buscar o resultado e quando ela abriu o envelope ela perdeu a voz, depois pegou o telefone e ligou para o irmão, então ele falou eu já sabia, Santos Reis curou a mamãe! E foi por isso que eu peguei a coroa e hoje sou a Rainha da festa.¹¹⁹

A festa realizada por Dona Lázara Eustaquia aconteceu na cidade, no Bairro Papagaio. Foi feita a interdição da rua, sendo grande parte dos moradores do bairro se fez presente. De acordo com a filha da festeira, foram abatidos para a festa cinco vacas, três porcos e centenas de frangos. Houve a chegada da folia com as cantorias em agradecimento ao milagre alcançado pela Rainha. Posteriormente, foi rezado o terço pelos foliões, seguido pelos presentes na festa, sendo esse um momento sagrado da mesma.

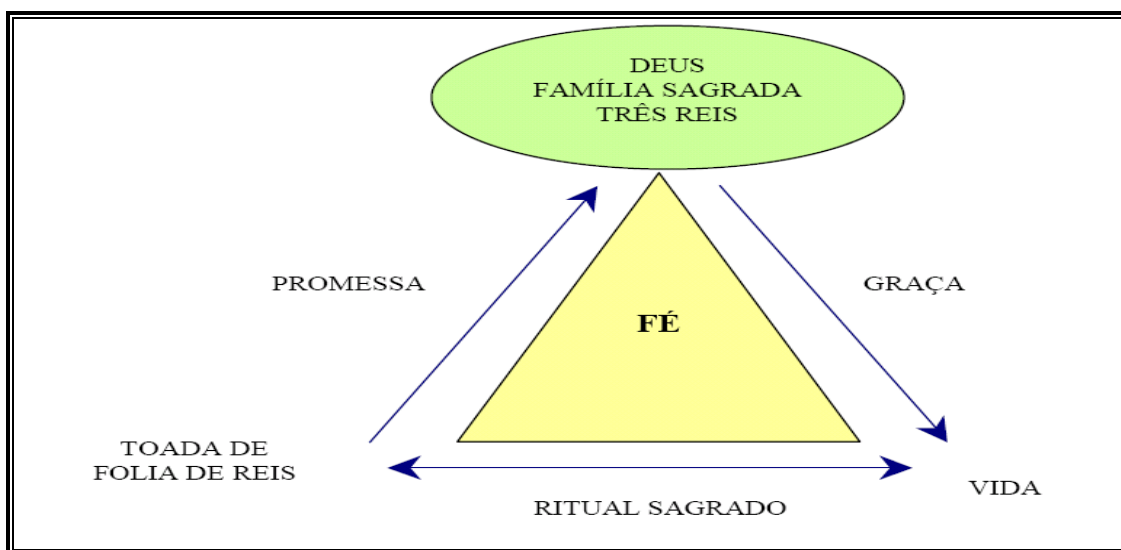
Percebe-se a sacralidade, na Folia de Reis, nas orações, recitação do terço, nas visitas feitas às famílias em nome dos Reis Magos, entre outros aspectos, que não podem ser classificados de outra forma, porque levam a uma experiência mística, uma experiência com o transcendente. A questão do sagrado na Festa passa pela manifestação da fé popular que “sacrifica” o espaço, a vida, a história das pessoas que ali depositam sua crença. Aqui, o termo sacrificar remete etimologicamente à origem da expressão sacrifício que é derivada da expressão latina *sacra facere*, tornar sagrado.

¹¹⁹ Lázara Estaquia Landi. Entrevista concedida a pesquisadora em 26/05/2009 durante a realização da festa.

Sobre essa relação com o sagrado, Tremura (2006: 02) afirma que

A relação dos participantes com os seres divinos propõe um triângulo da fé inspirado em reciprocidade onde promessas transformam-se em bênçãos, proteção, e recompensas para aqueles que determinadamente cumprem suas promessas com os Reis Magos. O triângulo da fé exterioriza a crença popular através da manifestação verbal religiosa, a qual é transformada num sistema de verdade na medida em que os elementos do triângulo se completam e transformam positivamente a vida de seus participantes.

A Rainha, Dona Lazara, é a materialização dessa relação chamada pelo autor de “triângulo da fé”. Ela fez uma promessa, foi curada de um câncer e agora exterioriza a sua fé em Santos Reis através da realização de festas. Essa relação pode ser mais bem visualizada no organograma abaixo.



Fonte:(Tremura, 2006: 02)

Durante a sua entrevista, Dona Lazara fez questão de buscar em outra casa do bairro os dois exames, para apresentá-los à pesquisadora, um de resultado positivo e o outro de resultado negativo, os quais, na sua concepção, comprovam o milagre de Santos Reis. Nas suas palavras, *“vou te mostrar os dois exames, um que falava que eu tinha câncer e o outro que prova o milagre de Santos Reis, lê aqui negativo, portanto me sinto muito honrada sendo a rainha da festa”*.



Figura 14: Sequência de fotos mostrando a festa de Dona Lazara. FONTE: Gonçalves, 2010.

Esse também foi o caso de Ilda Machado, mais conhecida como Ilda do Moisés, 53 anos, dona de casa que realizou no dia 05/10/2010 uma Festa de Reis na Fazenda Retiro, de sua propriedade na zona rural do município de João Pinheiro. Nas suas palavras:

*O motivo desse evento é que o meu esposo adoeceu, ele arrumou um tumor no pulmão e ele fez uma tomografia computadorizada em Patos e os médicos constataram que era um tumor maligno ai como a cidade toda ficou rezando pra ele a minha mãe fez uma promessa para ele. Se ele fosse curado ela ia fazer uma festa pra agradecer o milagre a Santos Reis. Ai como infelizmente a gente demorou a pagar a promessa a minha mãe faleceu, ai nós estamos aqui pagando a promessa que ela fez. Ele recebeu a graça e foi curado e não precisou fazer a cirurgia, então esse é o motivo do evento.*¹²⁰

Normalmente, uma mulher, se torna Rainha assim como os homens se tornam Reis de uma Festa de Reis por uma graça recebida e, em agradecimento a Santos Reis, é realizada a festa. No caso da Ilda, a festa reuniu por volta de mil convidados, contou com a presença de um trio elétrico (caminhão de som). Um restaurante da cidade foi contratado para fazer a comida e a bebida foi vendida. Diferenciou-se assim, da tradicional cozinha da Festa de Reis de João Pinheiro, onde é feita a comida de forma artesanal e por meio de mutirão de cozinheiras. Essa nova forma de preparar os alimentos da festa evidencia as transformações dinâmicas que a mesma vem acontecendo para se adaptar ao mundo urbano e do trabalho. Embora com a presença do novo na festa da Ilda, as características principais de uma Festa de Reis foram mantidas. Todo o ritual da folia e do Rei e Rainha passaram pelos arcos de flores, os versos foram cantados sem pressa. Um longo terço foi rezado depois da cantoria e a Rainha fez um pronunciamento agradecendo a Deus e a Santos Reis o milagre obtido. Como enfatiza Bonesso (2006: 348),

A passagem pelos arcos tem significações diferentes de folia para folia, de folião para folião e até para os devotos acompanhantes das folias. Muitas vezes, esse ritual é extremamente importante para a vida das pessoas que estão cumprindo o voto.

Mas na festa em questão não houve o ritual da passagem da coroa, condição explicada pelo capitão da folia: “ninguém vai fazer essa festa no ano que vem!”.

¹²⁰ Ilda Machado. Entrevista concedida a pesquisadora em 05/01/2010 durante a realização da festa.

A sequência de fotos realizada na festa tem por objetivo mostrar a coexistência dos elementos novos que aos poucos vão sendo agregados à tradição da realização da Festa de Reis em João Pinheiro. Hoje é possível presenciar a chegada dos convidados de ônibus mesmo na zona rural do município, enquanto no passado as pessoas andavam por vários quilômetros para chegar aos locais de realização da festa. A presença do trio elétrico nessa Festa de Reis também foi muito apreciada pelos convidados. Já a comida, embora preparada por um restaurante, manteve as características do cardápio das Festas de Reis pinheirenses.

Nas fotos abaixo é possível observar a decoração da fazenda com os três arcos de flores tradicionais nas festas de Santos Reis. A chegada do Rei e da Rainha acompanhados dos foliões e dos convidados da festa, a mesa farta sendo servida aos convidados que, após as orações e o jantar, puseram-se a dançar forró até o dia amanhecer.



Figura 15: Sequencia de fotos na Fazenda da Ilda Machado - 05/01/2010.

FONTE: Gonçalves, 2010.



Figura 16: Sequencia de fotos na Fazenda da Ilda Machado - 05/01/2010.

FONTE: Gonçalves, 2010.

Muitas são as festas que ainda cultivam o ritual de passar a coroa, sendo essa uma prática muito comum na zona rural de João Pinheiro. Nas comunidades das Almas e na Fazenda Boa Esperança, também conhecida como Fazenda Facão, há listas de pessoas para pagar promessas, que desejam, portanto, tornarem-se reis e rainhas. Tamanha é a procura pela coroa que, para atender a todos, os capitães dessa folias optaram por criar uma festa extra no mês de julho. O Capitão da Folia das Almas informa:

Já temos marcados os reis e rainhas daqui até Julho de 2016. É Janeiro e Julho! E é tudo como você está vendo aqui, um festão mesmo! Vem o pessoal da região, do JK, de João Pinheiro. Nossa festa é famosa, graça a Deus vem muita gente! E todo mundo quer ser rei e rainha. O que não falta aqui é o festeiro do ano que vem!¹²¹

A rainha da Festa do Facão 2009 era uma dona de casa de 50 anos de idade. Ela fez uma promessa para um filho com problemas que preferiu não revelar, apenas enfatizou que foi grande a bondade de Santos Reis em atender seu pedido. Trabalhou o dia inteiro na organização da festa, cuidou pessoalmente de cada detalhe da cozinha e da decoração. No final do dia, ela vestiu uma camiseta azul que fora previamente confeccionada para todos

¹²¹ Luiz Paulo da Silva. Agricultor aposentado, 63 anos de idade, capitão da Folia das Almas. Entrevista concedida à pesquisadora em 26/07/2008.

os membros da família, colocou o manto e a coroa para o ritual da transição da festa para outras pessoas.



Figura 17:Rei e Rainha da Festa de Reis da Fazenda Facão

FONTE: Gonçalves, 2009.

Para o ritual de transição da coroa entre os festeiros (Rei e Rainha de 2009) e os que serão responsáveis em 2010, os capitães da Folia do Facão, Lucas José Vaz e Uilton José Gomes, cantaram 19 versos que foram respondidos por todo o grupo de Folião¹²²:

*1-Despertaí filho eterno
Para guarda Igreja luz*

¹²² Nesse dia o grupo estava assim composto: **Capitães:** Uilton José Gomes, José da Viola e Geraldo Aves; **Rei perpétuo:** Lucas José Vaz; **Caixeiro:** Cláudio; **Pandeiro:** Adilson; **Sanfoneiros:** Divino e Márcio; **Violeiro:** Neguinho; **Palhaços:** Rapadura-Iraide e Farinha-Iremo; **Primeira voz:** Welton; **Segunda Voz:** Tiago; **Terceira Voz :** Wilson; **Quarta voz:** Alírio e Vantuir; **QuintaVoz:** Henrique e Gilmar; **Sexta Voz:** Emerson.

*Venha ver o desse canto
Que adoremos a Jesus.*

*2-Lá vem o sol risonho
Junto como o resplendor
As trevas rompem o dia
Iluminando o Salvador.*

*3- Renasci a natureza
Por obra da criação
Veio ao mundo o rei Messias
Para nossa salvação.*

*4-A festa misteriosa
Nos disseram com pureza
O primeiro interapios
Em sinal da realeza.*

*5- Os grandes sábios do mundo
Completo sua profecia
Que foi nascido o rei supremo
De São José e Santa Maria.*

*6-Chegou Menino Deus
Em casa de São José
Os anjos ficam prostados
Ele Menino que é.*

*7-É o filho de Deus Pai
Nascido de nossa fé
O filho da Virgem Maria
Que é uma Santa mulher.*

*8-Na entrega desta Coroa
Precisamos respeitar
No cantar da monarquia
Jesus Cristo também está.*

*9-Quem pegar esta Coroa
Há de ser muito fiel
Para ter entendimento
No paraíso de São Miguel.*

*10- O meu nobre imperador
Que esta Coroa vai pegar
Vai pedir a Deus menino
Para ele ajudar.*

*11- Precisamos respeitar
A Coroa de Santos Reis
É uma Coroa Sagrada
É a Coroa que Deus Fez.*

*12- Os Três Reis subiram ao céu
Rezando Ave Maria
Foi pedir a Deus Menino
Para festejar seu dia.*

*13- Imperador e Imperatriz
Escuta o que eu vou cantar
A receba essa Coroa
Para Deus lhe ajudar.*

*14-Viva os festeiros velhos
E todos que aqui estão
Viva o menino Deus
E também os foliões.*

*15-Quem recebe esta Coroa
A recebe com alegria
Serão bem abençoados
Da Virgem Santa Maria.*

*16- Esta Coroa que vos pegou
Jesus Cristo está também
É a Coroa da Monarquia
É da Santa Glória. Amém!*

*17- E viva os festeiros novos
E viva Santos Reis também
Viva o menino Deus
E para todo sempre. Amém!*

*18- O meu nobre imperador
E a rainha do convento
Termino por este ano
Vamos guardar os instrumentos.*

*19- Adeus gente bom, adeus
Até o final do ano
E se Deus nos permitir
No giro nos encontramos.¹²³*

4.3.2 A cozinheira da Festa de Reis

Outro papel feminino muito importante na realização da Festa de Reis é a figura da cozinheira, que é extremamente valorizada. Não se torna cozinheira do dia para a noite,

¹²³ Transcrição da letra da música cantada pela Folia do Facão durante o ritual de transição na coroa na festa de 2009.

normalmente essa arte é fruto de uma tradição, que é repassada de mãe para filha através da oralidade e da experiência do vivido cotidianamente¹²⁴ na realização da festa.

A cozinha, nessa tese, não é pensada apenas como lugar de preparo de alimentos, mas, principalmente, um espaço social, onde, e em torno do qual, homens e mulheres estabelecem relações cotidianas, revelando redes de sociabilidade¹²⁵ intracomunitárias em um uso coletivo do espaço doméstico da festa. Diante disso, indaga-se: Como é constituído o conjunto de relações que acontecem em torno da cozinha da festa de reis? Qual o papel das mulheres? Esse é um trabalho exclusivamente feminino?

Na perspectiva de Michel Certeau (1996: 287),

a língua usada para falar de cozinha abrange quatro domínios distintos de objetos ou de ações: os ingredientes que são a matéria-prima; os utensílios e recipientes, como os aparelhos de cozinha, batedeiras, liquidificadores etc.; as operações, verbos de ação e descrições do hábil movimento das mãos; os produtos finais e a nomeação dos pratos obtidos.

Em todo esse ambiente da arte de cozinhar, há díspares funções para homens e mulheres. Nas festas de reis de João Pinheiro também não é diferente. Mesmo sendo um ambiente considerado “feminino”, admite-se a presença masculina, embora seja relevante observar que nas 56 festas frequentadas pela pesquisadora, o papel de condução da cozinha era feminino. Os homens tinham um espaço específico, mexer e carregar a comida nas grandes panelas, matar as vacas ou os porcos, cortar a lenha, uma vez que em 55 festas foi possível observar a utilização do fogão à lenha. Apenas em uma das festas optou-se pela utilização de fogão industrial.

¹²⁴ O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio de nós mesmos, quase em retirada, às vezes, velada. Não se deve esquecer este “mundo memória”, segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional” ou desta “não-história”, como o diz ainda A. Dupront. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível...” (Certeau, 1996: 31).

¹²⁵ A investigação assentou-se pelo conceito de sociabilidade, o qual está consubstanciado, a partir do que já foi apresentado e tratado por Georg Simmel – 1858 – 1919. O motivo decisivo se estabelece por intermédio de dois elementos do conceito: é possível diferenciar, em cada sociedade a sua **forma** e o seu **conteúdo**, aqueles significados gerados pelas interações entre os indivíduos. Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. (Simmel, 2006: 59)

Nas fotos abaixo, é possível observar as fornalhas à lenha, os cozinheiros convivendo na confecção da comida, os homens na lidas com as panelas e uma biscoiteira. Como essas são cenas de festas na zona rural do município, é muito comum, durante a festa, na madrugada, servirem doces e, pela manhã, servirem biscoitos, café, chá e leite caramelizado.



Figura 18: Sequência de fotos das cozinhas de 02 festas realizadas na Rurualminas I e II..

FONTE: Gonçalves, 2008.

O saber fazer biscoitos retira Dona Maria da invisibilidade, atribuindo-lhe o papel de condutora da cozinha da festa. Nesse espaço, afloram as memórias de uma infância distante, a qual ela compartilha com a pesquisadora e com todos os presentes na cozinha:

Quando eu era menina, eu acompanhava a minha mãe e minha avó para as festas de reis, nós morávamos ali, no Assentamento do Segredo. Você sabe onde é? Minha mãe era muito boa para cozinhar, quando algum fazendeiro marcava a festa ele já avisava a minha mãe. Eles falavam, olha Dona Cotinha, não tem cozinheira como a senhora aqui na redondeza e como eu recebi um grande milagre de Santos Reis eu quero fazer uma festa muito bonita, então a senhora vai para cozinhar. Minha mãe nunca recusava o convite, mesmo quando nós éramos pequenos, eu e meus irmãos, nós íamos assim mesmo. Me lembro como se fosse hoje de dormir, pequeninha, num colchão de palha debaixo da mesa para ninguém me pisar. [Risos!]¹²⁶

Dona Maria continua falando da suas memórias da infância, lembrando de que quando ainda pequenina partilhava com a mãe o espaço da cozinha na festa, observando o preparo da comida. Demonstra habilidade e conhecimento no preparo dos pratos e liderança nos trabalhos realizados na cozinha, sendo este um saber fazer importante no sucesso da festa. Mesmo dando a entrevista, ela não se descuida das panelas e dá ordens: “Adalberto mexe a carne no fogo aí para mim, muito cuidado para ela não sapecar e cuida desse fogo, se não vai ficar com cheiro de fumaça¹²⁷”. Ordem prontamente acatada pelo auxiliar de cozinha, Adalberto. Dona Maria segue amassando os biscoitos e relatando sobre a arte de cozinhar, evidenciando o seu papel e em alguns momentos fala sobre o masculino na cozinha da festa de reis:

Sabe? Cozinhar é um dom de Deus e de Santos Reis, a gente precisa pôr esse dom em prática, para a glória Deles. Minha mãe não gostava muito de fazer biscoito não, mas minha avó Zequinha era uma biscoiteira de mão cheia. Muito requisitada para as festas de Santos Reis e também de São João, você sabe, aqui em João Pinheiro o povo gosta muito de rezar terço de São João. Você precisa vir no nosso aqui na Ruralminas¹²⁸. Menina, mas é biscoito que não acaba mais, eu que lidero o grupo que faz. Não falo que eu que faço sozinha, pois tenho muita ajuda. Ai de mim

¹²⁶ Maria de Sousa, 63 anos, dona de casa. Entrevista concedida a pesquisadora em 05/01/2008.

¹²⁷ Idem.

¹²⁸ Nome de uma pequena localidade, resultante de um Assentamento de Reforma Agrária, localizado a 16 km de João Pinheiro.

*se não fossem os homens. Principalmente para fazer os biscoitos, gasta tanta lenha e eles cortam e carregam a lenha, me ajuda a esquentar os fornos. Aqui nós assamos tudo em forno de barro, não é igual na padaria não. Quero que você experimente a rosca que eu faço, ela é do jeitinho que minha avó fazia. Tem que sovar bem, depois coloca para crescer no sol, eu ponho uma erva doce, você precisa ver que delícia.*¹²⁹.

A preocupação de Dona Maria com os ingredientes dos biscoitos vai em direção ao que Michel de De Certeau (1996: 296) escreveu:

[...] o trabalho cotidiano das cozinhas continua sendo uma maneira de unir matéria e memória, vida e ternura, instante presente e passado que já se foi, invenção e necessidade, imaginação e tradição- gostos, cheiros, cores, sabores, formas, consistências, atos, gestos movimentos, coisas e pessoas, calores, sabores, especiarias e condimentos.

E ela continua, “sabe hoje nós usamos o fermento químico, minha avó fazia o próprio fermento, eu experimentei esse aí e gostei muito do resultado”. Nesse momento, ela grita para o ajudante: “Adalberto traz uma rosca quentinha para a professora! Experimenta menina! Não é porque fui eu que fiz! Mas está muito boa! Olha como cresceu! E o cheiro [...]”¹³⁰.

Dona Maria demonstra um enorme prazer em cozinhar, uma grande satisfação em ver os biscoitos crescendo ao sol. Apesar de sua idade, não demonstra cansaço, pelo contrário, tem um sorriso estampado nos lábios que contagia toda a equipe da cozinha e os visitantes, lembrando as palavras de Certeau (1996: 297):

As boas cozinheiras jamais são pessoas tristes ou desocupadas. Elas trabalham para dar forma ao mundo, para fazer nascer a alegria do efêmero, nunca deixam de celebrar as festas dos grandes e dos pequenos, dos sensatos dos insanos, as maravilhosas descobertas dos homens e das mulheres que compartilham o viver (no mundo) e *couvert* (à mesa). Gestos de mulheres, vozes de mulheres que tornam a Terra habitável.

Dona Maria é uma boa cozinheira, com seu trabalho na cozinha transforma o “milagre de Santos Reis” em sabores mineiros tão apreciados pelos devotos e demais participantes da festa.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ Maria de Sousa, 63 anos, dona de casa. Entrevista concedida a pesquisadora em 05/01/2008.

Outra cozinheira que também colaborou com a pesquisa é Dona Zinha, 65 anos de idade, aposentada, mas que sempre foi cozinheira da Festa de Reis da Comunidade das Almas, distrito de João Pinheiro. Ela também afirma que é cozinheira desde criança, quando acompanhava a sua mãe às Festas de Reis da região. Nasceu e cresceu na comunidade onde vive até hoje. Atualmente, quando um festeiro vai organizar a folia sempre a consulta para saber sobre sua disponibilidade para dirigir a cozinha. Mesmo se tratando de um trabalho pesado, ela não deixa de atender ao convite, pois entende que tem um dom divino, inspirado por Santos Reis. Percebe-se em seus relatos que a sua função na Folia de Reis lhe traz certo *status* privilegiado, proporcionando-lhe o respeito do grupo, por ser portadora de um conhecimento importante na realização da festa, saber esse que lhe proporciona o sentimento de pertencimento ao grupo, cria identidade e lhe tira da invisibilidade social. Como observa Bourdieu (1996: 106): “Os ritos conseguem fazer crer aos indivíduos consagrados que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor, que sua existência serve para alguma coisa”. Dona Zinha é muito respeitada na comunidade, como relatou em Julho de 2008, o festeiro João Batista:

*Dona Zinha é um tesouro de cozinheira e está aqui me ajudando tem uma semana, ela fez uns doces maravilhosos! Ela trabalha muito mais que as mocinhas. Se você ficar até de madrugada vai ver! Aqui nas Almas nós servimos o doce é de madrugada para combater a tuntura do povo! [Risos]. Temos outras cozinheiras para aprender com Dona Zinha, ela precisa ensinar, porque sozinha é muito trabalho, ela já tá de idade, né? Sabe com é!*¹³¹

E Dona Zinha segue manuseando as panelas e preocupada com o ponto de cozimento do macarrão, demonstrando que conhece como ninguém a arte de cozinhar: “cuidado gente! O macarrão tem que ficar um pouco duro, porque até na hora de servir ele estará no ponto”. Pensando como Certeau é possível afirmar que,

saber fazer, aprender a fazer, dizer como fazer: a sucessão dos gestos que se encadeiam, o hábil movimento das mãos necessitam por sua vez das palavras e do texto para circular entre os que lidam na cozinha. Este texto tem sua língua e seu corpo de referência, como todo tem seus segredos e suas conveniências- todo um saber ‘bem entendido’, que a mais detalhada das receitas jamais conseguirá comunicar. (Certeau, 1996: 287)

¹³¹ João Batista da Silva. Produtor rural. Festeiro de Julho de 2008 na comunidade das Almas. Entrevista concedida a pesquisadora durante os preparativos no dia em aconteceu a festa.

O saber fazer, o ensinar, o prazer em fazer e a fé ficam evidentes também na fala de Almezina Rosa, responsável pela cozinha do Encontro Anual de Folia de Reis em João Pinheiro:

*Tenho 65 anos de idade e estes dias nos cozinhamos 4 vacas, 140 kg de arroz, uns 80 de macarrão, 80 kg de feijão e 01 capado. Não foi muito difícil, não sei se é porque a gente trabalha com gosto e amor, com muito amor, tem 06 anos que eu venho ajudar aqui na cozinha! Eu tenho muita fé em Santos Reis, como eu gosto de Santos Reis [...] eu venho com o maior prazer, eu começo a trabalhar 05 horas da manhã, tem dia que vou até as oito da noite e com a maior alegria e o maior prazer. Você precisa ver a alegria todo mundo trabalhando naquela união, não tem cara feia, não tem nada, aqui é bom demais. Com fé em Deus, Nossa Senhora e Santos Reis no ano que vem estamos aqui de novo.*¹³²

Uma das auxiliares de Dona Almezina é sua filha Joana Rosa de Jesus, 45 anos de idade, que afirma sempre acompanhar a mãe às festas e também enfatiza o seu papel na realização das mesmas.



Figura 19: Dona Almezina e Joana Rosa de Jesus, cozinhando durante a realização do Encontro de Folia de Reis de 2010 em João Pinheiro.

FONTE: Gonçalves, 2010.

¹³² Almezina Rosa. Serviço de Escola aposentada. Entrevista concedida a pesquisadora em 12/02/2010.

A arte de cozinhar pode ser aprendida em família por meio do repasse oral de uma geração para outra, assim como pela convivência em comunidade com outras pessoas, que não são necessariamente familiares. Mas a religiosidade, a fé em Santos Reis aparece em todas as entrevistas como o grande motivo para doação e entrega ao trabalho. O motor que move a cozinha da festa é o mesmo que move as cantorias e as orações: o religioso. Isso fica evidenciado na fala dos(as) cozinheiros(as) entrevistados:

Eu sou Mariana, tenho 55anos de idade e sou trabalhadora rural, deve ter uns 40 anos que ajudo nas cozinhas das festas de Santos Reis e aprendi mexendo nas festas com o povo. Trabalhar nas Folias de Reis é a coisa mais importante que eu acho. Eu sou muito devota de Santos Reis. Já fiz a festa duas vezes e pretendo fazer mais. Eu não acho o trabalho da cozinha pesado. Hoje a gente vai fazer arroz, mandioca, pelota, carne de porco, macarronada, feijão tropeiro.¹³³

Eu ajudei pouco só umas quatro festas só. Tô começando agora, mas se Santos Reis me der forças, ainda vou cozinhar muito nas suas festas.¹³⁴

Eu sou Jim, 50 anos de idade e hoje estou ajudando na cozinha, eu faço de tudo. Eu fiz frango, pelota, fiz de tudo. Tem uns vinte e cinco anos que mexo com festa de reis, desde lá do Diamante¹³⁵. A maior alegria que eu tenho é fazer festa de Reis, eu até carregava as esmolas lá no Diamante. Eu estou aqui para ajudar a todo mundo o que precisar de mim. Todo mundo que precisar de minha ajuda é só falar Jim, eu já estou correndo para ajudar.¹³⁶

Eu sou Antônio Peres e estou aqui ajudando [na cozinha] desde terça feira, matando vaca, cortando a carne, fazendo pelota, cozinhado carne. Tem uns quarenta anos que eu ajudo na cozinha das Folias de Reis. Meu pai era folião, eu segui a tradição, eu sou folião também, mas sempre ajudo aqui. O que precisar eu faço, viu?¹³⁷

Eu sou Maria Aparecida, tenho 52 anos de idade e já tem uns trinta anos que eu ajudo em folias. Eu era da folia feminina, já te conheço, fazendo o seu trabalho [referindo-se à pesquisadora] parei de cantar na folia

¹³³ Mariana da Silva, 55 anos de idade, trabalhadora rural. Entrevista concedida à pesquisadora em 26/05/2009.

¹³⁴ Paulo Luciano, 27 anos de idade, trabalhador rural. Entrevista concedida à pesquisadora em 26/05/2009.

¹³⁵ O cozinheiro está se referindo a uma pequena localidade, distante 33 km de João Pinheiro.

¹³⁶ Jim dos Santos, 59 anos de idade, gari. Entrevista concedida à pesquisadora em 26/05/2009.

¹³⁷ Antônio Peres, 48 anos de idade, trabalhador rural. Entrevista concedida à pesquisadora em 26/05/2009.

*feminina, mas para mim é a melhor coisa que existe, né? Só a união que a gente tem trabalhando é a melhor coisa que tem. É trabalhoso, mas Santo Reis dá força para todo mundo. E todo mundo trabalha com vontade. Todo mundo feliz mesmo.*¹³⁸

O depoimento dos entrevistados evidencia a disposição para o trabalho. Disposição essa gerada pela fé em Santos Reis. Todos são unânimes em afirmar que se trata de um trabalho árduo, mas que o Santo dá forças. Talvez aí esteja a grande importância da cozinheira, mesmo preparando os pratos típicos da cozinha mineira, não se pode negar o tamanho de seu trabalho. Cozinhar para até 1000 pessoas de uma só vez, não constitui tarefa fácil.

4.3.3 A arte da Florista

A arte de fazer as flores de reis está se perdendo em João Pinheiro? As festas de reis ainda utilizam das flores artesanais para sua decoração? Quem confecciona essas flores? Como e com quem aprendeu essa arte? O que mudou e o que permaneceu no tocante às decorações das festas?

Uma das grandes preocupações dos festeiros (Rei e Rainha) é a preparação do ambiente para o ritual da folia. Para essa decoração, são usados arcos, galhos de flores, coroas, laços de fitas, correntes de papel, além do presépio. Certamente, os adereços atribuem *status* ao festeiro. A rica decoração demonstra gastos com os papéis, as flores e os santos, que pode ser os Santos Reis e Nossa Senhora Aparecida, já que é muito comum a devoção à esta santa em João Pinheiro.

No passado, toda essa decoração era elaborada por mulheres (floristas), detentoras de um saber muito valorizado, a arte de fazer flores. Esse conhecimento normalmente era transmitido de uma geração a outra por meio da oralidade e da experiência, do vivido. Atualmente, observam-se, em João Pinheiro, duas maneiras distintas de prepararem as casas das festas. Quando se trata de uma festa na zona rural as flores e a decoração ainda são confeccionadas de forma artesanal, enquanto as festas na zona urbana utilizam as flores de

¹³⁸ Maria Aparecida dos Santos 52 anos de idade, trabalhadora do lar. Entrevista concedida à pesquisadora em 26/05/2009.

lojas produtos de baixos preços e balões. Isso demonstra a grande dinâmica e a capacidade de adaptação das Folias de Reis para a sua sobrevivência no mundo urbano (Ver fotos abaixo).



Figura 20: Decoração da Festa de Reis na Zona Urbana de João Pinheiro.

FONTE: Gonçalves, 2009.

Diferente do que acontece na zona rural, onde as flores ainda são confeccionadas de forma artesanal, na Comunidade das Almas a florista é dona Tininha, que se orgulha de fazer as flores para a festa desde os tempos de menina:

Eu ajudava a minha mãe e foi com ela que aprendi! Nós sempre íamos para a casa dos festeiros dias antes das festas, para fazer todas as flores. Depois minha mãe morreu, então o povo passou a me chamar para fazer os arcos e as flores.¹³⁹

Segundo a entrevistada, seus saberes sempre foram muito valorizados pela comunidade e ela se sente muito orgulhosa em poder prestar um serviço aos Santos Reis, uma vez que lá só ela sabe fazer flores no local. Saber esse que atualmente está repassando

¹³⁹ Dona Tininha, dona de casa aposentada, 66 anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 12/07/2008.

para a sua neta, uma garota de sete anos de idade, que a acompanha em todas as festas e a ajuda a amarrar os galhos de flores, a colar as correntes de papel.



Figura 21 Dona Tiniha e a neta florista. Fotos feitas pela pesquisadora em 05/01/2008

FONTE: Gonçalves, 2008.

Outra entrevistada, Dona Maria Terezinha da Silva, igualmente evidencia seu papel na organização das Festas de Reis em João Pinheiro:

As floristas eram poucas, porque moravam aqui na roça e a cultura era pouca. Para te falar a verdade nesses sertões aqui era só eu! Então quando alguém pegava a coroa já vinha falar comigo, vinha me fazer os convites para fazer as flores da festa. Eu fazia flores para ganhar um dinheirinho, mas as flores de Santos Reis eu não cobrava não!¹⁴⁰

A discussão do conceito de identidade se torna fundamental para compreender a construção do sentido e compreensão da própria existência enquanto indivíduo e como pessoa inserida na sociedade. A palavra identidade surgiu do latim *identitas*, que significa “idem”, “o mesmo”. De acordo com Ferreira (2004), identidade pode ser considerada

¹⁴⁰ Maria Terezinha da Silva, dona de casa aposentada, 70 anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 30/06/2010.

como uma referência em torno da qual o indivíduo se constitui, estando em constante transformação e construída a partir das relações que ele estabelece consigo mesmo, com o outro e com o ambiente à sua volta. Nessa perspectiva, Dona Maria Terezinha se sente importante em relação à comunidade por ter um conhecimento específico, fazer flores e ser a única. É possível compreender essa construção da identidade de florista como um processo dinâmico em torno do qual o indivíduo se referencia, constrói a si e ao seu mundo e desenvolve um sentido de autoria, ou seja, faz o caminho de autoconscientização, tornando-se sujeito e artífice na sua própria história.

Pensando dessa maneira, pode-se afirmar que

Identidade tem relação com individualidade – referência em torno da qual o indivíduo se constrói; com concretude – articulando-se com uma vida concreta, vivida por um personagem concreto e alicerçada numa sociedade concreta; com temporalidade – transforma-se ao longo do tempo; com socialidade – só pode existir em um contexto social; com historicidade – vista como configuração localizada historicamente, inserida dentro de um projeto que permite ao indivíduo alcançar a autoria na sua forma particular de existir. (Ferreira, 2004: 48).

Identidade é uma categoria efetivamente importante para compreender como o indivíduo se constitui, influenciando sua autoestima e sua maneira de existir. Neste sentido, é fundamental para a compreensão da problemática das Folias de Reis, o conhecimento da maneira como os foliões e devotos desenvolvem suas identidades, principalmente em contextos sociais adversos, uma vez que se trata de uma cultura rural, praticada por idosos, pobres, pessoas de pouca escolarização, como é o caso de Dona Maria Terezinha.

O sociólogo espanhol Manuel Castells (2002) propõe a seguinte distinção entre os três processos de construção de identidade, que permite perceber como os indivíduos elaboram sua identidade, influenciados pelo meio onde se encontram inseridos – identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto:

Identidade legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais; Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade; Identidade de projeto: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu

alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. (Castells, 2002: 24).

Percebe-se que o caminho de construção da identidade é um processo que é elaborado a partir dos espaços sociais onde o sujeito se faz presente. Os três processos propostos por Castells (2002) evidenciam que o indivíduo parte de uma determinada realidade legitimadora das estruturas de dominação e faz o caminho de percepção do valor da resistência como meio para a construção de uma identidade sustentada em torno de um projeto sólido.

Na identidade legitimadora, ocorre uma aparente construção da identidade, a partir de um discurso falacioso que, na verdade, não revela aquilo que o sujeito possui como valor da sua essência enquanto pessoa, mas apenas reproduz o que é próprio das instituições dominantes. A identidade de resistência já mostra sujeitos conscientes da sua realidade de marginalização; por isso, traçam o caminho da resistência como mecanismo de sobrevivência e indignação. Começam a exercer o seu papel como agentes sociais conscientes de seus direitos e constroem uma nova lógica a partir de princípios diferenciados, contrários à lógica de dominação à qual viviam submetidos. A identidade de projeto é a resistência que se solidifica em torno de um projeto capaz de redefinir a posição do indivíduo na sociedade, em busca de uma transformação na estrutura social não mais construída pela submissão aos valores impostos, mas embasada numa identidade consciente. E Dona Maria Terezinha, consciente de sua importância como florista na região continua:

Eu penso que o povo gostava do meu serviço, porque sempre me chamava para enfeitar as festas. Quando eu era solteira eu ia para as casas das festas e ficava muitos dias. Lá a gente fazia flores para os arcos. À vezes era três arcos, um lá na porteira de entrada da fazenda, outro no curral e um por cima da mesa dos foliões. Fazia os galhos dos festeiros, fazia a coroa do Rei e da Rainha, fazia as flores para cada convidado. Você sabe? Convida para o ano que vem dando uma flor de Santos Reis. Depois eu casei e tive as meninas, então o povo levava para eu fazer lá em casa. Era uma dificuldade com as meninas pequenas, mas eu passava muitos dias picando papel crepe e fazendo flores, aí eu ia no dia só pra enfeitar. Pra você ver como era importante o meu trabalho, mesmo com as meninas pequenas eu tinha que fazer as flores, pois não tinha outra pessoa. Era eu mesma!

Dona Maria Terezinha é possuidora de um conhecimento que faz parte da cultura popular de João Pinheiro, a arte de fazer as flores de Santos Reis. Para Brandão, a melhor maneira de se compreender a cultura popular é por meio da religião, pois para ele “é ali que ela aparece viva e multiforme, existindo em um estado constante de luta por sobrevivência e autonomia” (Brandão, 1986: 15). A cultura popular, portanto, assume a figura, ou melhor, o contexto da religião popular. Em outra obra o autor afirma que:

ao falarmos sobre a cultura popular estaremos levando em conta as teias e tramas de criações, de símbolos, de significados que realizam e as conexões entre as várias manifestações de nosso povo: suas festas populares, sua alimentação, os seus diversos modos de ser e viver, pensar e criar, entre a poesia, a dança, o canto e as crenças, os diferentes modos de ser e representar-se como uma gente brasileira. Vamos falar sobre a técnica, a religião, a festa, a arte, pois delas fazem parte os utensílios e os saberes do trabalho no campo e na cidade. E também sobre as festas e todo o seu valor social e simbólico. Uma cultura tida como anônima, mas em boa medida criada por conhecidos e reconhecidos mestres da cultura popular. Vamos tomar, como exemplo, um ritual-festa estendido por todo o Brasil: a Folia de Santos Reis (Brandão, 2007: 04).

Dona Maria Terezinha deixa claro que a fé era o motivo dela deixar os seus afazeres domésticos e se dedicar à decoração das casas das festas quando afirma que “hoje não tem mais o mesmo entusiasmo, quase não vou às festas, porque estou muito velha, mais sei que as festas usam as flores de R\$1,99[...]”¹⁴¹ Antigamente era a diversão e a fé do povo do sertão!”

4.3.4 A mulher Alferes

A figura da mulher alferes na Foliás de Reis de João Pinheiro aumenta a cada ano no Encontro Anual de Folia de Reis, promovido pela Associação do Folião de João Pinheiro. Também conhecido como bandeireiros(as), de acordo com Porto (1982: 19):

a sua função consiste em carregar respeitosamente a Bandeira, apresentá-la ao chefe da casa onde a folia acaba de chegar, e recebe os donativos oferecidos pela família. Às vezes, o encargo de recolher a oferta é dado a

¹⁴¹ Referindo-se à loja de produtos populares, normalmente importados da China.

uma pessoa diferente do porta-bandeira, mas é comum a função ser exercida pelo bandeireiro.



Figura 22: Dona Maria Ferreira, alferes da Folia Feminina

FONTE: Gonçalves, 2010

Embora nenhuma das entrevistadas sinalizassem para uma “luta entre os sexos”, é notória a presença feminina nas Foliás de Reis pinheirenses. Normalmente, os entrevistados percebem as foliás como espaço de sociabilidade, de convivência em família, e principalmente de exercício de suas religiosidades. É o caso de Dona Maria de Lourdes, alferes da Folia da Ruralminas II:

Aqui na Ruralminas II ainda se faz o giro do dia 24 de Dezembro ao dia 05 de Janeiro, os homens todos vão. Quando os meninos eram pequenos eu não ia não, mas agora que eles cresceram, eu vou! Prefiro ir para acompanhar o meu marido do que ficar em casa sozinha. Outra coisa, quando o meu menino era pequeno, um dia ele sufocou e ia morrendo, então eu gritei socorro aos Santos Reis e fui atendida. Então eu acho que eu tenho essa dívida com ele, por isso eu acompanho a folia. E é muito

*bom, todo mundo me trata com muito respeito, como no nosso grupo quase não tem bebedeira é uma benção! Os mais velhos gostam muito e fala Lourdes você põe ordem no povo! Quando você ta o respeito é outro!*¹⁴²

A entrevista de Maria de Lourdes evidencia o que notou Brandão (2007): a Folia de Santos Reis é um denso exemplo da maneira como a sociedade camponesa cria e consagra relações sociais e simbólicas entre diferentes categorias de pessoas e grupos, no interior da família, da parentela, da vizinhança, da comunidade. Ela é a unidade móvel de artistas e de devotos que difunde a notícia anual do nascimento de Jesus Cristo. Ela é um ritual errante, entre casas e casas, e antecede a uma festa religiosa popular: a celebração do “Dia de Santos Reis”, em seis de janeiro.

A própria festa é um enorme mutirão. Muitas pessoas de um povoado rural, ou de um bairro ou mesmo de vários deles, compartilham dos preparativos da Festa. Segundo Brandão (2007), tanto a casa do festeiro quanto as casas do “giro” e dos “pousos” são decoradas para a passagem da Folia ou para a realização da Festa. Familiares encarregam-se das inúmeras tarefas de preparar o local e fazer a comida. Parentes e vizinhos oferecem-se, ou são convocados, para “um adjutório”. Evidenciando a convivência dos gêneros, meninos e meninas em idade de trabalho participam ativamente das várias tarefas de preparação. A mesma comida cotidiana multiplica-se entre panelões e fornos de barro. Há pessoas que fazem promessas de preparar ou servir a comida dos pousos ou da festa de Santos Reis.

Durante os dias de caminhada, os foliões passam por várias casas. Em cada uma, todos os presentes e participantes vivem por momentos uma pequena sequência de trocas codificadas de gestos, de palavras e de objetos. Os foliões cantam e anunciam, ao dizer quem eles são e para que vieram, o rito de que são parte, conforme descrito anteriormente. Na perspectiva de Brandão (2007: 18), “E, cantando, anunciam a história popular do nascimento do Natal. Um Natal sem renas, sem Papai Noel, sem neve e sem ‘Noite Feliz’”.

Normalmente, os moradores das casas os recebem, seguindo padrões tradicionais de acolhida. Marido e mulher e, se possível, os filhos e outros parentes, esperam na porta da casa pelo grupo de devotos cantadores. Nas áreas rurais tradicionais, não é raro que o marido vá esperar a Folia na porteira, ou em um “arco” construído e decorado para o

¹⁴² Maria de Lourdes Souza, 42 anos de idade, dona de casa. Alferes da Folia da Ruralminas II. Entrevista concedida a pesquisadora em 05 de Janeiro de 2008.

evento, enquanto a mulher e os filhos menores aguardam a chegada de todos na porta da casa. Para Brandão (2007), em um momento do cantório, a bandeira de Santos Reis é passada ao dono da casa, que deve entregá-la à esposa. Ela passeará com a “guia” por todos os cômodos da casa, com o intuito de abençoá-los. Feito isto, ela deverá colocar a bandeira na parede acima do pequeno altar onde um terço poderá ser rezado, se for pedido por “alguém da casa”. Ou então deverá segurá-la, diante dos foliões, durante o tempo em que cantam o “peditório”, o “agradecimento” e a “despedida”.

O que a pesquisa de campo evidenciou em João Pinheiro foi a Folias de Reis enquanto espaço de convivência religiosa entre homens e mulheres, jovens e velhos, pobres e ricos, devotos e foliões e não espaço de luta¹⁴³. O que não quer dizer que na organização das festas não existam conflitos. Ao longo dos quatro anos de pesquisa de campo, foi possível presenciar muitos conflitos, que aconteciam por coisas simples, como decidir a trajetória do grupo, por excessos de bebidas, por disputas pelo posto de capitão e pela disputa do cargo de presidente da Associação do Folião de Santos Reis de João Pinheiro (assunto que será tratado adiante).

Embora se tratando de localidades diferentes, o ritual da Folias de Reis analisadas pelo antropólogo Carlos Rodrigues Brandão em muito se assemelham aos das folias de João Pinheiro(MG).

Segundo Brandão (2007: 19),

O que acontece durante cada situação do ritual popular de uma Folia de Santos Reis, tão afetivamente envolvida de música, orações e trocas de bens entre foliões e moradores, não é mais do que a aglutinação de gestos e atos corriqueiros, que a situação ritual soleniza e oferta a todos os presentes como uma cerimônia marcante e fortemente carregada de afetos, de símbolos e de intertrocas de bens, de serviços e de sentidos. Todos os “do lugar” compartilham crenças e conhecimentos comuns. Pouca coisa pode ser improvisada, e é porque desigualmente se sabe o que vai acontecer e desigualmente se sabe como proceder, que o rito recria o conhecido e, assim, renova a tradição; aquilo que se deve repetir todos os anos como conhecimento, para consagrar como valor comum. Renova um saber cuja força é ser o mesmo para ser aceito. Repetir-se até vir a ser, mais do que apenas um saber sobre o sagrado, um saber socialmente consagrado.

¹⁴³ A autora aqui está se referindo a movimento feminista organizado.

De acordo com o referido autor, para que um ritual religioso popular cumpra o que se espera dele, é necessário que tudo seja feito levando em conta as regras rigorosas de conduta. Todos os momentos são prescritos e, neles, todos os gestos individuais e coletivos também. Alguns versos podem ser improvisados, mas os atos que os acompanham não. Cantos, rezas, posturas de corpo, detalhes de trocas entre pessoas – entre foliões, entre foliões e moradores, entre foliões e promesseiros acompanhantes – necessitam ser, ao longo de cada jornada anual, rigorosamente cumpridos em cada casa, em cada momento de chegar, de pedir, de comer, de agradecer, de abençoar, de partir, para que tudo seja a repetição de um demorado momento de culto coletivo que reinventa uma tradição acreditada, porque se repete todos os anos da mesma maneira. Tudo deve ser feito como sempre foi, para que tudo seja como todos sabem que é e acreditam que deva ser (Brandão, 2007). E, para tanto, é imperativo uma boa convivência entre homens e mulheres nas folias.

O trabalho feminino, que para muitos estudiosos do assunto são invisíveis, em João Pinheiro tem muita visibilidade e reconhecimento pela população local. As floristas, cozinheiras e foliãs são conhecidas pelo nome. Elas marcam espaço na sociedade local. Os dois grupos de folias compostos por mulheres são motivo de orgulho para os foliões de João Pinheiro como destaca José Fábio presidente da Associação do Folião de Santos Reis de João Pinheiro,

*Você pode observar a hora da apresentação da Folia Feminina o salão fica cheio, todo mundo que assistir a apresentação delas. Sabe? Folia Feminina é muito raro, eu só sei daqui e de Vazante, você precisa por isto no seu trabalho, João Pinheiro está na frente. Tem grupo de Folia de mulheres, a Dona Dionísia não veio este ano, porque ela não está bem de saúde, mas a Folia Feminina está aí, fazendo o maior sucesso!*¹⁴⁴

No entanto, é preciso ressaltar que embora as mulheres das Folias de Reis de João Pinheiro não sejam invisíveis aos olhos da população local, o ritual das folias é um espaço de manutenção da ordem social existente, portanto tende a reproduzir a predominância dos ideais machistas tão comum na sociedade em questão.

¹⁴⁴ José Fábio de Carvalho, 54 anos de idade. Presidente da Associação do Folião de João Pinheiro. Entrevista concedida a pesquisadora em 12/02/2010.

CAPÍTULO 5

TRADIÇÕES ORAIS E MEMÓRIA COLETIVA: A RELIGIOSIDADE COMO MEDIADORA DE SABERES E PRÁTICAS DA SOCIABILIDADE DO FOLIÃO

Este capítulo compreende as falas dos narradores foliões como uma construção própria e também da pesquisadora. O que faz das reminiscências memórias voluntárias, necessitando do estímulo que lhes é imposto, em função da própria conjuntura do andamento da entrevista e suas técnicas (perguntas, uso da câmera, entre outros).

É papel do pesquisador fazer a leitura das múltiplas linguagens do entrevistado pois, de acordo com Bosi (2003: 153), “[...] os recursos expressivos dessa fala podem não se atualizar no abstrato, e sim no concreto, no descritivo e numa concisão que se acompanha do gesto e do olhar”. Desta forma, o pesquisador deve estar disposto, ao menos, tentar trabalhar com questões de ordem inconsciente, afetiva, mais abstrata. Ele deve estar atento às múltiplas formas de comunicação de seu entrevistado, como os gestos, os sorrisos, os olhares e até mesmo o silêncio.

Sem dúvida alguma, o pesquisador que se utiliza da metodologia da história oral deve estar atento para o fato de que a memória do entrevistado sempre parte do presente e é desencadeada por situações do cotidiano; portanto, o conceito de “verdade” precisa ser relativizado, lembrando que em muitas situações as falas dos entrevistados entram em contradição com a de outros e até a sua própria.

Como alerta Santhiago (2008: 37-38):

A subjetividade dos depoimentos, as distorções nas falas, os erros, as omissões, os silêncios, a consciência, a percepção: tudo isso passa a ser encarado de uma nova maneira. A subjetividade torna-se assunto da história na história oral. O que era depreciado torna-se a grande força dessa nova área do conhecimento. A subjetividade será confiável na

medida em que exista em sua materialidade – como fonte, assim que seja transposta da oralidade fluida e dinâmica para o código escrito.

Essa pesquisa utiliza da memória enquanto uma fagulha da recordação aflorada no momento da entrevista. Porque a oralidade permite “recuperar outras visões e pontos de vista diferenciados, informar sobre o desconhecido, dar voz a quem não deixaria testemunho, matizar generalizações tácitas sobre certo grupo. Mas com esta História Oral se vai além” (Santhiago, op.cit.: 37).

Pensando nessa mesma direção, José Carlos Sebe Bom Meihy, também escreveu em seu célebre manual de história oral:

Dúvidas comuns como a representatividade de testemunhos, o “alcance histórico” das impressões e a “relatividade” dos casos narrados têm perdido a força na medida em que as virtudes e a popularidade da história oral passaram a integrar preferências indiscutíveis e ganhar adeptos de reputação [...] Uma palavra deve ser dita perante limitações cobradas da história oral, pois tantas vezes, as mesmas fronteiras imputadas a ela se ajustam aos documentos, escritos ou iconográficos, que também guardam as mesmas limitações. (Meihy, 1996: 18).

O autor chama a atenção para o fato de que muitos pesquisadores pensam que as fontes escritas ou documentais encerram a “verdade em si”, enquanto as fontes orais são carregadas de subjetividade. Seria muito ingênuo imaginar a existência de qualquer fonte desprovida da subjetividade. Mesmos os documentos oficiais têm que ser questionados quanto à sua condição de produção, quem produziu, seguindo a que interesses, isso é válido para qualquer fonte de pesquisa.

De acordo com Bosi (2003: 115), os próprios narradores procuram dotar suas memórias com configurações de sentidos, permeadas, por sua vez, de eleições preferenciais, ou seja uma “[...] relação de trabalho e de escolha entre o sujeito e seu objeto, [que] pode sofrer um processo de facilitação e de inércia. Isto é, colhem-se aspectos do real já recortados e confeccionados pela cultura”.

Poderia então pensar tais escolhas como proeminências de uma memória coletiva (ou coletivizada), presa a quadros sociais construtores de ideias, valores, sentimentos e de identidade de classe, ou de grupo social? Essas memórias não seriam eivadas pelos conflitos da vida cotidiana? Não apenas e/ou necessariamente conflitos de classe, mas conflitos de antigos valores culturais com relação ao presente (valores que sofrem deformidades, ou idealizações).

5.1 Memória e tradição dentro das Folias de Reis pinheirenses

A memória coletiva é uma das bases da identidade, a qual se pode traduzir em consciência histórica da própria cultura, não só em termos abstratos, mas também como cultura material:

A memória coletiva não é só um chamamento à permanência de conteúdos factuais ou existenciais [...]. Ela está também escrita nos gestos, nos hábitos, e nos costumes dos grupos. Como as tradições orais também as tradições materiais são memória (Cornnerton, 1993:45).

A memória vai construindo a tradição e a cultura imaterial pinheirense, no que tange à manutenção das Folias de Reis. Porque

As tradições culturais, por sua vez, são entendidas como invenções que são transmitidas e reinventadas, como trataram Hobsbawn & Ranger (1994). Elas são conformadas através de preceitos e performances que se desenrolam com base na idiosincrasia e liberdade individual em um campo de possibilidades simbólicas de uma cultura, circunscrita socialmente, a qual é também dinâmica e se transforma. (Teixeira e Vianna, 2008: 08).

Uma das grandes preocupações dos foliões de João Pinheiro é o desinteresse dos jovens em aprender os ofícios das Folias de Reis. Essa preocupação, de forma diferente, apareceu em todas as entrevistas gravadas. O Sr. José Carroceiro, folião pertencente ao grupo da Água Limpa, 57 anos de idade, evidencia esta preocupação em sua fala: “*menina eu já fiz tudo pra ensinar um jovem deste tocar rabeca¹⁴⁵, mais ninguém quer! Eles acha muito difícil... hora que eu morrer num tem ninguém pra tocar a rabeca aqui, na Água Limpa...¹⁴⁶”.*

Tocar rabeca é um diferencial da performance do grupo de Folia de Reis do Bairro Água Limpa. Entre todos os grupos do município de João Pinheiro apenas este inclui em sua apresentação tal instrumento.

¹⁴⁵ No Noroeste Mineiro é conhecido como rabeca, um instrumento de cordas friccionadas, normalmente de fabricação artesanal, semelhante ao violino e encontrada em muitas manifestações culturais populares da região.

¹⁴⁶ José Carroceiro, 57 anos de idade, carroceiro, folião pertencente ao grupo de Folia da Água Limpa.



Figura 23: José Carroceiro membro Terno de Folia de Reis da Água Limpa.

FONTE: Gonçalves, 2007

Outro folião que deixou claro a sua preocupação como o futuro das Folias de Reis é o Sr. Chico da Viola:

Professora, a dança da catira em João Pinheiro vai acabar, nós mais veio num dá conta de dançar mais e os mais novo num que é aprender...quem sabe agora com esse trabalho da senhora eles vê que nossas folias são importante e resolve a aprender...quem sabe a senhora serve de incentivo pros jovens valorizar¹⁴⁷?

A catira é uma dança na qual, durante sua performance, os dançantes utilizam-se de um grande número de passos e gestos, além da música. O grupo do qual o Sr. Chico da Viola participa é composto por 12 homens. Após a apresentação da Folia de Reis eles fazem uma demonstração da dança. Apesar de o grupo ser composto em sua maioria por

¹⁴⁷ Sr. Francisco Nogueira, Chico da Viola, 73 anos de idade. Capitão da Folia da Chapada. Entrevista gravada em 22/12/2008.

idosos, observa-se grande disposição dos membros em bater os pés e fazer piruetas (ver figura 23).



Figura 24: Apresentação da Catira do grupo de Folia de Reis do Bairro Itaipu.

FONTE: Gonçalves, 2008.

Uma observação importante é que, apesar de todos os foliões demonstrarem grande preocupação com o futuro das Folias de Reis, é possível perceber a presença de crianças e jovens, com grande intensidade nos ternos locais:

Neste mundo religioso não se penetra por acaso. O folião se forma por tradição. É nas experiências concretas da vida, no núcleo da família e da vizinhança que se aprende a ser devoto, a gostar. Participar requer dom, competência. Mas antes de tudo é preciso crer que foi escolhido pelas contingências divinas. O aprendizado é longo. Desde criança acompanha-se o ritual. (Machado, 1998: 217).

Para ser um folião são necessários muitos anos de aprendizagem, mas também um “dom especial”; todos os entrevistados afirmaram que aprenderam a tocar, cantar, dançar por inspiração divina; é o caso do Sr. Antonio:

quando eu era menino eu fica observando os folião tocando viola, sanfona, cavaquinho, a gente era muito pobre, meu pai num podia compra uma viola, então eu fiz a minha primeira viola de palha de buriti, foi assim que eu aprendi, sem ninguém me ensinar... foi por graça dos Três Reis Santos¹⁴⁸.

O relato do Senhor João Ferreira do Prado, conhecido como João Timóteo, também corrobora o papel da família, a importância da fé como norteadora do caminho do folião. Na fala do Sr. João Timóteo, aparece todo o percurso percorrido em função do trabalho até o momento da aposentadoria, quando ele pôde fixar moradia em João Pinheiro, passando juntamente com sua família a atuar em prol da construção da Associação do Folião local:

Sou do município de João Pinheiro, Minas Gerais. Fui criado nas fazendas trabalhando sempre junto com meu pai, a guarda de bois para o finado João Rodrigues. Moramos em muitas fazendas, só no Cassimiro três vezes, Mangal duas, Chapadinha e muitas outras, até que em 1942 mudamos para o Alegre hoje João Pinheiro. Fui estudar no grupo Presidente Olegário, até o segundo ano, passei para o terceiro, larguei os estudos e fui trabalhar na reforma do grupo, até terminar. Aí fui trabalhar no DER, dois anos e meio, larguei e fui trabalhar na usininha de Presidente Olegário. Isto em 1950, em 1951 eu me casei e vim embora para João Pinheiro, morei na beira do Rio da Prata cinco anos. Perdi minha primeira mulher, fui trabalhar na Lapa, hoje Vazante, na elaboração da Mineira. Depois de seis meses a firma parou e eu vim embora para João Pinheiro e entrei no DNRE no dia primeiro de março de 1958. No mês de outubro do mesmo ano me casei com a Ana, que me acompanhou até hoje e é a quem eu deixo a vida, abaixo de Deus. Tenho 13 filhos com a graça, a benção e a misericórdia do nosso bom Deus, todos os filhos são maravilhosos. Em dezembro de 1959 comecei a cantar a folia na guia. Em 1977 mudei para o DNER de Brasília, onde morei 16 anos, trabalhei 10 anos na Presidência da República, Palácio do Planalto. Em julho de 1992 saiu a minha aposentadoria e vim embora em Março de 2002. Criamos a Associação dos Foliões de Santos Reis, com estatuto e tudo que se pede, registrada, carimbada, firma reconhecida e CNPJ¹⁴⁹.

¹⁴⁸ Antonio Maria dos Santos. Entrevista gravada em 22/03/2008.

¹⁴⁹ Sr. João Ferreira do Prado, conhecido como João Timóteo. Aposentado, 75 anos de idade, capitão da Folia João Timóteo e Presidente da Associação dos Foliões de Santos Reis de João Pinheiro. Entrevista gravada em 10/02/2006. O Sr. João Timóteo faleceu alguns dias após a gravação desta entrevista. Mas a sua Folia é muito atuante na cidade, seus filhos procuram atender todos os convites para apresentação.

Quando perguntado com quem aprendeu a foliar, o Sr João Timóteo respondeu: “comecei cantando com outras folias junto com meu pai, na folia do meu tio Militão e do Antônio Coquinho, mas quem me ensinou mesmo foi Santos Reis¹⁵⁰”.

O folião Leandro Ordone, de 22 anos, também evidencia a inspiração divina de sua performance, à qual ele atribui o aprendizado a um milagre dos Três Reis; no entanto, ele não deixa de mencionar o papel da família nessa aprendizagem, no seu caso do seu avô que serviu de inspiração para que ele ingressasse na folia:

Participo da folia porque acredito no poder de realizar milagres, de Santo Reis. Existe exemplo em minha família mesmo, mais eu prefiro não revelar. Eu mesmo já fiz pedidos a Santos Reis e fui atendido. [...] desde menino eu gosto da folia, via meu avô foliando e achava bonito e pensava: um dia eu também vou ser folião, fiz um pedido a Santos Reis pra aprender a tocar sanfona; aprendi e comecei a foliar aos dezesseis anos e quero continuar participando enquanto for possível, o difícil é que, às vezes, a gente tem que sair pra trabalhar fora [...]. uma das dificuldades que eu acho que nossa folia vem atravessando é que os jovens interessam pouco para aprender, como a folia é uma atividade cultural penso que devia receber incentivo da prefeitura, ou do estado, com isso os jovens poderiam interessar mais, se não ela corre o risco até de acabar quando os mais velhos forem faltando¹⁵¹.

Fazer parte das manifestações populares, pertencer diretamente aos grupos de Folias que dão vida à história bíblica do nascimento do Menino Jesus requer dedicação, habilidade e, principalmente, crer no milagre que envolve toda a razão de ser e de perpetuar da Folia de Reis, como uma força que vem do alto, um sinal de Deus, que anuncia prodígios e faz milagres. Para fazer jus a eles é preciso ouvir o chamado, e ter crença neles, muita crença, como revela o também folião Cleber de Oliveira, 23 anos:

Comecei a foliar com dezesseis anos, meu pai era folião e eu desde pequeno gosto muito da folia. Tem um caso importante que aconteceu lá em casa, minha irmã mais nova quando era pequena vivia doente, e nós muito pobre, e meu pai com ela pra cima e pra baixo, nos hospital, até que mandaram ele trazer ela porque não tinha cura, aí ele fez uma promessa com Santos Reis: se ela sarasse, nós fazíamos uma Festa de Reis, e ela sarou. E o caso dela era câncer no sangue, e nem os médicos sabem contar o que aconteceu, foi milagre mesmo [...]. eu acho que a folia devia girar só da esquerda pra direita, já vi contar que antigamente era assim, porque os Três Reis só andaram desse jeito, e se

¹⁵⁰ Idem.

¹⁵¹ Luiz Ordone, 22 anos de idade, trabalhador rural. Entrevista gravada em 22/06/2006.

a folia tá representando a viagem deles, então tinha que fazer o mesmo, a nossa anda aí, todo sentido, mais mesmo assim acho que não faz mal nenhum não, é só pela tradição mesmo porque eu não acredito em superstição, esse negócio de folião não pode passa debaixo de cerca de sair pela mesma porta que entrou, pra mim não tem nada a ver [...]. segundo o que vejo falado por aí, nossa folia é bem diferente de antigamente, num tem bebida e nem bagunça atrás dos folião e as pessoas religiosa gosta [...].¹⁵²

Outro folião afirma ter aprendido sozinho sua performance: trata-se do palhaço Bastião da Folia Fazenda Facão. Deleon tem 20 anos de idade, dança catira e lundu e encanta a todos da platéia, tamanha é a sua disposição e alegria; ele afirma

[...] ninguém me ensinou a ser palhaço, desde pequeno eu ficava observando o meu tio que era palhaço, um dia eu tava parado pensando e aquilo veio na minha idéia, acho que foi os Três Reis que me mandou um sinal, então eu fui para a folia¹⁵³.

Na dança de Deleon, é possível observar a materialização do conceito de performance, pois ele vai improvisando os passos, os versos e interagindo com a plateia, assim o original é o que está acontecendo naquele momento. Ele encara a sua brincadeira como uma devoção, durante a sua apresentação ele solicita donativos da platéia, que são destinados para o asilo.

¹⁵² Cleber de Oliveira, 23 anos de idade, trabalhador rural. Entrevista gravada em 29/06/2006.

¹⁵³ Deleon José Pereira. 20 anos de idade, trabalhador rural. Entrevista gravada em 02/02/2008.]



Figura 25: Bastião e Bastiana, palhaços da Folia de Reis da Fazenda Facão.

FONTE: Gonçalves, 2010

Embora praticamente todos os foliões acreditem em uma inspiração divina para o aprendizado da arte de foliar, nas suas entrevistas sempre aparece a família como condutora do mesmo. Assim como todas as manifestações de origem rural, a Folia de Reis em João Pinheiro também é repassada oralmente, sendo a família a principal responsável pela formação do novo folião, como observou o capitão de folia José Geraldo:

Olha a gente aprende até mais pela fé né? Eu até aprendi mais pelo meu pai, meu pai era alferes da folia de reis, e até foi passando por geração, meu avô era alferes passou pro meu pai, aí meu pai ficou doente, passo pro meu tio e eu sempre acompanhava, tinha um capitão aqui em João Pinheiro, o Sr. Zé Lobo, eu acompanhava ele, eu era menino ficava assuntando o que ele tava cantando, e meu tio também chamava Zé Maria ... ele foi capitão lá em Bonifácio, minha família do lado da minha mãe veio de lá ... desse povo de Couto, então a gente fica através de família, mais hoje cantando mesmo tem mais e eu, meu irmão e um sobrinho meu¹⁵⁴.

¹⁵⁴ José Geraldo Brás da Silva, capitão da folia do Clube do Cavalo. Entrevista gravada em 12/10/2007.

Brandão (1989: 18) afirma que a aprendizagem adquirida na Folia de Reis não tem nenhuma relação com o saber escolar, nem com o saber não escolar, mas sim com os *processos sociais de aprendizagem*, assim definidos por ele:

As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe, faz, para quem não sabe, aprende. Mesmo quando os adultos encorajam e guiam os momentos e situações de aprender de crianças e adolescentes, são raros os tempos especialmente reservados apenas para o ato de ensinar.

A família e a religião aparecem nas recordações como unidades sociais, locais em que se davam as relações sociais, o convívio cotidiano. Nesse sentido, a Folia de Reis é motivação e devoção aprendidas nessas situações, transmissões da “cultura oral”. Assim, é possível perceber o papel da oralidade e da memória, bem como a atuação das famílias e da comunidade enquanto guardiãs do saber da arte de foliar em João Pinheiro. Como já mencionado, uma das Foliias mais atuantes do município é a do Sr João Timóteo, cuja composição é basicamente de membros de uma família, seus componentes falam da importância do folguedo para a manutenção das bases familiares:

Bom eu me chamo Junior, tenho 59 anos de idade, eu sou técnico de segurança do trabalho. E para a gente a Folia sempre foi e será ... um momento único para nós, além de ser muito gostoso participar da Folia, e um motivo também pra gente segurar a Família, principalmente os mais jovens né? Estão começando com a gente, tá junto com a turma é muito bom, a gente se sente bem, tá junto com os filhos, tá com os sobrinhos, tá junto com o irmão, tá junto com o neto, com todos e com mais esses familiares que são os participantes, igual a vocês que tão aqui com a gente¹⁵⁵.

Oi meu nome é Claiton, eu faço a resposta na Folia, eu sou filho do João Timóteo, eu faço a resposta, tem quase 2 anos, desde os 7 anos de idade, Deus nos deu muita graça de participar dessa Folia, comecei na 6ª voz, agora tô na resposta, desde a época que meu pai tava no nosso meio. E agora nós estamos trabalhando em prol dessa Folia continuar, nossa caminhada, junto com meus tios, primos, irmãos, sobrinho. Nós não vamos deixar o que o nosso pai plantou, não vamos deixar essa semente que ele plantou morrer. Nós estamos nessa caminhada firme, se Deus quiser estamos aí¹⁵⁶.

¹⁵⁵ Joaquim Junior do Prado, 59 anos de idade, técnico em segurança do trabalho e membro da Folia do João Timóteo. Entrevista gravada em 12/10/2007.

¹⁵⁶ Claiton dos Reis Ferreira César, membro da Folia do João Timóteo. Entrevista gravada em 12/10/2007.

Eu sou o Maurão, me sinto privilegiado de estar no meio do pessoal aqui, todo mundo sabe muito, fui o último folião, então eu me sinto assim, um privilegiado porque eu acho que fui escolhido assim, fui tirado assim do meio da família assim, pra ser mais um, então não sei nem a metade do que os outros sabe talentos, mais, porém eu busquei a essência da Folia, conversando nos últimos momentos de vida com ele, e ele tentou me passar e... algumas coisas talvez, alguma experiência que, talvez o mais novo aqui já tinha, e eu não tinha, então hoje eu me sinto muito honrado em fazer parte aqui, por saber o que, que é significado da folia de reis, por saber o que, que é, quando e que nasceu a folia de reis, qual era o objetivo. [...] estamos aí pra não deixar com a missão, eu mais um pra não deixar essa tradição que veio do nosso avô, até hoje, passada pro nosso tio, não deixar essa missão morrer, então e com muita honra e com muito prazer que nós vamos tá sempre aqui dando pitaque, talvez até atrapalhando os planos dos outros, mais nosso objetivo é isso, nunca deixar morrer, como disse o irmão mais novo em idade, folião nosso aqui. “papai pode ter certeza, que se todos os foliões desistir, eu não vou desistir, eu vou sozinho, mais eu vou tocar” então ele pode ter certeza o que a gente pode fazer, a gente vai fazer, é por isso que nós estamos aqui¹⁵⁷.

Assim como a Folia do Sr. João Timóteo, é constituída por uma família, é muito comum encontrar nas demais folias do município de João Pinheiro membros de uma mesma família. A folia se torna o espaço de convivência de várias gerações, é o momento do repasse das tradições, da memória e principalmente da fé.

5.2 Folia de Reis: uma festa do catolicismo popular

De acordo com Brandão (1983: 63), “longe da presença e do controle direto de agentes eclesiais, o ritual votivo da Folia de Reis constituiu pequenas confrarias de devotos [...]”, demarcando, dessa forma, a característica de catolicismo popular¹⁵⁸ do ritual das folias. Não constitui objetivo deste capítulo entrar no mérito da discussão sobre o conceito de catolicismo popular ou catolicismo rústico, visto que já foi exaustivamente estudado por vários autores das Ciências da Religião.

Ele tem por objetivo analisar, de forma mais detalhada, as crenças e práticas populares advindas do catolicismo no tocante às Folias de Reis. Portanto, este trabalho

¹⁵⁷ Mario Mendes do Prado, caixeiro da Folia do João Timóteo. Entrevista gravada em 12/10/2007.

¹⁵⁸ Neste trabalho, o termo “*catolicismo rústico*” é tomado como sinônimo de “*catolicismo popular*” e foi adotado para designar o catolicismo desenvolvido em regiões onde a presença rarefeita de sacerdotes motivou o desenvolvimento de uma religiosidade fortemente marcada pela atuação de lideranças religiosas provenientes do laicato. Alguns autores utilizaram o termo “*catolicismo popular*” para designar o mesmo sistema religioso.

utiliza a definição formulada por Oliveira (1997) a qual o caracteriza como o conjunto de representações e práticas religiosas que independem da mediação de agentes institucionais para a promoção das relações entre o humano e o sobrenatural.

O mesmo autor define o catolicismo popular como “um conjunto de representações e práticas religiosas autoproduzidas pelas classes subalternas, usando o código do catolicismo oficial” (Oliveira, 1977: 47). Pensando dessa maneira, as manifestações religioso-artísticas e performáticas das Folias de Reis de João Pinheiro se enquadram nessa definição de catolicismo popular, uma vez que são originárias do catolicismo oficial, mas que atualmente acontecem completamente à revelia da Igreja Católica Oficial. Conforme fica evidenciado no depoimento do Padre Preguinho:

Então se dizia uma coisa, a reza do padre é uma, nós vamos aceitamos e não questionamos só que depois nós faz a nossa. Então houve muito isto. O que o Padre falava ou deixava de falar não interferia na vida do povo em geral. Então por não ter esse apoio é que o povo recorria muito aos santos, que era na verdade psicólogo, era o médico, porque aqui não tinha o santo era que curava, né? O pessoal apegava e a tradição da Folia de Reis ela acolhia tudo isto. Então na verdade até hoje 99% das nossas festas são votos, por exemplo, avançou a medicina, melhorou o sistema saúde, melhorou, né? Em relação ao que era melhorou, mas não atinge, por exemplo, você pode ver no noticiário nós não temos médicos suficientes, não temos hospital suficiente, porque também o povo aumentou. A população de João Pinheiro era o quê? Era um..né? Era uma população menos do que, muito menos que Canabrava. Hoje, a população de João Pinheiro, na verdade não aumentou a proporção e mesmo se aumenta é a sua crença, a fé é a tradição isso não vai apagar.¹⁵⁹

Na perspectiva de Oliveira (1977), o elemento primordial do catolicismo popular é o santo. O santo está presente na sua imagem, mas não se identifica com ela. É como se a imagem apresentasse vida própria: o devoto faz seu pedido diretamente a ela, é sempre um sistema de troca simbólica, o devoto sempre tem algo a oferecer, como dinheiro, flores, objetos (ex-votos), visitar a lugares sagrados, subir de joelhos escadarias em troca de milagres, como cura de doenças ou melhoria na produção agrícola e na criação de animais; em se tratando de Santo Reis, há uma ampla ligação entre o devoto e o santo, pede-se um milagre, oferece um terço, uma festa, um jantar, um porco, uma vaca ou coisa parecida.

¹⁵⁹ Geraldo Martins da Mota, Padre Preguinho, 44 anos de idade, padre e capitão de folia em João Pinheiro. Entrevista gravada em 10/03/2009.

Padre Preguinho segue a sua entrevista falando do culto aos Santos Reis independentemente da aprovação da Igreja:

Então foi um erro de todos os intelectuais, eles achavam, assim como Karl Marx achava, que a religião era o ópio do povo, uma vez que instalado o sistema comunista destruiria as igrejas e o povo ficava mais inteligente, muito pelo contrário, né? Hoje na União Soviética o ressurgimento das igrejas forte, né? Então não era bem assim, então em João Pinheiro, pelo menos não foi assim também, o pessoal continuou com as suas tradições e onde o clero era mais intransigente foi onde mais surgiu grupos de Folias de Reis, tanto é verdade que em João Pinheiro todas as comunidades tem Folia de Reis e outro dado que talvez até interessante, aonde tem Folia de Reis as pessoas não mudam de religião, muito difícil. Falo de várias comunidades aqui que não tem uma família evangélica. Se é bom ou se é ruim, não vou fazer o julgamento. Mas o pessoal fala assim, eu mudar de religião? E a folia que eu tenho que esperar? E a festa que eu tenho que fazer? Então há uma marca muito forte da presença, e na verdade o capitão que coordena a folia se torna um líder nato, então até pela sociedade ser muito ignorante, eu hoje diria a você uma coisa esses capitães de folia, numa possível administração participativa eles deveriam ser os representantes do povo também politicamente, porque eles conhecem os problemas, a vida do povo e encaminha, eles é que orienta e que benze, que conversa que anima, que faz a festividade¹⁶⁰.

Quando Padre Preguinho fala do clero intransigente, na verdade ele faz menção a um padre extremamente conservador que dirigiu a Igreja de João Pinheiro em fins da década de 1960 e início da década de 1970. Para evitar que os fiéis dobrassem os joelhos em frente às imagens dos Santos, ele os atirou em um rio do município. E quanto à Festa de Reis, ele proibiu os fiéis dizendo não serem eles santos oficiais da Igreja Católica. O padre argumentava que os Reis Magos não eram sequer cristãos, portanto o seu culto consistia em um verdadeiro sacrilégio. Mesmo com todo esforço do padre, as Festas de Reis se mantiveram com uma das principais práticas do catolicismo popular do município, como atesta Padre Preguinho em sua narrativa:

Talvez uma festa que vocês precisam conhecer que, pra mim é das mais original de João Pinheiro, não significa que tem muitas, como eu sou capitão eu não posso falar de uma folia, mas você ver um grupo de tradição é a Folia do Facão e a Folia das Almas, eles tem uma ...até hoje por exemplo, não entrou som, esse som mecânico, eles faz com som do instrumentos deles e dança até oito, nove da manhã, o sol alto e eles

¹⁶⁰ Idem.

estão na festa, então eles conseguem manter isto, é muito forte isto lá, então você pode procurar que não tem, então aonde foi muito intransigente foi aonde teve mais força, então João Pinheiro e, por exemplo, Presidente Olegário tem a mesma característica, também o padre era intransigente. Até tem uma história engraçada que o padre José Guimarães, inclusive foi o que me batizou, muito culto na época, mas ele, a folia saiu, meu pai era oito anos, era folião também, ele foi lá no meio da rua pegou a bandeira queimou e mandou prender, meu pai não foi preso porque ele era de menor e correu, mais o capitão e os outros todos foram presos. Na hora que o bispo ficou sabendo, mandou chamar o bispo, o bispo veio cá e mandou soltar os foliões e, segundo a história, o padre ficou doido por ele ter queimado a bandeira no meio da rua, ele ficou desorientado e a pena que o bispo deu para ele foi mandar pintar outra bandeira, chamou os foliões, mandou ele benzer a bandeira e entregar e a folia continuou, isso deve ter uns cinqüenta anos, essa história que eu estou dizendo, Presidente Olegário¹⁶¹.

Outro entrevistado, João Neves de Souza, também relata a resistência do clero oficial às folias de João Pinheiro:

O primeiro padre que entrou para João Pinheiro e apoiou as folias foi o Padre Preguinho. O Frei Norberto não gostava de jeito nenhum das folias. Ele queria cortar as folias uma vez, O José Lobo era muito respeitado, o que ele falava estava falado, ele era um homem quase igual a um padre, os padre tudo respeitava ele. Aí o José Lobo foi lá na casa dele e falou: ó frei, não aceito cortar a folia, não, não pode. O José Lobo falou o senhor tá trabalhando contra Deus? O senhor quer cortar as folias, está trabalhando contra Deus! Pode tocar filho, pode tocar a folia de vocês. O Frei Clovis era o seguinte, ele não apoiava, mas também ele não prejudicava. Tanto que aqui não tinha muita folia não, tinha folia, mas depois que o padre Preguinho entrou, aí o Padre Preguinho foi ordenado como os Três Reis, aí ele chegou aí, e vou falar uma coisa com você, aquele padre é sabido, viu? É bom padre, o povo fala dele, mas aquele padre é bom padre e é sabido. Aquele padre fez muita coisa aqui para o povo ver, que nunca tinha visto. Teve uma época aqui, que ele apresentou o nascimento de Jesus, a encarnação, teve gente que chorou de ver, aí nós veio cantar, cantemos. Aí ele falou comigo, João você é o derradeiro que vai cantar, a sua folia. Eu falei Padre Preguinho é do jeito que eu acho bom. Quando chegou na hora que ele chamou, quando nós começou a cantar, ele bateu palmas e levantou as mãos para cima, quando eu parei de cantar ele me abraçou, e falou: João o único que cantou a rama certa da encarnação de Jesus, aqui foi você caboclinho. E ele saiu rindo.¹⁶²

Assim como o santo é a alma do catolicismo popular, a bandeira é o símbolo máximo das Folias de Reis e a liderança religiosa cabe aos capitães, que são os rezadores,

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² João Neves de Souza, 72 anos de idade. Entrevista gravada em 29/03/2008.

que assumem a função religiosa não por delegação eclesiástica, mas por sua capacidade de animar e conduzir as rezas e cantorias. Conforme Santos Silva (2006: 35),

[...] o culto aos santos organiza-se através de lideranças leigas, sendo esporádica a intervenção de sacerdotes, pode-se descrever o catolicismo popular como uma religião de grande quantidade de reza, com pouca missa; ainda, muito santo e pequena presença do padre.

A partir do final do século XIX e início do século XX, a Igreja Católica passou pelo processo de romanização, segundo Gaeta (1997: 183):

em sua obsessão pela unanimidade, o ultramontanismo negou as outras formas de ser católico, estabelecendo as dicotomias entre o velho e o novo, o bom e o mau. Entretanto, as velhas formas de religiosidades populares resistiram, mantendo ainda hoje uma inesgotável fonte de devoção e fé.

De acordo com Gaeta (1997), como uma engrenagem em que as peças não funcionais são excluídas em nome da harmonia, o catolicismo ultramontano via-se como a única fonte da verdade e da salvação. No final do século XIX, as devoções que possuíam uma larga expressão popular, como a de São Benedito, Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, Santo Elesbão e as Folias de Reis passaram a ser desqualificadas pela igreja oficial romana. As imagens de santos foram sendo retiradas dos altares centrais como a de Bom Jesus, substituídas por outras do Sagrado Coração de Jesus. João Pinheiro não fugiu à regra da romanização conforme relata Padre Preguinho:

É a romanização, você sabe que quando houve o Vaticano II, entrou uma mentalidade que nós tínhamos que purificar a fé, acabar com a ignorância do povo, purificação da fé, então a Igreja tentou uma substituição dos Santos Tradicionais pelos Santos Europeus. Aí veio em nome das congregações que vinham evangelizar, vamos fazer uma nova evangelização, aí veio, quais foram as tradições européias que chegou? Vieram os carmelitas, que era a história de João Pinheiro, que veio para cá homens e mulheres, a devoção de Nossa Senhora do Carmo, com o escapulário, tirava o terço e botava o escapulário até hoje tem misturado isto aí, então houve uma vontade, aí depois veio os salesianos com Dom Bosco, Nossa Senhora Auxiliadora, né? Era um tanto de congregações ligadas para querer abafar essa tradição popular, confesso a você que não deu conta. A tradição popular está aí, né? Eles vieram com a devoção deles, mas o que fica mesmo, o mais forte da Igreja é hoje a tradição popular. Essa outra ela é um pouco nivelada, então nós sempre temos uma Igreja Oficial, que é uma Igreja que vem como o Estado, o

*status quo da legitimidade, quando a gente estuda, né? São para resguardar os aparelhos ideológicos do Estado né? Vai fazer a inauguração, o padre tem que dar a benção, aquilo é para legitimar o status quo, aquilo não evangeliza nada né? Mas o padre faz parte desse grupo*¹⁶³.

Conforme a Gaeta (1997: 187), “o ultramontanismo tentou, portanto, substituir a realidade presente, completamente multifacetada, plural, por outra nova, positiva e absolutamente única [...] acreditou na possibilidade de gerar um homem novo, envolvido na neoespiritualidade tomista, depurado de suas antigas crenças, tidas então como atraso e credencias.”O que na perspectiva de Padre Preguinho foi um projeto fracassado da Igreja:

*O que evangeliza mesmo é a mensagem de Cristo e que talvez é a mensagem de Cristo, ela não está presa a nenhuma sigla, ela está solta, o Espírito Santo sopra onde quer , aí vai as nossas lideranças populares falar em nome de Jesus, hoje tem outra mentalidade de uma nova evangelização que são os movimentos, por exemplo o movimento da própria renovação veio também para dizer que quer purificar a fé, né? O que é purificar a fé? Nossa fé está baseada em que? Então sempre teve esta onda e nunca deu conta, quer dizer o que é de tradição, do passado de tradição, ele é um bem, ele é forte, ele vence, ele vence pelo cansaço, que os outros todos vai caindo e ele vai continuando, né? Há dez anos atrás eu escutava isto: Folia de Reis vai acabar, porque não tem mais gente nova, a apresentação que nós tivemos em João Pinheiro, vários meninos rapazinhos, meninas, está até um pouco a mentalidade de igualdade de gênero*¹⁶⁴.

Para Gaeta (1997), sem combater diretamente as devoções tradicionais, os padres romanizadores limitavam-se a não participar delas e a condenar os excessos cometidos durante as suas festas, tais como a dança, a bebida e os jogos, bem como criticar o mau uso do dinheiro recolhido pelos devotos. Dessa maneira, desenvolviam-se estratégias de erradicação e de substituição das antigas práticas populares.

Na atualidade, em João Pinheiro percebe-se um movimento inverso da Igreja Católica, o catolicismo romano tentando se impor e encampar sob seus domínios as manifestações populares existentes no município. Nos Encontros Anuais de Folia de Reis, frequentados pela pesquisadora, foi possível observar essa aproximação do clero oficial, conforme pode ser observado na programação de 2010, constante no anexo da tese.

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ Idem.

5.3 “Os Três Reis vêm pedir esmola para o seu dia festejar”

5.3.1 A Saída de Folia

Durante os quatro anos de pesquisa de campo, a pesquisadora teve a oportunidade de participar de várias “saídas” de folias, guardando as devidas proporções, esse ritual tem uma estrutura comum. Para Bitter (2008: 48), “a repetição não implica que todas as jornadas e visitas sejam idênticas. Repetir não é fazer igual, é fazer novamente e sempre de modo diferente”. O conjunto de visitas inscritas na jornada envolve situações das mais diversas, circunstâncias imprevistas, adversidade com as quais os foliões precisam saber lidar. De acordo com Bitter (op.cit.: 48),

A unidade mínima de uma jornada, portanto, é a visita a uma casa, compreendendo uma sequência básica de ações, tais como chegada, entrada na casa, distribuição de bênção, refeição, apresentação dos palhaços, oferta, agradecimentos e despedida [...] embora muitos aspectos do ritual se repitam, na prática nunca são exatamente iguais.

Para dar início à saída da folia, os foliões se reúnem na casa do festeiro, onde são realizadas as orações iniciais, normalmente é rezado o terço, improvisados os agradecimentos e pedido proteção aos Santos Reis para o giro. Nesse momento, é feita também a afinação e a manutenção dos instrumentos. Os instrumentos de percussão, como caixa, tarol, bumbo também são afinados apertando-se o couro, para tornar os seus sons mais fortes. Quando a folia conta com a presença do palhaço, cabe a ele confeccionar ou ajustar a sua própria máscara, que pode ser feita de couro de animais, de papelão ou de plástico.

Depois das orações, normalmente da reza do terço, é servida comida para os foliões e convidados. Nos giros realizados na cidade, era muito comum serem oferecidos farofa, biscoitos e cachaça, enquanto na zona rural era servido almoço ou jantar, dependendo do horário. Terminada a refeição, ainda com as panelas expostas, os foliões cantavam o “Bendito de Mesa”, rodeando a mesma, porque de acordo com eles, um folião nunca pode comer sem agradecer o alimento que lhe foi ofertado.

5.3.2 O Giro e o pouso da Folia de Reis

Giro é o nome dado pelos foliões à jornada com a bandeira de Santos Reis visitando as casas dos devotos, com pedidos de esmola¹⁶⁵ para a realização da festa ou para obras sociais. A trajetória é determinada pelo capitão da folia.

Em João Pinheiro, há dois tipos distintos de giro. Os giros na zona urbana acontecem nos finais de semanas e os foliões voltam para dormirem em suas casas, normalmente guardam os instrumentos e a bandeira na casa do alferes. Já os giros na zona rural acontecem entre os dias 24 de dezembro e 05 de janeiro. A jornada é ininterrupta, os foliões andam parte do dia e quase toda noite.

Entre os dias 24 de dezembro de 2007 e 05 de janeiro de 2008, a pesquisadora acompanhou o grupo de Folia do Bairro Papagaio, no Assentamento do Segredo, localizado a 42 km de João Pinheiro. Durante esse giro, sempre são contados os “causos” de infância, dos pais, dos avôs, sempre aparecem relatos de milagres ou castigos de Santos Reis.

Quando o grupo de folia chega a uma casa tarde da noite para pedir pouso, ele precisa cantar uma música especial. De acordo com o capitão Manuel Braga,

Eu canto assim, mas a maioria canta mais ou menos parecido:

*Ou de casa, ou de dentro
O de fora quer entrar
Trazendo Santos Reis
E a folia do nascimento.
Os Três Reis estão viajando
Do oriente pra Belém
Visitar o Menino Deus e o filho que ela tem
Os Três Reis está procurando
O filho de Nossa Senhora
Está andando dia e noite
Por isto ele chegou fora de hora
Senhora dona da casa
Faça o sinal da cruz
Nesta hora abençoada
Chegou o Menino Jesus
Depois de fazer o sinal da cruz
Vai acender a sua luz*

¹⁶⁵ Donativos podem ser em dinheiro ou qualquer outro produto, conforme referido anteriormente. Quando a folia chega a uma casa que não tem nada para doar, é comum os foliões deixarem com a família visitada parte dos produtos que já foram arrecadados.

*Venha cá no seu portão
Encontrar a divina luz¹⁶⁶.*

Então o dono da casa abre a porta e recebe o grupo que faz a cantoria. O alferes entrega a bandeira, que é levada em cada cômodo da casa e depois é improvisado um pequeno altar para colocá-la durante a noite. Normalmente, as camas são improvisadas, os foliões fazem questão de dizer que dormem em qualquer lugar e comem qualquer coisa. O capitão descreve assim o cotidiano do giro:

E aí a pessoa vai fazendo tudo que você vai cantando, ela vai fazendo, né? E aí acontece até abrir a porta e a gente vai entrando, cantando, então para quando tem um doente em casa, quando alguém de casa morreu e a pessoa quer que cante, quer que cante para alguém que já morreu. A cada situação tem um anúncio, então é o incenso, ela chega anunciando e o ouro é os presentes, na verdade a folia, ela recolhe, ela faz um recolhimento, o pessoal vai doando, pode ver que na bandeira tem nota amarrada, tem alguém carregando os presentes e o incenso é o sofrimento, porque anda à noite, madrugada, não tem hora, às vezes passa a noite inteira lá no Riachinho mesmo, minha região, que eu estou agora, o pessoal só anda a noite. Sai nove da noite, chega no outro dia nove, dez da manhã, eles dá uma parada, né? Quando for a noite pega de novo. Então há também um certo sacrifício e isso é a vida nossa. Quer dizer não há luta sem sacrifício, não há trabalho sem desgaste, né? Então segue a tradição dos Magos na íntegra, não está fora de toda a filosofia. Não existe aquele negócio de folião inventar verso, tem os versos que o capitão vai, na sua trajetória de vida, você vai acumulando, você vai vendo, na verdade o capitão ele é um líder nato do meio popular e a folia tem esta característica até hoje, ela é do meio do povo. Ela não entra nas classes sociais, na elite, numa formalidade. Em João Pinheiro tem uma história até engraçada que alguém aí pegou a festa e arrumou garçom, faca, os foliões foram lá cantaram, rezaram botou a viola no saco e veio embora sem comer porque não é...às vezes até a folia pode até comer na mesa, mas o natural é que todo mundo come do jeito que está. Não há banco para todo mundo, quando é um aglomerado de muita gente, está ali, come pelota com mandioca, toma uma cachaça ou uma coisa assim, é muito mais descontraído, então nessa folia o pessoal só foi lá e cantou e voltou, nem os foliões tiveram coragem de comer, então elas não entram no ritual mais moderno¹⁶⁷.

Os pousos podem acontecer de duas formas, ou previamente agendado ou com o dono da casa. A escolha das casas para pouso no caso do Assentamento do Segredo se deu por meio de pedido dos devotos. Alguns afirmaram que estavam oferecendo o pouso para

¹⁶⁶ Manuel Braga, capitão da Folia do Papagaio. Música cantada no dia 24/12/2007.

¹⁶⁷ Idem

pagar promessa e outros simplesmente porque gostam de receber os foliões em suas casas conforme depoimento de Dona Marlene:

*Antigamente as pessoas era assim, mais fé. Você dormia e acordava com os foliões chegando, hoje você não ouve mais isto. Às vezes você levantava lá pelas meia noite, uma hora, o povo chegava cantando na sua casa . Hoje está muito divagar quando dá 10, 11 horas as pessoas já ta querendo dormir, não sabe se é falta de saúde ou falta de fé. É muito diferente de antigamente. Eu gosto muito de chegar a folia na minha casa e eu estar dormindo e acordar com batendo a caixa. Dar aquela dor na gente, de alegria... rs. Gosto demais mesmo!*¹⁶⁸

As casas visitadas são de diversas classes sociais, de maneira que a sociabilidade da vizinhança impera, as pessoas que não dispõem de condições financeiras para receber o foliões são auxiliadas pelos parentes e vizinhos.

5.4 A festa de entrega ou arremate da folia

A festa de entrega ou arremate é, por si só, um evento de dimensões e complexidade consideráveis, mobilizando grande número de pessoas numa extensa rede de solidariedade. Constitui o ápice do sistema de reciprocidade que este trabalho buscou descrever. Por meio dela, foliões e devotos realizam plenamente sua obrigação para com os Santos Reis, ofertando a sua contraparte num contrato que, em realidade, é permanente. Foliões encontram justificativa mítica para a festa, ao narrar que os Magos a realizaram ao fim de sua árdua peregrinação ao encontro do menino Deus para comemorar o sucesso da iniciativa.

Sobre a dinâmica da festa, o Senhor Sebastião Pereira da Silva, assim relatou:

As comidas não mudou muita coisa não, quase era isto mesmo. Só que o Santo ganhava fazia ali. Fazia aquela festa maior animada, matava vaca tudo. Era para os foliões comer, o Santo gosta que o povo come para desperdiçar. O santo não gosta de miséria não. O que sobrasse ali da festa juntava tudo e dava para a conferência, para as pessoas que precisasse. É que a festa fazia pra valer mesmo. Inclusive até o irmão da mulher fez uma festa de Reis em Santa Luzia, ele matou três vacas. Três vacas que eu ajudei ele arrumar. Ele fez uma Festa de Reis em Santa

¹⁶⁸ Marlene Pereira, 53anos, gari. Entrevista realizada em 21/12/2008.

Luzia de rancar pica-pau do oco. Nego comia e jogava a comida no chão, carne no chão, o que sobrou foi tudo para a conferência, carne, mantimento, o que o Santo ganhou. Diz que é pecado também aquela sobra do comer você dar para porcos, Tem que dar para os cachorros e jogar para as piabas. Só para cachorro e piabas, não pode juntar para dar porco não. Pode sobrar até duas latas de comida, que não pode dar para porcos, para cachorro você pode dar à vontade e o que sobrar jogar no córrego para as piabas. Antigamente eles faziam era isto. Não pode dar porco não, diz eles que fazia atraso. Mas hoje o povo não está somando fala que isto é ilusão. Mas tem que seguir o que era. O que era, era¹⁶⁹.

Segundo Bitter (2008), a festa torna visível, constitui materialmente e intensifica os laços de comprometimento recíprocos entre foliões e devotos e entre estes e suas divindades. Trata-se efetivamente de uma ostentosa cerimônia marcada por ações religiosas, estímulos sensoriais de todo tipo, intensa comensalidade com fartura de comida e bebida, atravessada ainda por numerosos aspectos da realidade. Dimensões econômicas, estéticas, morais, religiosas, materiais, “espirituais”, visíveis, invisíveis, mundanas, extramundanas, se entrelaçam para configurar a festa como um “fato social total” (Mauss, 2003). É importante acrescentar que a festa deve ser percebida em sua “totalidade”, no sentido que permite o trânsito entre as diversas esferas cosmológicas. Como observou o Senhor Joaquim Pereira dos Santos:

A fartura é grande, um trem interessante, chega um terno de folião em sua casa que você não espera, às vezes você fez uma comida lá, pouquinho coisa. Você pensa, o que eu faço, tem que dar comer a esses foliões ele não vai esperar eu fazer. Se você deu aquele com boa vontade, qualquer um tiquinho de comer que você arruma ali, dez, doze folião come e ainda sobra comer para...Eles saem com a barriga cheia e ainda sobra nas vasilha. É um trem interessante, viu?¹⁷⁰

Para Bitter (2008), a festa, bem como o circuito de visitas, instaura um tempo especial, o tempo dos Reis Magos, em contraposição ao tempo cotidiano. Trata-se de um tempo reversível, recuperável e, de certo modo, deslocado da vida diária, impondo-se de forma estrutural, produzindo efeitos sobre a organização social. É um tempo em que os homens se sentem mais próximos de suas divindades e mais distantes das vicissitudes

¹⁶⁹ Sebastião Pereira da Silva, 60 anos de idade. Entrevista gravada em 21/12/2008.

¹⁷⁰ Joaquim Pereira dos Santos, 70 anos de idade. Entrevista gravada em 07/01/2008.

mundanas. Nele mergulhados, foliões e devotos possivelmente sentem-se mais protegidos das incertezas, tensões sociais e carências da vida diária.

VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontrar um grupo de Folia de Reis andando vagorosamente pelas ruas do centro da cidade de João Pinheiro não constitui cena rara, apesar de surpreender visitantes e alguns novos habitantes urbanos desconhecedores ou desacostumados com a cultura de origem rural. Essa cena se torna mais frequente no final do ano, especificamente nos finais de semanas compreendidos entre os dias 24 de dezembro e 05 de janeiro, período no qual é comum encontrar pelas ruas da cidade grupos formados por homens, poucas mulheres e crianças carregando a bandeira de Santos Reis e seus instrumentos, contando “causos” ou rezando o terço. Embora seja possível encontrar grupos de folia girando pela cidade praticamente durante todo o ano, exceto na Quaresma, período que para os foliões é um momento de penitência e recolhimento, no ciclo natalino esse fato se torna ostensivo, provocando uma verdadeira efervescência dessa manifestação cultural/artística/religiosa.

Tentar percorrer o sinuoso caminho de compreensão da cultura popular enquanto um campo privilegiado de saberes e, nesse percurso, buscar penetrar no universo das Foliias de Reis na tentativa de decodificar a complexidade de códigos e enigmas presentes nessa manifestação não é uma empreitada tranquila. A pesquisadora está consciente de que o que aqui foi apresentado poderá ser posto em questão, bem como se transformar em alvo de críticas que serão bem-vindas, se com o propósito de contribuir com o processo de construção de um conhecimento sistematizado sobre as Foliias de Reis enquanto performances culturais, objetivo maior desta pesquisa, pois os processos como acontecem na construção desses saberes se beneficiam esse procedimento.

Durante todo o processo de pesquisa que se estendeu de 2007 a 2010, de forma sistemática, embora a pesquisadora tenha entrado a campo anteriormente objetivando a construção do projeto de pesquisa, foi possível constatar a existência de 52 grupos de Foliias de Reis atuantes no município de João Pinheiro. Embora o estado do Rio de Janeiro possua mais de 150 grupos e Bebedouro (SP) conte com mais de 50, o quantitativo de folias existentes no município de João Pinheiro - proporcionalmente - constitui-se em um dos maiores do país, tendo em vista que a extensão territorial do mesmo é de 10.716 Km² e

a população de 45.150 habitantes (IBGE, 2009). Sendo esta área maior do que muitos países do mundo, como Chipre, Luxemburgo e Porto Rico.

A existência de tantos grupos de Folias de Reis em João Pinheiro pode ser explicada pelas proporções territoriais e isolamento geográfico que permaneceu até a década de 1960, período que antecedeu à construção da BR 040, fazendo a ligação do município com a capital estadual, Belo Horizonte e com a capital federal, Brasília. O fato de ser o município de maior extensão territorial existente no Estado de Minas Gerais, possuindo uma baixa densidade demográfica, quatro habitantes por Km² (IBGE, 2009), proporcionou no passado e proporciona ainda hoje um relativo distanciamento do centro urbano em relação à zona rural, favorecendo o aparecimento de um catolicismo popular (rústico) dirigido por leigos.

A acanhada atuação do clero oficial católico, em função das distâncias e do pequeno número de padres funcionou, no passado, como elemento estimulador para o surgimento das Folias de Reis. Atualmente, a Igreja conta com quatro sacerdotes para prestar assistência a toda população católica local, quantitativo insuficiente, fato que abre espaço para a atuação dos leigos e das igrejas protestantes que vem crescendo significativamente no município. Distante da presença e do controle direto dos padres e bispos da Igreja, o ritual votivo da Folia de Reis de João Pinheiro se estabeleceu em pequenas confrarias de devotos, formadas por capitães, resposta¹⁷¹, alferes, gerentes, cantadores, palhaços e instrumentistas distribuídos no cortejo de acordo com seus tons de voz e os instrumentos que tocam.

Os foliões pinheirenses são majoritariamente do sexo masculino (97%) seguindo uma tendência muito comum nas Folias de Reis de Minas Gerais, de serem compostas quase que exclusivamente por homens. No entanto, a transposição da Folia da zona rural para a urbana implicou em processos de negociação entre a manutenção de valores tradicionais e adaptação aos novos padrões culturais da sociedade urbana. No cotidiano urbano, os papéis de gênero passaram por transformações, as quais se refletem na composição dos grupos de Folias. Enquanto no passado a participação feminina estava associada a três momentos específicos do ritual: oferecer a comida aos foliões no dia da saída, receber a bandeira em suas casas oferecendo refeições e pouso e preparar a comida da chegada da Folia, enquanto aos homens cabia a função do giro, ou seja, buscar os

¹⁷¹ Resposta é a segunda voz da folia realizada durante ritual de apresentação.

recursos para a realização do evento. Atualmente, foi possível observar o crescimento da presença feminina nos Encontros Anuais de Folia de Reis promovidos pela Associação dos Foliões de Santos Reis de João Pinheiro.

Isso leva a pesquisadora a concluir que essas mulheres ocupam cargo como o de foliã e de alferes, personagem responsável por portar a bandeira de Santos Reis. Assim como foi possível perceber a existência de um grupo de folia de mulheres atuantes e outro que tem atuado em poucos eventos, embora estes dois grupos não sejam compostos apenas por mulheres, eles fazem questão de reforçar a característica tão peculiar do grupo, ser uma Folia de mulheres. Foi possível constatar ao longo da pesquisa que a mulher possui várias funções na organização das Festas de Reis, normalmente elas são as responsáveis pela cozinha, pela decoração, são festeiras e Rainhas. Na cidade de João Pinheiro é possível encontrar mulheres que trabalham no processo de organização das Foliias de Reis, o que na opinião dos entrevistados passa a garantir maior disciplina e organização do grupo, refletindo assim, os novos papéis que essas mulheres assumem na vida social.

Por meio das entrevistas realizadas foi possível constatar como essas personagens se sentem valorizadas no contexto da festa. A crescente participação feminina na Folia de Reis precisa ser percebida muito mais como uma condição de sociabilidade, de convivência familiar do que como um espaço de luta de sexo. Em muitas das entrevistas, as foliãs justificaram a sua presença na Folia como forma de acompanhar o marido, de não ficar sozinha no período do giro. Elas são donas de casas e, em algumas exceções, costureiras que trabalham em confecções da cidade. Portanto, o giro da Folia Feminina se difere dos demais, elas giram nos finais de semana, após o meio dia até o início da noite, quando voltam para suas casas para cuidar dos filhos e preparar o jantar. Foi possível concluir também que as crianças e adolescentes são inseridos nos grupos de folias, sendo este um importante momento de repasse dessa tradição. As crianças normalmente ingressam nas folias acompanhando os pais e avós e suas performances incluem tocar pandeiro, caixa e violão, ou fazer a sexta voz da cantoria, o aprendizado acontece por imitação dos adultos, não existe um momento específico para ensinar a arte de foliar. Assim como não existe também alguém designado para tal papel.

Os foliões pinheirenses, em sua maioria (73%) são oriundos da zona rural. Porém, atualmente apenas uma pequena parcela (38%) ainda reside no campo. Esse fator pode ser explicado ao analisar a trajetória histórica de João Pinheiro, cuja população até a década de

1970 ficou mais restrita ao campo, principalmente pela tradição econômica do município voltada para a pecuária e agricultura. Com a chegada de empresas multinacionais de reflorestamento no município, naquela década, contribuindo para a migração de grande parte da população para a zona urbana, uma vez que muitos dos pequenos produtores venderam suas terras para as empresas de reflorestamento. Na coleta de dados em campo também apareceram como motivos para a migração para a cidade a falta de escolas, de acesso ao tratamento de saúde e a ofertas de trabalho com carteira assinada que a zona urbana oferecia, seguindo a tendência brasileira do êxodo rural. Nessas movimentações do campo para a cidade alguns grupos foram dissolvidos e novos formados, porém foram mantidas as características da sociabilidade rural, funcionando como sistemas abertos a novos integrantes que passaram a compartilhar efetivamente dessas práticas coletivas.

Nesse sentido, foi possível perceber que a arte de foliar, com a migração do homem do campo para a cidade, foi (re)significada nesse novo cenário a partir de novos atores sociais e elementos que foram surgindo, permitindo a recriação/manutenção dessa tradição que se mantém justamente porque se recria e renova.

Com a mudança do homem do campo para a cidade acontece também a transmigração da cultura rural para o contexto urbano. Esse processo é feito com recriação e readaptação de velhos costumes às novas condições de vida na cidade, sendo possível observar a transformação do giro, que na zona rural acontecia em nove dias sucessivos, na cidade ele é realizado apenas nos finais de semana, condição necessária para sobreviverem no mercado de trabalho que determina horário a ser cumprido. Consequentemente, essa negociação é também fator de adaptação da folia ao mundo urbano, condição indispensável para a sua sobrevivência na atualidade.

A formação dos bairros periféricos de João Pinheiro, reduto por excelência dos grupos de Folia, faz parte do processo de transformação das sociedades rurais tradicionais, mas esse processo não deve ser apreendido como a destruição total dessas sociedades, na medida em que foram restabelecidos laços sociais, formas de solidariedade e ajuda mútua necessária à sobrevivência na cidade. Aconteceram transformações daquele fazer cotidiano, o qual envolvia um tipo específico de produção e de relação entre as pessoas, para novos hábitos de convivência adequados às exigências da cidade.

Observa-se em João Pinheiro grupos de Folias de Reis que têm em sua composição membros morando em diversos bairros da cidade, isso é resultado das dificuldades de

vivência definitiva em um local só, em função de muitos foliões não serem proprietários de suas casas e terem que mudar frequentemente por morarem de aluguel. Porém, não são os bairros ou os agrupamentos de vizinhança que oferecem as condições de criação e manutenção da vida social e das práticas culturais. Para esses migrantes, portanto, a (re)criação das Folias no contexto urbano, uma prática que não necessita de casa própria, pois é totalmente adaptável à condição itinerante, foi a maneira encontrada para restabelecer os laços sociais destruídos no processo de migração.

Os dados coletados na pesquisa de campo demonstram que os foliões têm uma renda familiar baixa, de uma forma geral entre um e três salários mínimos. Eles também possuem uma pequena escolaridade, muitos dos entrevistados atribuíram a pouca escolarização ao fato de morarem na zona rural quando em idade escolar, outros ressaltaram as poucas condições financeiras e a necessidade de trabalharem ainda crianças, ficando impossibilitados de frequentar as escolas.

Observa-se uma grande importância atribuída às Folias por parte desses atores sociais; os foliões percebem a folia como um “desígnio de Deus” e não medem esforços para cumprir as suas obrigações dentro das mesmas. Outro ponto a ser destacado é o fato de um folião ser respeitado e admirado por parte da sociedade local; esse respeito e valorização do trabalho do folião ficam evidenciados na presença do público quando da realização do encontro anual. Normalmente, os encontros anuais contam com uma participação de 4.000 a 5.000 pessoas; portanto, participar de um grupo de Folia de Reis é sair do anonimato da multidão é tornar-se conhecido na sociedade. Grande parte da população pinheirense valoriza os grupos de foliões e considera muito importante o seu trabalho em prol da manutenção do Abrigo de Santana. Outro sinalizador dessa valorização é a arrecadação feita pelos foliões durante o giro que antecede o Encontro Anual. As famílias visitadas não deixam de fazer as suas doações para “o santo”. Mesmo famílias muito pobres sempre têm algo a doar. A somatória da arrecadação de todos os grupos de folia apresentou um montante entre 20 e 25.000 reais, entre os anos de 2007 e 2010.

A Folia de Reis em João Pinheiro é uma prática comunitária que redefine todo um vasto território de sua passagem, arrastando um grande número de pessoas durante o giro e (re)traduzindo, com os símbolos do sagrado popular, aspectos tão importantes do modo de vida no campo, marcados primordialmente por trocas solidárias de bens, serviços e

significados; sendo assim elas afirmam identidades fragmentadas no processo de migração do folião do campo para a cidade.

Nas Folias pinheirenses, o papel da família e da comunidade é de extrema importância para o aprendizado da performance. Não existe na Folia um momento específico para ensinar alguém a foliar; no entanto, é possível observar o aprendizado acontecendo na forma da imitação e da participação de crianças e jovens. A oralidade é o veículo que conduz os saberes dos velhos para os novos foliões. Nesse processo, os *performers*/foliões, são os verdadeiros responsáveis pela preservação do conhecimento. A todo o momento, os participantes da Folia se mostram em transformação, num diálogo entre “saberes” e compartilhamento que irá determinar a existência desse fazer, revelando corpos sociais e religiosos na comunidade pesquisada. Portanto, pode-se concluir que o ritual das Folias de Reis é dinâmico, se transforma a cada nova apresentação, sem perder a sua essência principal, a fé em Santos Reis e, em João Pinheiro, também em Nossa Senhora da Aparecida.

Os rituais das Folias locais são diálogos com a densidade das memórias, das imagens, dos afetos, no ambiente onde ocorre: tanto no espaço corporal do folião como no espaço da casa, das ruas, das praças, das igrejas católicas e dos bares. O *performer* vive densamente o ritual e se doa nesse ato por meio dos sentidos estabelecidos. Isso acontece pouco a pouco, por reminiscências corporais. Os rituais em João Pinheiro existem e persistem até o presente momento, sobretudo, na medida em que o folião literalmente encarna a história bíblica do nascimento do Menino Deus e acredita ocorrer a consagração do seu corpo durante o ritual, como espaço desenhado para este fim. Em sua performance, conversam com as manifestações e os rituais clássicos e a sociedade pós-moderna que, embora reinterpretada e reinventada, afirma a memória como fator importante para a manutenção do espírito comunitário (Carvalho, 2000).

É possível constatar que os rituais das Folias de reis celebradas no município de João Pinheiro são semelhantes a outras regiões do Brasil, sendo uma das mais significativas manifestações da cultura popular local. Tem desafiado toda sorte de situações, posicionando-se como testemunha da história e pluralismo cultural brasileiro.

A prática performativa da Folias de Reis de João Pinheiro não só afirma o ponto indiscutível da cerimônia devocional, como também expõe a situação de vulnerabilidade social, revelando sua luta para o bem-estar da comunidade. Evidenciando na coleta de

donativos que são distribuídos com famílias necessitadas ou com instituições de caridades, como abrigos de idosos, casa de recuperação para viciado ou orfanato. É comum a grupos de Folias de Reis, durante seus giros encontrarem famílias que não tem nada para doar. Sem nenhum constrangimento o grupo oferece parte dos produtos arrecadados durante a jornada pregressa. Também foi possível a pesquisadora presenciar a Associação de Foliões de Santos Reis de João Pinheiro pagar exames médicos que o SUS não cobre para pessoas pobres das comunidades que estão inseridos. Para isso demarca seu espaço, seu poder e sua autonomia, sustentados pela música, pelos versos, pelas danças, e pela sociabilidade que dinamizam o fazer de todos. Isso delimita a hipótese das práticas performativas da Folia de Reis como um ato que genuinamente mostra e identifica o viver e fazer comunitário. Assim busca-se escrever as relações entre todos, refletindo sobre dois pontos: a importância dos indivíduos no processo de produção da cultura e o caráter social interativo da Folia.

As Folias de Reis de João Pinheiro além de ser uma manifestação devocional é uma forma artística que compactua com outras culturas: elas conseguem juntar em um ato teatral o nascimento de Jesus às suas mazelas sociais, os foliões utilizam-se da cultura judaico-cristã e da cultura afrobrasileira, criticando as atitudes da sociedade. Elas conseguem substituir a ceia de Natal de famílias que não teria condições, por uma festa de grande sociabilidade, na qual todos participam com pequenas doações e serviços para uma celebração coletiva.

Assinalado pelo desenvolvimento “cênico”, o ritual sobrevém em intercâmbio com o ambiente, semelhante ao teatro ambientalista de Schechner(2003). Nas Folias de Reis locais acontecem uma integração ampla dos *performers*: devotos, integrantes da Folia, crianças, vizinhos, amigos, jovens e idosos, ricos e pobres, todos num mesmo espaço. Essas interações edificam a própria realidade do ritual. Dessa maneira, a prática delimita seus espaços e amplia novas formas de relacionamento social, artístico e estético. Enfrentando dificuldades, promove-se a expansão desse evento em longo prazo. Todos se envolvem, com determinação e planejamento. Muitas vezes em uma Festa de Reis gastam-se dias e até meses no preparo, que vai desde a prática de “criar os frangos, engordar os porcos” (quando na zona rural) até fazer os doces e biscoitos, confeccionar as flores e cozinhar o jantar no dia da festa. Isso promove um verdadeiro espetáculo de devoção, arte e cultura que também se mostra presente durante o ano, em outros eventos, ultrapassando

os espaços daquela comunidade, que tem como missão manter a fé e a arte, como é o caso de alguns ternos de folia que se apresentam em outros municípios nos Encontros de Folias de Reis Regionais. Toda a comunidade se mobiliza para promover uma “boa arrecadação” dos donativos que serão entregues no evento. Essa prática é desenvolvida visando à divulgação e à multiplicação de ações socioculturais.

As performances da Folia de Reis de João Pinheiro, de uma forma geral apresentam, portanto características marcantes como uma expressão sociocultural própria onde se articula o elo do passado e do presente, ocorrendo justaposição das funções de seus componentes na dinâmica do compartilhamento de saberes comunitários, ativados por um ritual de origem católica que é (re)significado na forma de uma oração, a qual promove o entrecruzar do sagrado e do profano. Ao mesmo tempo em que reza o terço solenemente, a folia promove a brincadeira do palhaço ou a visita aos botecos par tomar uma “pinguinha”, circunscrevendo um espaço para um ritual de resistência.

A contribuição deste estudo é muito grande para o conhecimento da tradição de foliar para Santos Reis e a recriação dessa tradição no sertão das Gerais, no noroeste de Minas, em específico do município de João Pinheiro. A escassez de estudos sobre essa região de Minas e suas tradições é muito grande, por isso. Ressalta-se a alegria dos foliões desde os primeiros encontros quando a pesquisadora manifestou o interesse por conhecer sobre as folias e o papel social dessa tradição que, em João Pinheiro, além da relevância cultural é sumamente importante no aspecto social através dos donativos e apoio ao Abrigo de Santana e a Fazendinha, casa de reabilitação de pessoas viciadas em drogas. Nesse sentido, ao finalizar esta tese concluo que a contribuição social pesquisa para a cidade e para a preservação desse bem cultural.

A originalidade deste estudo se assenta nas reflexões realizadas a partir dos questionamentos relacionados ao papel da mulher e a participação das crianças na folia. Uma vez que é grande a escassez da produção teórica acerca desses papéis na literatura em circulação.

Por fim, é possível afirmar que as Folias de Reis permitem o restabelecimento de vínculos sociais perdidos na mudança do mundo rural para o urbano porque envolvem uma ampla participação coletiva. A manutenção dessa prática cultural depende de uma complexa organização: um grupo de foliões com funções bem específicas, habilitados para desempenhar um trabalho devocional e também devotos dispostos a receber o

acompanhamento que bate às portas das casas oferecendo a visita de Santos Reis e pedindo em contrapartida a “esmola” para a realização da festa comunitária, mas depende principalmente da memória do grupo, uma vez que o grande capital cultural das Folias de Reis pinheirenses circula por meio da oralidade dos seus membros.

VII-FONTES ORAIS

Abraão Ferreira Prado. Entrevista gravada em 12/10/2007.

Almezina Rosa. Serviçal de Escola aposentada. Entrevista concedida a pesquisadora em 12/02/2010.

Antônio Maria dos Santos, 67 anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 24/02/2008

Antônio Peres, 48 anos de idade, trabalhador rural. Entrevista concedida à pesquisadora em 26/05/2009.

Claiton dos Reis Ferreira César.. Entrevista gravada em 12/10/2007.

Cleber de Oliveira, 23 anos de idade, trabalhador rural. Entrevista gravada em 29/06/2006.

Deleon José Pereira. 20 anos de idade, trabalhador rural. Entrevista gravada em 02/02/2008.

Didi , 52 anos de idade é costureira .Entrevista gravada em 12/10/2007

Francisco Nogueira, Chico da Viola, 73 anos de idade. Capitão da Folia da Chapada. Entrevista gravada em 22/12/2008

Geraldo Martins da Mota, Padre Preguinho, 44 anos de idade, padre e capitão de folia em João Pinheiro. Entrevista gravada em 10/03/2009.

Gilmar dos Reis Ferreira Prado. Entrevista gravada em 12/10/2007.(Falecido)

Igor Felipe Vieira Borges, 07 anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 24/02/2008

Ilda Machado. Dona de casa. Entrevista concedida a pesquisadora em 05/01/2010.

Iolanda Romero. Arquiteta, 57 anos de idade, filha do Ex- prefeito José Carlos Romero. Entrevista concedida à pesquisadora em 05/12/2009.

Jim dos Santos, 59 anos de idade, gari. Entrevista concedida à pesquisadora em 26/05/2009.

João Antônio da Silva, 63 anos, lavrador aposentado. Entrevista realizada em 23/12/2008.

João Batista Franco, advogado foi prefeito de Pinheiro por dois mandatos. Entrevista concedida à pesquisadora em 01/12/2009.

João Ferreira do Prado, conhecido como João Timóteo. Aposentado, 75 anos de idade, capitão da Folia João Timóteo e Presidente da Associação dos Foliões de Santos Reis de João Pinheiro. Entrevista gravada em 10/02/2006 (Falecido)

João Gabriel Ferreira Prado. Entrevista gravada em 12/10/2007.

João José Vaz, 76 anos de idade, folião em Canoeiros. Entrevista concedida à pesquisadora em 05/01/2006.

João Neves de Souza, 72 anos de idade. Entrevista gravada em 29/03/2008.

João Oliveira Silva, vigilante noturno, 52 anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 15/02/2010.

João Rodrigues de Paiva. 77anos de idade, aposentado. Entrevista concedida à pesquisadora em 12/10/2007.

Joaquim Pereira dos Santos, 70 anos lavrador aposentado. Entrevista concedida à pesquisadora em 21/12/2008.

José Benevides tem 96 anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 07/12/2009.

José Carroceiro, 57 anos de idade, carroceiro, folião pertencente ao grupo de Folia da Água Limpa.

José Correa Prado é barbeiro tem 59 anos de idade e participa das folias há mais de 40 anos. Entrevista gravada em 14/08/2009.

José dos Reis da Silva Borges. Entrevista gravada em 12/10/2007.

José Fábio de Carvalho, 54 anos de idade. Presidente da Associação do Folião de João Pinheiro. Entrevista concedida a pesquisadora em 12/02/2010.

José Geraldo tem 35 anos e é capitão do grupo de folia do Bairro Clube do Cavalo. Entrevista gravada em 10/10/2007.

Julio Ferreira do Prado. Entrevista gravada em 12/10/2007.

Lázara Estaquia Landi. Entrevista concedida a pesquisadora em 26/05/2009.

Luiz Ordone, 22 anos de idade, trabalhador rural. Entrevista gravada em 22/06/2006.

Manoel Braga, conhecido como Prego. Gari trabalha na Prefeitura Municipal de João Pinheiro. Entrevista gravada em 04/01/2008

Maria Aparecida dos Santos 52 anos de idade, trabalhadora do lar. Entrevista concedida à pesquisadora em 26/05/2009.

Maria de Lourdes Souza, 42 anos de idade, dona de casa. Alferes da Folia da Ruralminas II. Entrevista concedida a pesquisadora em 05 de Janeiro de 2008.

Maria de Sousa, 63 anos, dona de casa. Entrevista concedida a pesquisadora em 05/01/2008.

Maria Joaquina dos Santos, 92 anos de idade, dona de casa aposentada. Entrevista gravada em 22/12/2010.

Maria Terezinha da Silva, dona de casa aposentada, 70anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 30/06/2010.

Mariana da Silva, 55 anos de idade, trabalhadora rural. Entrevista concedida à pesquisadora em 26/05/2009.

Mario Mendes do Prado, caixeiro da Folia do João Timóteo. Entrevista gravada em 12/10/2007.

Marlene Pereira da Silva, 53 anos. Entrevista concedida à pesquisadora em 21/12/2008.

Paulo Luciano, 27 anos de idade, trabalhador rural. Entrevista concedida à pesquisadora em 26/05/2009.

Rafael Porto, 73 anos de idade. Capitão de folia. Entrevista concedida a pesquisadora em 27/09/2008.

Sebastião Pereira da Silva, 60 anos, lavrador aposentado. Entrevista realizada em 21/12/2008

Sebastião Pereira da Silva. 60 anos de idade. Entrevista gravada em 21/12/2008.

Severino Xavier, 72 anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 05/01/2006.

Timóteo Ferreira Barbosa. Entrevista gravada em 12/10/2007.

Tininha, dona de casa aposentada, 66 anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 12/07/2008.

Vicente de Paula Rodrigues de Paiva, lavrador, 44 anos de idade. Entrevista gravada em 12/10/2007.

Vicente do Santos Fontes, 42 anos servente de pedreiro, desempregado na data da entrevista. Entrevista realizada no dia 06/12/2008.

Vilacino Ferreira César. Entrevista gravada em 12/10/2007.

Vitor Ulisses. Entrevista gravada em 12/10/2007.

Walério dos Reis César. Entrevista gravada em 12/10/2007.

VIII- REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. **O Império do Divino: Festas Religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 -1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ABDALA, Mônica Chaves. Sabores da tradição. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, Ano XLII, nº 2, p. 119-129, dez. 2006.
- AMADO, Janaína. **A Ética nossa de cada dia**. In: Revista Projeto História (15). São Paulo: Educ.abr.,1997.
- AMORIM, Sara Passabon. **Folia de Reis do Zumbi: uma prática performativa**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional. Festas, Bailados, Mitos e Lendas**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ARROYO, Margarete. **Um olhar antropológico sobre as práticas de ensino aprendizagem musical**. Revista da ABEM, Porto Alegre, nº. 5, p.13-20, set. 2000.
- BASTIDE, R., **As Religiões Africanas no Brasil: contribuição a uma Sociologia das**
- BAUMAN, R. **Verbal Arts Performance**. Massachusetts: Newbury House Publishers, 1977.
- BATESON, Gregory. **Steps to an ecology of mind**. San Francisco: Chandler Publication Co., 1972
- BERNARD, H.R. **Research methods in Antropology: qualitative and quantitative approaches**. 2 ed. Walnut Creek (EUA): Altamira Press, 1995.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia e conhecimento**. 22 ed. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BRASIL, **Decreto nº 3.551, de 2 de outubro de 2000**. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>. Acesso em: 15 mar. 2006.
- BEZERRA, Audrey. **Dia de Reis: no céu, a estrela...** Disponível em: <<http://www.emtempo.com.br/arquivos.asp?cd=AF>>. Acesso em: 01/06/2006.

BLÃO, Armindo. **Estética Performática e Cotidiano**. In: TEIXEIRA, João Gabriel L. C. (Org.). **Performáticos, performance e sociedade**. Brasília: Editora da UNB: Transe, 1996.

BÍBLIA Sagrada. 149a. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2002.

BITTER, Daniel. **A Bandeira e a Máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas Folias de Reis**. Tese de Doutorado em Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2008.

BONESSO, M.: **Encontro de bandeiras: o ciclo festivo no Triângulo Mineiro**. Dissertação de mestrado em História. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2006.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

BOSI, Ecléa. **O Tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico**. Lisboa : DIFEL, 1996.

BRADLEY, H. **Fractured identities**. Cambridge: Polity Press, 1996.

BRANDÃO, Carlos R. **A Cultura na rua**. Campinas: Papyrus, 1989.

BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. **O que é educação**. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. **Sacerdotes de viola**. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. **Folia de Reis de Cunha**. In: Revista do Museu Paulista, 3:413/464, 1949.

_____. **A Folia de Reis de Mossâmedes**. CADERNOS DE FOLCLORE n. 20, Rio de Janeiro: MEC/DAC/FUNARTE, 1977.

_____. **Deus te Salve Casa Santa! Rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.

_____. **Memória do sagrado. Estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. **Os Deuses do Povo: um estudo sobre religião popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. **Os Mestres da Folga e da Folia**. Em: Casa de Escola – cultura camponesa e educação rural: 11-110. Campinas: Papyrus, 1983.

_____. **De Tão Longe eu Venho Vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás.** Goiânia: Editora UFG, 2004.

_____. Viver de criar cultura, cultura popular, arte e educação. In. SILVA, René Marc da Costa (Org). **Cultura popular e educação.** Brasília: Salto para o futuro/TV Escola/SEED/MEC, 2007.

BRANDÃO, Théo. **Folgedos Natalinos (Reisado).** Alagoas: Museu Théo Brandão/UFAL, 1976.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Promulgada em 05 de outubro de 1988. São Paulo. Saraiva, 2000.

BRIGGS, C. Competence in Performance: **The creativity of tradition in Mexicano verbal art.** Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1988.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural.** RS: Unisinos, 2003.

CANESIN, Maria Teresa; SILVA, Telma Camargo. **A Folia de Reis de Jaraguá.** Goiânia: UFG, 1983.

CASCUDO ,Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 10.ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1998.

CASCUDO, Luis da Câmara. **História do Rio Grande do Norte.** 2. ed. Natal/Rio de Janeiro: Fundação José Augusto/Achiamé, 1984.

CARLSON, Marvin. **Performance – A critical introduction.** Londres e Nova Iorque: Ed. Routledge, 1996.

CARVALHO, José Jorge. **O Lugar da Cultura Tradicional na Sociedade Moderna.** In: O Percevejo – Revista de Teatro, Crítica e Estéticas, Programa de Pós Graduação em Teatro, UNIRIO. Ano 8 nº 8, p.19 a 40. Rio de Janeiro, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – O poder da Identidade.** Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTRO, Zaide Maciel de; COUTO, Aracy do Prado. **Folia de Reis.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; Fonseca, LONDRES, Maria Cecília. **Patrimônio imaterial no Brasil: legislação e políticas estaduais,** UNESCO, Educarte, Brasília, dezembro de 2008.

CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano: 2. Morar e Cozinhar.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 12.ed. São Paulo: Ática, 2001.

CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades se Recordam**. Oeiras: Celta Editora, 1999.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAWSEY, John C. **Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas**. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/viewPDFInterstitial/7322/5249>> acessado em 22/07/2009.

DELGADO, Ana Cristina Coll e MULLER, Fernanda. **Apresentação**. *Educ. Soc.* [online]. 2005, vol.26, n.91, pp. 351-360. ISSN 0101-7330.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: brasiliense, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália** São Paulo : Martinho Fontes, 1989.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENCICLOPEDIA EINAUDI, vol. 1. **Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997.

FERLIN, Vera Lúcia Amaral. **Folguedos, feiras e feriados. Aspectos socioeconômicos das festas no mundo dos engenhos**. In: KANTOR, Íris (Org.) et al. **Festas e Sociedades na América Portuguesa**. v.2. São Paulo: Hucitec, 2001.

FERREIRA, Ricardo F. **Afro-descendente: identidade em construção**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

FERREIRA, Maria Nazareht. (org.) **Identidade cultural e turismo emancipador: a experiência italiana**. São Paulo: CELLAC-EAC/USP, 2005.

FIGUEIREDO, Antero de. D. Sebastião, rei de Portugal (1554-1578). 6. ed. Lisboa: Bertrand, 1925.

FONTOURA, Sônia Maria. **Em nome de Santos Reis: um estudo sobre Folia de Reis em Uberaba** Vol. 1. Min. Uberaba: Arquivo público de Uberaba, 1997.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. **A Cultura clerical e a folia popular**. Rev. bras. Hist., São Paulo, v.17, n.34, 1997.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1975.

GOFFMAN, I. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1989.

GOLOVATY, Ricardo Vidal. **Cultura popular: saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santos Reis, 1945-2002**. Dissertação de mestrado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

GONÇALVES, Maria Célia da Silva. **Território de Símbolos: As Irmandades Negras na Paracatu Setecentista**. Dissertação de Mestrado em História. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

GONCALVES, Renata de Sá. **Festas e rituais religiosos: a performance como perspectiva de análise**. Relig. soc. [online]. 2009, vol.29, n.1, pp. 251-256. ISSN 0100-8587.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Nomes e Sobrenomes**. 4. ed São Paulo: Editora Ave Maria, 1994.

GUILARDUCI, Cláudio. **A performance da morte no bloco carnavalesco os caveiras**. In: **O perchevejo**. Revista de Teatro Crítica e Estética. Estudos da Performance. Ano 11, n. 12, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEERS, Jacques. **Festa de loucos e carnavais**. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro. (1500/1800)**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

IKEDA, Alberto T. **Folias de Reis, Sambas do Povo; Ciclo de Reis em Goiânia: Tradição e Modernidade. Possessão e Procissão: Religiosidade Popular no Brasil.** Osaka. 1994

ITANI, Alice. **Festas e Calendários.** São Paulo: Editora UNESP, 2003.

KIMO, Igor. **Estratégias de manutenção em um terno de folia de reis do norte de Minas Gerais.** Disponível em <http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2005/sessao13/igor_kimo.pdf> Acessado em 22/02/2010.

KODAMA, Kátia Maria Roberto de Oliveira. **Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas.** Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

LANGDON, E. Jean. **Performace e Preocupações Pós-Modernas na Antropologia.** In: TEIXEIRA, João Gabriel (Org). **Performáticos, Performace e Sociedade.** Brasília: Editora da UnB, 1996.

LANGDON, E. Jean. **Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs.** Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis: UFSC , N° 94, 2007.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 1990.

LIGIÉRO, Zeca. **“Performances Procissionais Afro-Brasileiras”.** In: O PERCEVEJO n°12. Rio de Janeiro: Revista de Teatro, crítica e estética. Departamento de Teoria do Teatro, Programa de Pós-Graduação em Teatro na UNIRIO, 2003.

LONDRES, Maria Cecília. **Patrimônio em Processo: Trajetória da política federal na preservação do Brasil.** Rio de Janeiro URFJ/IPHAN, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade.** In: LOURO, G.L., NECKEL, J.F., GOELLNER, S.V. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade – um debate contemporâneo em educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, p.53-65, 2003.

MACHADO, Maria Clara T. **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em MG: caminhos cruzados de um mesmo tempo.** Tese de doutorado. São Paulo: USP. 1998.

MALINOWSKI, Bronislaw. Trad. CARR, Anton P. **Argonautas Do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Editor: Victor Civita, Abril S.A. Cultural e Industrial, 1978.

MARCHI, Lia, SAENGER, Juliana e CORRÊA, Roberto, (orgs.) **Os Tocadores.** Curitiba: Olaria, 2002.

MATTOS, Flora Maria Bojunga. **Mulher e velhice: reflexões para o próximo século.** In: STREY, M. N.; MATTOS, F.; FENSTERSEIFER, G.; WERBA, G. (org.). **Construções e perspectivas em gênero.** São Leopoldo: Editora Unisinos, p. 199-206, 2000.

- MEARS, Henrietta C. **Estudo Panorâmico da Bíblia**. São Paulo: Editora Vida, 1997.
- MENDES, Eloisa Brantes Bacellar. **O corpo em flor: estudo e experimentação da espetacularidade nos Ternos de Reis da Lapinha**. Salvador. 2001. 198 f. il. Dissertação (mestrado) - Escola de Dança; Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MONTEIRO, R. A. (org.) **Fazendo e aprendendo pesquisa qualitativa em educação**. Juiz de Fora: FEME/UFJF, 1998.
- MONTEIRO, Ausonia Bernardes. **Performances Procissionais Afro-Brasileiras**. In: *O Percevejo* MONTEIRO, Ausonia Bernardes. **O Palhaço da Folia de Reis: Dança e Performance Afro-Brasileira**. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em teatro do centro de letras e artes da UNIRIO. Rio de Janeiro: 2003.
- MONTE-MÓR, Patrícia. **Hoje é Dia de Santo Reis**. PPGAS/Museu Nacional/UFRJ: Dissertação de Mestrado, 1992.
- MORAES FILHO, Melo. **Festas e tradições populares no Brasil**. São Paulo: EDUSP/Itatiaia, 1979.
- MOREYRA, Yara. **De folias, de reis e de folias de reis**. *Revista Goiana de Artes*, Goiânia, v. 4, n. 2, p. 135-172, jul./dez. 1983.
- MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series. 16. London: Sage Publications, 1977.
- MOSTAÇO, Edélcio. **Considerações sobre o conceito de teatralidade**. <http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume2/numero2/cenicass/Edelcio.pdf> Acessado em 01/06/2009.
- OLIVEIRA MARTINS, Joaquim Pedro de. **História de Portugal**. Lisboa: Guimarães, 1951.
- OLIVEIRA MELLO. **A igreja de Paracatu nos caminhos da história**. Paracatu: Editora da Mitra Diocesana de Paracatu-MG, 2005.
- OLIVEIRA, Pedro A . Ribeiro de *et alii*. **Evangelização e Comportamento Religioso Popular**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- PAOLI, Maria Célia. **Memória, história e cidadania: o direito ao passado**. Disponível em <<http://www.fae.ufmg.br/labepmh/PREFEITURA/memoriahistoria.pdf>> acesso dia 03/07/2007.

- PAVIS, Patrice. **A Análise dos Espetáculos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- PEREIRA, Edimilson A. & GOMES, Núbia P. de Magalhães. **Peregrinos do Sagrado: um estudo da Folia de Reis**. In: **Do Presépio à Balança – representações sociais da vida religiosa**, p. 17-185. Belo Horizonte: Ed. Mazza, 1995.
- PEREIRA, Ivone Aparecida. **Em nome dos Santos Reis: uma história de protagonismo e mediações em Santo Antônio de Goiás**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2005.
- PERES, Léa Freitas. **Apresentação**. In: PASSOS, Mauro(org.) **A festa na vida: significados e imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- PESSOA, Jadir de M. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005.
- POHL, Joahann Emmanuel. **Viagem no interior do Brasil**. Tradução Milton Amado e Eugênio Amado. São Paulo: EDUSP, 1982.
- POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento e silêncio**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 3 (3): 3-15, 1989.
- PORTO, Guilherme. **As Folias de Reis no sul de Minas**. Rio de Janeiro: MEC/SEC/FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1982.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura P. de. **O Catolicismo Rústico no Brasil**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: Universidade, 1968.
- QUEIROZ, Maria Isaura P., **O Campesinato Brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes. 1973
- REILY, Suzel Ana. **Voices of The Magi: Enchanted Journeys in Southeast Brazil**. Chicago e London: The University of Chicago Press, 2002.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- RIOS, Sebastião. **Os cantos da festa do reinado da Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis**. Sociedade e Cultura, janeiro-junho, ano/volume 09, número 001, Universidade Federal de Goiás: Goiânia: 2006.
- ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- SAMUEL, Rafael. **Teatros da Memória**, In: Projeto história 4. São Paulo: Educ, 1989.

SAINT-HILAIRE, August de. **Viagem às nascentes do rio São Francisco**. Tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

SANTIAGO, Silviano. **Heranças**. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 2008.

SANTOS SILVA, Maria Luiza dos, **Folia de Reis da Família Corrêa de Goianira: uma manifestação da religiosidade popular**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, 2006.

SARAIVA, Adriano Lopes & SILVA, Josué da Costa. **Estudo do Processo de Recriação do Espaço Ribeirinho através das Festas Religiosas**. IN: Pesquisa e Criação Nº 01, 2002 – XI Seminário de Iniciação Científica, 08 a 11 de Julho de 2002, *Resumos*. Porto Velho, PROPEX/EDUFRO, 2002, p. 197-205.

SCHECHNER, Richard, **O que é Performance?** In: **O Percevejo. Revista de Teatro Crítica e Estética. Estudos da Performance**. Ano 11, nº.12, 2003.

SCHECHNER, Richard. **Restauração do Comportamento**. In: BARBA, Eugênio & SAVARESE, Nicola. **A arte secreta do Ator: dicionário de antropologia teatral**. São Paulo: Huciec, 2001.

SCOTT, Joan W. **Preface a gender and politics of history**. Cadernos Pagu, nº. 3, Campinas/SP 1994.

_____. **“Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.”** Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990

SILVA, Giselda Shirley. **Um cotidiano partilhado: Entre práticas e representações de Raizeiros e Benzedeiros (Remanescente de Quilombo de Santana da Caatinga – MG / 1999 – 2007)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós – Graduação em História. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

SILVA, Mônica Martins da. DEUS, Maria Socorro. **História das Festas e Religiosidades em Goiás**: Alternativa, Goiânia, 1989.

SILVA, Rubens Alves da. **Performances congadeiras e atualização das tradições afro-brasileiras em Minas Gerais**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2005.

SIMMEL, Georg. **A Metrópole e a Vida Mental**, IN: Velho Otávio Guilherme, (org.), **O Fenômeno Urbano**, Zahar: Rio de Janeiro, 1979.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SINGER, Milton. **When a great tradition modernizes**. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

- SIQUEIRA, Deis. **Religião, religiosidade e contexto do trabalho**. *Soc. estado*. [online]. 2005, vol.20, n.3, pp. 717-724. ISSN 0102-6992.
- SONZA, Ana Cristina de Almeida. **Dos velhos é que vem a semente: o idoso na Folia de Reis**. Dissertação de mestrado em gerontologia. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2006.
- SUÁREZ, Mireya. **Sertanejo: Um personagem mítico**. In: Sociedade e Cultura. Goiânia: Ed. da UFG, 1998.
- SPAGNUOLO, Marcos. **Câmara Municipal de João Pinheiro**. Anais da Câmara de João Pinheiro: (1924 -1955). Paracatu: s.n, 1999.
- STELZER, Andréa. **A performance do ator como teatralidade no cinema**. In: *ouvirouver* n.3 2007. Disponível em <www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/431/423> Acesso em 01/06/2009.
- TAYLOR, Diana. **“Performance e Patrimônio Cultural Intangível”** in Revista Pós, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.91-103, maio 2008.
- TEIXEIRA, J.G.L.C. **Apresentação**. In: TEIXEIRA, João Gabriel L.C. (Org) **Patrimônio Imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização**, Brasília, Transe/Ceam/UnB, 2004.
- TEIXEIRA, J.G.L.C. & Gusmão, R. **Performance, tecnologia e sociedade**. In: Teixeira, J.G.L.C. & Gusmão, R. (eds.) **Performance, cultura e espetacularidade**. Brasília: Editora UnB, 2000.
- TEIXEIRA, João Gabriel L. C., **História, Teatro e Performance**, impresso. Texto apresentado ao XXI Simpósio Nacional de História, ANPUH, Unisinos, São Leopoldo, julho de 2007.
- TEIXEIRA, João Gabriel Lima C. e VIANNA, Letícia C. R. **Patrimônio imaterial, performance e identidade**. IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008 Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. 1 CD-ROM.
- THOMPSON, E.Paul. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TINHORÃO, José R. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- TIRAPELI, Persival. **Festas da fé: Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2003.
- TREMURA, Welson Alves. **A música caipira e o verso sagrado na folia de reis**. Disponível em: <http://www.hist.puc.cl/historis/iaspmla.html>, 2006. [Acesso em: 10/09/05].

TURNER, Victor W. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor. **From ritual to Theatre**. New York: PAJ Publications, 1982.

VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

VIEIRA, Sônia Maria. **Folia de Reis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1989.

ANEXOS



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA –UnB
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

QUESTIONÁRIO

1. Sexo do folião:
 Masculino
 Feminino

2. Idade do folião:
 menos de 10 anos
 de 10 a 15 anos
 de 16 a 20 anos
 de 21 a 30 anos
 de 41 a 50 anos
 de 51 a 60 anos
 maior de 60 anos

3. Renda Familiar:
 menos de um salário mínimo
 1 a 3 salários mínimos
 4 a 6 salários mínimos
 7 a 11 salários mínimos
 mais de 11 salários mínimos

4. Profissão _____

5. Escolaridade:
 Analfabeto
 Ensino fundamental incompleto
 Ensino fundamental completo
 Ensino médio
 Superior
 Pós- graduação

6. Quantos anos participa da folia? _____

7. Com quem aprendeu a foliar? _____

8. Mora na zona:

- Urbana
- Rural

9. Nasceu na zona

- Urbana
- Rural

PROGRAMAÇÃO DAS FOLIAS DE SANTOS REIS – 2010
SÁBADO 13/02/2010

HORÁRIO	FOLIA	CAPITÃO
10:00	MISSA	
10:30	MISSA	
11:00	MISSA	
11:30	CATIRA	
12:00	FOLIA DA ÁGUA LIMPA	SEBASTIÃO
12:30	RODA DE VIOLA	
13:00	FOLIA SÃO JOÃO (SUL DE MINAS)	
13:30	FOLIA DO RIO DAS ALMAS	LUIZ PAULO
14:00	FOLIA DO ALDERICO DE PARACATU	
14:30	FOLIA DA VEREDAS	ADALTON RAMOS E TIÃO PIAU
15:00	NOVA ESPERANÇA	ANTÔNIO DAS GRAÇAS
15:30	RODA DE VIOLA	
16:00	RODA DE VIOLA	
16:30	RODA DE VIOLA	
17:00	RIACHO FUNDO	VICENTE VELOZO
17:30	RODA DE VIOLA	
18:00	RODA DE VIOLA	
18:30	FOLIA DO FACÃO	GERALDO ALVES E

		UILTON
--	--	--------

PROGRAMAÇÃO DAS FOLIAS DE SANTOS REIS – 2010
DOMINGO 14/02/2010

HORÁRIO	FOLIA	CAPITÃO
09:00	FOLIA DA RURAL MINAS I	CEARENSE
09:30	FOLIA DA TERRA AZUL	GERSON BATISTA
10:00	FOLIA DE MANDACARU	LUCAS
10:30	FOLIA DO P.A BARREIRO DO CEDRO	DILSON VAZ
11:00	FOLIA CAPÃO ESCURO	VÍRGÍLIO VAZ
11:30	FOLIA DO CLUBE DO CAVALO	JOSÉ GERALDO
12:00	FOLIA DE CANA BRAVA	GERALDO
12:30	FOLIA DA BUCAINA	CLARINDO
13:00	FAZENDA BURITI	GERALDO GROMOVE
13:30	FOLIA DO BAIRRO ALVORADA	CIDO DA FOLIA
14:00	FOLIA FAZENDA TAPERÁ	ELISEU PEREIRA
14:30	FOLIA DA CHAPADA	CHICO DA VIOLA
15:00	FOLIA DA TAQUARA	PAULO LINO PACHECO

15:30	FOLIA RIBEIRÃO DOS ÓRFÃOS	JOÃO LUIZ
16:00	FOLIA DA TABOCA	MANUEL BRAGA
16:30	FOLIA SANTA CRUZ II	ALAIR MACIEL
17:00	FOLIA DO PONTAL	PAULO SÉRGIO
17:30	FOLIA FEMININA	EDILEUZA GONÇALVES
18:00	FOLIA DO PAPAGAIO	MANUEL BRAGA
18:30	FOLIA DO Sr.JOÃO TIMÓTEO	TIMÓTEO E BELCHIOR
19:00	ENCERRAMENTO COM A MISSA	

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DOS FOLIÕES DE SANTOS REIS DE JOÃO PINHEIRO



CAPÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO, SEDE E FINS

Art.1º - A Associação dos Foliões de Santos Reis de João Pinheiro, fundada em 03 de março de 2002, é uma associação, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com autonomia administrativa, redendo-se pelo presente estatuto que terá duração por tempo indeterminado, sede no município de João Pinheiro, Estado de Minas Gerais, na Rua Zeca Lopes Cançado nº 633 – Bairro Maria José de Paula, com sede e foro nesta cidade de João Pinheiro-MG.

Art.2º - A Associação dos Foliões de Santos Reis de João Pinheiro, é uma Entidade de caráter cultural, difusora de uma manifestação folclórica do ciclo de natal e que tem como objetivo cultivar através de cantos, danças e brincadeiras – o nascimento de Cristo, a viagem dos Reis Magos e a homenagem destes ao menino-Deus, podendo em suas apresentações, recolher dinheiro ou objetos nas casas onde se apresentam para doá-los às instituições beneficentes ou para promover festa folclórica.

Art.3º - A Associação ainda tem as seguintes finalidades:

- a) Combate à fome e a pobreza,
- b) Atendimento social a criança, ao adolescente, ao idoso e aos portadores de deficiência física,
- c) Atendimento social a todos que necessitarem, especialmente dentro dos princípios da LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social,
- d) Inserção dos seus beneficiários no mercado de trabalho,
- e) Despertar em seus associados e comunidade o espírito do empreendedorismo,
- f) Apoio à educação, a cultura, à saúde e ao esporte

Art.4º - No desenvolvimento de suas atividades, a Associação não fará qualquer discriminação de raça, cor, sexo ou religião.

Art.5º - A Associação poderá ter um Regimento Interno, que aprovado pela Assembléia Geral, disciplinará o seu funcionamento.

Art.6º - A fim de cumprir suas finalidades, a Associação poderá organizar-se em tantas unidades de prestação de serviços, quantas se fizerem necessárias, as quais se regerão pelo Regimento Interno.

Parágrafo único. Havendo justa causa, o associado poderá ser demitido ou excluído da Associação por decisão da diretoria, após o exercício do direito de defesa. Da decisão caberá recurso à Assembléia Geral.



Art. 12 – O Associado poderá ser excluído da Associação nas seguintes hipóteses:

- I. Deixar de pagar as mensalidades por três meses consecutivos;
- II. Comparecer às Reuniões e Assembléias Gerais embriagado por mais de três vezes;
- III. Deixar de comparecer sem justificativa plausível, a mais de duas reuniões consecutivos ou a três intercaladas anualmente;
- IV. Deixar de acatar as determinações da Diretoria;
- V. Praticar atos ilícitos devidamente comprovados.

Art.13 - Os associados da entidade não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações e encargos sociais da instituição.

CAPÍTULO III

DA ADMINISTRAÇÃO

Art.14 - A Associação será administrada por:

- I. Assembléia Geral;
- II. Diretoria; e
- III. Conselho Fiscal.

Art.15 – A Assembléia Geral, órgão soberano da instituição, constituir-se-à dos associados em pleno gozo de seus direitos estatutários.

Art. 16 – Compete à Assembléia Geral:

- I. Eleger a Diretoria e o Conselho Fiscal;
- II. Destituir os administradores;
- III. Apreciar recursos contra decisões da diretoria;
- IV. Decidir sobre reformas do Estatuto;
- V. Conceder o título de associado benemérito e honorário por proposta da diretoria;
- VI. Decidir sobre a conveniência de alienar, transigir, hipotecar ou permutar bens patrimoniais;
- VII. Decidir sobre a extinção da entidade, nos termos do art. 37;
- VIII. Aprovar as contas;
- IX. Aprovar o regimento interno;
- X. Decidir sobre quaisquer assuntos de interesse da Associação.

Art. 17 – A Assembléia Geral realizar-se-à, ordinariamente, uma vez por ano para

- I. Apreciar o relatório anual da Diretoria;
- II. Discutir e homologar as contas e o balanço aprovado pelo Conselho Fiscal.

Art. 18 – A Assembléia Geral realizar-se-à, extraordinariamente, quando convocada:

- I. Pelo Presidente da Diretoria;
- II. Pela Diretoria;
- III. Pelo Conselho Fiscal;
- IV. Por 1/3 dos associados em dia com suas obrigações sociais.

Art.19 – A convocação da Assembléia Geral será feita por meio de Edital afixado na sede da Instituição, por circulares ou outros meios convenientes, com antecedência mínimo de 8 (oito) dias.

Parágrafo único – Qualquer Assembléia instalar-se-à em primeira convocação com a maioria dos associados e, em segunda convocação, com qualquer número, não exigindo a lei quorum especial.

Art.20 – A Diretoria, órgão executivo da Entidade, será constituída por: PRESIDENTE, VICE-PRESIDENTE, PRIMEIRO E SEGUNDO SECRETÁRIOS, PRIMEIRO E SEGUNDO TESOUREIROS, CAPITÃO REGENTE E DIRETOR ESPIRITUAL.

Parágrafo único – O mandato da diretoria será de 02 (dois) anos, vedada mais de uma reeleição consecutiva.

Art.21 – Compete à Diretoria:

- I. Elaborar e executar programa anual de atividades;
- II. Elaborar e apresentar, à Assembléia Geral, o relatório anual;
- III. Estabelecer o valor da mensalidade para os sócios contribuintes, depois de prévia aprovação em Assembléia Geral;
- IV. Entrosar-se com instituições públicas e privadas para mútua colaboração em atividades de interesse comum;
- V. Contratar e demitir funcionários;
- VI. Convocar a assembléia geral;
- VII. Administrar a Associação.

Art. 22 – A Diretoria reunir-se-à no mínimo uma vez por mês.

Art. 23 – Compete ao Presidente:

- I. Representar a Associação ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente;
- II. Cumprir e fazer cumprir este Estatuto e o Regimento Interno;
- III. Convocar e presidir a Assembléia Geral;
- IV. Convocar e presidir as reuniões da Diretoria;



Art. 29 – Ao Capitão Regente compete: Manter a parte social e folclórica da Entidade e discipliná-la além de organizar e manter atualizado o fichário dos sócios.

Art. 30 – Ao Diretor Espiritual compete: Orientar espiritualmente os foliões.

Art. 31 – O Conselho Fiscal será constituída por 03 (três) membros, e seus respectivos suplentes, eleitos pela Assembléia Geral, sendo escolhidos entre seus membros, 01 (um) presidente e 01(um) Secretário.

Parágrafo 1º - O mandato do Conselho Fiscal será coincidente com o mandato da Diretoria.

Parágrafo 2º - Em caso de vacância, o mandato será assumido pelo respectivo suplente, até o seu término.

Art. 32 – Compete ao Conselho Fiscal:

- I. Examinar os livros de escrituração da entidade;
- II. Examinar o balancete semestral apresentado pelo Tesoureiro, opinando a respeito;
- III. Apresentar relatórios de receitas e despesas, sempre que forem solicitados;
- IV. Opinar sobre a aquisição e alienação de bens;
- V. Fiscalizar toda a parte financeira da Entidade.

Parágrafo único – O Conselho reunir-se-à ordinariamente a cada 02 (dois) meses e, extraordinariamente, sempre que necessário.

Art. 33 – As atividades dos diretores e conselheiros, bem como as dos associados, serão inteiramente gratuitas, sendo-lhes vedado o recebimento de qualquer lucro, gratificação, bonificação ou vantagem.

Art. 34 – A instituição não distribuirá lucros, resultados, dividendos, bonificações, participações ou parcela de seu patrimônio, sob nenhuma forma ou pretexto.

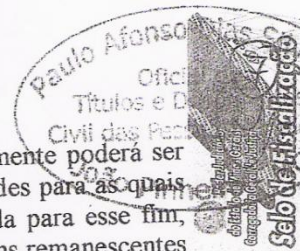
Art. 35 – A Associação se manterá através de contribuições dos associados e de outras atividades, sendo que essas rendas, recursos e eventual resultado operacional serão aplicados integralmente na manutenção e desenvolvimento dos objetivos institucionais, no território nacional.

CAPÍTULO IV DO PATRIMÔNIO

Art. 36 – O patrimônio da Associação, será constituído de bens móveis, imóveis, veículos, numerário e outros.



Art. 37 – A Associação dos Foliões de Santos Reis de João Pinheiro somente poderá ser dissolvida por motivos de dificuldades insuperáveis de cumprir as finalidades para as quais foi criada, em Assembléia Geral Extraordinária regularmente convocada para esse fim, com aprovação de pelo menos 2/3 (dois terços) de seus associados, e os bens remanescentes serão destinados a outra instituição congênere, com personalidade jurídica, que esteja registrada no Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS ou Entidade Pública.



CAPÍTULO V

DAS ELEIÇÕES/REGISTRO DE CHAPAS

Art. 38 – 30 (trinta) dias antes de vencer o mandato, o Presidente fará publicar um Edital convocando uma Assembléia Geral para eleição da Nova Diretoria.

Parágrafo único: Poderão participar das eleições para os cargos da Diretoria somente associados maiores de 18 anos de idade.

Art. 39 – As Chapas concorrentes, deverão ser registradas na Secretaria da Entidade através de um Requerimento endereçado ao presidente no máximo até 10 dias antes do dia marcado para as eleições.

Parágrafo único – As Chapas deverão conter a relação nominal de todos os membros da Diretoria e Conselho Fiscal devidamente qualificados.

Art. 40 – Será considerada vencedora, a Chapa que obtiver o maior número de votos.

Parágrafo único – Havendo empate, será considerada eleita a Chapa com o candidato a Presidente mais idoso.

CAPÍTULO VI

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 41 – A Associação será dissolvida por decisão da Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para esse fim, quando se tornar impossível a continuação de suas atividades.

Art. 42 – O presente estatuto poderá ser reformado, em qualquer tempo, por decisão de 2/3 (dois terços) dos presentes à Assembléia Geral Extraordinária especialmente convocada para esse fim, com a presença de pelo menos 2/3 de seus associados em primeira convocação, 50% de seus associados em Segunda convocação 30 minutos após a primeira

Art. 37 – A Associação dos Foliões de Santos Reis de João Pinheiro somente poderá ser dissolvida por motivos de dificuldades insuperáveis de cumprir as finalidades para as quais foi criada, em Assembléia Geral Extraordinária regularmente convocada para esse fim, com aprovação de pelo menos 2/3 (dois terços) de seus associados, e os bens remanescentes serão destinados a outra instituição congênere, com personalidade jurídica, que esteja registrada no Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS ou Entidade Pública.



CAPÍTULO V

DAS ELEIÇÕES/REGISTRO DE CHAPAS

Art. 38 – 30 (trinta) dias antes de vencer o mandato, o Presidente fará publicar um Edital convocando uma Assembléia Geral para eleição da Nova Diretoria.

Parágrafo único: Poderão participar das eleições para os cargos da Diretoria somente associados maiores de 18 anos de idade.

Art. 39 – As Chapas concorrentes, deverão ser registradas na Secretaria da Entidade através de um Requerimento endereçado ao presidente no máximo até 10 dias antes do dia marcado para as eleições.

Parágrafo único – As Chapas deverão conter a relação nominal de todos os membros da Diretoria e Conselho Fiscal devidamente qualificados.

Art. 40 – Será considerada vencedora, a Chapa que obtiver o maior número de votos.

Parágrafo único – Havendo empate, será considerada eleita a Chapa com o candidato a Presidente mais idoso.

CAPÍTULO VI

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 41 – A Associação será dissolvida por decisão da Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para esse fim, quando se tornar impossível a continuação de suas atividades.

Art. 42 – O presente estatuto poderá ser reformado, em qualquer tempo, por decisão de 2/3 (dois terços) dos presentes à Assembléia Geral Extraordinária especialmente convocada para esse fim, com a presença de pelo menos 2/3 de seus associados em primeira convocação, 50% de seus associados em Segunda convocação 30 minutos após a primeira

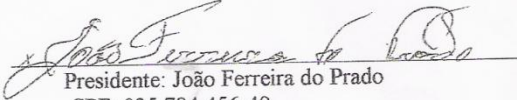
convocação, e com qualquer número de seus associados em terceira convocação 30 minutos após a Segunda convocação, e entrará em vigor na data de seu registro em Cartório.




Art. 43 – Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria e referendados pela Assembléia Geral.

O Presente estatuto foi aprovado pela Assembléia Geral realizada no dia 13 de fevereiro de 2005 às 9:15 à Rua Geraldo Rios, nº 617, e é uma alteração do Estatuto da referida Associação registrado no livro A-1 P.Jurídica, fls. 003, sob o nº 503 em 26 de dezembro de 2002 no Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas da Comarca de João Pinheiro, com a finalidade de adaptá-lo às novas exigências do Novo Código Civil Brasileiro.

João Pinheiro, 13 de fevereiro de 2005.


Presidente: João Ferreira do Prado
CPF: 035.784.456-49
RG: M-540122 – SSP/MG
Endereço: Rua Geraldo Rios nº 617 - Centro


Dr. Celso Cesar do Louço
Procurador Jurídico
OAB MG 33582

ANEXOII



PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PINHEIRO
ESTADO DE MINAS GERAIS

DECRETO Nº 532/2010

O Prefeito Municipal de João Pinheiro, Estado de Minas Gerais, no uso das atribuições que lhe confere o inciso VI, do artigo 70, da Lei Orgânica do Município,


DECRETA

Art. 1º Para os fins estabelecidos na Lei 1.087 de 11 de abril de 2003, que estabelece as normas de proteção do Patrimônio Cultural, institui o Registro Imaterial da Folia de Santos Reis, por seu valor artístico, histórico e cultural;

Art. 2º Este bem cultural fica sujeito às diretrizes de proteção estabelecidas na lei acima mencionada, não podendo sofrer intervenções sem prévia deliberação do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de João Pinheiro e aprovação da Secretaria Municipal de Cultura.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de João Pinheiro, 05 de janeiro de 2.010.


Sérgio Vaz Soares
Prefeito Municipal